Os Primeiros Troncos Paulistas

BIBLIOTHECA PEDAGOGICA BRASILEIRA
Serie 5.a — BRASILIANA — *Vol. 59*

ALFREDO ELLIS JUNIOR

OS PRIMEIROS TRONCOS PAULISTAS

E O

CRUZAMENTO EURO-AMERICANO

1936
COMPANHIA EDITORA NACIONAL
SÃO PAULO

INDICE

INDICE

Duas palavras

Tudo no mundo intellectual se objectiva no saber.

O conhecimento é o alvo de todos os esforços mentaes.

Nas altas espheras scientificas tem-se buscado conhecer os seguintes postulados:

1.º A origem do Universo
2.º A origem do systema solar
3.º A origem da Terra
4.º A origem da vida
5.º A origem do homem
6.º A origem da civilização e a sua evolução.

Dentro desse espirito de indagação eu demando conhecer a origem e a evolução da civilização no planalto paulista durante os primeiros seculos.

Para chegar á méta a que me propuz vou lançar mão de muitos conhecimentos historicos paulistas aos quaes vou applicar os ensinamentos de varias sciencias, tidos como bons, seguindo o mesmo methodo que tenho encontrado nas muitas tentativas de resolução das questões acima propostas.

A Sociogenia do passado paulista tem até agora sido confundida com a de outras regiões luso-americanas desta parte do continente.

E' como se tudo fosse igual! Só agora emerge nitida e desarestada a historia do bandeirismo. Com ella não se entremeia de modo algum o passado de outras regiões luso-americanas.

Assim tambem o nosso passado sociologico. Este nada tem de commúm com o das outras terras sul-americanas. E nada tendo de commum, tem pouca semelhança com algumas dellas.

São apenas fórmas de culturas sul-americanas que pelas suas delimitações e contornos lembram os typos que aqui se formavam através de algum tempo do nosso passado.

Devemos estudar o modo como se constituiu o nosso blóco paulista.

Não ha duvida que este livro se estriba na doutrina evolucionista. Penso que ninguem mais deixe de participar dos ensinamentos dessa doutrina, a menos que não seja um intellectual, ou que se conserve em atrazo scientifico, na nebulosidade de uma cerebração obnubilada por uma extremada religiosidade que deveria ser mantida em campo diverso.

Eu busco applicar ao homem no planalto paulista o que em geral vem sendo doutrinado. Procuro saber por que o homem se associou dessa fórma no planalto paulista evoluindo de uma certa maneira, seguindo determinadas directrizes.

Elle a isso foi constrangido. O meio objectivo ou extrinseco a isso o premia. Não é que eu seja um adepto energumeno da escola anthropogeographica de

Ratzel. Não me estribo apenas no ambiente geographico. Procuro um eclectismo entre os deterministas do meio physico e os adeptos das raças como factor humano. Penso que as selecções diversas nos grupos humanos são os magnos elementos a marcar uma progressão ou uma regressão nelles, fazendo-os escalar culminancias, ou os obrigando a se afundar na decadencia, sujeitando-os mesmo a extincção. Não fosse o nucleo primeiro de povoadores paulistas composto de individuos filtrados pelas selecções que atravessaram na Iberia e na emigração da Iberia, não teriam elles conseguido galgar o alti plano de Paranapiacaba e ahi produzir os phenomenos de que somos hoje estudiosos envaidecidos.

Por certo foi a consanguinidade que expurgou aos poucos os maus elementos do grupo humano paulista, causando a esterilidade dos que haviam predeterminadamente sido marcados com as taras hereditarias que se accumulavam pelo traço biologico da consanguinidade.

Esta, como que funccionando como uma valvula, eliminando os nevropathas, os desequilibrados, os menos efficientes, etc., foi, uma alavanca poderosa a impulsionar progressivamente o grupo humano paulista.

Foi a composição chimica especial do solo paulista e a conformação particular do clima planaltino que determinaram que ahi a canna de assucar não prosperaria, emquanto que na capitania de Duarte Coelho ou na Bahia ella constituiria uma fonte notavel accumuladora de riquezas. Consequencias: o Bandeirismo, as invasões hollandezas, etc.

Como fugir disso? Como não se abeirar do determinismo? Como não dar ao meio physico a magna importancia?

Uma pergunta porém eu faço de ha muito e só recorrendo á casualidade historica se poderá respondel-a com satisfacção.

Por que a gente de Martim Affonso aportou na costa, em S. Vicente, e não em outro ponto qualquer? João Ramalho ahi estava. Então seria apenas recuar o problema. Por que João Ramalho se localizara nessa região e não alhures?

Naturalmente porque tendo naufragado ahi, se localizou nas proximidades. Acaso. Mas por que a expedição colonizadora de Martim Affonso, tendo antes de encontrar Ramalho e não podendo saber desse futuro evento, não ficou com sua carga humana na linda Guanabara, tão promissora, tão fagueira? Nada nos ensina a esse respeito.

Ha muita coisa no passado que permanece ainda nublada pelo véu do mysterio. Ahi o escalpello da sciencia não poderia ser empregado com successo. Não temos material para trabalhar. Os analysadores do alem ainda não nos offerecem elementos para o fazer. São tão poucos esses analysadores! E, convenhamos, o mister não é muito convidativo. Só mesmo quem tenha pendores para a pesquisa e possua recursos materiaes que subtraiam as obrigações da lucta pela vida. Os ardidos prelios do "*struggle for life*" obrigando a attenção a ser desviada para outras actividades impedem que se faça mais.

A principio me dediquei a pesquisa historica, mas nesse campo a labuta é por demais empolgante e absorve em demasia.

Porisso me tenho dedicado a outros ramos da actividade intellectual. Mas em um ponto tenho permanecido fiel ao ponto de partida: Os assumptos cujo objectivo meu é esclarecer são exclusivamente paulistas. Quer no dominio da historia, quer no que diz respeito á sociologia, quer no que concerne á politica, eu não me afasto do lemma que me impuz. A não ser em materia didactica, em que sou obrigado a versar sobre varios assumptos alguns dos quaes fóra da minha especialidade, tenho-me restringido a estudar coisas unicamente paulistas.

E' que sou obrigado a arrancar da actividade cerebral, que é o meu labor diuturno, o pão argamassado com o suor de um trabalho multiforme e infatigavel.

Fóra disso, tudo que faço, tudo que penso, tudo que imagino é por S. Paulo. Neste livro busquei explicar os phenomenos do passado paulista munido dos instrumentos scientificos que a anthropologia, a geographia, ou a sociologia etc. collocaram ao meu alcance.

Ha tempos publiquei o "*Raça de Gigantes*".

O livro actual não é senão uma reedição modernizada do "*Raça de Gigantes*", com algumas modificações.

Espero para ellé o mesmo favor publico que o "*Raça*" obteve.

Das obras de sociologia que abordam a parte que interessa a S. Paulo, destacamos duas que estão a nos merecer reparos.

São a de Oliveira Vianna, apreciado homem de letras e acurado estudioso de coisas sociologicas, "*Populações Meridionaes*" e ó trabalho recente do erudito escriptor nortista Gilberto Freyre, intitulado "*Casa Grande e Senzala*".

Oliveira Vianna, no seu trabalho citado, ao reconstituir a organização sociologica paulista nos primeiros seculos, teve que por si mesmo elaborar todo o material de que lançou mão. Nada havia feito. Além do sociologo, synthetizador, Oliveira Vianna teve que ser um analysta pesquisador nos arcanos do nosso passado para dali tirar as premissas que lhe iriam servir de alicerces. Serviço gigantesco, portanto!

E' natural que assim tendo de proceder o erudito sociologo fluminense nem sempre se haja estribado em elementos exactos.

Porisso todo o edificio do "*Populações Meridionaes*", erguido com o brilhantismo de uma pujante cultura, deveria ter pontos menos solidos. Assim no que se refere ao paulista dos tres primeiros seculos, Oliveira Vianna, em falta de elementos, teve que se estribar, ao reconstituir o seu typo sociologico, no paulista do seculo XIX que, em plena phase da cultura cafeeira, se alastrou senhorialmente pelo valle do Parahyba.

Eil-o agricultor, senhor de opulento latifundio, a dominar feudalmente nos tempos do primeiro reinado, da regencia, etc.

Era a influencia do latifundario do Estado do Rio que com a cultura do café se estendia Parahyba acima. A cultura do café nesses tempos do oitocentismo

no seu climax, dominou de facto no norte de S. Paulo e teve mesmo projecções no Oeste do nosso Estado. Campinas o conheceu, Limeira, Rio Claro e até S. Carlos travaram conhecimentos com esse typo do qual eu mesmo conservo reminiscencias na minha proxima ancestralidade.

Eis os *condes*, os *barões*, os *marquezes*, os *commendadores*, legitimos antepassados dos *coroneis* da Republica, a hospedar Pedro II, ou a chefiar os liberaes ou os conservadores, ainda no velho regimen.

Eram as grandes plantações cafeeiras tratadas pelo negro, antes de 13 de Maio de 88, que viviam nas senzalas ou nos quadrados, que tingiam os velhos dominios senhoriaes desses tempos idos do oitocentismo, *unico* que faz o typo rural do paulista assemelhar-se ao do norte assucareiro.

Eu mesmo já estive á frente de um desses estabelecimentos agricolas, no municipio de S. Carlos, que outrora fôra aberto por meu avô o Visconde da Cunha Bueno e por meu pae o Senador Alfredo Ellis, que ahi enterrara toda a sua vigorosa mocidade.

Era uma propriedade immensa que ficava á ribanceira do Mogy Guassú, a Fazenda de Sta. Eudoxia. Nesses tempos longinquos da escravidão esse latifundio lembrava bem o que Gilberto Freyre descreve, e já muito anteriormente Oliveira Vianna desenha no seu notavel "*Populações Meridionaes*".

A organização creada pelo café, com sua manipulação agricola e o seu trabalho industrial, com o typo social patriarchal do paulista que o herdou do seu ancestral portuguez com a escravaria de origem africana, com o isolamento selvatico a que obrigava o

fazendeiro e sua familia, etc., tinha certa semelhança com a organização creada pelo assucar no nordéste do Brasil.

Essa semelhança porém era longe de ser identidade. O typo senhorial paulista oitocentista foi muito menos marcado, suas linhas foram muito menos accentuadas, seu perfil foi muito menos nitido. O patriarchalismo delles não era tão vivo, com o não ser tão grande o seu isolamento no sertão, nem tão grandes os seus dominios. As suas communicações com os centros de civilização não foram tão minguadas e nem tão precarias como as da gente do "*Casa Grande e Senzala*". Por isso tudo, o paulista latifundiario dos oitocentos, ainda que semelhante ao latifundiario do norte, foi mais brunido pela civilização e menos arestado nos seus contornos, de recortes tão bem delineados por Gilberto Freyre em "*Casa Grande e Senzala*".

Tambem foi só nesse seculo XIX que o paulista teve pontos de semelhança com o nortista. Antes desse seculo, durante os duzentos e cincoenta annos em que o planalto paulista constituia um typo de agremiado humano, verifica-se a mais absoluta divergencia entre o paulista e o nortista.

Ainda que patriarchaes ambos, no nordéste ainda mais que no nosso planalto, lá havia o latifundio assucareiro que crêa um typo social com todos os seus delineamentos, emquanto que aqui tinhamos a pequena propriedade. Lá no nordéste havia mais particularismo, mais feudalismo, emquanto que aqui, no planalto piratiningano, havia mais communitarismo, mais clanismo. Lá, as fazendas eram maiores e a faina mais extensiva.

Aqui havia mais actividade e trabalhava-se com mais intensividade em nucleos mais numerosos, mais concentrados, porém de menos vulto nas suas proporções. Os patriarchas lá tinham mais poder, a prole era maior, com familias mais volumosas; havia mais cabedaes concentrados e a escravaria era mais vultosa em numero. Aqui os patriarchas eram bem menos opulentos ainda que mais numerosos. Lá o poderio dos potentados se firmava mais na propria familia e nos apaniguados. Havia mais centralização. Aqui o valor dos figurões ruraes se estribava mais na clientela e na parentela.

Mas essa semelhança foi só no oitocentismo porque a cultura do café introduzida pelo valle do Parahyba produzia phenomenos que se aproximavam das fórmas originadas da cultura do assucar. Além disso havia a escravatura negra, lá e aqui, para marcar mais um ponto de contacto.

*

* *

Antes desse seculo XIX, tudo foi muito differente. Lá havia a grande propriedade com todos os signos patriarchaes marcados por Gilberto Freyre no seu "*Casa Grande e Senzala*". Lá havia o africano a tingir de negro a escravaria. Lá havia uma organização social estribada na opulencia da cultura assucareira. Lá o potentado tinha um poderio proprio derivado de sua familiagem enorme e da sua propriedade latifundaria propria. Elle era o mandão porque tinha forças para o ser.

Aqui tudo era differente. Não havia ainda monocultura especializada. Não havia latifundios. Não havia escravidão africana. Não havia opulencia. O paulista valia, não de per si, mas pela suas allianças, pela sua parentela, pelos seus correlatos. O regimen sociologico era o communitarismo das bandeiras e os nucleos patriarchaes, por não haver o latifundio, se agglomeravam na pequena propriedade banindo o isolamento, e cultivando maior sociabilidade nos villarejos satellites de Piratininga. "*Casa Grande e Senzala*" descreve o norte mas ignora o sul.

E' preciso não confundir!

Depois da lei de 13 de Maio de 1888 tudo voltou a ser profundamente differente no norte e no sul. Sim, porque já não era antes da apparição do café? Não foi o café na sua cultura primitiva que assemelhou o sul do norte? Não foi elle que attrahiu o negro escravo tingindo a população do sul?

Depois da lei de 13 de Maio de 1888 o sul evoluiu.

O negro entrou em decadencia. O europeu se sedimentou pela immigração intensiva clareando a população. A propriedade se fraccionou ainda mais. Desappareceram os velhos senhores com a extincção do regimen patriarchal. A familia diminuiu de volume. Supprimiram-se ainda mais os isolamentos com o desenvolvimento das communicações faceis, rapidas e intensas. A actividade rural teve que se dividir com a actividade urbana na faina diuturna e o paulista se limou mais com a urbanização e a instrucção mais cuidada.

Com isso a opulencia aos poucos lhe invadia a região o que lhe facultava os recursos que escasseavam no norte. A população paulista mais clareada, menos

mestiçada, mais rica, mais culta foi aos poucos deixando as do norte a perder de vista e os pontos de semelhança entre ellas foram relegados para o passado remoto.

Hoje uma profunda differença separa os aggregados humanos estabelecidos no planalto paulista e no nordéste brasileiro.

A differença notavel de mentalidades dessas regiões, as quaes podem ser perscrutadas por qualquer leigo, se estriba em bases que cada vez mais as separa, divorciando-as. Hoje ha uma fenda entre ellas, amanhã haverá um abysmo.

*
* *

E' meu proposito estudar a sociogenia paulista e mostrar como teve origem no nosso planalto e nelle evoluiu o aggregado humano civilizado.

Passo em revista os seculos em que percorreu o grupo paulista. O referente ao grupo humano nordestino já foi feito com brilhantismo por Gilberto Freyre.

Nós tivemos origens bem diversas. No planalto paulista se estabeleceu um grupo humano que nada teve com os demais que a colonização lusa respingou no litoral oriental da America do Sul. Não nos ligava com outros nucleos lusitanos qualquer laço de sangue, como não evoluimos pelos seculos seguindo identicas parallelas, como não tivemos interferencias reciprocas nas nossas trajectorias historicas. Na Europa, os grupos humanos lá existentes, como o francez, o inglez, o allemão, o portuguez, o hollandez, o sueco, o hespanhol,

o austriaco, etc., tiveram muito mais influencias uns nos outros, communicando-se, guerreando-se, ligando-se em allianças, etc., do que os que se estabeleceram nas diversas regiões da America portugueza. Nós commungamos muito pouco no passado com esses grupos humanos estabelecidos nas regiões diversas das colonias portuguezas.

Ainda ninguem viu isso; ou, se viu, ainda não o disse.

Urge que essa confusão seja desfeita a bem da verdade e para merito da intelligencia, com vantagens para todos.

Não ha evolução igual de todos os grupos humanos luso-americanos.

Só forçando a verdade e comprimindo a razão com obliteração da comprehensão, póde-se tentar unificar a vida sociologica de todos os grupos luso-americanos. Cada um delles teve a sua rota propria de accôrdo com suas circumstancias particulares.

Não querer ver isso é estrabismo, ou querer tapar o sol com uma peneira. De facto. Os proprios episodios historicos do norte não são communs ao sul e vice-versa. O norte teve a lucta contra os francezes no Maranhão, contra os hollandezes no nordéste, a guerra dos Mascates em Pernambuco, a guerra de Beckman no Maranhão, a confederação do Equador, etc. O sul teve a lucta contra Villegaignon, a guerra dos emboabas, o bandeirismo, Tiradentes, Duguay-Trouin, a guerra dos Farrapos, etc.

Os heróes do norte eram desconhecidos no sul, e os heróes do sul nada evocavam no norte. Os feitos dos nortistas não emocionavam o sulista e vice-versa.

Esclarecer a sociogenia paulista foi o que eu quiz fazer para deixar bem claro como se formou a nossa população planaltina que constitue hoje um bloco granitico ligado pelo sangue, por uma mentalidade commum, etc.

Quanto mais cada grupo humano tenha as suas origens clareadas e estudadas, mais se verá o quanto divergem e a razão dessa divergencia está na diversidade dos meios extrinsecos.

E' pois meu objectivo fazer, em relação ao paulista dos primeiros seculos, com que jorre a luz sobre as suas origens.

Por isso tratei de buscar applicar os ensinamentos scientificos colhidos em varios departamentos do saber humano ao que tem ficado certo de pesquisas que eu mesmo realizei nos arcanos do passado de Piratininga.

Continuo no meu lemma de empregar a minha actividade em assumptos paulistas unicamente.

Na incapacidade de realizar para S. Paulo o que almejo, quero ao menos fazer por elle o mais que posso.

Capitulo I

PRELIMINARES

Este livro vae resumir-se em uma tentativa de exegese dos primordios paulistas desses tres primeiros seculos, entrando como forças causaes os ensinamentos das disciplinas que se assentam, com solidez, nas frondosas arvores da Biologia e da Sociologia, através das suas galharadas vigorosas.

Vou, pois, applicar aos eventos do nosso passado, os quaes são bem conhecidos, os preceitos da Anthropologia, da Sociologia, da Anthropogeographia, da Anthroposociologia, da Anthropogenia, etc.

Terei de começar naturalmente pela formação do povoamento do nosso solo paulista e pela formação da nossa gente paulista, que tem descripto os capitulos memoraveis do nosso além. Para isso eu não poderia dispensar um estudo mais ou menos aprofundado de cada elemento formador dos nossos velhos troncos. E isso vou procurar fazer á luz da Anthropologia. Serão os ibericos passados em revista sob o ponto de vista racial, e mesmo anthroposocial, após o que resumidamente irei fazer um ligeiro estudo do elemento amerindiano e, a seguir, do producto resultante da união

desses dois elementos, deante das leis da hybridação scientifica e através de analyses mais ou menos demoradas dos varios troncos formadores da nossa estirpe paulista.

Não posso deixar de concluir que as causas do nosso immenso e descommunal desnivel com as gentes brasileiras são as que vou analysar, uma por uma. Não posso deixar de estabelecer as bases causadoras da formidavel superioridade do paulista, que até hoje tem sabido sustentar o peso da economia nacional brasileira.

Sei que, lá fóra, irei ser acoimado de regionalista e de constructor do edificio de um imperialismo intramuros, perigoso para a solidez da nacionalidade brasileira, ou de sonhador de um pan-paulistanismo, que vem mesmo a talhe de foice, no momento em que o nosso idolatrado S. Paulo sangra com as arterias abertas por golpes rijamente vibrados contra elle pelos brasileiros.

Seja tudo isso. Quero, porém, que me seja reconhecida uma virtude ao menos — a coragem de affirmar. A mim não importa o que, fóra de S. Paulo, as minhas palavras possam evocar. Vou, apenas, deante da Historia explicar os eventos e, munido dos ensinamentos das sciencias physico-naturaes, interpretar causas e consequencias da nossa Historia paulista.

Assim, dividi o meu trabalho em capitulos diversos que se estendem, talvez analyticamente em demasia, mas em que são passadas em estudo as diversas faces do problema:

— Introducção — pela qual procuro reproduzir os ensinamentos de ordem geral, sobre a anthropologia.

— Em que é estudado o elemento europeu.
— Em que é estudado o elemento amerindiano.
— Em que mostro a influencia do elemento negro nas populações paulistas.
— Em que estudo as generalidades sobre o mendelismo e os cruzamentos de raças.
— Em que é estudado o mameluco, o producto do cruzamento euro-americano.
— Em que o povoador europeu é vistoriado, assim como o morador do planalto paulista.
— Estudo do morador ante a anthroposociologia.
— Idem.
— Estudo da psychologia do paulista.
— Analyse da sociologia do paulista.
— Idem.
— Estudo da Mesologia do planalto paulista.
— Idem.
— Conclusões.

Os cruzamentos euro-americanos foram em São Paulo em numero muitissimo mais avantajado do que ordinariamente se suppõe. A influencia do elemento amerindiano, na constituïção das nossas populações, foi muitissimo mais vultosa do que vulgarmente se tem julgado. O numero das gentes das selvas americanas que se encorporou á massa do paulista foi muito maior do que tem sido de uso pensar.

A gente aqui encontrada pelos primevos colonizadores lusos, é certo não seria numerosa. Homens vivendo selvagemente, ainda no primitivismo da vida de caça e pesca, não teria grande densidade de população. De origem o nosso planalto não seria muito povoado dessa estirpe rubra acobreada, antes do povoamento

europeu. Mas São Paulo, a crista eriçada do nosso planalto piratiningano, foi durante dois longos seculos como que o fundo gigantesco de um funil immenso, a collectar gente amerindiana buscada muito ao longe e em todas as direcções pelos infatigaveis bandeirantes de prêa, para o trabalho das nossas primeiras lavouras.

Milhares e milhares de individuos de bronzea raça, trazidos com ansia dos sertões bravios, aqui tapetaram o nosso incipiente povoamento de espessa camada ethnica.

Foi um caudalosissimo systema potamographico a desaguar, durante duzentos annos, no nosso planalto, sedimentando-o de gente aborigena.

A chegada constante de europeus, durante quatro seculos, trazendo numero ainda maior de individuos de além-Atlantico, fez operar a mistura entre os dois troncos bojudos, resultando o paulista, cujo estudo é o objectivo deste trabalho.

Foi bem differente nos Estados Unidos!

Lá não houve jamais apresamento. Não havia necessidade do braço para as lavouras que no sul, nas colonias da Virginia ou das Carolinas, era supprido de escravos negros e de convictos brancos, e que no norte era marcado pelo branco livre.

Talvez por isso o indio não entrou para a feitura das camadas de população.

Lá elle foi então exterminado a bala, que na sua avançada conquistadora de terras sertanejas lhes despejavam os colonos brancos.

Entre nós, porém, foi differente. Houve necessidade do braço indigena. Não podiamos importar o braço negro. Não possuiamos a opulencia que no Bra-

sil se encastellara nas lavouras assucareiras do Nordéste, em desprezo ás pequenas lavourinhas do planalto piratiningano. Não tinhamos tambem o convicto branco, e a quantidade de deportados para o nosso planalto foi nullissima. Foram, pois, os nossos antepassados obrigados a rebuscar o sertão á cata do bugre. Nos estabelecimentos jesuiticos o indio era apresado em condições de melhor servir ás nossas precisões economicas. Alhi elle já era domesticado e já era christianizado. Por isso os jesuitas se fizeram inimigos acerrimos dos paulistas. Nas suas lamurias, pois, tinham que inventar, contra os nossos homericos antepassados, as mais deslavadas calumnias. Isso era humano. Dahi a lenda inverosimil da crueldade do apresador paulista.

Não eram elles descendentes de João Ramalho, esse altaneiro fronteiro em terras virgens? Por força tinham que ser combatidos. Como os padres mestres não o podiam fazer com o arcabuz ou a escopeta, lançavam mão da penna, da tinta e do papel, em que atiravam á posteridade as acrimoniosas objurgatorias contra os que foram os dilatadores das nossas lindes.

Mas elles dizem que os paulistas eram matadores e crudelissimos!

Teriam sido tal?

Não é verosimil, ao menos; não fossem suspeitas, as origens dessas accusações.

O interesse dos paulistas era obter, nas suas correrias, a maior quantidade possivel da cobiçadissima mercadoria humana, em estado de rendimento de trabalho.

Elles não iriam destruir justamente aquillo que com immensos sacrificios iam em busca em tão invias paragens!

Naturalmente esses paulistas de antanho eram bem rudes. Não rebuscavam maneiras e polimentos para exercer o mister do apresamento. Agiam, viva e energicamente, contra qualquer resistencia jesuitico-guarani, mas nem que tivessem sido muito broncos, deveriam proteger a mercadoria que tão caro lhes custava.

E' de crer, pois, que tivessem trazido milhares e milhares de indios da mais variada procedencia, com os quaes colmataram o planalto paulista.

Mas onde, nas massas, os vestigios desses elementos?

Como se explica que, em regiões brasileiras, o indio ainda é bem visivel na physionomia das populações?

No Ceará, por exemplo, tudo lá é indio.

Aliás, isso é relativo a enorme extensão no Nordéste do paiz.

Não nos conservamos perplexos todas as vezes que vemos a marinhagem de guerra sob a bandeira brasileira?

Não ha porventura uma personagem no exercito brasileiro, uma das mais notorias figuras da revolução, portadora de um nome bem lusitano, mas com uma figuração bem amerindiana?

Naturalmente, nesse Nordéste, abrasado e resequido, o europeu não soube penetrar em tão magnas porções, quanto para cá. Lá não houve cruzamento. O indio ainda é puro, mas é semi-civilizado e fala o portuguez.

Aqui elle foi sorvido na mestiçagem, com o europeu que accorreu em numero ainda maior.

Mas, imagine-se o lusitano, ardoroso, descendente do araboberber mussulmanico, immigrado solteiro, livre de escrupulos e de preconceitos, longe do mulherio branco, em meio rude, agreste e licencioso, como deveria ter elle abusado do femeaço indigena, no planalto paulista!

E' justamente isso que vou estudar á luz da historia, da genealogia, com a applicação dos preceitos bebidos em outros ramos da sciencia.

Felizmente, temos um preciosissimo archivo genealogico nos monumentaes trabalhos de Pedro Taques e de Silva Leme. Graças a isso é possivel fazer-se o que talvez nenhum outro povo no mundo consiga, isto é, a reconstituição da marcha bio-sociologica do homem no planalto piratiningano.

Capitulo II

INTRODUCÇÃO

Raça é o conjunto mais ou menos numeroso de individuos de identica constituição biologica, a qual se transmitte por hereditariedade aos seus descendentes.

Na especie humana a formação das raças explica-se pelo concurso simultaneo e concomittante de duas forças agindo sobre os grupos de individuos mais ou menos isolados pelos accidentes geographicos durante periodos de tempo mais ou menos duradouros.

Essas duas forças são:

a) a derivada do meio physico que actua sobre o homem directamente.

b) a decorrente das muitas selecções a que está sujeito o homem, quer as provenientes do meio physico, quer as que são consequencias do meio social.

A primeira dellas, que póde ser mais syntheticamente denominada acção modificadora, se estriba no conceito lamarkiano da transmissibilidade dos caracteres adquiridos.

A segunda, que é a acção selectiva dos ambientes physicos sociaes, se firma nas idéas darwinistas da persistencia do mais apto, e do "struggle for life".

Ambas devem ser tidas como base da formação e differenciação das raças humanas, as quaes, se não fossem as continuas mestiçagens causadas pelos contactos sempre mais intensos entre ellas, determinados pela marcha da civilização derrocando os empecilhos geographicos, ir-se-iam differenciando sempre mais.

Assim, a classificação das raças só póde ser feita pelos typos anthropologicos aos quaes correspondem as diversidades de ordem physiologica.

Esses typos anthropologicos conhecem-se pela conformação anatomica, deduzida pela anthropometria, que consiste nos seguintes caracteres principaes:

a) conformação craneana (proporção de medidas de comprimento, largura e altura do craneo).
b) conformação facial
c) conformação nasal
d) estatura
e) côr da pelle, dos cabellos e dos olhos.

Estes caracteristicos, associados entre si de modo diverso, nos mostram os typos raciaes.

Estes typos, se em edades remotissimas da prehistoria, nos primordios do quaternario, provavelmente viviam em estado de pureza, dado o isolamento em que se achavam uns dos outros, hoje elles convivem nos mesmos grupos de população constituindo nacionalidades, mantidas na sua morphologia pela heredita-

riedade, regulada pelas leis da hybridação de Mendel; de tal modo que uma determinada população, ou uma certa nacionalidade, é formada por muitas raças, tantas quantos são os typos anthropologicos, cuja influencia se calcula pelas porcentagens que correspondem assim ás proporções das varias raças que formam essa população dada.

Conforme o "habitat" dessa população, de accôrdo com a sua topographia, certos grupos della se apresentam mais ou menos puros do que os outros. Assim, o isolamento dos altos valados, de ilhas perdidas nos mares, constituem poderosos factores de homogeneidade racial, porque impedem ou difficultam os cruzamentos.

A pobreza extrema de uma região, o fanatismo religioso, uma arraigada conservação de costumes ancestraes, dão tambem factores de maior pureza racial (Pittard).

Uma região rica, desaccidentada, etc., pelo contrario, é bem propria á heterogeneidade, etc.

Na Europa, que é a região que mais interessa ao nosso trabalho, são os seguintes os typos raciaes:

a) *Nordico* — tambem chamado "Homo Europaeus", de alta estatura, dolicocephalo, isto é, de craneo antes longo do que largo, leptoprosope, isto é, rosto longo em proporção á largura, leptorrhinio, isto é, nariz longo e estreito; systema pilloso pouco abundante e louro, dermochromia clara.

b) *Alpino* — de estatura baixa, semi bruno, brachycephalo, isto é, de craneo de largu-

ra biparietal grande em relação ao comprimento do craneo, chamoeprosope, isto é, de rosto largo em relação á pequena altura do mesmo.

c) *Dinarico* — de elevada estatura, brachycephalo, trigueiro, leptoprosope e leptorrhinio.

d) *Atlantico-mediterraneo*: — alto; dolicocephalo, chamoeprosope, leptorrhinio e moreno.

e) *Ibero-insular* — tambem chamado "Homo Meridionalis", baixo, moreno, dolicocephalo de constituição pequena, leptoprosope.

Dado o estado de mestiçagem em que vivem os povos na Europa, é bem claro que esses typos não se apresentam em estado de pureza, com todos os caracteristicos notorios em cada um. Cada grupo de população apresenta as suas porcentagens de cada caracteristico, embora estes não se mostrem ás vezes no mesmo individuo, de modo que os typos vislumbrados são facilmente ideados, pela maxima frequencia de cada caracteristico, os quaes, associados, dariam os typos referidos. Assim, pois, a proporção de individuos puros, com todos os caracteristicos accentuados de cada typo mencionado, é, na Europa, muito pequena, sendo a grande maioria de individuos portadores de caracteristicos diversamente associados, o que demonstra a grande veracidade das leis de Mendel, referente á hybridação.

Por isso é que á classificação ideal, que ficou exposta, se adherem muitos sub-typos, productos de

mestiçagens, as quaes pela sua maxima frequencia revelam os typos ancestraes.

Ripley, na sua magnifica "*The races of Europe*", accusa com uma nitidez admiravel os estudos ethnicos dos diversos paizes da Europa, reunindo os trabalhos especializados de anthropometria, levados a effeito por Beddoe, Gould, Baxter, entre os anglo-saxões; por Arbo, entre os escandinavos; por Ammon, Ranke e Von Holder, na Allemanha; por Broca, Houzé, Collignon, Topinard e Bertillon, na França; por Livi, na Italia; por Ferraz de Macedo, em Portugal; por Oloriz, Aranzadi, Hoyos Sainz, na Hespanha, e por Anutchin e Jaworki, na Russia, etc..

Em synthese são os seguintes os postulados deduzidos dessa rapida exposição, os quaes iremos applicar no decorrer do presente trabalho:

a) Não ha raças puras, e sim mestiças que reflectem mais ou menos nas suas porcentagens os caracteres dos typos dos quaes provêm.

b) As raças em cruzamento tendem a obedecer ás proporções mendelianas, como mais detalhadamente deverá ficar esplanado mais adeante.

c) O Homem se sujeita a acções selectivas e directamente modificadoras das mesologias physica e social de modo a irem sendo eliminados determinados typos menos aptos, poupados, uns, modificados alguns, e fixados outros, quanto aos seus caracteristicos.

Capitulo III

O EUROPEU

Por certo que o elemento iberico, o portuguez e o hespanhol, foi o que, de muito, preponderou na constituição do elemento europeu que veio operar a mestiçagem com o americano. Por isso nos vamos occupar delle com mais minucias.

O iberico teve, como substractum basico, no processo sedimentario da sua formação, o velho ibero, do typo anthropologico "meridionalis", ou ibero insular. E' esse typo, ainda, que prepondera até hoje no systema ethnico das duas nações peninsulares. Eu creio mesmo que, como outras regiões, para o estudo das quaes os elementos não abundam, por exemplo o Egypto, de que temos gravuras mostrando as populações de 6.000 annos atraz, as quaes são as mesmas que hoje, na Iberia, sem embargo das convulsões de apparencia violenta, a população é, na sua essencia, a mesma que era nesses velhissimos tempos.

Penso que essas convulsões, como invasões, occupações, conquistas, e mesmo as infiltrações, só agitaram a superficie, deixando mais ou menos incolume a grande massa da gente iberica. De nada teria valido a activi-

dade phenicia, ou a invasão carthagineza, ou a occupação romana, e muito pouco teria actuado na constituição dos ibericos a onda barbara, ou ainda a longa occupação sarracena, bem como a infiltração passiva dos elementos israelitas. O substractum sempre teria ficado o mesmo. E' esse, em essencia, o meu pensamento.

Mas vejamos com mais vagar.

A origem do elemento basico humano na sedimentação racial da Peninsula deve ter sido o "*Homo afer taganus*" de Muge, dolicoide de Mendes Corrêa, que lembra o "*homem de Grimaldi*", em cruzamento com o dolicoide de Beaume-Chaudes, além de uma pequena porcentagem do "*protobrachymorphus europaeus*", cujos vestigios paleontologicos são os craneos de Liceia, de Montejunto, de Alqueves, etc..

Ao lado desses elementos, e delles apartado, deveria ter havido uma coexistencia em muito menor escala, porém de uma gente da raça atlanto-mediterranea, ainda uma fórma mais antiga e residuaria dos velhos Cro-Magnons, que teriam povoado a' Peninsula, antes da chegada dos ibero insulares, e dos protobrachymorphus.

Em 64 craneos de El-Argar, desse periodo, foi obtida uma média craneana de 76,7, com 13 % de elemento brachycephaloso com um indice nasal de 48.8, já nas vizinhanças da leptorrhinia, o que demonstra que a influencia da raça branca de Beaume-Chaudes, vinda de regiões Transpyrenaicas, se estava fazendo accentuar.

Teria sido assim que a Iberia foi penetrando no palco immenso da Historia, sahindo dessa noite trevosa

da Pre-historia, segundo o resumo apressado dos magnificos ensinamentos de Mendes Corrêa, que, com o seu grande cabedal scientifico, reproduz as opiniões de Schlitz, Ricardo Severo, Fonseca Cardoso, Schulten, Bosh Gimpera, Giuffrida Ruggeri, etc.

Palmilhando pela Historia, ella nos vem ensinar a existencia na Iberia de celtiberos e de ligures.

Dos celtiberos, os iberos seriam, como vimos, da velha raça ibero-insular, os celtas seriam elementos exoticos que vou passar em revista.

Este é um elemento controvertido quanto ao seu typo physico e, portanto, quanto á sua extracção.

Broca e Deniker e, entre nós, com estes scientistas se tem manifestado Oliveira Vianna, querem ver nos celtas os alpinos que conhecemos nas regiões da Europa central. Estribam-se em que é nas regiões em que os alpinos existem hoje que teriam existido os celtas primitivos. Sendo regiões mais ou menos inaccessiveis em alturas alpestres, etc., os alpinos de hoje seriam descendentes dos celtas historicos que não teriam soffrido convulsões de monta, nesses ultimos dois mil annos, que nos trazem dessas epocas em que teriam vivido com estrondo nas scenas de Julio Cesar, etc., até hoje.

Retzius, Henri Martin, Mahoudeau, Salomon Reinach, Von Hölder e Lapouge querem, porém, que os celtas hajam sido nordicos, dolico-louros, ("*L'Aryen*", 306, 310).

Não são louros e dolicocephalos de alta estatura, por ventura, os povos que hoje habitam regiões onde os celtas teriam exercido um povoamento notorio e sabido? São desse typo racial os escossezes, os belgas,

os irlandezes, e os gallenses, que falam idiomas reconhecidamente celtas.

Para sahir da confusão, os sabios têm proposto haverem os celtas penetrado na Europa occidental em varias vagas invasoras, das quaes a kymrica teria sido do typo nordico e a gaelica, alpino.

Eu confesso, não acho boa a escapatoria. Prefiro a solução seguinte:

O celta não seria uma gente de raça pura. Como hoje temos o allemão, o francez ou o italiano, que são povos de uma multidão de raças da sua composição, ainda que possuam unidade linguistica, assim o celta ou o romano seriam povos que, ainda que falassem idiomas homogeneos, possuiam um complexo racial de certa monta.

Assim, o celta não seria uma gente de unidade racial. Elle teria certas e determinadas proporções de individuos nordicos, com os caracteristicos dessa raça, como teria certas e determinadas proporções de individuos do typo alpino, ou antes, teria certas proporções de caracteres nordicos e certas proporções de caracteres alpinos, distribuidos indistinctamente na população de cada tribu.

Essas proporções da existencia de cada caracter poderia variar de tribu para tribu, de região para região, sem que tivessem grande alteração o idioma ou profunda differença os costumes.

Assim sendo, é possivel que os celtas, invadindo a Iberia, houvessem levado, para os iberos, um certo elemento louro de alta estatura, até então desconhecido na Peninsula, e tivessem reforçado os brachyce-

phalos que, como vimos, não eram estranhos ao corpo racial da Iberia.

Os ligures seriam grandes povos que falavam o seu idioma proprio e homogeneo.

Sua composição racial, como a dos celtas, deveria ser variada. O ligure deveria ter tido o "meridionalis", o "protobrachymorphus", como os restos dos Cro-Magnons atlanto-mediterraneos.

Apesar da clareza com que se apresenta o problema do ligure, semelhante ao do celta, Broca, Hervé, Shulten, sem dar ás mestiçagens pre-historicas o papel dynamico que deveriam ter tido, querem ver nos ligures puros descendentes dos brachycephalos dos kjokkenmöddings de Muge, como se não se houvessem misturado com os iberos dolicoides. Fonseca Cardoso quer que os ligures hajam sido descendentes dos Cro-Magnons, atlanto-mediterraneos. Quatrefages participa da opinião da brachycephalia ligurica, bem como Nicolucci que o foi encontrar em outros pontos, até na extremidade da Italia (Quatrefages, "*L'Etude des races humaines*", 491).

Nesses primordios a população da Peninsula deveria ter 85 a 87 % de dolicocephalos, e 98 % de trigueiros.

Foi nessas condições que a Peninsula começou a ser visitada pelos phenicios, navegadores, commerciantes e aventurosos, que para ahi iam em busca de materias primas, havendo então fundado entrepostos como Carteia, Cadiz, Malaga, Abdera, etc., penetrando intersticialmente pelos nucleos de iberos, e celtiberos, etc., fixando-se, mesclando-se, etc..

Parece que o typo racial do phenicio, ou antes, os typos, pois que o phenicio, sendo um povo, não deveria

possuir homogeneidade racial, como já affirmava Gobbineau, no seculo passado (*L'Inégalité des races humaines*", 277), deveria ter dois em predominancia.

Deveria ter havido o dolicocephalo moreno, de cabellos encrespados e alta estatura; e deveria ter havido o brachycephalo syrioide, moreno tambem, leptoprosope e estatura elevada.

Daquelle typo, seriam os craneos analysados por Nicolucci, ou ainda os que Herisson achou em Utica e que foram examinados por Quatrefages e Hamy ("*Crania Ethnica*"). Deste typo, tambem, seria a população portugueza que Fonseca Cardoso logrou isolar dentre os pescadores de Povoa do Varzim ("*Portugalia*", "O Poveiro" — tomo II — Porto — 1908).

Do typo brachymorpho syrioide, desoccipitalizado, seriam os velhos craneos de Saida, bem como o estudado por Duckworth ("*Notes on a Skull from Syria*").

Não sei o vulto da influencia phenicia. Creio, porém, que não deveria ter sido muito grande, pois que hoje não são de observar muitos vestigios deixados por elles. Não conheço nada a proposito da existencia na Iberia do typo brachycephalo syrioide que deveria ter sido muito commum entre os phenicios.

Parece que a influencia phenicia deveria ter-se exercido mais pela costa litoranea, ou pelos rios navegaveis pelas suas pequenas embarcações.

A seguir ao capitulo phenicio, a Iberia teve a desdobrar o referente aos lybios punicos. Quero crer que esta foi quasi que puramente africana.

A lenda historica de que Carthago, fundada pelos phenicios, houvesse conservado dessa gente alguns caracteres, não me impressiona. Creio que o carthaginez

foi quasi que absolutamente um bérber, um africano, portanto. Os seculos deveriam ter apagado os vestigios que porventura alli houvessem deixado os seguidores de Eliza ou Dido.

Assim, os carthaginezes em maioria absoluta eram dolicocephalos e de elevada estatura ("*Recherches anthropologiques, dans la Berberie oriental*"), Bertholon e Chantre, Quatrefages e Hamy ("*Crania Ethnica*"), Pittard ("*Les races et l'Histoire*"). Essa unanime diagnose corresponde á do actual povo dessa região, o bérber, que pertence á raça atlanto-mediterranea, que se estende ao longo de todo o litoral mediterraneo do sul.

Qual o vulto dessa influencia carthagineza no systema racial da Iberia?

Teriam a conquista e a occupação desse grande territorio, pelo menos até o Ebro, pelos africanos, durante alguns seculos, deixado vestigios?

Não sei. Ninguem mesmo poderá sabel-o. Mesmo porque seria impossivel poder distinguir os typos carthaginezes dos preexistentes e dos que se vieram sobrepor em camadas nas populações ibericas. Todos os typos que os carthaginezes conduziram á Iberia já alli existiam e mais tarde vieram augmentar com os successos que se foram desenrolando.

A verdade é que na epoca logo posterior á conquista romana, a Iberia tinha cerca de 6.000.000 de habitantes ("*Dictionary of statistics*", Mulhal), isto é, apresentava já uma densidade de população que seria da metade da que hoje temos em S. Paulo, o que póde dar uma idéa do estado de adeantamento em que deveria estar.

Os romanos não teriam alterado o systema ethnico iberico, pois elles não fizeram colonizações, coisa aliás que só conviria fazer em regiões despovoadas e não onde a densidade era já grande, como vimos acima.

Os romanos exerceram por alguns seculos o dominio na Peninsula e ahi deveriam ter influido, substituindo o idioma, os costumes, as instituições que se iam paulatinamente moldando ante os imperios de uma civilização mais aperfeiçoada, ante uma administração mais complexa, ante uma organização militar mais poderosa. As transplantações colonizadoras, os romanos as faziam para regiões menos povoadas ou para as raias fronteiriças, que precisavam ser defendidas.

Por outro lado, os achados osteologicos, de Ferraz de Macedo, de Costa Ferreira, de Ricardo Severo, de Fonseca Cardoso, demonstram, com exuberancia, que a predominancia na Iberia, na epoca luso-romana, era positivamente do ibero-insular, como diz Mendes Corrêa (*"Povos primitivos da Lusitania"*).

Foi assim que, nos seculos V e VI, os barbaros suevos, vandalos, alanos e godos invadiram a nossa Peninsula. Que raças traziam essas gentes?

Em que proporções vinham ellas? Quaes as influencias deixadas no corpo racial da Iberia?

Eis as perguntas que nos assaltam com insistencia.

Não sabemos com exactidão que raças traziam esses barbaros. E' certo que a maioria delles falava idiomas germanicos. Mas isso nada prova, pois temos negros falando inglez, sem serem anglo-saxões, como temos gente desta estirpe que fala portuguez e nada sabe de inglez.

Os suevos se estabeleceram no noroéste da Peninsula, os vandalos passaram á Africa onde buscaram Carthago; os godos em 395 atravessaram o Danubio e só dois seculos depois, vagueando a principio pela Moesia, Macedonia, Grecia, Illyria, Italia, Gallia e depois se fixando na Aquitania, penetraram e se fixaram no solo iberico. Esses barbaros deveriam trazer proporções, mais ou menos grandes, de elementos nordicos e de gente alpina, arrebanhada na passagem, além da dosagem slava e mesmo mongol.

Não deveriam ser em numero grande. Creio mesmo que eram simples quadrilhas de assalto, mais ou menos grandes e victoriosas de um povo em deliquescencia, como o romano que estava á beira do tumulo. Elles teriam dado o empurrão final nos dominadores do mundo antigo.

Não eram positivamente povos em marcha. Os maiores deveriam ser de algumas centenas de milhares, quando muito.

A Iberia foi, por isso, muito menos barbarizada e ainda menos germanizada do que a Italia do norte e do que a Gallia, por onde se infiltraram povos inteiros que continuamente atravessavam o Rheno e os Alpes, pelos desfiladeiros tyrolezes e suissos.

Assim é que não posso attribuir grande influencia aos barbaros na formação ethnica do iberico. E' preciso não se esquecer de que, já no inicio da epoca romana, a Iberia tinha uma população de 6.000.000 de habitantes que então, 5 seculos depois, deveriam ser ainda mais. Teria sido difficil uma penetração em ambiente de população tão densa.

E' possivel, entretanto, que o advento dos barbaros haja feito subir um pouco as porcentagens dos caracteres nordicos e alpinos na Peninsula. Pittard ("*Les races et l'Histoire*", pag. 15).

Em 711 os mussulmanos, arabo-bérberes, invadiram a Iberia e ahi se mantiveram, dominadoramente, por 7 seculos. Elles levavam grandes proporções de dolicomorenos, do typo "mediterraneus" ou "meridionalis", e de "Homo Atlanticus", de Fisher, gente de que já estava aliás a Iberia saturada, e que entrava no systema racial iberico formando immensa maioria. Nada de novo pois ahi introduziam.

O typo do arabe, segundo Bertholon e Chantre, loc. cit., é o dolicocephalo, leptorrhinio, de alta estatura, desde 1.65 a 1.71. Mocchi, em "*Sulla Antropologia degli arabi*" (Archiv. p. l'Antropologia", vol. XXXVI, fasc. 3.1907), chega a conclusão, quanto ao elemento arabe, identica á que tiramos sobre o elemento phenicio: isto é, que entre elles existem dois typos:

a) dolicocephalo occipitalizado, o qual corresponde ao typo supra descripto por Bertholon e Chantre.

b) brachycephalo, que denuncia a influencia syrioide ou armenoide. Ambos esses typos seriam morenos, leptoprosopes, lepthorrhinios, de elevada estatura, como todos esses povos do Oriente proximo.

Surge-nos agora outra pergunta. Qual a proporção com que essa gente mussulmana entrou na Iberia? Não sei com exactidão, nem ninguem o poderia responder; mas, durante 7 seculos, os mussulmanos, em successivas

ondas militares, passaram á Iberia. Polygamos, os homens deveriam ter deixado importantes vestigios do seu cunho racial, principalmente na parte sul da Hespanha, onde se demoraram mais tempo.

Não são, porventura, mais amorenados, de olhos mais negros e grandes, de cabellos mais acrespados, os andaluzes, os granadinos, os algarvianos, e mesmo os extremenhos, do que os asturianos, os gallegos, os navarrezes, os pyrenaicos, os castelhanos ou os aragonezes, ou ainda os minhotos e os beirões?

Não sou de opinião que os sarracenos hajam entrado na Peninsula com elemento feminino. Creio antes que elles hajam exercido a sua força racial pelo cruzamento com o preexistente.

Esses elementos teriam, na Peninsula, atravessado varios seculos até chegar o momento em que de lá vieram os nossos povoadores. Elles, nessa retorta immensa que era a Iberia, isolada do resto do mundo pelos mares e pelas alturas dos Pyrineus, se teriam apurado, destillado, etc., através de todos os processos de selecções mesologicas e sociaes. A selecção climaterica é, entretanto, pela sua força activa, no meu entender, a que deveria ter actuado de fórma mais drastica dentre os que povoam esse territorio, eliminando os individuos menos aptos e poupando os que se adaptavam ás condições do ambiente da terra que haviam conquistado.

A climatologia da Peninsula era identica á do norte da Africa, onde o clima portuguez de Martone reinava, e não deveria offerecer aos invasores, que vinham do sul, grande disparidade de "habitat" emquanto que os que vinham do norte, como os godos, os

suevos, etc., vindos e originados na Sarmathia gelada, onde os climas frigidissimos "norueguezes" e "siberiano" de Martone ("*Traité de Géographie Physique*") deveriam ter adaptado os barbaros que, chegando á Peninsula, ahi encontraram uma profunda mudança de "habitat", que deveria ter agido seleccionadoramente nelles.

Eis, em linhas syntheticas e geraes, o systema racial da Iberia, não falando de influencias menores, como a da imperceptivel e paulatina immigração de judeus, que saturou as gentes de Portugal e de Hespanha, fornecendo, nos seculos de fanatismo religioso, grandes quantidades de materia prima para as fogueiras e morticinios da Inquisição, bem como a que teriam exercido os anglo-normandos e os flamengos, de passagem para a terra santa, e a importação de guerreiros franco-gaulezes pelo conde borgonhez Dom Henrique para as suas guerras em Portocale.

Penso que essas forças ethnicas, ainda que innegaveis, teriam sido de muito pequena monta, pela immensa desproporção entre essas migrações minusculas e a grande massa de habitantes da Peninsula, a qual, como vimos, seria, já na epoca romana, de 6 milhões de habitantes.

De tudo, pois, quanto foi revisto, concluo que, no estagio em que se deu o povoamento do nosso planalto paulista, o elemento iberico teria sido o mesmo que na Peninsula predominava desde o neolithico, como diz Mendes Corrêa.

Hoje a Iberia tem as seguintes medias em suas varias regiões:

PORTUGAL	ESTATURA	Indice craneano (no vivo)
Minho	1.65	78
Traz-os-Montes	1.64	74.5
Beira	1.67	74.6
Extremadura .	1.64	75.6
Alemtéjo	1.65	76
Algarves	1.63	77.3
HESPANHA		
Aragão	1.67	77.1
Castella	1.63	77.9
Leão	1.64	78.0
Galliza	1.64	78.8
Extremadura .	1.65	78.0
Andaluzia ...	1.66	78.5
Granada	1.66	77.0

São esses dados fornecidos pelos anthropologistas hespanhoes Oloriz, Hoyos Saiz e Aranzadi, bem como pelos portuguezes Mendes Corrêa e Ferraz de Macedo.

Creio, pois, em vista do que expuz e do estado actual das populações ibericas, que foi do mais apurado typo "meridionalis", com pequenas mostras de "alpinos", de "nordicos" e com mais accentuados laivos de atlanticos, o dos povoadores ibericos do nosso planalto paulista.

Outros povoadores, que não eram ibericos, vieram tambem incorporar-se na feitura do paulista. Assim, os

Lemes traziam 1|16 de sangue flamengo, coisa que faria provavel um caso atavico nordico e louro na pessoa de Fernão Dias, conforme observou Taunay e faz lembrar Oliveira Vianna. Eram do norte europeu os Taques Pompeu, os Bandemborg, os Barewell, os Bettinks, e outros mais, que poderiam ter trazido os caracteres nordicos, que se encorporaram pelos cruzamentos na formação do paulista.

CAPITULO IV

O INDIO

Anthropogenia — Anthropologia — Ethnographia

Como ficou dito, maior do que á primeira vista póde parecer, foi o influxo da raça americana na formação das primeiras camadas de moradores do planalto paulista, essa gente bandeirante que nos propuzemos estudar sob varios pontos de vista.

Bem razão tinham os chronistas castelhanos de chamar aos moradores de São Paulo de "*mamelucos, gente bellicosa y atrevida*", porque raro era, no segundo seculo, o sertanista que não tivesse entre os seus proximos ascendentes um genuino representante da raça de bronze (1).

---

(1) Martius, ainda em principios do seculo XIX, fôra attrahido na sua attenção pelos indeclinaveis indices desse cruzamento, que o seu golpe de vista de scientista soube descobrir na massa da população. Diz elle (*Reise in Brasilien*", — "*Revista do Instituto Hist.*", de São Paulo, 352):

> "Não ha duvida que os primeiros colonos se cruzaram frequentemente com os indios vizinhos, lembrando a côr e a physionomia do povo, aqui mais do que em outras cidades do Brasil, p. e. Bahia, Maranhão, esses cruzamentos".

Ainda que as grandes cabeças architectadoras dos emprehendimentos, taes como Raposo Tavares, Manuel Preto, Fernão Dias e outros, tivessem sido de exclusivo sangue europeu, os bandeirantes eram todos mestiços mamelucos, quando não eram de pura raça indigena.

Estudamos já o elemento europeu que entrou na formação ethnica do paulista, de maneira que muitos dos bandeirantes estão sufficientemente analysados, sob o ponto de vista ethnico; resta-nos agora verificar o elemento indigena, para completarmos o capitulo da ethnographia dessa gente de escol. Como sabemos, os indios brasileiros podem ser divididos, quanto aos seus typos anthropologicos, em *brachycephalos, mesaticephalos e dolicocephalos*, cada um dos quaes correspondendo a uma maior ou menor influencia das raças formadoras primitivas. Assim, o brachycephalo representa uma maior porcentagem de sangue mongolico, no cruzamento que se effectuou em idades remotissimas na America do Sul, pois que reproduz, intensamente, os caracteres physicos das raças derivadas dos "*tartarus*", "*malayus*" e "*articus*". O dolicocephalo accusa, nitidamente, uma influencia superior do *proto dolicomorphus americanus*. O typo mesaticephalo nada mais é do que uma fórma de cruzamento equilibrado entre as duas raças primordiaes citadas, e talvez com influencia de uma raça, vinda da Melanesia, cujos caracteres são reproduzidos no craneo da Lagoa Santa e observados pelo professor Rivet.

Esses tres typos se achavam, pois, distribuidos por toda a superficie do Brasil. Os brachycephalos tinham o seu nucleo mais importante no nordéste brasileiro e no valle do Amazonas, onde os aruaks brachyoides se

alternavam com os tupis mesaticephalos e caraibas desta mesma conformação craneana.

Da Bahia para o sul, os tupis que no Amazonas eram mesaticephalos e no nordéste fortemente brachycephalos, tomavam novamente a conformação mesaticephala, dominando uma area que vinha até o sul da Bahia e Espirito Santo, onde se confinavam com os aymorés, goltacazes, etc., do grupo gé, dolicocephalos, com fortes doses de sangue do proto dolicomorpho americano e melanesio, conforme os caracteres que os botocudos, seus descendentes, hoje accusam evidentemente (mesorrhinios, dolicocephalos, microsemes, hypsistenocephalos, etc.).

A este grupo, que se estendia pelo Espirito Santo, pelos valles dos rios das Contas, Doce, Mucury e Jequitinhonha, pensamos que pertenciam os indios do alto São Francisco, taes como os cataguazes, os puris, marmemins, os guaromemins, etc. Se não tinham identidade ethnica absoluta com os antepassados dos botocudos, ao menos deveriam com elles apresentar muitas affinidades, em razão da vizinhança de "habitat", o que facilitaria os cruzamentos, etc.

Em seguida, vinham os mesaticephalos, tupis, representados, no Rio de Janeiro, pelos tamoyos e, na capitania vicentina, pelos guayanazes, cujos caracteres eram identicos aos dos tupis do sul, conforme suppomos por um exame e medição que, graças á extrema gentileza do meu prezado mestre e amigo Taunay, levei a effeito em um craneo guayaná, encontrado no Braz, em uma igaçaba, e recolhido ao Museu Paulista. Este craneo guayaná é mesaticephalo, com um indice de 78, mesorrhinio e megaseme, apresentando, porém, vesti-

gios da raça da Lagoa Santa, em virtude do seu diametro basilo bregmatico, que dá ao craneo uma altura maior do que a dos tupis do sul, mesaticephalos. Aliás, os craneos dos sambaquis recentes de Pombéva (Iguape), medidos pelo dr. Ricardo Krone, apresentam esses mesmos caracteres, o que me leva a suppor ter sido essa raça do litoral antepassada dos nossos guayanazes.

Apesar de não ter base de observações craneometricas, supponho que os carijós hajam sido mesaticephalos, com um indice mais baixo, proximo dos guaranys que, segundo Rodrigues Peixoto ("*Archivo do Museu Nacional*" vol. VI), eram quasi dolicocephalos (76), e, embora apresentassem medidas proximas ás dos tupis, destes divergiam um pouco, talvez em virtude de maior influencia da raça da Lagoa Santa, e do proto dolicomorpho (homem dos sambaquis). Entremeados aos guaranis, que se prolongavam até o Prata, deveriam existir muitos nucleos de dolicocephalos (70 a 75), leptorrhinios, e megasemes antepassados do actual bugre do Paraná, que o dr. Rodrigues Peixoto analysa craneometricamente (loc. cit.), e procedentes, mais ou menos apurados, da velha raça dos sambaquis.

No centro brasileiro de Goyaz e Matto Grosso, esses tres typos mencionados, de brachyoides, mesaticephalos e dolico, se alternavam, pois até hoje se encontram os karajás dolicos (73), ao lado dos caiapós, brachycephalos (84), bororós (82), e muitos indios mesaticephalos, os quaes deveriam ter, entretanto, predominado.

Dos indios que entraram na composição racial do paulista, os guayanazes foram os primeiros que se estabeleceram no planalto, de maneira que muito concorreram para o influxo de sangue indigena nas popula-

ções paulistas. Além dessa tribu tupi, entraram ainda na ethnographia paulista os tamoyos, carijós, tupináes, tememinós, patos, tapes, pés largos, biobébas, guayanazes, marmemins, guaromemins e algumas tribus guaranis, vindas do Guayrá e do Paraguay.

Sem dados que autorizem a estabelecer, com firmeza, as medidas anthropometricas de todos esses indios, sou de parecer que o elemento indigena que, grandemente, preponderou na ethnographia do paulista, foi mesaticephalo, mesorrhinio, megaseme, de estatura mediana, etc., com forte dose de sangue mongol, mas não sem signaes somatologicos do proto-dolicomorpho e do melanesio, embora menos fortes.

Os cemiterios de escravos desses primeiros seculos, quando se deu o caldeamento das raças euro-americanas, poderiam fornecer magnificos elementos de analyse, se fosse permittido a um pesquisador ir procural-os.

Os restos mortaes de Tibiriçá, achavam-se em urna funeraria, na egreja do Coração de Maria, desta capital. Em 1933 foi feita a remoção dos ossos citados para a crypta da Cathedral, onde já repousam os ossos do grande Feijó. Oxalá sejam reunidos a elles os despojos dos nossos bandeirantes, formando assim o Pantheon paulista.

Seria então optima occasião de se medirem cuidadosamente os ossos e principalmente o craneo do cacique Tibiriçá, a fim de se conhecerem os seus caracteres anthropologicos.

A base, como disse, do cruzamento euro-americano, foi o caldeamento com o guayaná, preexistente no planalto, aonde, na primeira metade do seculo quinhen-

tista, aportaram os portuguezes. As primeiras ligações, como se sabe, foram os casamentos de João Ramalho com Bartyra, filha de Tibiriçá; Terebé, outra filha de Tibiriçá, com Pedro Dias; Lopo Dias, com Beatriz, tambem filha desse maioral guayaná; Braz Gonçalves, com a filha do cacique de Virapueiras; Domingos Luiz Grou com a filha do cacique de Carapicuhyba, etc., segundo nos revelou o dr. Ricardo Daunt.

Além destes cruzamentos, dos quaes descenderam innumeros troncos bandeirantes, dezenas de outros se teriam operado no planalto paulista, passando, anonymamente, ao registo da historia.

Refiro-me ás ligações legaes, mesmo porque seria impossivel fazer-se uma idéa do numero de bastardos, das relações accidentaes e fortuitas, entre o povoador europeu, longe das mulheres de sua raça, as quaes só vinham em limitadissimo numero para a colonia, e as cunhãs indigenas guayanazes, com quem os lusos viviam em estreita harmonia.

Os portuguezes, em cujas veias circulava impetuoso o sangue ardente do polygamo arabo-bérber, transplantados para um clima tropical, não podiam deixar de dar largas a um temperamento fogoso, por hereditariedade e adaptação.

Com todos esses factores teria sido elevadissimo o numero de bastardos entre branco e india, não tendo para elles os genealogistas, muito propositadamente, procurado atilar os olhos, vendados pela mania das linhagens, a qual imbue todos que se têm dedicado a esse genero de pesquisas. Em todo o caso, Silva Leme por varias vezes foi tocado pelo sentimento de honestidade, ao referir-se a pessoas contemporaneas, muito co-

nhecidas, e de certa posição social, fazendo-as originarias em troncos bastardos de branco e india, e até mesmo de branco e negra.

Os testamentos da epoca, porém, supprem essa lacuna dos linhagistas, evidenciando a intensidade que foi certamente a que mais concorreu para a fusão, desmentindo cabalmente, pela sua fecundidade, os ensinamentos dos anthropologistas, a proposito do cruzamento das raças differentes, como haveremos de analysar em estudo á parte.

Rarissimo é o testamento, datando dos dois primeiros seculos, que não mencione o reconhecimento de uma prole, ás vezes numerosa, de mamelucos illegitimos, havidos nos tempos de desvairada mocidade. Muito espessa, pois, teria sido a camada de mamelucos, formando a base das populações paulistas, as quaes eram incessantemente alimentadas por novos contingentes europeus emigrados, logo mergulhados na massa de mestiços que, por dois seculos, conservando-se em estreito contacto com os indios administrados e os das aldeias de S. Majestade, muito longe de se *europeanizar*, se mantinham com uma elevada porcentagem de sangue aborigena, a qual só decahiu quando os paulistas largaram a escopeta, os grilhões e os pelouros, pelo alvião e a batéa, deixando de ser preadores, para se entregarem aos misteres da mineração.

*

* *

Estudando com espirito de analyse essa mestiçagem productora de mamelucos, podemos classificar os modos pelos quaes ella se operou, da seguinte fórma:

1.º — ligações legalizadas pelo matrimonio, entre o homem branco e a mulher india, ou entre esta e o mameluco;

2.º — ligações, sem o laço de legalidade, entre o branco ou o mameluco e a india, mas que tinham o nexo de continuidade pela mancebia;

3.º — ligações fortuitas e accidentaes, entre o branco ou o mameluco e a india, ás vezes vendadas pelo mysterio, mas que produziam immenso numero de bastardos.

As do primeiro grupo foram relativamente em pequeno numero, tendo sido ellas as constituidoras dos principaes troncos das familias paulistas. Foram ellas as que já citamos, entre os primeiros povoadores portuguezes e as filhas dos caciques indigenas.

Ainda que poucos, esses cruzamentos, pela extraordinaria prolificidade da india, formaram abundantes contingentes de mamelucos, que foram os pontos de partida das familias Bueno, Pires, Camargo, Fernandes Ramos, Cunha, Preto, etc., que, na mais variada proporção, sempre tinham contingentes de sangue indigena.

O guayaná, como dissemos acima, formou o elemento indigena para esses primeiros cruzamentos.

As ligações de mancebia, que tinham um nexo de continuidade formando uma familia, ainda que illegitima, deveriam ter sido de maior importancia do que as primeiras que englobamos na primeira classificação, resultando maior numero de individuos de sangue cruzado. O numero dos immigrantes solteiros, aportados nos primeiros seculos, aqui se tendo ligado a mulheres indias, deveria ter sido enorme. Como já fizemos notar, bem reduzido foi o elemento feminino eu-

ropeu, vindo nessas epocas, em que só os mais audaciosos poderiam tentar uma travessia oceanica perigosa e afrontar uma vida difficil, em um continente mysterioso e selvagem. Assim, muito facil se tornava aos portuguezes a ligação com as indias, suas escravas a principio, e depois fôrras dos seus corpos de administrados. Apesar de raças differentes, a formosura de algumas indias, do que nos dão testemunho os mais velhos chronistas, teria sido um excellente convite a essas ligações, operando-se, assim, uma selecção sexual eugenica, entre os mamelucos. Apesar dessas mancebias terem, quasi sempre, passado incognitas pelos documentos registadores e ainda mais occultamente aos olhos dos linhagistas, conseguimos saber de alguns exemplos, mencionados por Silva Leme, taes como Pedro Vaz de Barros, que teve 7 filhos das suas varias mancebias; Braz Esteves Leme, grande sertanista, morto no sertão em 1636, amancebado com uma india, della teve 14 filhos, mamelucos que nem ao menos a lingua portugueza sabiam ("*Inv. e testamentos*", vol. X, 328), e um dos quaes, o capitão Braz Esteves Leme, o moço, deixou, por sua vez, 20 filhos, dos quaes 6 legitimos, com 1|4 de sangue indigena, e 14 naturaes, com 3|4 de raça aborigena; Filippa Leme, outra filha de Braz Esteves Leme, o velho, teve 12 filhos, 1|4 de sangue indio, tidos com Domingos do Prado; Antonio Pedroso de Barros, deixou 4 filhos bastardos mamelucos; Francisco Ramalho, o Tamarutaca, já de si mameluco, deixou prole muito americanizada da india Justina, etc.

Fossemos adduzir, neste esboço ethnographico, todas as nossas observações, colhidas nos documentos de

publicação official, e encheriamos varias columnas com dezenas de nomes.

A terceira fórma pela qual se teria operado o caldeamento das gentes européa e americana, isto é, ligações fortuitas entre branco e india, tambem foi um meio de abundante producção de mamelucos, que enxameiam as paginas dos testamentos de quasi todos os moradores das primeiras epocas piratininganas.

Extremamente raro é o testamento que não mencione a existencia de filhos illegitimos, havidos, em solteiro, de umas tantas indias, não só do seu serviço como principalmente alheios, aos quaes o testador determina á sua complacente conjuge sobrevivente que pagasse a criação e os trouxesse para o convivio de sua familia, no que eram obedecidos pelas velhas matronas paulistas, que, como se vê pelos documentos, fechavam os olhos para a vida dos maridos, anterior ao casamento (Testamentos de Simão Borges de Cerqueira, João Tenorio, Luiz Furtado, Antonio Bicudo, Affonso Dias, Miguel Garcia Velho, etc. (*"Inv. e Test"*).

Acredito ter sido esta fórma a mais efficaz de cruzamento, dadas as facilidades com que podiam os brancos e mamelucos abusar das indias, quando ellas não provocavam estes abusos, impulsionadas pela natural inclinação preferencial pelo branco, que, sem duvida, levaria evidentes vantagens sobre o indio, no que respeita a encantos physicos.

A immensa quantidade de mamelucos que, com os indios de puro sangue, constituiram os corpos de administrados, e de que nos dão noticias os chronistas, os documentos hespanhoes e os jesuitas, nas suas muitissimas referencias aos mamelucos, teria, naturalmente,

sahido como uma torrente dessas ligações passageiras. Bastardos, filhos de paes incognitos, sem o menor amparo de cabedaes, com a vergontea de uma inconfessavel origem a lhes crestar a fronte, não tinham outro recurso senão viver no convivio estreito com o indio, cujos caracteres somaticos reproduziam, em boa parte, e com quem, por sua vez, se caldeavam, fazendo resultar uma variadissima proporção de sangue em mistura, na qual, a principio, predominou o americano, para depois, muito paulatinamente, ir-se desequilibrando a favor do europeu, com o filtrar imperceptivel de immigração iberica, occorrida principalmente no seculo XVIII, quando já os paulistas não mais traziam do sertão os milhares de indios apresados.

Eis assim o esboço aproximado do caldeamento racial, operado no planalto paulista, nos dois primeiros seculos do povoamento, do qual resultou o mameluco.

Capitulo V

ETHNOGENIA E HYBRIDAÇÃO

Não póde mais restar duvidas de que o homem está sujeito á evolução e, por conseguinte, a se modificar. Os multiplos achados paleontologicos, mais particularmente osteologicos, evidenciam da fórma a mais irretorquivel que, através de milhões de seculos, desde o terciario para o quaternario, o homem se vem modificando mais ou menos acceleradamente (Mendes Corrêa, "*Homo*").

Essas modificações devem ter sido tangidas por forças de tres naturezas:

a) A adaptação ao meio, obrigando o germen-humano a se influir pela modificação, modificando o soma de accordo com as condições de vida, o -uso- e o -não uso-, etc. (Lamarck).

b) As diversas selecções, entre as quaes a selecção natural que elimina os individuos inadaptados (Darwin, Weissmann).

c) As mutações occasionaes que se fixam e se perpetuam, com enorme acervo de conse-

quencias, como deve ser observado no mundo animal e vegetal (Des Vries, Kölicker, Dall, Korschinsky, etc.).

Estas seriam as forças agindo de centrifugismo, differenciando as varias raças primitivas. Os accidentes geographicos, mais ou menos intransponiveis, segregadores, principalmente por gente atrazadissima e despida dos menores recursos, como nas éras priscas, teriam formado, depois de enormissimo periodo de tempo, as differentes raças humanas do planeta, anthropologicamente falando no sentido estricto.

Agindo em sentido opposto, isto é, o de centripetismo, actuando como um formidavel contrapeso conservador, encontra-se a hereditariedade que procura, pela nivelação, manter iguaes os individuos, transmittindo aos successores os mesmos caracteres dos paes. Com ella naturalmente travam lucta ás forças acima discriminadas, no sentido de anniquilal-a. Do equilibrio dessa lucta é que teriam surgido as raças anthropologicas, as quaes depois se formam misturando-se, graças ás communicações que a civilização facilitava.

De taes misturas teriam provindo as chamadas raças historicas, que teriam povoado a terra desde os primordios da humanidade conhecida.

Durante larguissimo periodo de milhões de seculos, os nodulos humanos teriam vivido segregados, a ponto de se fixarem attributos raciaes persistentes que mestiçagem nenhuma tem sido sufficientemente potente para fazer desapparecer por completo.

Com esses eventos as raças anthropologicas se foram constituindo e fixando os attributos de cada uma. Umas e outras adquiriram, por circumstancias que não

importa investigar aqui, um determinado formato de craneo, de face, de nariz, de orbitas, uma certa côr de pelle, de olhos, uma determinada estatura, uma determinada proporção anatomica entre as partes do corpo, etc., coisa que era fixada pela hereditariedade, e sobretudo de accordo com o meio geographico.

O progresso intellectual do homem creou a vida social e esta originou outro grande factor na evolução racial dos agrupamentos humanos. O meio social forçou a intercommunicação desses nucleos humanos de raça pura (as raças quanto mais antigas mais puras se apresentam), que accidentes geographicos, como mares, montanhas, etc., segregavam, e disso surgiu a mestiçagem.

Mas, o isolamento desses nucleos humanos fôra por demais duradouro para que as mestiçagens pudessem annullar as consequencias da fixação e da differenciação morphologica.

Mesmo porque a mestiçagem de dois troncos puros, anthropologicamente falando, ainda que possa fazer desapparecer essa pureza, não consegue uniformizar os mestiços em uma terceira raça, com seus caracteres intermediarios fixos e definidos. Em materia de hybridação não ha symetria. Os resultados são fatalizados e por outras normas que não seguem esse criterio. Só em theoria, duas raças se defrontam em proporções iguaes.

Se isso succedesse na pratica, entretanto, seriam as leis de hybridação de Mendel as regedoras das consequencias.

Os caracteres desses productos hybridados são os das raças mães, escalados em seriações, de accordo com

as dominancias e as recessividades reciprocas e relativas umas a outras das duas raças.

Os individuos mestiços são portadores de uma formula condensadora dos caracteres apparentes, a qual constitue a morphologia desses mestiços.

E' a formula PHENOTYPICA.

Ella é formada pelas alternancias dos caracteres dominantes emprestados pelas duas raças mães. A formula PHENOTYPICA é a formula individual de cada mestiço. Dahi as variações individuaes de pessoas da mesma constituição racial: irmãos que differem de irmãos, filhos dos mesmos paes. E' que elles têm suas formulas PHENOTYPICAS differentes. Os caracteres das raças mães se associaram differentemente.

Alguns dos chromosomas hereditarios, que eram dominantes, se tornaram recessivos e vice-versa.

Os mestiços, além dessa formula, que lhes caracteriza as variações individuaes, ou HETEROMORPHISMO PESSOAL, são ainda portadores de outra formula, que é seu attributo racial, onde estão encerrados os seus estigmas latentes, os que não apparecem, mas que, sem embargo, podem ser transmittidos á descendencia pela hereditariedade. Essa segunda formula é que determina as variações raciaes, ou o HETEROMORPHISMO ETHNICO. Chama-se ella formula GENOTYPICA.

Todo individuo é, pois, portador de duas formulas, que encerram os seus caracteres biologicos, os quaes recebem de seus antepassados e transmittem a seus descendentes, de accordo sempre com as proporções mendelianas. Essas formulas, que explicam as variações pessoaes e raciaes, são muito complexas, visto como cada raça historica possue já vasta serie de caracteres,

que se combinam com os de outras raças, defrontadas no cruzamento, a elles se juxtapondo, de conformidade com a sua relativa dominancia ou recessividade.

Assim, os caracteres raciaes ou individuaes, quer sejam elles pertencentes á formula GENOTYPICA quer á PHENOTYPICA, não se misturam, não se caldeiam, mas se combinam, se alternam, se sobrepõem, se addicionam, se juxtapõem, como na somma de caracteres algebricos. Um mestiço de dois troncos ethnicos póde ter attributos das raças de que deriva, em alternancias. Assim, a fórma craneana, a dermochromia e o systema pilloso de uma das raças mães, se juxtapõem á fórma facial, á estatura, côr dos olhos, etc., da outra raça mãe.

Exemplificando mais concretamente: um brachycephalo, louro, de baixa estatura camoeprosope e mesorrhinio, entra em cruzamento com outro individuo, dolico louro de alta estatura, leptoprosope, leptorrhinio. Os seus mestiços devem ser mestiços louros se na formula GENOTYPICA de qualquer uma das raças mães não existir o caracter moreno, mas podem ser de alta estatura, brachycephalos, leptoprosopes, leptorrhinios, como podem ter os outros caracteres das raças mães de outra maneira alternados.

Outro mestiço desses dois individuos apontados, irmão dos productos mestiços descriptos, embora possuidor da mesma formula GENOTYPICA, ainda que racialmente seja identico, por ser filho do mesmo pae e da mesma mãe, póde ter outra formula de combinação PHENOTYPICA. Os caracteres biologicos apparentes podem nelle ser differentemente associados do que nos irmãos.

A mestiçagem de duas linhagens differentes não póde ser prevista com precisão, em seus resultados. Tudo quanto se queira dizer "a priori", é por força phantasioso. Ainda que se conheçam as formulas GENOTYPICAS das duas estirpes que se defrontam no cruzamento, não é possivel prever-se os caracteres que se farão apparentes na formula PHENOTYPICA do producto mestiço. Poder-se-ia argumentar então com possibilidades e com probabilidades mesmo, mas jamais com certezas.

O portuguez, por exemplo, deve ter a seguinte formula PHENOTYPICA: Dolicocephalo-moreno, baixa estatura — leptoprosope, — leptorrhinio, — cabellos quasi negros, — ondulados e abundantes, etc. E' esse o typo que predomina em Portugal.

Esse mesmo individuo terá a seguinte formula GENOTYPICA, cujos caracteres transmittidos a seus descendentes poderão ou não figurar apparentemente nestes, ou antes, poderão ou não figurar nas suas formulas PHENOTYPICAS.

Dolico-moreno, 85 % — Dolico louro, 1 % — Brachy-moreno, 14 % (Ripley, "The races of Europe"); Estatura baixa, 85 % — Estatura media, 10 % — Estatura alta, 5 % (Mendes Corrêa; "Homo"); Cabellos negros ondulados, 90 % — Cabellos castanhos claros, 5 % — Cabellos louros, 5%; Leptoprosopes, 85 % — Mesoprosopes, 5 % — Chamoeprosopes, 10 %; Leptorrhinios, 80 % — Mesorrhinios, 15 % — Platyrrhinios, 5 %. Esta, hypotheticamente, seria a formula GENOTYPICA do portuguez, contendo os caracteres biologicos das estirpes historicas, das quaes provem o portuguez na sua formação.

Cada um dos caracteres terá naturalmente a sua proporção, de accordo com a curva de nivel que apresentar, pois, dos elementos das diversas raças historicas que teriam entrado na formação da gente lusa, e ellas não entraram em proporções iguaes, muitos deveriam ter sido diminuidos, com seus caracteres eliminados, ou augmentados pelas diversas selecções a que a formação da gente portugueza naturalmente tem estado sujeita. As raças historicas sahiram pois dessas complexidades e, como ellas, o portuguez.

Ao se cruzar o luso com o amerindio ou com o negro, teve elle (raça historica) que se defrontar com outras tantas complexidades oriundas da outra estirpe ethnica, sua parceira no cruzamento. O mestiço de portuguez com o indio apresentava assim uma serie grande de typos variados.

Uns tiravam, phenotypicamente, do indio uma serie de caracteres, os quaes eram por sua vez sommados a outros tirados do portuguez, podendo ser como o indio, na face, na côr, na conformação do thorax, e, como o portuguez, no craneo, na estatura, nos cabellos, etc. As selecções, agindo em concordancia com outras, oriundas do ambiente, por exemplo, iam eliminando varias dessas combinações e poupando outras, que, mais simplificadas, mais homogeneizadas, iam perpetuando sempre os caracteres distribuidos phenotypicamente assim na progenie.

O europeu e o africano produziram, tambem, varias combinações de diversas alternancias de cabellos (lisos, ondulados, lanosos, etc.), côr, estatura, traços physiologicos, craneometricos, formato da face, do nariz, etc.

Ás vezes, encontram-se indivíduos escurissimos, de cabellos negros e lisos, de face e nariz finos. Outras vezes, são individuos brancos, louros, mesmo de olhos azues, mas de cabellos lanosos, ainda que claros, denunciados e enaltecidos por um prognathismo sub-nasal pronunciado, ao lado de outros caracteres peculiares do negro. E' um typo de mulato que se disfarça aos olhos do vulgo, mas não escapa ao golpe de vista do scientista. Esse mulato terá, na sua formula GENOTYPICA, caracteres do portuguez, o que naturalmente poderá transmittir a seus descendentes, ficando esquecidos os do negro, que, em alguma geração posterior, poderão ser relembrados com espanto e até com escandalo. E' o que se denomina atavismo.

Outras vezes, é um individuo com a face classica do indio, com seus zignos enormes, em saliencia, olhos amendoados, face chamoeprosope e brachycephalo. Os seus cabellos, porém, denunciam o europeu; são finos e ondeados, com uma tonalidade que lembra o germanico, já em evidencia pela estatura elevada desse mestiço.

O Brasil tem tido uma immensa complexidade de mestiços, os quaes se reflectem em todas as nuances da dermochromia, correndo por todas as escalas da metrica craneana, facial, estatural, etc. Os diversos meios physicos, as selecções e as mais circumstancias vão diminuindo o numero dessas variedades, eliminando os menos aptos, reduzindo os typos que, embora em pequena quantidade, se perpetuam nessa orchestração polymorphica, que é a população brasileira, amalgama heterogeneo de muitos caracteres que definham em ambientes physicos e sociaes numerosos e variados.

Essa é a regra para todos os povos, mas em maior escala para o brasileiro, pela grandeza do seu territorio, pela diversidade de seus meios geographicos e ainda pelo elevadissimo numero de troncos raciaes, que se defrontam em repetidos cruzamentos.

Com o correr dos tempos e sem novas perturbações de immigrações exoticas, os typos vão diminuindo em numero. Só os mais aptos ficarão. Assim, o negro e o mulato vão desapparecendo do planalto paulista. Mais 50 annos e não os teremos, como não temos já o indio. Outras regiões, dotadas de outros ambientes physicos e de outro meio social, poderão poupal-os, como o Nordéste poupou o indio, que é indissimulavelmente o typo dominante dessa região, sem embargo de elle alli apparecer civilizado e falando o portuguez. Os ambientes norte-americanos pouparam o negro, que S. Paulo elimina com rapidez.

Capitulo VI

MAMELUCO

Genese e evolução da mestiçagem do planalto — Ethnogenia — Fecundidade, longevidade e varonilidade do mameluco — Homogenesia eugenesica do mameluco.

> "Todos os nossos historiadores e chronistas aos quaes se juntaram as vozes autorizadas de alguns publicistas alienigenas, que se occuparam da nossa evolução, encomiam os serviços inestimaveis, prestados ao Brasil, pelo povo paulista, desde que se formou a primeira geração de *mamelucos*, isto é, desde o meado do seculo XVI" — Basilio de Magalhães — Rev. Inst. Hist. Bras.

Como já estudamos, o typo do povoador iberico, no planalto vicentino, deveria ter sido accentuadamente dolicocephalo, de estatura acima da mediana, e leptorrhinio, reflectindo os tres typos que entraram na formação racial da peninsula: o *homo spelaeus*, o *homo meridionalis* e o *homo europaeus*.

Esses tres typos, até hoje mais ou menos observaveis na peninsula, teriam resultado um povo homogeneo, que as selecções sociaes apurariam grandemente.

Além disso, estudaremos tambem como os povoadores foram recrutados nas camadas sociaes da burguezia e da plebe, tendo elles sido depurados por varias selecções, já na metropole, como na colonia vicentina, onde a natureza lhes arrebatou os elementos mais frageis, só entregando a faculdade de se perpetuarem aos individuos mais bem dotados physica e moralmente.

Com todos esses elementos é facil chegar-se á conclusão de que os povoadores ibericos que, nos dois primeiros seculos, iniciaram a população planaltina da capitania de São Vicente, foram individuos da elite mais apurada, e dotados de todos os recursos humanos para vencer na empreitada a que se propuzeram.

Este, em linhas geraes, teria sido o typo europeu que no planalto entrou para caldeamento com o indio para a formação racial paulista.

O indio, producto homogenesico de varios typos anthropologicos, um dos quaes, talvez, autochtone da America, polygenicamente, ou mesmo polyphileticamente, encarando-se a genese da humanidade (Ameghino), teria sido na sua media, como já estudamos tambem, mesaticephalo, com indice variando de 76 a 79, estatura mediana (1.64, talvez), de face chamoeprosope, mesorrhinio, prognathismo sub-nasal algo desenvolvido, frontal deprimido, mas craneo elevado, entretanto; systema piloso atrophiado afóra os cabellos, quasi imperceptivel dimorphismo sexual, o que talvez proviesse da identidade de vida entre os dois sexos. Quasi nullo dimorphismo individual, quiçá fructo da adelphogamia e isolamento em que viviam as tribus cultivando a pureza da raça tão remotamente constituida por tantos elementos varios.

Do cruzamento desses dois typos mencionados se originou o mameluco.

A crença, affirma Lapouge (*"Selections sociales"*, 156) de que o cruzamento de raças é um agente efficaz de transmutação, que exerce uma acção feliz sobre os povos, é eivada de erros. O Egypto, continua o scientista francez, viveu 5.000 annos sob o regimen e pela virtude da adelphogamia; as sociedades chaldaicas duraram outros tantos pelos mesmos motivos.

E' com essas palavras que Lapouge inicia um truculento libello contra os mestiços, que, além de tudo, diz o erudito anthroposociologo, têm contra si serem a causa do heteromorphismo e desharmonia individual, tanto maior quanto maior for a distancia entre as raças paternas. A contradicção entre os traços dominantes dos paes forma esse conjunto desharmonico nos individuos, feitos de pedaços heteroclitos de reunião pouco esthetica, ao que se junta a desharmonia antimetrica (craneos, faces, etc., mais longos de um lado do que em outro, olhos em planos differentes, ossos que deveriam corresponder-se maiores uns do que outros, etc.), é a mais prenhe em resultados funestos, a asymetria do apparelho genital da mulher, olhada por Baron, como a primeira ethiologia realmente positiva, que faz a esterilidade dos mestiços e dos hybridos, no que é corroborado por Lapouge, citando Turquan, com dados demographicos da França. Ao lado dessas más consequencias physicas e physiologicas de que são portadores os mestiços, têm elles ainda, diz Lapouge, um moral incongruente, incoherente e incomprehensivel, tortuoso e sem direcção na vida desequilibrada, que por força devem levar, coisas que se vão accentuando entre os mestiços,

de geração em geração, até a completa extincção da raça. Entre os mestiços, ensina ainda Lapouge, a amplitude das oscillações augmenta pouco a pouco (loc. cit., 109), por uma serie de golpes de atavismo, e os ultimos descendentes voltam ao typo das raças componentes, principalmente se os mestiços, em lugar de continuarem a se reproduzir em amixia, podem recruzar-se com raças das quaes descendem. Elles são então rapidamente absorvidos pela raça mãe, com a qual se unem, mas seus descendentes ficam sempre sujeitos á reproducção parcial ou total dos caracteres atavicos provenientes da outra linhagem. Sangue cruzado nunca mais será puro.

A volta, entretanto, é a regra quando as duas formas ancestraes são pouco separadas em contrario á extincção dos mestiços dissemelhantes devido a espermatogenese defeituosa, embora a ovogenese se torne melhor (1).

---

(1) Generalizando, Knox affirma a esterilidade do mestiço, citando Etwick e Long. na sua *"Historia da Jamaica"*, o caso dos mulatos da Jamaica, que não se reproduzem por amixia, depois da terceira geração. O dr. Yon assignalou esse phenomeno em Java, e o mesmo fez o dr. Nott em relação aos mulatos da Carolina do Sul, dando o dr. Simonot a essa esterilidade o nome de neutralidade ethnologica, que não lhes assegura senão uma duração ephemera, desde que são abandonados a elles mesmos.

Quatrefages, não suspeitando de que podem existir mestiços fecundos e estereis conforme as raças mães que se defrontaram, cita, em opposição aos supra mencionados, os seguintes casos fecundos de mestiçagem: O dos Basters, entre negros e hollandezes, os que Jurien de la Gravière encontrou Mindanáu e em Manilla, entre hespanhoes e tagals, ou entre estes e chinezes, e o celebre caso do Pitcairn. *"L'Espèce Humaine"*, 196.

Destas regras de Lapouge é facil concluir-se, com Broca, poderem elles ser *heterogenesicos*, isto é, pela diversidade tão grande dos typos que se encontram, não poderem procriar, e *homogenesicos*, dos quaes, tal seja a diversidade entre os typos maior ou menor, assim podem ser, sem posteridade, estereis e abortivos (*agenesicos* e *dysgenesicos*), ou fecundos, quer de novo conjugados a qualquer um dos typos formadores para os quaes se dá a volta (*paragenesicos*), quer conjugados entre si, sómente (*eugenesicos*), formando assim uma raça mestiça nova que se prolonga indefinidamente sem volta, affirma Broca, a qualquer dos typos ancestraes.

*

* *

No Brasil temos immenso campo de applicação pratica dessás regras theoricas. Assim, no Nordéste brasileiro, tres raças se caldearam durante muitos seculos: o indio brachycephalo, o negro dolicocephalo e o branco dolicocephalo.

Deste cruzamento, que parece estar entrando em suas ultimas phases, surtiram as actuaes populações dos Estados de Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Parahyba, Rio Grande do Norte, Ceará e Piauhy. Trata-se de um cruzamento *homogenesico-paragenesico*, isto é, cruzamento fecundo com volta para o indio brachycephalo e eliminação dos caracteres do branco e do negro, talvez por terem os mestiços paragenesicamente se cruzado intensamente com o indio, devido á suppressão do trafico de escravos africanos, e á extincção do affluxo de colonos europeus, que procuram com exclusividade os Estados do Sul.

Além desse cruzamento entre as tres raças, apontado nos Estados do Nordéste, temos o cruzamento entre negro e branco produzindo o mulato, nos Estados da Bahia, Minas, Espirito Santo, Rio de Janeiro e Districto Federal principalmente.

Este cruzamento entre branco e negro parece ser do typo *homogenesico dysgenesico*, isto é, fecundos os primeiros cruzamentos entre o branco e o negro, produzindo o mulato que, por sua vez, cruzado com o branco, é fecundo até uma determinada geração, quando se esteriliza, coisa que está acontecendo com a gradual eliminação selectiva do mulato, que vae desapparecendo da nossa população.

No planalto paulista, nos primeiros tempos, houve o cruzamento do indio com o branco, formando linhagens dotadas das mais variadas proporções de sangue das duas raças que por sua vez se conjugaram entre si, durante varios seculos e por muitas gerações, fixando uma sub-raça nova, extremamente fecunda, que até hoje se perpetua, a qual, sem retornar ao typo anthropologico do factor europeu, ainda se mantem visivel entre nós. (Não se poderia admittir que tenha no planalto havido retrocesso para o iberico, nem para o indio). Trata-se aqui de um cruzamento *homogenesico, eugenesico*, formador de uma sub-raça, a paulista, a qual só agora está ameaçada de ser modificada por novo cruzamento com o brachycephalo italiano (*homo alpinus*) e outros, da grande corrente migratoria que nos tem procurado (2).

---

(2) Quatrefages, no seu "*L'espèce humaine*", 209, assim se refere á raça mameluca:

*
* *

Assim, pois, o cruzamento dos typos ibero e americano, effectuado nos seculos XVI e XVII, no planalto, muito longe de ter sido funesto, esteril, etc., como quiz ver Lapouge em todos os cruzamentos de raças, indis-

---

"Quoique les croisements modernes ne remontent qu'a trois siècles, ils ont deja produit des resultats qui mettent hors de doute que des races remarquables à tous les points de vue peuvent sortir du metissage.

Les Paulistes du Brésil en sont un exemple frappant. La province de Saint Paul a été peuplé par des Portugais et des Açoriens venus du vieux monde, qui s'allièrent aux guayanazes, tribu chasseresse et pacifique, et aux Carijós, race belliqueuse et cultivatrice.

Des ces unions régulièrement contractées sortit une race dont les hommes ont été distingués de tout temps par leur belles proportions, leur force physique, leur courage indomptable, leur resistence aux plus dures fatigues. Quant aux femmes, leur beauté a fait naître un proverbe bresilien attestant leur superiorité. Cette population a fait preuve d'initiative à tous égards. Si elle a marqué jadis par des expeditions aventureuses ayant pour but la conquête de l'or ou l'enlevement des esclaves, elle fut aussi la première qui au Brésil planta la canne à sucre et eleva d'immenses troupeaux. "*Aujourd'hui, nous dit M. F. Denis, le plus heureux developpement moral comme le mouvement intellectuel le plus remarquable paraissent appartenir à Saint Paul*".

Ces éloges donnés à une population, à peu près en entier issue du metissage, par un observateur sagace, qui a vécu longtemps au Brésil, contrastent avec les reproches adressés par l'immense majorité des voyageurs aux metis americains. On les peint généralement sous des couleurs fort noires. Tout en leur accordant la beauté physique et souvent aussi une intelligence prompte et facile, on leur refuse à peu près toute moralité. Admettons qu'en effet ils diffèrent à cet égard des Paulistes

tinctamente, conseguiu perpetuar-se com uma vitalidade assombrosa e uma fecundidade fóra de commum, não só nos primeiros cruzamentos entre o indio e o iberico, como nos recruzamentos de quaesquer dos typos ancestraes com o mameluco, de primeiro, segundo, terceiro, quarto e quinto sangue, ou nas conjugações entre si, desses mestiços, quer entre individuos de primeiro sangue como nos de segundo, terceiro, quarto, quinto, etc., entre si, de tal maneira a apresentar sempre um manifesto desmentido ás palavras de Lapouge a proposito de infecundidade das raças mestiças, enquadrando-se na classificação de Broca, chamada eugenesica. (Broca, "*Sur l'hybridité*").

Os cruzamentos de ibericos e indios foram, como disse, de grande prolificidade, e um exame, não só nos trabalhos dos linhagistas como nos documentos de publicação official, revelam casos extraordinarios, eviden-

---

> autant qu'on le dit: l'explication du contraste est facile a trouver.
>
> A Saint Paul les premières unions furent dès l'abord regulièrement contractées, grace à l'intervention des Pères Nobrega et Anchieta. Par suite de diverses circonstances les mamelucos, nés de ces mariages, furent acceptés d'emblée comme les égaux des blancs purs. Le croisement s'accomplit donc ici dans des conditions normales, fait unique peut être dans l'histoire de nos colonies".

Continuando Quatrefages, na sua carga a favor do mestiço, no seu "*Etude des races humaines*", 47, diz:

> "... ils savent que, dans l'Amérique méridionale, le portugai, et les tribus indiennes de la province de Saint Paul, sont depuis longtemps à peu près entièrement remplacés par les Mamelucos, petits fils des uns et des autres, qui sous le nom de Paulistas occupent aujourd'hui le pays."

ciando da fórma mais patente essa virtude, em grande parte fructo do cruzamento eugenesico.

Graças a pesquisas que fiz nas fontes citadas consegui separar os seguintes exemplos de cruzamentos fecundos, os quaes, pelo numero delles, podem servir de regra (3):

João Ramalho e Bartyra, filha de Tibiriçá: 8 filhos.

Pedro Dias e Terebé, filha de Tibiriçá: 13 filhos.

Domingos Luiz Grou e uma filha do cacique de Carapiculiyba: 7 filhos, 32 netos, 80 bisnetos (conhecidos).

Braz Gonçalves e uma filha do cacique de Virapueiras: 4 filhos, 10 netos, 48 bisnetos (conhecidos).

Pedro Affonso e uma india tapuia: 4 filhos, 9 netos, 10 bisnetos (conhecidos).

Braz Esteves Leme e uma india: 14 filhos.

Braz Esteves Leme, o moço, mameluco 1|2 sangue e uma india: 20 filhos, com 3|4 de sangue.

---

(3) A respeito de fecundidade dos mestiços, Quatrefages assim se manifesta, no seu citado "*Étude des races humaines*", 49:

> "Mais partout ou le croisement s'est accompli dans des conditions à peu près normales, la race enfanté par lui se montre feconde. Aux exemples tirés de l'histoire de Saint Paul, de Quebec, du Manitoba, de la Republique Dominicaine, on peut ajouter ce qui s'est passé è *Pitcairn*. Dans cette petite ile, les revoltés anglais de la *Bounty* et les femmes polynesiènnes ont engendré une population qui faisait l'admiration du capitaine Beechey, qui s'est plus que doublée en vingt-cinq ans et plus que triplée en trente-trois ans".

Quatrefages, na mesma obra citada, não contem o seu enthusiasmo pelos mestiços, e reproduz as opiniões de Nicholis, mencionando diversos typos de mestiços eugenicos, como os dois Humboldts, Alexandre Dumas (mulato), Pouchkine (mulato), Lislett Geoffroy, etc., repetindo sem se cansar o exemplo dos paulistas (pag. 179 e seguintes).

Manoel Fernandes Ramos com Suzana Dias, mameluca 1|2 sangue, teve: 8 filhos, 35 netos, 94 bisnetos (conhecidos).

Salvador Pires, com Mecia Ussú, mameluca com 1|4 de sangue indio: 7 filhos, 39 netos, 184 bisnetos (conhecidos).

Bartholomeu Bueno da Ribeira, sevilhano, casado com Maria Pires, mameluca, 1|8 de sangue indio, teve: 7 filhos, um dos quaes Amador Bueno o acclamado, que se casou com Bernarda Luiz, mameluca, descendente de Tibiriçá, teve: 9 filhos, um dos quaes Antonio Bueno, que se casou com a paulista de raça mameluca, Maria Amaral S. Payo, tendo 13 filhos.

Diogo Bueno, outro filho do acclamado, casando-se com Maria de Oliveira Leme, tambem descendente de Tibiriçá, teve 12 filhos, um dos quaes, Francisco Bueno da Fonseca, casado com Maria Jorge Velho, teve 8 filhos, sendo Diogo Bueno da Fonseca um delles, que, casando-se com sua prima Joanna Bueno, teve 12 filhos (note-se a consanguinidade); Manoel Xavier Bueno, outro filho de Francisco e irmão de Diogo se casou com sua prima Lucrecia Leme Borges de Cerqueira Bueno, tendo 10 filhos. Domingos Luiz, o carvoeiro, casando com uma mameluca, neta de Tibiriçá, teve della 7 filhos, dos quaes Ignez Camacho foi uma, a qual se casou com dois portuguezes successivamente (Francisco Teixeira e João da Costa Lima), delles tendo 13 filhos, dos quaes João Machado de Lima, casado com a paulista Maria Leme da Silva, teve 11 filhos; e Izabel da Costa, casada com Francisco Sutil de Oliveira, deixou 8 filhos, sendo um delles João Sutil de Oliveira, marido que foi de Maria Ribeiro, tendo sido assassina-

do com sua mulher, logo depois do casamento, deixando, por isso, apenas 2 filhos, sendo Sebastião Sutil de Oliveira um delles, o qual deixou de sua mulher 17 filhos.

Maria Sutil, outra filha de Izabel da Costa, casando-se com o mameluco Gaspar Sardinha, delle teve 12 filhos; Ignez da Luz, outra filha de Izabel, casada com o portuguez Domingos de Santa Maria, teve 7 filhos; Paschoa da Costa, ainda outra filha de Izabel, casada com o portuguez Gaspar de Lovera, teve delle 4 filhos apenas, mas um dos seus filhos, Lourenço da Costa, que se casou com a paulista Catharina d'Horta, teve 11.

Destes dados se observa, com extraordinaria frequencia, que todas as vezes que os mamelucos paulistas se ligavam a portuguezes de puro sangue, cahia a fecundidade, a qual subia muito se, em vez disso, se casavam elles entre si (amixia).

Esse phenomeno é particularmente observavel se se estudar a familia dos Camargos.

Juseppe de Camargo, sevilhano, se casou com Leonor Domingues, descendente de Tibiriçá, della tendo 8 filhos, um dos quaes Fernão de Camargo, que se casou com Mariana do Prado, paulista, deixou della 14, sendo um delles Fernão de Camargo Ortiz, que se casou com a paulista Joanna Lopes, tendo della 13 filhos, um dos quaes Fernão Lopes de Camargo, que se casou com a 1|2 paulista Maria de Siqueira, tendo della 11.

Marcellino de Camargo, outro dos 8 filhos de Juseppe, casando-se com sua parenta Messia Ferreira Pimentel, descendente de Tibiriçá e de Pequeroby, della teve 11 filhos, um dos quaes, João de Camargo Pimentel, que por sua vez foi casado com uma parenta, Maria

Franco de Oliveira, neta de Amador Bueno, e portanto proveniente daquelles dois caciques guayanazes, della tendo 12 filhos. Francisco de Camargo Pimentel, outro filho de Marcellino, tendo-se casado com a paulista Izabel de Oliveira Cardoso, della teve 18 filhos, cujo chefe era Marcellino de Camargo.

Mariana de Camargo Pimentel, tambem filha de Marcellino, casada com Paschoal Delgado Lobo, paulista de ascendencia mameluca, teve delle 10 filhos.

Eis a prova magnifica da fecundidade de gente mameluca paulista.

Analysando as obras de Taques e de Silva Leme, consegui achar as médias do quadro abaixo, a proposito da fecundidade dos cruzamentos de europeus com mamelucos de diversas proporções de sangue indio até 1|8.

Deixei de aprofundar mais a analyse, pesquisando a fecundidade entre os mamelucos de diversas porcentagens de sangue, porque, a partir de duas ou tres gerações, quasi todos os casamentos no planalto eram entre mamelucos de maior ou menor quantidade de sangue indio. Toda a população era mameluca, com ligeiras excepções, principalmente de algumas familias, como os Taques, os Lemes, etc., que levaram mais tempo para entrar na mestiçagem geral. Assim sendo, as médias de fecundidade, para os mamelucos em geral, são as que apurei para o planalto.

As médias dos quadros abaixo não foram tiradas de um material muito abundante, resumindo-se as observações em uma centena de casaes aproximadamente, porque não consegui dados mais completos; em todo caso já se poderá fazer uma idéa bem aproximada

do que tenha sido a fecundidade mameluca, e do que foram os resultados do cruzamento entre europeus e indio:

CRUZAMENTOS	*Médias de fecundidade*
Europeu com indio	8,5
Europeu com mameluco 1|2 sangue ..	5,9
Europeu com mameluco 1|4 sangue ...	6.17
Europeu com mameluco 1|8 sangue ...	7,16
Europeu com indio e com mamelucos até 1|8 de sangue, em geral	6,82

Onde se poderia encontrar outro povo, apresentando um igual exemplo? Verdade seja que os algarismos apurados não representam senão um indice aproximado, pois que o numero de observações foi pequeno. Talvez, se se pudesse dispor de um material mais abundante, as médias não fossem tão elevadas, mas é possivel tambem que o contrario acontecesse: as médias subissem mais ainda. E o material não foi mais abundante porque só considerei ligações entre europeu e indio, as legitimas, desprezando as illegitimas, que tinham quasi sempre o caracter de pouco duradouras e fortuitas, não podendo ser incluidas em um calculo

de fecundidade, a não ser talvez a de Braz Esteves Leme, que teve uma ligação de mancebia, da qual resultaram, com uma india, quasi duas dezenas de filhos.

*
* *

Não era, porém, apenas a fecundidade acima demonstrada o unico resultado eugenesico do cruzamento do iberico com o homem americano. A longevidade tambem foi seu apanagio, assim como a extraordinaria varonilidade é delle patente. Assim o mameluco Balthazar Fernandes, o fundador de Sorocaba, com 1/4 de sangue, falleceu, com mais de 85 annos, em 1661. Izabel da Costa, trineta de Tibiriçá, viveu 90 annos; sua irmã tinha 80 em 1680.

Fernão Ortiz de Camargo, mameluco, com 1/32 de sangue de Tibiriçá, tinha mais de 75, quando falleceu, em 1690; Francisco de Camargo Santa Maria tinha 79 em 1714; Francisco de Camargo Pimentel tinha 84 e 18 filhos, um dos quaes, Jeronymo, apurei ter chegado a mais de 76, e Lourenço, outro filho, viveu 78 annos.

O Anhanguera, o velho, com 50 annos, em 1682 foi a Goyaz, e aos 65 se casou pela segunda vez; seu filho, do mesmo appellido, contava 52 em 1722, ao effectuar a celeberrima peregrinação, fallecendo com 70, e o filho deste, coronel Bartholomeu Bueno, nascido em 1700, casou, pela segunda vez, com 67 annos, e morreu aos 76, depois de uma vida agitadissima. Amador Bueno, o moço, descendente de Tibiriçá e de Pequeroby, falleceu em 1683, com mais de 75 annos, e sua irmã, Izabel da Ribeira, falleceu em 1698 com 85 annos; seu filho, Domingos da Silva Bueno, tinha 63 quando, em

1710, foi em expedição militar a Santos soccorrer o governador ameaçado pelos francezes, e, em 1711, chefiou, com Domingos Dias da Silva, o soccorro ao Rio, occupada por Duguay-Trouin, fallecendo com mais de 75 annos. Clara Parente, mameluca, 1/2 sangue, filha de Terebé e neta de Tibiriçá, falleceu em 1635 com 80 annos.

Qual o motivo, porém, dessa eugenesia de cruzamentos entre ibericos e indios no planalto paulista, emquanto que, em geral, os cruzamentos dessas duas raças, effectuados em outras regiões do Brasil, não puderam fugir ás regras de Lapouge, quanto aos seus productos mestiços?

E' possivel que a não perturbação de caldeamento de duas raças, mais ou menos homogeneas, uma das quaes trazia, de além mar, immenso cabedal de eugenia, por uma terceira raça, como se deu no Nordéste, de modo a complicar a fusão, tivesse sido um dos elementos causadores dessa eugenesia. A leve consanguinidade, usada no planalto entre os mamelucos, teria tambem contribuido para a fixação dessa sub-raça mestiça por amixia, hoje bem europeanizada pela chegada constante e paulatina de novos elementos.

Seja, porém, como for, a verdade inconcussa é que os mamelucos paulistas constituiram uma sub-raça fixa, eugenica, com os seus attributos inigualaveis de grande fecundidade, magnifica longevidade e espantosa varonilidade.

Foram elles, sem duvida, os coefficientes causadores da grandeza dos feitos dessa que Saint-Hilaire appellidou "*raça de gigantes*".

Capitulo VII

O NEGRO

Influencia do negro na formação ethnica do planalto

Os que têm escripto sobre a formação racial paulista affirmam a coparticipação das tres raças; americana, européa e africana.

Nada mais falho, coisa que aliás já fez sentir Taunay ("*Historia Geral das Bandeiras Paulistas*"). Ahi estão os documentos de publicação official, para desmentir esse concurso das tres raças. O africano não concorreu para formação do paulista das primeiras éras. A elle, era o elemento negro quasi absolutamente estranho.

Em São Paulo, dos quinhentos, dos seiscentos e mesmo da primeira metade dos setecentos, o negro era ausente e mesmo quasi desconhecido, só existindo em casos esporadicos. Ahi estão os "*Inventarios e Testamentos*", ahi estão os documentos municipaes; ahi estão os registos dos escravos e forros, para provar que, nessas epocas de antanho, só dois elementos pesavam

na formação da população: o vermelho americano e o vindo de além-mar, de terras européas.

Os tapanhunos, como eram os negros chamados, só por excepções raras surgem a respingar as listas de milhares de indios escravos e forros, que tanto abundam nos inventarios dos primeiros seculos.

Só appareceu em S. Paulo o homem negro, a pesar como factor na feitura das baixas camadas da população, pelo cruzamento com o mameluco e com o europeu e mesmo com o indio puro quando, no seculo XVIII, já bem adeantado, mineravam os paulistas o ouro em Matto Grosso, para onde o braço negro fôra importado em grande porção.

S. Paulo teria sido, então, o mercado entreposto, onde os mineradores se abasteciam para a aurifera colheita de suas refulgentes alluviões.

Em Minas Geraes, bem antes, já era o negro o braço preponderante nas explorações do sub-solo, mas não fôra elle, entretanto, importado via-S. Paulo, a quem esse elemento ficara estranho, e sim via-Rio de Janeiro, que logo no inicio do setecentismo se ligou directamente ás minas, como é muito sabido (1).

Não foram os paulistas os introductores do negro nas minas das geraes, e sim os reinóes e demais brasileiros que ahi penetravam por outras vias, que não

---

(1) Já nos ultimos dias do seiscentismo Garcia Rodrigues Paes, filho do grande Fernão Dias, construira a estrada ligadora do Rio de Janeiro para as Minas.

as que de São Paulo ahi demandavam. Aos paulistas das geraes, bastavam os seus carijós e mamelucos, que os acompanhavam, como sequito guerreiro, a principio, no occaso do seiscentismo, e como braços de trabalho quando as minas exigiram o esforço do alvião e da batea.

Em São Paulo e demais villas satellites, porém, o africano só se fixou com agente no caldeamento de raças, quando para ahi foi trazido o café que, implantando-se nos nossos rincões, em cultura intensiva, obrigou os lavradores a importal-o, a principio dos outros Estados, como Minas, Matto Grosso, Goyaz, Bahia, Pernambuco e Rio, onde as lavouras de assucar decahiam e a producção aurifera se exgottava, e depois quando a necessidade de augmentar o braço trabalhador fez com que o paulista, por sua vez, lançasse mão do commercio com o negreiro preador em Africa.

Com isto, só no seculo XIX, nos seus alvores primeiros, foi o africano implantado em São Paulo, como concorrente á formação ethnographica e, justamente por isso, os cruzamentos com o negro são tão recentes que entre nós os mulatos disfarçados são rarissimos, imperando em grande maioria os meio sangue, os quarteirões e os oitavões, e nos quaes é facil descobrir-se os estigmas da raça de ebano. O mulato paulista se distingue do mulato nortista, visto como este já é uma sub-raça com os seus attributos definidos, onde o caldeamento já quasi uniformizou o typo geral, que oscilla entre o branco e o negro na côr e nos cabellos bastos e encarapinhados, tendo do indio a pequena estatura,

pernas curtas, arcabouço magnifico, cabeça brachycephala, com os malares salientes e olhos amendoados (2).

---

(2) O Dr. Lobo da Silva, medico do Exercito e pernambucano, concluiu, de mais de 30.000 observações de conscriptos militares, as seguintes porcentagens segundo os Estados:

	Brancos	*Mulatos e mestiços*	*Pretos*
Amazonas	32 %	64 %	4 %
Pará	37 %	56 %	7 %
Maranhão	40 %	45 %	15 %
Piauhy	25 %	58 %	17 %
Ceará	38 %	55 %	7 %
R. G. do Norte	39 %	58 %	3 %
Parahyba	32 %	65 %	3 %
Pernambuco	55 %	35 %	6 %
Alagoas	34 %	57 %	5 %
Sergipe	39 %	40 %	21 %
Bahia	33 %	47 %	20 %
Espirito Santo	52 %	35 %	13 %
Rio de Janeiro	48 %	35 %	17 %
Districto Federal	64 %	26 %	10 %
São Paulo	82 %	12 %	6 %
Paraná	72 %	25 %	3 %
Santa Catharina	85 %	11 %	4 %
R. G. do Sul	79 %	14 %	7 %
Minas Geraes	52 %	32 %	16 %
Goyaz	39 %	48 %	13 %
Matto Grosso	46 %	47 %	7 %
Média geral do paiz	60 %	30 %	10 %

Capitulo VIII

O POVOADOR

Selecções sociaes e pathologicas na Iberia — Genese do povoamento

> "La naissance d'un peuple historique exige la presence dans un milieu social d'éléments ethniques superieurs, capables de diriger et d'entrainer les masses.
>
> Ces éléments dans l'antiquité et au Moyen-Age, de nos jours, aussi chez les peuples étrangers à notre civilisation, sont en règles fournis par un peuple conquerant, mais ils pourraient provenir d'une immigration pacifique, et même en theorie d'une selection interne favorables dont on ne connait pas encore d'exemple historique".
>
> Lapouge, ("*Selections Sociales*", 77).

O animal, vivendo no estado rudimentar e selvagem, só se submette á força da selecção natural, de effeitos tão surprehendentes que levaram o velho Darwin a estabelecer sobre ella todo o seu systema de transformismo.

O homem, comquanto não fuja á influencia seleccionadora do meio physico, está mais sob o imperio das selecções sociaes, isto é, do meio social, por si mesmo creado.

Estas selecções, decorrentes das diversas e complexas condições da vida humana em sociedade, variam, porém, de raça para raça, de modo que cada uma reage differentemente sobre o meio social, e este actua tambem diversamente sobre uma ou outra raça. O estudo dessas reacções complexas do meio social e da raça constitue a anthroposociologia.

Tentarei analysar o povoador iberico, sob o ponto de vista anthroposociologico, para depois experimentar applicar a anthroposociologia ao planalto paulista na sua evolução historica.

*

* *

Em Portugal, o meio social, por occasião da colonização do planalto, havia soffrido uma rapida evolução, determinada pelos varios acontecimentos historicos, fructos parallelos da evolução da raça, taes como o periodo aureo da navegação, conquista da India, o fanatismo religioso, advento e reacção á Reforma religiosa, expulsão dos judeus, etc..

Essas circumstancias, agindo sobre o meio social e delle recebendo a influencia, actuaram da maneira mais sensivel sobre o elemento que a Iberia teria de nos enviar a colonizar. Assim, para se poder estudar o povoamento, é preciso passar em revista o meio social peninsular, no momento em que esse phenomeno teve lugar.

Quando os reis catholicos, no fim do quinhentismo, reuniam as coroas hispanicas em um só estado, e o principe Perfeito regia com mão ferrea os destinos da patria lusa, a peninsula, como aliás, todo o resto da Europa occidental, se achava apenas emergida da Edade Média, com todas as minucias ainda dessas sociedades medievaes, imperando em seu auge, os sulcos profundos, delimitadores das classes sociaes, os quaes como abysmos insondaveis e intransponiveis separavam e alargavam desmedidamente as distancias e os planos em que se achavam as camadas populares.

De um lado a aristocracia bordando os degraus do throno, com todos os seus preconceitos e prosapias, capeando uma origem mais que duvidosa naquelles cavalleiros primevos das guerras da reconquista peninsular, não sem passar por um emmaranhado inextricavel de galhos genealogicos. Muitos destes iam originar-se em bastardias e ligações adulterinas dos nobres e monarchas dos primeiros tempos néo-gothicos, temperados muitos na mestiçagem candente com o sangue africano do fanatico mussulmano e na mistura com judeus, "*ou outra qualquer infecta nação*". Disso não escaparam nem mesmo as testas coroadas da dynastia orgulhosa de Aragão.

Abaixo dessa aristocracia de estrondo e de apparato estava a burguezia pacifica, a par da qual se nivelavam os ricos sectarios de Moysés. Estes, todavia, eram os menos afortunados dos que, á custa do ouro que a ganancia avida da sua estirpe accumulara, haviam conseguido galgar os degraus das mais elevadas camadas peninsulares, nellas penetrando por infiltração, injectando o sangue semitico nas veias dos mais afidal-

gados aristocratas. Desse estigma não escaparam mesmo as proprias familias reaes, nem os mais altos topes da hierarchia ecclesiastica.

Em plano ainda inferior a essa burguezia, estava a plebe, a massa bruta da população, onde os povos mais diversos, desde o germanico, o celta, o ibero, o phenicio, até o negro ebanico dos confins africanos, haviam caldeado o seu sangue, em uma inextricavel mistura ethnica, evidenciada por uma diversidade immensa de typos anthropologicos. A miseria dessa população, perpetuada secularmente, a obrigava sempre a viver nesse nivel de sotoplanura social. Esse era o lugar commum dos mal nascidos, sem os ouropeis que a abastança da burguezia enfeitava, os que, pela falta de linhagem de antepassados illustres, não podiam usar espada nem ginete.

A distancia que separava esses afidalgados filhos da fortuna, que um feliz nascimento depuzera nos galarins da côrte, sob a sombra amena de um brazão dourado, dos burguezes pachorrentos da rua Nova dos Mercadores, e dos miseros villões e rendeiros dos vastos dominios feudaes, e que tornava intransponiveis os planos em que se achavam essas camadas, não era tão sensivel, porém, quanto o espaço que se estendia, incommensuravel, entre essa gente ultima citada e uma outra, quiçá de todas a mais numerosa, a qual os azares da vida haviam equiparado aos irracionaes. Era ella a dos escravos que então, nessa epoca longinqua, abundavam nas senzalas peninsulares. Mouros vencidos em guerra, filhos e netos desses desgraçados que a fatalidade levara á sujeição dos implacaveis nazarenos; negros comprados na Guiné pelos tripulantes dessas caravelas que D. Henrique, desde 1419, tentava fazer dobrar o

Bojador, abundavam não só nos reinados de Fernando e Izabel como na côrte de Lisboa. (Oliv. Martins).

Dessas classes sociaes, a alta aristocracia, a menos numerosa, porém a mais brilhante e vistosa, cujos componentes se diziam convictamente tão nobres quanto o rei, era a classe dominante, e de tudo a regedora.

Della partiam todos os emprehendimentos peninsulares. Ella fornecia elementos para todas as aventuras, todas as conquistas, todos os feitos, em todos os capitulos de evolução historica peninsular; só o vulto encouraçado da resplandecente e cinzelada armadura, coberto de variegados pennachos, esvoaçando, por sobre os elmos ponteagudos dos seus fidalgos, apparecia no palco dos acontecimentos. Só a espada rutilante desses aristocratas de longas barbas negras, nariz aquilino, olhos negros, fronte altiva, estatura gigantea, era chamada a vencer batalhas; só o cerebro dessa gente afortunada dirigia os destinos da Iberia; só o pulso dessa aristocracia timoneava o barco das nações peninsulares, que, docemente, obedeciam, inclinando-se ás menores oscillações do leme, quasi sempre grosseiramente dirigido.

Emquanto esse minimo nucleo de privilegiados da sorte conduzia os destinos ibericos, jazia o restante da população em suas occupações, sem se interessar pelos acontecimentos: o burguez, placido no seu commercio lucrativo; o plebeu nas terras, a lavrar, dando os lucros aos senhores feudaes, e os escravos sob o latego quotidiano. Com essa organização, é claro que a peninsula soffresse as mesmas alternações que as selecções determinavam nas camadas aristocraticas dirigentes. Se a degenerescencia e a nevropathia nellas actuavam

com mais virulencia, em razão das influencias ancestraes accumuladas, a nave do estado tinha a enfrentar os horrores da borrasca, que tudo engulia. Se, pelo contrario, a Eugenia, inconscientemente determinada, entre os dirigentes aristocratas, subia de indice, era de se entrever uma éra de emprehendimentos felizes, que traziam consequencias de não pouca monta para a collectividade em geral.

Por desgraça, entretanto, as causas, que o cego destino fazia entrar para a orientação anthroposociologica desses aristocratas, eram sempre de tal natureza que ellas em geral, tendo á frente as dynastias reinantes, se perpetuavam em estado de morbida nevropathia e degenerescencia. Com isso a Peninsula sempre caminhava na senda tortuosa dos maus governos, sem jamais ter podido abeirar-se de uma prosperidade relativa. A razão disso era que, por tão diminutas em seus componentes, as aristocracias, e principalmente as dynastias, sempre áquellas ligadas por laços de sangue, se viam constrangidas a se perpetuar no regimen de estreita consanguinidade. Ora, assim, as aristocracias logo entravam em regimen de saturação reciproca de todos os seus elementos componentes, motivo que, alliado a outras causas originadoras de nevropathia e degenerescencia, ás quaes essas camadas sociaes por força estavam sujeitas, deveria trazer esse acervo immenso de negras fatalidades, que acompanham a extincção de uma raça. Assim são a imbecilidade, a idiotice, a senilidade, a inversão sexual, deboches desnaturaes, etc., culminadas pela esterilidade. Por taes motivos a Peninsula vira enorme numero de dynastias,

que nessas vias fataes caminhavam para uma extincção rapidissima.

As aristocracias, estreitamente ligadas ás casas reinantes, obedeciam ás mesmas normas citadas, de maneira que essa gente, a quem estava entregue o bastão do mando em todas as funcções governativas, não podia deixar de outorgar ao Estado uma immensa serie de descalabros, os quaes se perpetuavam de geração em geração (1) (2).

---

(1) Portugal iniciou a sua monarchia com a dynastia dos Borgonhas.

Affonso Henriques, rebento de um feliz cruzamento de raças, deixou 7 filhos legitimos e 5 bastardos conhecidos.

Sancho I, seu filho, deixou 10 legitimos e 5 bastardos, todos mortos sem posteridade, com excepção de Affonso II, que dos seus 5 filhos todos foram estereis, entre os quaes o tyranno debochado Sancho II, que foi enxotado pelo povo, e excepto Affonso III, a quem succedeu D. Diniz, o Sages, que deixou como successor Dom Affonso IV, inimigo de seus irmãos, filho rebelde e pae desnaturado, assassino de Ignez de Castro. A *degenerescencia da dynastia caminha agora a largos passos.* Dos tres filhos de Affonso IV, dois foram estereis, e o terceiro, Pedro I, o cruel, foi um louco positivo, feroz excentrico e desenfreado; teve dos seus tres casamentos seis filhos, que esterilizaram a raça, a familia e a dynastia.

De sua amante Thereza Lourença da Galliza, teve Pedro I Dom João, o mestre d'Aviz, fundador da dynastia desse nome, o qual deixou 9 filhos, a maioria dos quaes se foram extinguindo no fim de 2 ou 3 gerações. A nevropathia fazia a sua obra de devastação.

Dom Duarte, filho de Dom João I, teve 6 filhos, estereis todos menos Affonso V, o Africano, que teve dois filhos, um delles esteril (Joanna), outro Dom João II, energico, habil, mas de uma crueldade morbida e assassina, onde um olhar perscrutador facilmente descobrirá o virus pathologico. Só teve um filho que esterilizou o ramo; passando a coroa, por falta de successores na linha directa, ao seu primo Dom Manuel, o Venturoso, que dos seus tres casamentos teve 11 filhos, oito dos quaes esterilizaram a estirpe nas 1.ª e 2.ª gerações, com Dom João

Ao lado dessa alta aristocracia, com ella entrelaçada havia, porém, uma porção que, não sendo ligada ás dynastias por laços de sangue, nem tendo sido victima dessa attracção que a côrte fulgura a todos os espiritos suggestionaveis, vivia segregada dessas funcções governativas e palacianas da côrte, occupada mais nos mistéres estrepitosos das armas, nas ultimas arrancadas bellicas contra os musulmanos, nas fronteiras sulinas dos reinos ibericos.

Essa porção da aristocracia, pelo numero de antepassados componentes de suas genealogias, muito phantasiosas, seja dito de passagem, não podia equiparar-se aos altiplanos da grande fidalguia, pelo que constituia o que se podia chamar nobreza mediana ou aristocracia média. Esta, porém, mesmo nessas condições de inferioridade, perante a grande aristocracia, ainda tinha sobre a melhor burguezia uma superioridade grande, e

---

III, e os demais tres, esterilizaram-na em 4 ou cinco gerações seguintes, com o que a corôa passou aos Felippes de Hespanha, descendentes do Venturoso, os quaes por sua vez teriam de se extinguir, o que determinou o advento dos Bourbons francezes na Iberia.

(2) "C'est un fait bien connu que la durée des familles riches souveraines, nobles, ou bourgeoises, est assez limité. On admet qu'une durée de trois cents ans est exceptionelle pour une famille nóble. L'opinion est qu'elles s'éteignent au bout d'un temps de splendeur, et d'une phase de degenerescence".

Lapouge, *"Race et Milieu Social"*, 244.

Jacoby, *"Etudes sur la selection chez l'homme"*. Galippe, *"L'heredité des stigmates de degenerescence des familles souveraines."*

Lapouge acredita que a degenerescencia das classes ricas provem de causas numerosas entre as quaes o abuso de alimentos, sobretudo de alimentação azotada, do vinho, do alcool e das doenças venereas, etc.

della se separava por um grande desnivelamento de planos sociaes.

Nessa nobreza mediana peninsular, do seculo XV, aflorava nessa occasião um grande potencial de Eugenia que, encontrando um campo muito propicio para a sua expansão, iria determinar não pequenas consequencias no scenario da historia (3).

Essa afloração de Eugenia se fazia sentir em Portugal desde os primordios do seculo XV, talvez em consequencia de um atavismo hereditario, determinado por alguma selecção exercida nessa nobreza meã, oriunda de eugenicos antepassados peninsulares das epocas primeiras das guerras da reconquista.

Assim é que Portugal, sob o patrocinio do infante Dom Henrique, já no principio desse seculo aureo, iniciava o cyclo, pouco se fazendo esperar a Hespanha que, com a união das corôas de Castella e Aragão, tambem fez o seu concurso pesar fortemente na balança.

De toda a peninsula, porém, é innegavel que a Extremadura hespanhola, a Andaluzia, na Hespanha, o Alemtejo, a Extremadura e o Algarves em Portugal, de muito primaram sobre as demais regiões, quanto á producção de individuos eugenicos, actores protagonistas dos grandes lances desse periodo aureo da hegemonia iberica no mundo.

---

(3) Empreguei a expressão *Eugenia* como significando fortaleza physica physiologica e moral, e não como belleza physica ou intellectual, a qual poderia ter sido proporcional ou não.

Foi a nobreza mediana peninsular da parte sul a credora de todos os capitulos da grandeza hispanica, nessa epoca (4).

---

(4) Diaz de Solis, da *Extremadura* (Lebrixa)
Orellana, *Extremadura*
Soto, *Extremadura*
Francisco Pizarro, *Extremadura*
Gonçalo Pizarro, *Extremadura*
Hernando Pizarro, *Extremadura*
Juan Pizarro, *Extremadura*
Valdivia, *Extremadura*
Pedro Alvarado, *Extremadura*
Affonso Alvarado, *Extremadura*
Nunez de Balboa, *Andaluzia* (Xerez)
Hernan Cortez, *Extremadura* (Medelin)
Martim Alonso Pinzon, *Andaluzia* (Palos)
Francisco Martim Pinzon, *Andaluzia,* (Palos)
Vicente Eanes Pinzon, *Andaluzia* (Palos)
Francisco Nino, *Andaluzia* (Moguer)
Pedro Alonso Nino, *Andaluzia* (Moguer)
Diego de Lepe, *Andaluzia* (Huelva)
Rodrigo de Bastidas, *Andaluzia* (Sevilha)
Antonio de Alaminos, *Andaluzia* (Palos)
Luque, *Extremadura* (Cordova)
Antonio de Mendonza, *Extremadura* (Cordova)
Gonçalo de Cordova, *Extremadura* (Cordova)
Almagro, *Castella a Nova ao sul* (Ciudad Real)
Alonso Sanchez - *Andaluzia* (Huelva) — (o verdadeiro descobridor da America segundo Las Casas, Garcilaso e Oviedo).
Dom João de Castro, *Extremadura* (Lisboa)
Affonso de Albuquerque, *Extremadura* (Lisboa)
Vasco da Gama, *Extremadura* (Sinés)
Estevam da Gama, *Extremadura* (Sinés)
Cristovam da Gama, *Extremadura* (Sinés)
Gil Eanes, *Algarves* (Lagos)
Diniz Dias, *Algarves* (Lagos)
Diogo Dias, *Algarves* (Lagos)
Bartholomeu Dias, *Algarves* (Lagos)

Qual a razão de tantos elementos eugenicos se accumularem justamente ao sul da peninsula?

A' primeira vista parece que a causa está na maior mestiçagem com o mussulmano, em geral, arabes, bérberes, etc., os quaes, havendo demorado muito mais tempo, occupando as regiões sulinas, ahi deveriam ter feito sentir, com mais intensidade, o seu influxo racial, do que no norte, de onde logo foram expulsos pelas armas dos monarchas hispanicos. Este facto, ao lado da maior vizinhança com o Moghreb africano, é natural que haja influido para a differenciação da raça pela mestiçagem em maior escala, em Granada, na Andaluzia e na Extremadura hespanhola, assim cono no Algarves e no Alemtéjo portuguezes, do que na Galliza, em Leão, nas Asturias, na Navarra, no Minho, etc..

E, de facto, o typo do iberico sulino accusa uma accentuada diversidade determinada pela maior influencia do "*homo atlanticus*", do "*homo arabicus*" e do "*homo afer*".

Lourenço de Almeida, *Extremadura* (Abrantes)
Duarte Pacheco Pereira, *Extremadura* (Santarem)
Francisco de Almeida, *Extremadura* (Abrantes)
Francisco de Albuquerque, *Extremadura* (Lisboa) primo de Affonso de Albuquerque
Antonio de Noronha, *Extremadura* (Lisboa) sobrinho de Affonso Albuquerque
Garcia de Noronha, *Extremadura* (Lisboa) sobrinho de Affonso Albuquerque
Pedro de Albuquerque, *Extremadura* (Lisboa) sobrinho de Affonso de Albuquerque
Vicente Sodré, *Extremadura* (Sinés) tio de Vasco da Gama

Examinando-se porém, com maior attenção, esse problema, conclue-se que, comquanto essa mestiçagem se haja produzido, não foi a causa de maior concentração de individuos eugenicos no sul da Peninsula.

Quer parecer-me que as guerras de reconquista, fazendo paulatinamente o dominio mussulmano recuar na direcção norte para o sul, tinham forçosamente de oppor aos inimigos um dique no qual estivessem concentrados os melhores elementos ibericos, os mais guerreiros, os mais audazes, os mais valentes, os mais aventureiros, a fim de mover energica campanha aos servidores de Allah, offerecendo-lhes uma formidavel barreira de peitos valorosos. Essa barreira, caminhando para o sul, á medida que os christãos se iam assenhoreando do solo hispanico e a lucta se ia localizando para o sul, vinha trazendo no seu bojo a gente mais efficiente por excellencia de todas as regiões ibericas.

Ora, por largo tempo a fronteira com os mussulmanos se estacionou na parte sulina da Iberia, o que fez com que os melhores elementos da peninsula ahi se fixassem, e ahi se perpetuassem pela reproducção. Assim é que as regiões do norte, muito cedo libertadas do jugo dos adoradores de Mafoma, deixaram de ser a arena das lides e os campos dos prelios, enviando para o sul os seus cavalleiros mais esforçados, a sua gente mais escolhida, e a sua peonagem mais aguerrida e valente, para nessas paragens sulinas amparar com ardor a cruz contra o crescente. Por isso o norte e o centro, despindo os seus contingentes eugenicos, soffreram nos seculos que antecederam a epoca aurea da Peninsula uma intensa e secular selecção regressiva, emquanto que esses contingentes concentrados, fixando-se nas

fronteiras austraes, em terras conquistadas aos mouros, ahi se reproduziam em estirpes que perpetuavam a Eugenia herdada (5).

Estas teriam sido as causas determinadoras do grande potencial eugenico, attingido pelas Extremaduras, pelo Alemtéjo, pelo Algarves, pela Andaluzia, etc. quando, no seculo XV, as consequencias destes phenomenos apontados iam projectar-se em scenario differente, uma vez que as guerras da reconquista haviam terminado com a encorporação de Granada, e exodo para a Africa da ultima gente de Boabdil. O norte peninsular (a *Galliza,* a *Navarra,* o *Minho,* o *Douro,* a *Castella Velha,*) e mesmo o centro (as *Beiras,* a *Castella Nova,* o *Aragão,* etc.), sangrando por muitos seculos, da sua melhor gente nessa phase heroica para o nome hispanico, tinham que representar papel bem secundario (6).

---

5) Os vestigios desses estabelecimentos fronteiriços, no sul peninsular, até hoje são revelados pelas immensas ruinas, aliás recentes, dos castellos de Velez, em Almeiria, de Villena, em Alicante, de Marchenilla, em Sevilha, de Zafra, em Badajoz, etc., todos do seculo XIV, ostentando ainda as suas imponentes torres pardacentas rendadas de seteiras e as suas muralhas espessas, cavadas de barbacãs. Os castellos do norte são de data muito anterior e estão em ruinas muito mais adeantadas, evidenciando um despovoamento a favor dos do sul.

(6) Natural do norte peninsular, dos grandes nomes da epopéa peninsular de conquistas e descobrimentos, e navegação, só consegui encontrar Fernão de Magalhães, o circumnavegador, o qual era trazmontano mas que, em Sevilha, e com sevilhanos, organizou a empreitada famosa que o immortalizou, na qual entraram os seus cunhados Barbozas, João de Carthagena, Quezada, todos sevilhanos (*Oliveira Martins,* "*Portugal nos Mares*", 156).

O pouco successo das expedições africanas de conquista de Ceuta, as quaes demandavam o caminho do imperio do Preste Joham, nos tempos de Dom João I, de Dom Duarte e mesmo de Dom Henrique, o infante de Neptuno, foi indubitavelmente o encaminhador do inicio da conquista do "*mar tenebroso*", valvula de expansão da gente lusa, cuja compressão já havia attingido o limite permittido pela estreita faixa territorial do reino.

Portugal, comprimido por Castella e, por isso, sem poder dar largas, para léste, á sua força expansionista accumulada, e nada de proveitoso podendo conseguir na região marroquina de Ceuta, onde na tentativa havia já perdido não poucos dos seus valorosos sustentaculos, atirou-se decididamente aos mares, pelo qual a sua gente tinha manifestos pendores. Partindo de Sagres o movimento maritimo portuguez viu, meio seculo após, a Hespanha, de Cadix, de Huelva, de San Lucar, de Palos, etc., acompanhar-lhe a esteira deixada por suas frageis caravelas, por entre os vagalhões revoltos do tempestuoso Atlantico.

Eis como a Peninsula, com a sua gente mais eugenica, concentrada na sua parte sul, pelas necessidades da lucta contra a mourama, della se aproveitou para atiral-a aos mares em descobrimento de vastos continentes e a conquista de fabulosos imperios.

*
* *

A conquista dos mares e dos grandes imperios, para as coroas peninsulares, foi obra pois da sua nobreza mediana da parte sul.

E se esta classe trouxe para a Iberia não poucas consequencias felizes, por demais conhecidas, muito caro foi o preço pago por estas acquisições, de maneira que a Peninsula, com ellas, viu empobrecer, extraordinariamente, o seu cabedal de Eugenia, em virtude das varias selecções determinadoras do exterminio quasi completo dessa nobreza mediana, as quaes foram causadas pela epopéa das descobertas e conquistas de mundos novos.

De facto, essa gente eugenica, embarcada no bojo das caravelas, em demanda dos reinos de Çofala, de Kananor, de Cochim e das Molucas, na conquista do longinquo Oriente, ou em busca dos imperios de Montezuma e de Atahualpa, nos quaes se demoravam por larguissimos annos, afastados dos seus lares, por força deixavam de se reproduzir, não os acompanhando nas aventuras as mulheres ibericas. Emquanto isso, só se perpetuavam os que, despidos de virtudes, não haviam sido attrahidos pela ambição de riquezas, de emoções e de glorias. E essa gente que encorporou á Cruz de Christo, rubra, em niveo campo, o imperio das Indias, essa turba, que presenteou á Hespanha um mundo novo, se esterilizou lamentavelmente, sem deixar descendencia que lhe continuasse os feitos memoraveis, ligados aos nomes illustres que aureolaram a Iberia de uma gloria immorredoura.

Assim é que o grande Affonso de Albuquerque só deixou um filho; Dom João de Castro, o forte varão, deixou tres que por sua vez não tiveram posteridade; Vasco da Gama deixou 3 filhos apenas, os Pizarro não deixaram posteridade o mesmo acontecendo aos tres Pinzon e aos dois Alvarados; Almagro deixou

um filho; Cortez, Balboa e Ojeda não deixaram descendencia, o mesmo acontecendo a Lepe.

Sem posteridade, esses sustentaculos immortaes do nome hispanico, combalidos pelo immenso esforço desenvolvido nessa monumental epopéa, tiveram a enfrentar os horrores das mesologias mortiferas das pestilentas margens do Ganges, do Indo, do Bramaputra, como as que a torrida natureza da America Central, ou a desolante climatologia das altiplanuras andinas lhes offereciam, ahi consumindo os seus dias, atormentados, ainda, pelas luctas fratricidas incessantes entre os caudilhos conquistadores que se degladiavam em uma crudelissima e infrene guerra.

Os que a tempo conseguiram escapar a essas exterminadoras circumstancias puderam levar para o reino copiosas riquezas, adquiridas nessas regiões, enchendo as còrtes deliciosas de Lisboa e de Madrid com o esplendor offuscante do ouro de Potosi e das pedrarias do Pegu'.

*

* *

Eis pois como os reinos peninsulares, com essas circumstancias apontadas, e em consequencia dellas, antes de iniciarem o povoamento do planalto vicentino se achavam divididos nas varias camadas sociaes referidas, estabelecidas em dois bem desnivelados planos, quanto á distribuição de riqueza.

Em um, estavam fidalgos e individuos que viviam nos degraus do throno, chegados á côrte, e ricos commerciantes ennobrecidos e nobilitados, que se encheram com o commercio das Indias. Vivia essa camada social,

composta da aristocracia e dos "nouveaux riches" e "parvenus", a lei da mais faustosa abastança e desbragada delapidação dos capitaes, que os favores de uma côrte facil e as emprezas de navegação ao paiz do Samorim lhe proporcionavam com prodigalidade.

Em outro, estava a massa bruta da população lusitana, que era formada de plebeus da baixa extracção, nobres de origens aristocraticas, mas que haviam decahido das posições, com os seus recursos arruinados; ramos bastardos, de genealogias afidalgadas, que não tinham meios de dourar as barras dos seus brasões; e, finalmente, descendentes de mouros e judeus, christãos novos a quem os escrupulos hypocritas de uma côrte composta de fanaticos de todo genero repelliram com asco se já não fosse a pobreza o maximo empecilho de a ella se chegarem. Além disso, havia uma burguezia que não conseguiria sequer apanhar as migalhas do festim opiparo que seus felizes confrades coparticipavam com a nobreza.

A primeira camada mencionada só pensava nos prazeres terrenos, que uma vida sexual intensiva proporcionava. "*O fumo das Indias*", dizia o velho Affonso de Albuquerque, "*não deixava a côrte pensar senão em enriquecer e gozar*" (Oliveira Martins, "*Historia de Portugal*", vol. II, 18). Dia a dia, no reinado do Venturoso, as caravelas despejavam no porto abarrotado do Tejo as riquezas incommensuraveis das especiarias orientaes.

O ouro corria a granel pela côrte e altas espheras sociaes, que esbanjavam loucamente, á custa das maravilhas de Kananor, do ouro de Çophala e da Sumatra, das perolas de Manaar e de Cipango, do marfim de

Guiné, das sêdas de Kata, dos tapetes da Persia, do ambar das Malaias, do almiscar de Ormuz, das cambraias de Bengala, do sandalo de Timor, dos couros de Katchi, do anil de Kambay, do gengibre de Kollan, do cravo das Molucas, dos rubis de Pegu', dos cavallos da Arabia e da Persia, e dos diamantes de toda a India opulentissima.

Só quem lê as maravilhosas paginas de Oliveira Martins, descrevendo a vida na côrte manuelina, poderá fazer uma idéa do que se passava em Portugal, a cujo auge de embriaguez do luxo chegou com a celeberrima embaixada, que Tristão da Cunha chefiou a Roma, a qual, pelas maravilhas de riqueza, estatelaram o proprio Leão X, mais se assemelhando com os seus elephantes, tigres e leopardos a um triumpho magnificente de um general romano vencedor no Oriente do que a uma romaria piedosa e mui catholica aos pés do Santo Padre.

Toda essa munificencia, todo esse esplendor não deviam, porém, servir de allivio á miseria que empolgava o resto da população portugueza, a quem as venturas da India não chegaram sequer a lhes bafejar a vida tão crestada pelo infortunio. Todo o ouro despendido com tamanho fausto e tantas libações se canalizava para o estrangeiro, que tudo abocanhava, servindo-se da imprevidencia dos dirigentes da terra. Emquanto os nababos portuguezes, sem o sentir, encaminhavam mecanicamente, aos caudaes, tamanha fortuna para fóra das raias fronteiriças, com as importações das escarlatas de Valença, dos vasos de Florença, das sarjas de Flandres, das marlotas de Constantinopla, das sêdas de Napoles, dos damascos de Lucca, dos coraes,

do cinabrio, do arame e dos espelhos de Veneza, as baixas classes e o grosso da população de Portugal se estarreciam na miseria, soffrendo os horrores que a sua triste sorte lhes proporcionava.

Eis pois o estado em que se achava o reino quando se iniciou o povoamento. Havia duas classes sociaes, com um repentino e desmedido desnivelamento de fortunas.

Portugal era o reino de fidalgos vestidos de sêda e dos mendigos esfarrapados e famintos. Era a terra dos prestitos orientaes e das multidões indigentes que clamavam pelo pão. Lisboa era "*a grande cidade de muitas e desvairadas gentes*", nas palavras do chronista Fernão Lopes. Dom Manuel era um rajah da India, imperando por sobre uma turba de mendicantes (Oliveira Martins).

A selecção implacavel não poderia tardar a operar nesse campo.

A classe abastada e esbanjadora não escapou á regra, geral e inflexiva, da selecção anthroposociologica, pois se Jacoby fez certo que o poder e o talento fazem o homem caminhar para a degenerescencia, através da esterilidade e da nevropathia, não o é menos que a opulencia e a dissipação desregrada com mais rapidez ainda encaminham as sociedades pelas mesmas veredas sombrias do accelerado exterminio (Jacoby. "*Etudes sur la selection*") (Lapouge, "*Race et milieu social*", 215).

Foi o que se passou em Portugal, pois que essa camada social, pervertida pela devassidão, outorgada pelas riquezas, que havia possuido, ao chegar o fim do seculo dos quinhentos agonizava nos ultimos estertores,

exhalados sob a sombra de uma bandeira extrangeira. imperando victoriosa e dominadora em solo luso.

Ao monarcha perdulario, viu-se succeder no throno o soturno asceta que foi d. João III, e a este, já nevropatha e quasi esteril, succedeu um allucinado, maniaco e francamente desequilibrado que o "*harmatan*" dos areaes marroquinos engulira com os restos da fidalguia heroica de Portugal, que por sua vez se viu entregue ás redeas frouxas de um rei clerigo, imbecil e senilizado.

Eis a marcha da decadencia da realeza portugueza, resumindo em capitulos breves e fulgurantes a destruição da gloriosa, mas degenerada fidalguia lusitana, sepultada com a opulencia rapida dessa camada social a que nos referimos.

Essa gente não pôde, pois, cooperar no povoamento da colonia de além-mar, mesmo porque, ainda quando no reinado de Dom João III, o soturno "*inspirado pelo funebre mysticismo*", já a corrupção havia corroido as altas classes precipitadas na decadencia, para a qual já não era possivel freio.

Toda a alta esphera social se tornara então incompativel com a colonização, porque só são capazes de emigrar os fortes, e a gente portugueza a ella pertencente estava exhausta e incapaz de um movimento sério.

O reino se precipitava na vertigem do esphacelamento e o fim delle logo se manifestava na vergonhosa debandada de Alcantara e na acclamação ignominiosa de Thomar, depois do ultimo lampejo heroico de Alcacer-Kibir, derradeira manifestação da varonilidade lusitana.

Já bem longe, no horizonte de um passado energico, se sumiam, esquecidos, os heróes de Aljubarrota, os navegadores do mar tenebroso, os conquistadores da India e os descobridores da terra de Santa Cruz.

A emigração e a colonização só podiam sahir pois das classes pobres, da massa de plebeus, ou das familias cuja nobreza, havia muito tempo, se despegara dos degraus do throno, para se nivelar com o rasteiro populacho, ou de ramos tortuosos da velha fidalguia do reino, que os signos heraldicos da bastardia haviam soterrado nos abysmos do ostracismo social, onde viviam ligados á plebe pela figura esqualida da miseria.

O colonizador, pois, não podia ser da nobreza fidalga de Portugal, que sob a capa de uma ostentação faustosa não passava de uma vaga de nevropathas, que se esterilizava na immoralidade de costumes, a cuja frente, cambaleando, caminhava uma dynastia esteril, já bem proxima ao tumulo, com um monarcha virgem e louco e um cardeal idiota, todos saturados do espirito inquisitorial e mystico, que tão bem caracteriza o degenerado. Elle não podia deixar de sahir da plebe, onde o eugenismo ainda pulsava vibrante e virgem, saturando aquellas almas rudes e desaffeitas aos ouropeis da côrte lisboeta (7).

---

(1) Dom João I teve de sua mulher Filippa de Lancaster 9 filhos, dos quaes 5 estereis, na primeira ou na segunda geração.

Dom Duarte, um dos restantes filhos do Mestre d'Aviz (Dom João I), e que lhe succedeu no throno, teve 6 filhos, dos quaes 4 estereis.

Dom Affonso V, o Africano, um dos dois filhos fecundos do Dom Duarte, teve apenas 2 filhos, um dos quaes, Dom João II, assassino brutal e deshumano, que só teve um filho, esteril, dando lugar a que

Foi pois nessa classe plebéa, com a qual convivia muito sangue da velha nobreza, decahida, dos tempos dos primeiros Aviz (Oliv. Martins, "*Hist. de Port.*", vol. II, 28), e muitos sectarios conversos das religiões perseguidas, que as selecções recrutaram a gente que nos veio colonizar.

Estudamos o colonizador europeu sob o aspecto da selecção social, isto é, da selecção determinada pela desigual distribuição de riquezas em Portugal.

Vejamos, agora, que a massa de onde sahiram os povoadores, nossos antepassados, não havia endurecido a tempera apenas no cadinho da pobreza. A sua vida tinha ainda que passar por uma prova mais rigorosa

---

a corôa passasse para o ramo collateral, representado por Dom Manuel, o Venturoso, unico filho fecundo dos 5 filhos de Fernando, o duque de Viseu, o outro filho de Affonso V.

Dom Manuel, o Venturoso, dos seus tres casamentos com as princezas de Castella, teve 11 filhos, dos quaes 5 estereis; 1 dos outros teve nove filhos, estereis todos; 1 teve um unico filho bastardo que foi o prior de Crato, Dom Antonio, que com seis filhos infecundos esterilizou o ramo; 1 teve dois filhos estereis; 1 foi clerigo e portanto morreu sem posteridade (o cardeal rei Dom Henrique), e finalmente o outro foi Dom João III que, casado consanguineamente na casa d'Austria, ramo hespanhol (com uma filha de Felippe I), teve 3 filhos, dos quaes 2 nevropathas e estereis, o terceiro, casado ainda consanguineamente com uma neta de Felippe I, sua prima irmã, filha de Carlos V, teve um filho unico, Dom Sebastião, de uma piedade ardente, caracter exaltado, esteril. Um nevropatha evidente (Dom Sebastião era filho de primos irmãos pelos lados materno e paterno, portanto duplamente).

O unico ramo descendente de Dom Manuel, dessa desgraçada familia dynastica de Aviz, que se prolongou um pouco mais, foi a sua ultima filha Izabel, que se casou consanguineamente com Carlos V, seu primo irmão, de quem teve 4 filhos dos quaes 3 estereis, e Felippe II, profundamente nevropatha, fanatico, melancolico, lento de espirito, irresoluto, que se casou consanguineamente com sua prima, filha de dom

do que a que descrevemos e, se ella atravessara os seus elementos, que nos vieram colonizar pelo alambique das selecções sociaes, vejamos como se portou em relação ás demais selecções depuradoras, ás quaes não se podia furtar.

Se a miseria fizera em Portugal tombar os mais frageis, os menos resistentes, depurando, destes, a massa que iria fornecer gente para povoar o planalto vicentino, agentes seleccionadores ainda mais energicos tambem operavam concomitantemente no sentido de purificar, ainda mais, esse nucleo que teria de semear a gente européa peninsular nas selvas da capitania vicentina.

Esses agentes foram as selecções naturaes pathologicas, e estas teriam funccionado impulsionadas pelas epidemias e pestes que, no seculo dos quinhentos, campeavam pela peninsula iberica.

João III de Portugal, deixando um filho esteril, Dom Carlos. Felippo casou-se infecundamente com Maria Tudor, de Inglaterra, e com Izabel de Valois, filha de Henrique II de França, de quem teve 2 filhos estereis, e casou-se ainda pela 4.ª vez com sua prima, filha de Maximiliano II d'Austria, tendo della 6 filhos estereis, com excepção de Felippe III, que teve uma curta descendencia de nevropathas, estereis, imbecis, loucos, satyros, idiotas, etc., a qual felizmente só se prolongou por mais duas gerações, quando se extinguiu dando lugar a que o throno hespanhol passasse aos Bourbons com Felippe V.

Eis a marcha fatal para o tumulo da dynastia que por longo tempo governou a Peninsula.

A grande aristocracia, a ella ligada por entrelaçados liames sanguineos, deveria por força ser inoculada dos microbios virulentos que a levava á extincção, e por isso soffrer das mesmas taras, ainda que mais attenuadas (Jacoby).

O accumulo das populações do seculo do Venturoso (8) attrahidas pelo brilho de sua côrte pomposa, e as condições anti-hygienicas dessas populações adensadas nessa remotissima epoca de atrazo scientifico, não podiam deixar de ser um campo magnifico de proliferação da variada fauna microbiana. Portugal, nessas condições, seria um esplendido caldo de cultura para os micro-organismos, que nelle fossem inoculados. Ora, as circumstancias dessa época quinhentista e do fim do seculo anterior, particularmente, concorriam para que essa inoculação se effectivasse de fórma a desenvolver as molestias no auge da sua virulencia.

O trafico commercial com a India e o mundo oriental, "habitat" perenne de toda sorte de bacillos exoticos, viveiro inextinguivel de toda casta de pestes, desconhecidas no occidente, entre as quaes a bubonica, a febre amarella, o cholera-morbus, as febres typhicas e a dysenteria, as quaes, com a variola, a malaria, etc.,

---

(8) Carqueja, "*O Povo Portuguez*", citando o chronista Duarte Nunes de Leão, do seculo XVII.

*

* *

Souza Silva Costa Lobo, na sua "*Historia da Sociedade em Portugal no seculo XV*", diz que em 1527, com excepção do Alemtejo e das ilhas, a população portugueza seria de 1.122.112 habitantes.

Com a provincia abstrahida, e com as ilhas, talvez essa população subisse a um milhão e meio, o que, dadas as precarias condições sanitarias, e á falta de hygiene da epoca, representaria uma densidade muito grande de população.

*

* *

Oliv. Martins, "*Hist. de Portugal*", diz que as pestes, as guerras, etc., haviam feito a população de Portugal cahir a menos de um milhão depois de Alcacer-Kibir.

completavam a hierarchia das epidemias e que, com a fome e outras consequencias funestas desse estado sanitario, constituiam o sequito apparatoso das desgraças — formavam o quadro negro e apocalyptico da vida reinol nos seculos XV e XVI.

E' facil evocar á imaginação o accender de um rastilho pestifero, arrastado da India por qualquer navio mercante, para esse meio tão propicio ao desenvolvimento desse "morbus". Alem disso, devendo os microbios dessas epidemias ser desconhecidos no occidente da Europa, os organismos humanos da gente attingida não poderia oppor as resistencias que os neutralizassem, diminuindo a intensidade dessa virulencia, o que se dava no Oriente, onde essa bicharada infinitamente pequena sempre se conservava em estado latente.

Mal se iniciara o seculo quinhentista e, já em 1505, uma epidemia trazida do Oriente, á qual os italianos deram o nome de "*Mazzulo*", tocava na Peninsula o preludio da symphonia da morte, abatendo só em Lisboa mais de 100 pessoas por dia.

Em 1530, nova razzia tremenda do espectro negro da peste, desta vez chamada "*Suor maligno*" e, em 1569, a "*peste grande*" victimava mais de 700 pessoas por dia, só em Lisboa. Esta cidade perdeu um terço da sua primitiva população, morrendo ao todo mais de 40.000 pessoas.

Em 1580, houve outra peste que acommetteu com mais virulencia as classes abastadas. Eram tantos os mortos que se enterravam nas ruas (Mello Moraes, "*O Medico do Povo*", 1864).

De 1598 a 1602, durante cinco annos, outra formidavel epidemia ceifava mais de 80.000 pessoas em Lisboa (9).

Eis em synthese o flagello adamastorico, que teria procedido a uma rigorosissima selecção eliminadora dos mais fracos e dos menos aptos, dos de menor resistencia organica, etc.

Poder-se-ia, talvez, objectar que as epidemias nem sempre determinam a selecção do mais fraco e que microbios ha que atacam, com mais empenho de destruição, os organismos vigorosos, poupando os mais franzinos, o que seria uma selecção em sentido inverso.

As epidemias que têm essa marcha evolutiva, entretanto, não foram as que mais se encarniçaram na Iberia. A dysenteria, proliferando em um campo onde as condições sanitarias lhe eram particularmente favoraveis, teria sido a maior ceifadora dentre os muitos flagellos assoladores do reino. Além disso esses descalabros causavam outros, como a fome, a penuria de meios de vida e a desorganização social, credores de grande parte das desgraças e das hecatombes eliminadoras dos individuos menos resistentes a tantas privações, que se encaixavam no prestito seguidor das epidemias devastadoras.

---

(9) A esse proposito o grande Oliveira Martins assim se pronuncia sobre as desgraças portuguezas de então (*Hist. de Portugal*, vol. II, 112).

> "A propria natureza conspira tambem, como fizera com a peste do seculo XVI, contra este cadaver roido, humilhado, contricto e convertido pelo catecismo de Loyola. De 1598 a 1602, durante cinco annos, uma brava peste ceifou o reino; e só em Lisboa matou oitenta mil pessoas.
>
> Um grande terremoto arrazou a cidade em 1598.

O elemento moral tambem representa nessas selecções um importantissimo contingente, pois os individuos dotados de um moral forte, estoico e tenaz, se deixam abater com muito menos facilidade que os de resistencias moraes mais combalidas. Nestes, o alfange exterminador da morte certamente se aprofundava com muito mais desenvoltura e com muito menos difficuldade.

A gente, que escapou a todas estas contingencias, foi indiscutivelmente um grupo altamente seleccionado e particularmente dotado de uma invulnerabilidade especial, uma rijeza physica extraordinaria, ao lado de uma fortaleza moral formidavel.

Não pode haver duvida que foi dentre estes eleitos recrutada a grande corrente migratoria para o planalto vicentino, nos dois primeiros seculos.

Assim depurada, dessa fórma seleccionada, pela sociedade e pela natureza, esta gente deveria ter o corpo de granito e a alma temperada com o mais puro aço.

Seriam elles bem capazes de enfrentar o novo mundo, seriam bem dignos da sua homerica descendencia (10).

---

(10) Acredito haver sido seleccionada, pela fórma exposta, a massa de immigrantes primitivos que procuraram o planalto paulista.

Não penso poder-se applicar á Iberia as theorias anthroposociologicas de Lapouge sobre a maior migratibilidade do dolico louro, "*europaeus*" (gobinismo).

A se crer no postulado supra de Lapouge, dolico-loura teria sido essa massa de povoadores do nosso torrão. A Peninsula, porém, nessa epoca do povoamento, não teria no seu conjunto anthropologico senão uma infima e absolutamente imponderavel porcentagem de verdadeiros dolico-louros, "*europaeus*".

A phase das guerras da reconquista, a se crer na maior bellicosidade e espirito aventuroso e emprehendedor do dolico-louro (gobinismo) e na sua maior Eugenia, emfim, como quer Lapouge, teria senão totalmente eliminado por selecção, ao menos reduzido o louro a uma proporção infinito-decimal, na immensa massa de mediterraneos, mais poupados por essas luctas selectivas.

A França conheceu dessas mesmas selecções guerreiras, como affirma Lapouge, diminuidoras da sua porcentagem de dolico-louros *europaeus*, occorridas na Edade Media, com as cruzadas, as quaes, entretanto, não podem de fórma alguma hombrear-se com as guerras da reconquista peninsular, não só pela sua duração, como pela crueza e ferocidade dos prelios, impulsionados pelo fanatismo religioso proprio das gentes que se degladiavam na Iberia (o hispanico e o mouro marroquino sempre se evidenciaram muito mais crueis e fanaticos do que os arabes e francezes).

Se, porém, dessa lucta secular contra o mussulmano, a Peninsula de todo não perdeu os seus louros, as epopéas da navegação, da conquista da India ou do avassalamento da America, se teriam encarregado de seleccionar eliminadoramente os ultimos vestigios sérios desse elemento "*europaeus*" na Peninsula. Assim, quando o povoamento do planalto se iniciou, depois de 1534, a Iberia só teria gente de outros typos, principalmente do mediterraneo, para enviar para a colonização.

Corroborando nessa idéa de que o povoador era antes moreno do que louro, Paulo Prado, citando Nicolau Popplan, "*Viajes extrangeros*", fal-o de côr morena e de cabellos pretos; e de accordo com Costa Lobo, "*Historia da sociedade em Portugal no seculo XV*", pinta a sua psychologia com as seguintes palavras:

> "O portuguez dessa epoca era fragueiro, abstemio, de imaginação ardente e propenso ao mysticismo. O caracter independente não constrangido pela disciplina, ou contrafeito pela convenção. O seu falar era livre, não conhecia rebuços, nem euphemismo de linguagem. Ninguem pensava em acobertar factos notoriamente publicos, quaesquer que fossem. A tempera era rija, o coração duro... (Paulo Prado, "*Paulistica*", 16 e 17).

Capitulo IX

O POVOADOR E O MORADOR

Selecções migratoria, mesologica, pathologica e sexual — Consanguinidade.

> "Il est probable que les unions consaguines aux degrés aujourd'hui prohibés sont unes des causes de la grande stabilité des civilisations antiques.
>
> Avec ce regime l'Egypte a demeuré cinquante siécles sans flechir.
>
> Toutes les donnés de la biologie permettent d'affirmer que les mariages entre frères et soeurs devaient aboutir à fixer les races et apportaient plus vite les familles tarées et stereotypant les autres. (Lapouge, "*Selections*", 329).

*

* *

> "*A consanguinidade eleva a herança á sua mais alta potencia* (*Sanson*).

Como estudei, o meio social da Peninsula, no seculo XVI, quando se iniciou o povoamento do nosso planalto, dividia a população em dois planos distinctos quanto á distribuição das riquezas. Em um estava a velha aristocracia, dos condes, duques, viscondes, marquezes, etc. Eram os restos esfrangalhados da nobreza mediana, que em passado bem proximo fizera a grandeza da Iberia. Entremeada com ella estava a rica bur-

guezia, composta dos opulentos commerciantes da rua Nova dos Mercadores, enriquecidos extraordinariamente graças ao trafico das Indias.

Em outro plano, muito desnivelado, se achava a plébe miseravel, a burguezia pobre, que não havia conseguido elevar-se graças ao prestigio do ouro, pois nunca haviam conseguido galgar os degraus que separavam a miseria da fortuna. Finalmente, encorporados a este plano existiam ainda uns poucos elementos da nobreza mediana, cahidos da antiga opulencia e, portanto, do convivio com a côrte.

Os elementos constituidores deste plano, na Iberia, durante muito tempo se depuravam pelas selecções, que já analysamos acima, emquanto que os daquelle plano mais acima referido, caminhavam na vereda da mais accelerada decadencia.

Assim, os povoadores do planalto só poderiam ser recrutados entre os que a miseria, filtrando a Eugenia, concentrava nos nucleos formados pelos companheiros de Martim Affonso, e nos que vieram após, seguindo-lhes a esteira. Tanto mais isso assim foi, porquanto é regra indiscutivel que só emigram os fortes, os aventureiros, os audazes, os ambiciosos, de espirito varonil, de alma robustamente emprehendedora, toda saturada de coragem. Esses só ousavam afrontar os ignotos perigos de uma problematica travessia oceanica, que durava longos mezes nas minusculas caravelas ao sabor das tempestades e vendavaes. Além disso, só esses poderiam afrontar as perspectivas de uma vida agreste, no seio de um continente selvagem. Os fortes, os aventu-

reiros, só eram encontrados na classe pobre da plébe e da burguezia (1).

Lapouge proclama muito alto essa verdade, e particularmente feliz foi Oliveira Vianna, a esse respeito, em um dos seus trabalhos de anthroposociologia.

Acho que a selecção emigratoria foi um dos mais poderosos factores, senão de todos o mais efficiente, em nos proporcionar uma pleiade de colonizadores como os que iniciaram a epopéa bandeirante, e foram os proximos antepassados desses gigantes titans, que espantaram ao sabio Saint-Hilaire.

Essa foi sem duvida a primordial selecção depuradora dos elementos com que Portugal e Hespanha iniciaram a colonização do nosso planalto. Ella foi recrutada nas camadas sociaes desafortunadas da abastança, mesmo porque é muito logico e salta aos olhos que os elementos fartos em cabedaes e providos de abundantes meios de vida não emigrariam para um paiz onde o menor conforto era absolutamente inexistente e a menor condição para um soffrivel viver era mesmo um absurdo. Ninguem em Portugal, que possuisse a menor parcella de haveres, se sujeitaria ao expatriamento, para viver entre feras e anthropophagos, em um lugar selvagem, abandonado do mundo e esquecido de Deus.

Com isso se faz clarissimo que a gente colonizadora tenha vindo das baixas camadas desprovidas da fortuna e desprotegidas da sorte. Só ahi pulsavam vi-

---

(1) "O terror que inspiravam a inclemencia da natureza e a ferocidade do indio fazia gelar a coragem e avidez dos mais fortes", diz Rocha Pombo, "*Hist. do Brasil*", vol. III, pag. 141, nota 1.

brantes os restos da Eugenia peninsular, consumida na maior parte da fórma que ficou marcada. Só ahi se erguia a magnifica herança deixada pelos velhos cavalleiros da reconquista, pelos desvendadores dos mares ignotos e conquistadores dos continentes.

Emquanto que nas altas espheras os fidalgos e "nouveaux riches", burguezes e judeus, se esterilizavam na abundancia, essas classes desfavorecidas do dinheiro se multiplicavam em uma fecundidade prodigiosa, que adensava extraordinariamente as populações. Estes phenomenos, augmentando as difficuldades de vida nos reinos, impelliam os individuos mais audaciosos, mais aventureiros a sahir para um meio novo, onde o peso da miseria fosse menos oppressivo, ainda que tivessem que luctar com as agruras martyrizantes de um ostracismo perpetuo, em lugar desprezado pela civilização.

Viriam para a America, escapando á miseria em Portugal. A America para elles seria uma tabua de salvação, e nunca uma aventurosa tentativa de fortuna facil.

A America, para elles, seria um escoadouro natural da população concentrada; ahi elles se isolariam do resto do mundo civilizado, não vinham trazidos por um desejo incontido de enriquecer, mas sim por uma necessidade de viver, o que era quasi impossivel nas condições que cercavam a metropole.

Eis as razões que presidiram ao povoamento do planalto nos dois primeiros seculos.

Elementos sahidos de um plano social e economico inferior, onde, porém, abundantemente se achava a efficiencia peninsular; seleccionados pelo espirito emi-

grador, vinham, na lucta pela vida, em busca de uma patria nova, onde as condições de vida fossem menos arduas.

As condições sociaes que determinaram a expansão colonizadora não se limitavam unicamente a Lisboa, e mais centros populosos peninsulares. Ellas estendiam-se por todos os recantos ibericos, cujo territorio já naquella epoca era semeado de aldeias e povoas que entrecortavam as terras da pequena agricultura, dos rendeiros plebeus.

As terras portuguezas, já naquella epoca, não podiam comportar a população, tal a pouca uberdade desse sólo. Por isso, em meados do seculo XV já havia sido determinada a emigração para as ilhas, as quaes tão rapidamente se povoaram que, ao se iniciar a colonização do planalto paulista, grande foi o caudal migratorio que dalli procurou o meio mais amplo das terras altas vicentinas. Ahi mais á vontade poderia fazer actuar a prolificidade que as selecções em Portugal haviam determinado. Malthus teria tido razão se a sua theoria fosse applicada sómente a Portugal.

Se toda a peninsula concorreu para o povoamento do nosso planalto, entretanto, de algumas regiões a corrente emigratoria foi mais sensivel, e nem de todas ellas o indice eugenico foi igual.

Assim, é certo que a região sulina de Portugal, comprehendendo o Alémtejo, a Extremadura portugueza e o Algarves, nos mandou cerca de 28 % dos povoadores de origem conhecida, porcentagem igual á que a região do norte luso nos enviou.

Mas a Eugenia dos 28 %, que o sul produziu e de seus descendentes, de muito excedeu a demonstrada

pelos 28 % do norte e seus descendentes, quer tenhamos em vista os feitos praticados pelos sertanistas, os quaes deram mostra de superioridade moral, physica e intellectual, quer se compare a fecundidade, a longevidade e a varonilidade, de que uns e outros deram mostras (2).

Mas se de Portugal o maior contingente eugenico foi indubitavelmente do sul, em relação á Hespanha a desproporção em desfavor das regiões do norte ainda foi mais accentuada, quer se tenha em vista o numero dos immigrantes, quer o valor de cada um, representado pelas virtudes a elles inherentes, bem como aos feitos no sertanismo.

Dos povoadores oriundos do norte portuguez; sabemos os seguintes:

Da Galliza: Jorge de Barros Fajardo, Gaspar Gonçalves de Araujo e dom Francisco de Lemos, este de Orense; (os originarios da Galliza, Pedro Taques nos offerece como portuguezes);

do Douro: Salvador Pires, Garcia Rodrigues e sua mulher Isabel Velho, Manuel Ferraz de Araujo, Braz Cubas, Gonçalo Nunes Cubas, Antonio Cubas, Catharina Cubas, os quatro irmãos Gayas, Magdalena Feijó de Madureira (mulher de Estevam Ribeirão Bayão) e Sebastião Gil, quasi todos do Porto;

do Minho: João Maciel, Simão Jorge, Gonçalo Camacho, Pero Collaço, Estevam da Costa, Martim da Costa (estes tres ultimos companheiros de Martim Affonso),

---

(2) Entre os grandes bandeirantes oriundos do norte portuguez ou possuidores de sangue de povoadores do norte, preponderantemente, apenas se distinguem os Maciel, os Pires, os Moraes, os Jorge Velho, os Garcia Velho.

Pero de Araujo, Gaspar Gonçalves de Araujo, Catharina de Siqueira de Araujo (mulher de Valentim Pedroso), Leonor de Siqueira de Araujo (mulher de Luiz Pedroso), Francisco Ribeiro e Manuel Francisco Pinto;

do Traz-os-Montes: Balthazar de Moraes de Antas, Gaspar Vaz Guedes e Simão Borges de Cerqueira, estes dois de Mezãofrio;

da Beira: Antonio de Proença, Paulo de Proença, Antonio Rodrigues de Miranda, Antonio Rodrigues de Alvarenga, Ruy Pinto, Francisco Pinto e Antonio Pinto (estes tres ultimos companheiros de Martim Affonso). Antonio Gomes Pereira, Isabel do Espirito Santo, Serafino Corrêa, João Corrêa de Magalhães.

Do sul de Portugal, conseguimos apurar os seguintes povoadores:

Do Algarves: Pedro Vaz de Barros, Antonio Pedroso de Barros, Sebastião de Freitas, Gonçalo Simões Chassim e Antonio do Canto de Mesquita;

do Alémtejo: João do Prado, Antonio Raposo, o Velho, Antonio Raposo Tavares, Diogo da Costa Tavares, Estevam Ribeiro Bayão Parente, Antonio Rodrigues de Almeida, Manuel Fernandes Ramos, Francisco Rodrigues da Guerra, João Rodrigues Bejarano, Simão da Costa, João Pereira de Sousa Botafogo, Manuel de Avila, Lourenço Franco Viegas, João Franco Viegas, Francisco Miranda Tavares, Diogo Martins da Costa e Luiz Cabral de Tavora;

da Extremadura: Domingos Dias e sua mulher Antonia de Chaves, Antonio Castanho da Silva, Maria Castanho (mulher de Antonio Rodrigues de Almeida), Francisco Rodrigues Penteado, Antonio Raposo da Silveira, Balthazar Lopes Fragoso, Diogo de Arias de

Aguirre, Isabel Rodrigues (mulher de Francisco Taques), Isabel Paes (mulher de Pero Leme), Diogo da Silva, Manuel Antunes de Araujo, Manuel João Branco, Francisco João Branco, Manuel Soeiro Ramires, João de Barros Freire, Miguel de Almeida Miranda (genro de João do Prado).

Da parte central de Portugal, isto é, da parte sul da Beira, junto á serra da Estrella, conseguimos apurar os cinco seguintes povoadores:

João Ramalho, de Viseu, Domingos Cordeiro e sua mulher, Antonia de Paiva, Valentim Cordeiro, estes de Coimbra e Espinhel, e Constantino Coelho.

Dentre os hespanhoes, que numerosos aportaram a S. Vicente, colonizando o planalto, sabemos dos seguintes. Do Sul:

De Sevilha: — Bartholomeu Bueno da Ribeira, Juseppe de Camargo, Francisco Martins Bonilha e sua mulher, Antonia Gonçalves; Bernardo de Quadros, Pedro Fernandez Aragonez (Malaga), Jorge Moreira (rio Tinto); Antonio del Campo (mãe de Felippe de Campos) e João Martins de Aguirre;

da Extremadura: Dom Pedro Matheus Rendon, dom Francisco de Rendon, dom José de Rendon e dom João Matheus Rendon, todos da cidade de Coria, ao sul da serra da Gata;

de Leão: Diogo de Lara y Ordonez, de Zamora;

de Castella Velha: Pero de Carassa.

Hespanhoes, cuja proveniencia não pudemos determinar:

Domingos de Amorez, Gabriel Ponce de Leão, Bartholomeu de Torales, André de Zunega, Bartholomeu de Contreras, Juan Espinola y Gusman, Juan de Santa

Maria, Balthasar de Godoy, Martim Rodrigues Tenorio de Aguilar, Barnabé de Contreras y Leon, Paulo Anhaya, Alonso Perez Calhamares e Jaques Felix.

Dos portuguezes ilhéus, conseguimos determinar os seguintes:

Paschoal Leite Furtado, Mathias Cardoso de Almeida, dom Simão de Toledo Piza, Antonio Rodovalho, Sebastião Fernandes Corrêa, João de Abreu, Pedro Alvares Cabral, Manuel da Costa Cabral, Manuel Dutra Machado, Francisco de Arruda e Sá, André de Sampaio, Sebastião de Arruda Botelho, Manuel de Sampaio Pacheco, Antonio Bicudo Carneiro, Vicente Bicudo, estes dos Açores, Pero Leme e sua mulher, Luzia Fernandes, Braz Teves, João Mendes Geraldo, José Gomes de Gouvêa, Francisco de Mendonça, Domingos de Góes, Catharina de Mendonça (3).

Estrangeiros á peninsula foram:

Flamengos: Cornelio de Arzam (puro sangue); Pedro Taques Pompeu (meio sangue por seu pae, Francisco Taques); Felippe de Campos Bandemborg (meio sangue por seu pae); Antão Leme (1|16 de sangue por seu tataravô Martim Lems).

Italianos: Thomaz Mainardi, de Florença e Maria Doria, de Veneza.

Francezes: Estevam Furquim e Guilherme de Novilher.

Inglez: Henrique Barewell.

Allemão: Geraldo Bettink.

---

(3) As populações das ilhas portuguezas do Atlantico eram originarias do Algarves e do Minho, segundo nos relata Oliveira Martins, "*Brasil e as colonias Portuguezas*", 4. —

Synthetizando, os elementos que conseguimos identificar foram:

da Galliza	3
do Minho	11
do Douro	15
do Traz-os-montes	3
da Beira	11
Total — Norte	43
do Algarves	5
do Alémtejo	16
da Extremadura	21
Total — Sul	42
do Centro	5
dos Açores	16
da Madeira	7
Total das ilhas	28
do sul da Hespanha	13
do norte da Hespanha	2
Hesp. indeterminados	13
Total hespanhoes	28
Estrangeiros	10

Eis, com aproximação, quantitativamente, como, em média, se poderão conhecer as origens dos colonizadores da capitania vicentina, que tão razoavelmente Oliveira Vianna qualifica de elite das populações ibericas, por terem buscado, nas selvas da America, a aventura tenebrosa e os ideaes dourados, de preferencia á seden-

taria e aconchegada vida nas terras peninsulares. O espirito emigrador define o forte.

Quanto ao valor do cabedal eugenico trazido por essa gente é facil determinar, uma vez que se tenha em conta que, entre os povoadores oriundos do sul peninsular, estão os Buenos, os Camargos, os Raposo Tavares, os Góes Raposo, os Penteados, os Prados, os Vaz de Barros, os Fernandes Ramos, etc., de cujos troncos sahiram os principaes creadores da epopéa bandeirante, os que no planalto se mostraram mais fecundos, mais longevos, etc., como se poderá ajuizar de estudos mais detalhados em outros capitulos.

As demais figuras do bandeirismo, que não pertenceram a troncos originarios do sul da Peninsula, se filiavam em maior parte ás estirpes provindas das ilhas, como os Bicudos, os Lemes, os Leite Furtado, os Cardoso de Almeida, etc.

*
* *

Ao chegar á colonia vicentina, esse nucleo seleccionado de povoadores teria logo de entrar em lucta com o novo meio physico.

Se é certo, como affirmou Broca no seu "*Remarques du revivre sur la seleccion sociale*", que uma sociedade que se aperfeiçoa attenua progressivamente os effeitos brutaes da selecção natural ordinaria, caminhando, por outro lado, por augmento correspondente de intensidade de selecções sociaes, temos que os colonizadores peninsulares trazidos de um meio civilizado da Europa, onde as selecções sociaes deveriam pesar em maior escala na lucta pela vida e outras vicissitudes decorrentes

da collectividade humana mais aperfeiçoada, quando atirados no meio selvagém do planalto vicentino, onde não havia o menor vislumbre de civilização, teriam visto mudar por completo o seu campo de batalha pela vida.

Ahi os homens teriam a enfrentar as selecções naturaes, que se exerciam mais intensamente do que qualquer outra, e ao primeiro passo dado por esses europeus, nas praias vicentinas, já deveriam ter sentido o torrido effeito do bafo candente desse clima de fogo do nosso litoral a deprimir-lhes as forças e a diminuir-lhes as energias.

Lançados na mesologia do nosso planalto paulista, quaes teriam sido as consequencias occorridas aos nossos avós dos primeiros seculos?

E' principio muito conhecido que o meio, seja elle qual for, determina uma selecção no individuo que lhe é adventicio. Qual teria sido ella e quaes os seus effeitos na massa de povoadores?

Os effeitos dessa selecção não podiam deixar de ser beneficos fazendo que o já seleccionado nucleo de colonizadores passasse, ainda, por mais uma prova depuradora de elementos menos aptos a viver no meio sertanejo das nossas selvas.

Aos mais fracos e aos menos resistentes ás intemperies, as agruras do novo meio não podiam deixar de se fazer sentir de um modo brutal e formidavel. De todos, é conhecida a grandeza dos elementos da nossa natureza, contra os quaes o emigrante da peninsula iberica tinha de luctar, sem estar munido de recursos de valia, com o que a vida dessa gente não podia deixar

de ser quasi equiparavel á dos indigenas, na sua rudeza e simplicidade primitiva.

Viveriam ao ar livre, em um clima diverso do a que estavam adaptados na Europa, tendo por abrigos as copas verdejantes da matta, por companheiros nas sendas bravias a féra e o anthropophago, com os quaes luctavam (4).

A alimentação seria a caça e a pesca e, na carencia destas, deveriam contentar-se com as raizes das arvores. Tal seria, aproximadamente, o meio em que o europeu devia ser adaptado. Quantos teriam baqueado, perdendo a vida nesta provação tremenda, corroidos pelas molestias novas e debilitados pela lucta sem descanso? Quantos teriam visto o desanimo, o desalento e o desespero entrar acompanhando a decadencia physica, para com elles ser entumulado em qualquer outei-

---

(4) Taunay, na sua *"Na Era das Bandeiras"*, pg. 34, assim se exprime sobre os povoadores do planalto:

> "... de que era como uma aldeiola qualquer, pauperrima e pacifica, de Portugal, habitada por gente rude exclusivamente entregue ás preoccupações materiaes de uma vida grosseira e aspera.
>
> A este aspecto psychologico, outro se enxerta resultante das condições de intranquillidade em que vivia o arraial rodeado do mysterio da selva proxima, inteiramente ignota, estabelecido a alguns kilometros de anthropophagos, e podendo de um momento para outro ser aggredido e quiçá arrazado pelos selvagens. Para ser morador em Santo André precisava certamente possuir alguem uma fibra de pouco vulgar energia e desprendimento da vida que se não coaduna com a brandura e os sentimentos humanitarios e altruisticos...
>
> *Aos fracos deviam as condições do ambiente eliminar."*

ro descalvado e á sombra de uma cruz tosca, deixando a vida anonymamente e sem posteridade? (5).

---

(5) "Le role de la selection dans l'acclimatement d'une race est bien souvent méconnu: il importe de le mettre en evidence. Quand une population est transplantée d'un pays dans un autre toujours une mortalité plus au moins intense, chez les enfants surtout, et encore plus chez ceux qui viennent à naître dans le pays colonisé. Au bout d'un certain temps, on dit que la population est acclimatée, c'est lorsqu'elle commence a augmenter par reproduction et que decidément les naissances compensent et au dela les pertes.

Mais si certains immigrants meurent et, si d'autres survivent, c'est qu'il y a resistence inégale au climat, et la generation nouvelle resiste d'autant mieux qu'elle descend des sujets qui ont pu resister eux "êmes". Lapouge, "*Selections*", 133.

Não nos seria dado offerecer melhor exemplo confirmador dessa regra do que o que se póde observar na cidade de S. Paulo, modernamente.

A cidade, cuja população attrae uma immensa quantidade de estrangeiros oriundos de climas mais frios, tem uma formidavel porcentagem de mortalidade infantil, a qual se procura em vão atalhar. São os filhos desses estrangeiros que soffrem a acção selectiva do novo meio climaterico.

*
* *

Confirmando essas idéas, Quatrefages assim se manifesta acerca da influencia mesologica da acção de acclimamento:

> "Presque partout la lutte est inévitable; elle est d'autant plus rude et plus longue qu'il y a un desaccord plus marqué entre les deux elements d'ou depend la solution du probléme, savoir:
>
> la constitution physiologique des immigrants, et les conditions que leur impose le milieu dont ils viennent affronter l'influence.

Só puderam atravessar este dolorosissimo perigo inicial de colonização os individuos provadamente fortes, os expoentes eugenicos da raça, de moral alevantada e enaltecidos pela lucta victoriosa que sustentavam com a natureza, de espirito emprehendedor, inventivo, de recursos e improvisador de meios, os quaes não se deixaram abater pelo desanimo do isolamento e das agruras dolorosas que o novo mundo teria produzido.

Só a esta gente foi dado perpetuar-se, reproduzir-se, e, portanto, só a ella foi o povoamento do nosso torrão entregue pela natureza, que se era formidavel, como proclama Buckle, queria para o seu desbravador um individuo digno da sua grandeza.

Tal teria sido o typo do povoador vicentino.

Só elle poderia ser originador da "*Raça de Gigantes*".

Só as suas virtudes poderiam explicar os phenomenos do bandeirismo (6).

> La lutte pour l'acclimatation peut être assez violente pour tuer un nombre plus ou moins considerable des colons. Il y a dans ce cas sacrifices d'individus. Elle peut aussi les laisser vivre tout en les affaiblissant et l'action délètère du milieu ne se revèle alors que dans la mortalité plus grande des enfants". ("*L'Etude des Races Humaines*", 149).

Esse phenomeno se realisou na colonização franceza da Argelia.

No principio a selecção mesologica foi muito rigorosa, causando uma espantosa mortalidade, principalmente entre as crianças, mas nas subsequentes gerações o acclimamento se foi realizando graças a a fecundidade não ter sido attingida pela mesologia, o que tornou possivel ao francez o habitat norte-africano, aliás não tão rigoroso quanto o de muitas regiões brasileiras.

(6) Já o elegante escriptor, e sagaz historiador patricio Paulo Prado, fez, no seu interessantissimo "*Paulistica*", essa observação concernente á selecção do clima:

Com a exposição supra, verifica-se que o altiplano paulista era povoado por um nucleo humano de estupenda e soberana eleição, do qual era de esperar, sem embargo de ser numericamente reduzido, os grandes prodigios que de facto realizaram, no decurso da evolução dos capitulos memoraveis da historia desta terra.

> "Só afrontam a asperezá do clima os mais aptos e os mais resistentes; desse processo de selecção vem a extraordinaria mortalidade infantil ainda notavel no S. Paulo moderno".

*
* *

Ainda a esse proposito convem reproduzir as palavras de Lapouge no seu "*Race et Milieu Social*", pg. 25, bastante suggestivas para o nosso seguimento de idéas:

> "E' um facto geral que os traços deixados pelos conquistadores ou os immigrantes em um qualquer paiz, são muito pouca coisa em proporção á quantidade total de sangue estrangeiro introduzido no paiz. No curso dos tempos o Egypto recebeu uma somma total de immigrantes, talvez varias centenas de vezes sua população actual. Que resta das dezenas de milhões de negros trazidos do Alto Nilo? Que resta dos asiaticos e dos europeus até os gregos? Que resta mesmo dos arabes e dos turcos? Se o typo médio apenas variou depois dos primeiros pharaós, e depois de sete mil annos de cruzamento, é difficil achar os individuos de typo estrangeiro que não sejam de introducção recente. A massa de escravos importada na Italia pelos romanos, e que se deve contar aos milhões, não deixaram muitos traços; nem mais certos do que os gaulezes, os lombardos ou os normandos. Os negros da America, que são o unico exemplo nitido de acclimamento (quanto ao planalto paulista provoi o contrario), acharam uma patria menos perigosa que a antiga, e ahi melhor se propagaram, tanto mais que não tinham concorrentes indigenas.

Uma analyse profunda e imparcial, despida de qualquer especie de preconceitos, e livre de qualquer assomo de paixão, obriga á descida aos escaninhos mais reconditos da organização social paulista das primeiras éras, embora ellas nem sempre espelhem as causas immediatas das virtudes que embaseiam a nossa grandeza.

Ao par dos innumeros factores beneficos á raça, outorgados pelo meio social, é de imperiosa necessidade que se façam notar as más consequencias nos agglomerados do planalto, resultantes dessa mesologia social do povoador. Resaltaremos a inexistencia entre os paulistas das primeiras epocas, da selecção sexual, mesmo porque o facto de esta poderosa alavanca aperfeiçoadora das raças humanas não haver sido aproveitada na evolução anthroposocial do paulista, gerou, por outro lado, factores de outra natureza, que foram concorrer beneficamente para a Eugenia da raça.

Assim, verificar-se-á que nessa evolução dos moradores de "serra acima", os factores que impulsionaram

---

O acclimamento definitivo dos brancos, mesmo nos Estados Unidos, é ainda um problema porque, se a população branca cresce, a natalidade das familias estabelecidas depois de muitas gerações parece muito ameaçada em razões de ordem tanto physiologicas como sociaes.

Mesmo o negro no planalto paulista está sendo eliminado, pela selecção mesologica de natureza climatologica.

Analysei estatisticas contidas no "Annuario Demographico" estadual, chegando a concluir que o negro e o mulato têm uma mortalidade pela tuberculose pulmonar 9 vezes maior do que o branco, no planalto, emquanto que no litoral. essa mortalidade pela tuberculose pulmonar é igual entre negros e mulatos e brancos, o que prova que o clima planaltino está seleccionando o negro e o mulato, poupando o branco que tem o apparelho respiratorio mais forte. (*"Populações Paulistas"*. - Ellis).

progressivamente a Eugenia de muito preponderaram sobre os que tendiam para o seu entorpecimento e a sua marcha regressiva.

Estudemos de relance essas reacções anthroposociologicas, tanto as favoraveis, como as que antolharam a marcha progressiva do povo planaltino.

Quando, no ultimo seculo, Darwin inventou a sua theoria da selecção natural, a qual deu particular impulso no transformismo de Lamarck e de Geoffroy de Saint-Hilaire, creou, tambem, para amparal-a, a noção da selecção sexual, que foi particularmente aproveitada por seu sobrinho Francis Galton, no estudo da Eugenia, a qual fazia repousar na força formidavel da selecção sexual humana que, segundo Broca, é o mais poderoso agente na melhoria das raças.

De facto, a conjuncção de dois seres, bem dotados, aproximados pela mutua attracção, que chamamos amor, deve por força produzir seres bem conformados.

Se essas uniões não fossem, diz Broca, pelo seu pequeno numero absorvidas na massa enorme dos casamentos pelo interesse, e constrangidos pelas condições sociaes, a selecção sexual daria logo uma preponderancia numerica crescente ás naturezas de elite, que são excepcionaes (Lapouge, "*Race et milieu social*").

Se é certo que, no planalto, as correntes eugenicas fizeram uma raça forte, não havia entretanto uma organização social que permittisse a coparticipação da selecção sexual no grande numero de forças agindo na melhoria da raça. O meio social paulista tinha por base a familia iberica, com a sua organização eminentemente patriarchal, na qual o *pater familias* era o senhor absoluto e imperante. Nella o espirito tacanho do

portuguez retrogrado deveria dominar, emmoldurado por aquella austeridade de costumes, firmeza de principios e severidade dos caracteres primitivos. Com isso não podia ter lugar o desenvolvimento da selecção sexual, força aperfeiçoadora formidavel, sobre a qual Charles Darwin edificou todo o seu systema scientifico monumental (7).

De facto, para que a selecção sexual pudesse exercer-se livremente e de uma maneira sensivel, determi-

---

(7) O espirito arguto de Oliveira Vianna, a proposito desse desmedido poder do "pae de familia", assim se exprime com grande felicidade:

"E' immensa a acção educadora do "pater familias" sobre os filhos, parentes e aggregados, adstrictos ao seu poder.

E' o "pater familias" quem por exemplo dá noivo ás filhas escolhendo-o segundo as conveniencias da posição e da fortuna. Elle é quem consente no casamento do filho embora em sua maioridade. Elle é quem lhe determina a profissão, ou lhe destina uma funcção na economia da fazenda. Elle é quem installa na sua vizinhança o dominio dos filhos casados, e nunca deixa de exercer sobre elles a sua absoluta ascendencia patriarchal. Elle é quem os disciplina quando menores com um rigor que hoje parecerá barbaro, tamanha a severidade e a rudeza..." "Populações Meridionaes", 42.

"Os casamentos dos filhos eram resolvidos entre os respectivos paes, e os noivos quasi sempre se viam pela primeira vez, na egreja, á hora do acto."

Washington Luis — *"Capitania de S. Paulo"*. 18 —

*
* *

"Parece que em 1819 e 1820," diz Saint-Hilaire, *"não havia em S. Paulo mais convivencia social que nas outras cidades do interior do Brasil, nem as mulheres se mostravam mais... Tinha eu ido á casa de um dos mais honrados personagens da cidade, e como era hora de jantar convidou-me e eu acceitei o convite; porém jantamos sós, sua esposa não appareceu."*

nando um coefficiente de Eugenia, seria preciso haver liberdade de escolha reciproca, entre os procriadores da especie. Ora, essa liberdade que faria aproximar os seres bem dotados de Eugenia, e que hoje é cerceada na nossa sociedade pelo interesse pecuniario, mola principal de immensa maioria dos casamentos, já nessa epoca longinqua dos primordios da nossa gente, não existia, tolhida pela organização patriarchal da familia paulista, identica á da familia iberica. No planalto paulista a força despotica, mesmo tyrannica do *pater familias*, determinava um meio esterilizador da selecção sexual. Nas classes elevadas, as uniões conjugaes não se faziam de accordo com as inclinações reciprocas do homem pela mulher, e da mulher pelo homem, que os seus sentimentos do bello e do bom elegiam. As uniões tinham lugar de conformidade com a "*suprema voluntas*" do patriarcha, que previamente determinava, de accordo com outros chefes de familias, seus amigos e principalmente parentes, quem seria o marido de sua filha casadoira, ou a mulher de seu filho em condições de tomar estado. As relações de parentesco eram grande força na escolha dos conjuges, coisa determinada pelo regimen de estreita communhão da parentela, existente em S. Paulo e seus satellites, instituição que já vae para o occaso do passado longinquo na vida do planalto.

Esse systema de effectuar casamentos, aliás, não era difficultado pela vontade juvenil e poetizada dos conjuges, porque a mentalidade das moças de então, todas analphabetas, não era fertilizada pela leitura romantica, que traz esse estado da alma, não sendo tambem as occupações dos rapazes dessas éras de molde

a desenvolver a esses extremos a imaginação masculina, sempre entretida no desvendar do mysterio longinquo, encoberto pelo ennevoado horizonte de um sertão sem fim.

Os costumes da vida feminina paulista dos primeiros seculos representam, tambem, importante factor diminuidor das possibilidades dessa selecção sexual. A mulher portugueza, talvez em lembrança dos dias passados em contacto estreito com os servidores de Allah, que por longos seculos imperaram na peninsula, vivia sempre occulta aos olhos masculinos. Isso teve continuação na sociedade rigida, e de grande pureza, como era a paulista do planalto. Ahi a mulher, muito se assemelhando á mahometana de quem descendia, não se mostrava, conservando-se na austera mansão do lar, na estreita convivencia da sua parentela, de onde sahiam os seus futuros esposos, excepcionalmente escolhidos pelo chefe da familia entre os seus amigos, estranhos aos laços de consanguinidade.

Até em epoca bem aproximada, ainda se podiam observar os restos dessa organização social, em S. Paulo. Se lançarmos uma vista sobre o seculo XIX, com a leitura dos documentos de publicação official, outra coisa não nos autoriza a deprehender.

O interesse pecuniario, aliás, não era, já nesse seculo, completamente banido das conveniencias determinadoras dos casamentos, pois, como se vê dos documentos ("*Inventarios e testamentos*"), os paes dotavam as filhas, pagando aos genros uma certa importancia, em dinheiro ou em bens, previamente combinada e

ajustada, nos "*esponsalia*". Já era o maldito "*virus*" do interesse material que sorrateiramente ruia a Eugenia da população.

Muito contrariamente do que seria de pensar, os prejulgados aristocraticos e pundonores de fidalguia, as prosapias de genealogias, não foram factores de monta para a não effectivação da selecção sexual. Como já estudamos, os povoadores do planalto vicentino não eram provenientes das mais elevadas camadas sociaes da peninsula, mas sim das espheras plebéas, da burguezia e de uns poucos elementos da velha nobreza decahidos dos galarins. Estes, bem como os raros titulares, aliás modestissimos cavalleiros fidalgos, que vieram ao planalto no primeiro seculo, tiveram que se nivelar, em um pé de perfeita igualdade, ao resto da corrente immigratoria, de maneira a não serem permittidos esses luxos e prejulgados, oriundos de linhagens que não tinham, ou se tinham, ignoravam, ou, ainda, se haviam dellas esquecido.

Isto fez com que os preconceitos de classes, no meio social paulista, fossem tabua raza, nada influindo nos casamentos que no planalto paulista nunca tiveram por motivo o numero conhecido de avós de qualquer dos conjuges.

A tal ponto ia o desinteresse nesse particular que o numero de moças, das mais bem nomeadas familias paulistas, que se casaram com mamelucos, bastardos e mal nascidos, foi muito elevado. Isso fez com que parte da classe dos illegitimos fosse absorvida pela melhor camada social. Quem analysa o trabalho de Silva Leme, chega facilmente a essa conclusão. O caso de Fernão Paes de Barros não póde servir de argumento

em contrario, porque esse paulista se casou putativamente com uma mulata, oriunda de raça negra, á qual os habitantes do planalto sempre tiveram especial aversão.

Com essas premissas, e devido á já referida organização parental, elevada no planalto a alto expoente, quasi sempre os maridos e as mulheres eram escolhidos pelos paes, dentro dessa mesma parentela. A maioria dos casamentos tinha, pois, de se effectuar em familia, muitissimas vezes entre primos irmãos, o que constituia grau prohibido, necessitando dispensa para a sua realização. O processo necessario para isso é coisa que muito abunda nos nossos archivos.

Assim, as populações paulistas, não só por esses motivos mas ainda pela pouca densidade de habitantes de serra acima, em virtude de muito maior corrente emigratoria da Iberia procurar as capitanias, muito mais ricas, do norte, iniciavam a sua multiplicação dentro dos limites da consanguinidade, sem entretanto attingir a verdadeira adelphogamia. Foi esta adelphogamia que, de tal maneira intensificada, outrora muito robusteceu as raças chaldaicas, phenicio-chananéas, egypcias, medo-persas etc., cujos caracteres duravam, fixados com uma teimosissima persistencia, através de milhares de annos, resistindo a toda sorte de superposições ethnicas (Lapouge, "*Selections sociales*", 156, 326 e seguintes).

Essa consanguinidade paulista existiu principalmente em fins do seiscentismo, quando os poucos troncos originarios, mau grado o cruzamento com o elemento indigena preexistente no planalto e constantemente trazido do sertão, e a intermittente e paulatina

chegada de elementos novos reinóes, já se achavam entrelaçados e reciprocamente saturados.

Em se tratando, porém, de populações eugenicas, parece que a consanguinidade foi antes um beneficio, porque ella, exercitada entre individuos perfeitos, diz Lapouge, é um meio de fixar a perfeição. Em abono dessa sua affirmação, o citado anthroposociologo cita o celebre caso dos mestiços de Chatam, provindos de marinheiros inglezes e mulheres Kanaks, os quaes viveram fecundos em consanguinidade não adelphogamica por mais de um seculo, quando foram absorvidos por outras populações (8).

---

(8) Além dos casos citados no texto, conhecem ainda outros, como o que o Dr. Voisin estudou no burgo de Batz, na peninsula de Croisic, onde havia uma população isolada cujos membros não se casavam senão entre si. Sobre 46 casamentos entre primos irmãos ou entre filhos destes, elle encontrou 174 filhos perfeitos e nenhum só caso pathologico.

Esse mesmo phenomeno foi observado em Paulliac, por Ferrier, por Guber em Gaust (Pyrineus), por Dally, na ilha de Brehat, pelo Dr. Duchène em Portel.

Em certas ilhas da Escossia (Saint Kilda), a consanguinidade é praticada com grande successo, o mesmo se dando na Bretanha, na França. Os weddas e os todas, na India, são adelphogamos, ou endogamos, estes, entretanto, se mantêm através dos seculos como uma das populações mais bellas de toda a peninsula hindustanica.

O Dr. Gonçalo Muniz, loc. cit., menciona ainda uma infinidade de casos observados.

Brassart, "*Etudes sur la consanguinité*", citado pelo Dr. Gonçalo Muniz, loc. cit., diz sobre os effeitos da consanguinidade.

> *A consanguinidade põe especialmente em acção a herança da familia, que eleva á sua mais alta potencia, fazendo convergir as tendencias similares dos conjuges...*
>
> *Ella favorece tanto a herança sã quanto a herança pathologica; e por isto é que, em todas as familias isentas de taras hereditarias, não exerce sobre a saude da descendencia nenhuma*

Conhecesse o illustre sabio francez as populações paulistas dos tres primeiros seculos, nas suas condições de evolução historica, e teria tido opportunidade de mencionar mais um magnifico exemplo collectivo de consanguinidade, no qual os progenitores eugenicos deram origem a uma prole numerosissima, graças á sua espantosa fecundidade.

A monumental obra de genealogia de Silva Leme está cheia desses casos de uniões consanguineas; e o paulista que hoje, com o auxilio da *"Genealogia Paulistana"*, e dos documentos de publicação official, for levantar as suas arvores genealogicas, como eu fiz em relação ás familias Cunha Bueno, Oliveira, Barros, etc., teria occasião de certificar, como eu, que os troncos ancestraes são muito poucos, ainda que repetidas vezes culminando os extremos das arvores genealogicas, nos primeiros seculos de povoamento; a razão disso está no grande numero de ligações matrimoniaes entre parentes, de fórma a diminuir o numero de antepassados, repetindo os que são communs a ambos os conjuges (9) (10).

---

influencia nociva, e só acarreta, ao contrario, os mais felizes resultados".

Da mesma maneira se manifestam Delvet, Davenport, Apert, Popenoe e Bateson, Yves Delage, Sanson, todos citados pelo Dr. Gonçalo Muniz.

(9) Assim, o Visconde da Cunha Bueno que, segundo dados fornecidos por Silva Leme na *"Genealogia Paulistana"*, teve, naturaes do planalto e pertencentes ás velhas estirpes paulistas, 4 avós que viveram em 1750-1800; — 8 bisavós que viveram em 1720-1780; — 16 trisavós, que viveram em 1700-1750; 28 tataravós, que viveram em 1680-1730; 56 5.° avós, que viveram em 1660-1700. Verifica-se que:

Os effeitos da consanguinidade não se limitavam apenas a directamente fixar a perfeição, mas tinham ainda outra fórma de agir nas populações, indirectamente melhorando-as e seleccionando-as. Sim, porque se é certo que a consanguinidade entre individuos perfeitos é um meio de se fixar a perfeição, quando appli-

---

Pero Leme figura na sua ascendencia 14 vezes; João do Prado, 11 vezes; Estevam Ribeiro Bayão, 10 vezes; Salvador Pires, 8 vezes; Paschoal Leite Furtado, 7 vezes; Henrique da Cunha, 6 vezes; Salvador Pires, o moço, 6 vezes; Piqueroby, 6 vezes; Antonio de Alvarenga, 6 vezes; Tibiriçá, 5 vezes; Pedro Vaz de Barros, 5 vezes; Garcia Rodrigues, 5 vezes; João Ramalho, 4 vezes; Antonio Bicudo, 3 vezes; João Macial, 3 vezes.

*

* *

Em relação á ascendencia do Visconde do Rio Claro, outro paulista da velha estirpe planaltina, achamos nella, encabeçando troncos formadores:

Pero Leme, 6 vezes; Antonio Bicudo, 4 vezes; Antonio de Alvarenga, 4 vezes; Tibiriçá, 3 vezes; João do Prado, 4 vezes; Pedro Vaz de Barros, 4 vezes; Antonio Preto, 3 vezes; Salvador Pires, 3 vezes; Pequeroby, 2 vezes; Balthazar de Moraes, 2 vezes; Estevam Ribeiro Bayão, 2 vezes; Balthazar de Godoy, 2 vezes.

(10) Em regra, os casamentos consanguineos na França têm a proporção de 1 a 2 por 100; na Inglaterra de 3 por 100; na Dinamarca de 3 a 4 por 100; na Saxonia de 4 por 100 e na Noruega de 6.65 por 100, segundo Mygind, citado pelo Dr. Gonçalo Muniz, loc. cit.

Das minhas pesquisas, nos trabalhos genealogicos de Silva Leme, achei as seguintes porcentagens de casamentos consanguineos no planalto:

Seiscentismo 22.3 %
Setecentismo 42.8 %

Essas porcentagens elevadissimas bem justificariam a observação de Paulo Prado, no *"Paulistica"*, 22, citando as palavras de petição de José Góes de Moraes, de que as gentes de S. Paulo se achavam *"tão travadas umas com outras, como a todos é notorio"*.

cada a individuos tarados, produz consequencias que levam á degenerescencia e á extincção da prole dessas uniões consanguineas. Ora, assim sendo, as uniões consanguineas entre os imperfeitos, produzindo a extincção, eliminam a imperfeição, fixando por outro lado a perfeição, o que se traduz em uma força magnifica depuradora dos peores elementos, agindo no sentido de só deixar perpetuar-se os que são despidos de taras. (Dr. Gonçalo Muniz — "*Consanguinidade e o Codigo Civil Brasileiro*", 59 e 60).

Mas não é só a perfeição de individuos que é necessaria para pela consanguinidade produzir bom resultado. E' preciso que os factores mesologicos, presidindo a essa consanguinidade, sejam propicios.

Assim, diz Felix Regnault, "*Consanguinité et endogamie*" citado pelo Dr. Gonçalo Muniz, na sua magnifica memoria sobre a "*Consanguinidade e o Codigo Civil Brasileiro*": "*Se existissem, numa aldeia, factores de enfraquecimento para a raça que a habita que determinem, por exemplo, febres intermittentes, escrofula, rachitismo, e se os habitantes se casarem sempre entre si, elles se abastardarão rapidamente. Mas se, ao contrario, o meio fôr são e as propriedades adquiridas sendo favoraveis, não haverá desvantagens na reproducção* inter se".

Disso se conclue, como diz o mesmo Regnault, que "*do mesmo modo que dizemos: "A paes sãos, filhos sãos", é preciso admittir tambem "A meio são, habitantes sãos"*.

Ora, no planalto paulista, como vimos, não só a gente era de magnifica selecção, mas ainda o meio

physico, como havemos de ver, era tambem muito propicio (Capitulos XV e XVI).

Assim, pois, a consanguinidade no planalto, onde ella imperava em alto grau pelas circumstancias sociaes e mais ainda pelo isolamento, tinha que ser um factor altamente benefico, no sentido de fixar e de ampliar a Eugenia na população.

Além disso, essa consanguinidade é credora de muita depuração soffrida pela gente paulista que eliminava com a degenerescencia e a esterilidade os seus maus elementos.

Capitulo X

O MORADOR

Selecção do bandeirismo — Selecção religiosa

> "La sélection réligieuse frappe donc sous cette seule forme du celibat écclesiastique plus de victime que la selection militaire..."
>
> Lapouge ("*Selections sociales*", 268).
>
> "Rara era a familia das principaes que não tinha dois, tres e mais membros religiosos."
>
> Washington Luis ("*Capitania de S. Paulo*", 17)

Proseguindo na minha analyse anthroposociologica do morador do altiplano paulista, fiz notar varios elementos, os quaes, como as selecções mesologicas, pathologica, emigratoria, e a consanguinidade, concorreram para o desenvolvimento da Eugenia paulista. De passagem fiz tambem notar a ausencia da selecção sexual, poderoso elemento benefico das populações, a qual foi determinada pelo meio social, mas que tambem pela sua formação retrograda gerou a consanguinidade. Vou agora fazer notar alguns elementos que agiram no sentido de eliminar dos nucleos de moradores os seus componentes mais eugenicos.

Refiro-me á selecção do bandeirismo, genericamente chamada selecção militar, e á selecção religiosa.

E' sabido que a selecção militar exerceu nas populações perniciosos effeitos, no decorrer da evolução historica da humanidade.

As guerras, attrahindo para as fileiras os homens mais perfeitos physicamente, como mais valorosos, não só os eliminavam, nos morticinios das campanhas bellicas, como privavam a communidade desses melhores elementos da reproducção da especie que, assim, só ficava ao cargo dos que não podiam servir nas fileiras, por incapacidade physica, resultando disso uma diminuição sensivel no potencial eugenico de cada povo attingido pelos rigores da selecção militar.

As populações do planalto paulista tambem foram alvo desse flagello. Os seus elementos mais audaciosos, mais aventurosos, mais emprehendedores viviam constantemente em correrias pelos invios sertões, afrontando toda sorte de perigos e tombando, ás vezes, ao contacto brutal com as forças da natureza, como tambem, ás vezes, cedendo á reacção que os jesuitas, os indios e os castelhanos oppunham nas suas conquistas.

Por isso elevado é o numero de inventarios feitos no sertão, de bandeirantes ahi fallecidos. As campanhas de conquista de "Tape", "Uruguay", "Guayrá", etc., custaram aos paulistas bom numero de vidas.

Por isso é que os grandes bandeirantes, os que se notabilizaram no exercicio constante de conquistas de territorio e apresamento do gentio, não deixaram prole numerosa, fazendo-se excepções entre as populações paulistas tão fecundas por excellencia. O grande Raposo Tavares, sempre no sertão, deixou um numero reduzido

de filhos (3 filhos de 2 casamentos). Manuel Preto, *"o heróe do Guayrá"*, deixou um numero limitado de filhos homens, os quaes por sua vez morreram moços no sertão do Tape, não tendo tido tempo de perpetuar a Eugenia herdada. Luiz Pedroso de Barros, arrojado bandeirante que foi morrer nos Andes, só deixou duas filhas, o mesmo acontecendo aos seus irmãos Fernão Paes de Barros e Jeronymo Pedroso de Barros; Jeronymo Bueno, fallecido no sertão, só deixou um filho do mesmo nome, tambem fallecido no sertão.

Se os melhores elementos dessa gente audaciosa de bandeirantes não eram eliminados pela flecha do indio, pelo arcabuz do jesuita, ou pela escopeta do castelhano, se os obstaculos da féra natureza não lhes ceifavam a vida, se as maleitas, as carneiradas e as palustres não os corroiam, ou se a fome, a miseria e o desconforto não os anniquilavam, ficavam elles, entretanto, por longos annos afastados de suas mulheres, o que fazia por força diminuir a sua prole.

Emquanto isso, os elementos menos atirados á vida aventurosa do sertão, os mais timoratos e sedentarios, os amantes de uma vida calma sem incidentes e menos desconfortavel, se reproduziam largamente, impulsionados pela formidavel alavanca da prolificidade paulista, fazendo augmentar os seus descendentes, que necessariamente seriam dotados de um espirito menos combativo e temerario (Lapouge, "*Selections*", 207), coisa que, evidentemente, tendia a diminuir o indice da efficiencia da população.

Não foi porém, só nisto, o consistente da selecção do bandeirismo. Além do que acontecia com os melhores elementos das populações paulistas, é preciso addi-

cionar-se o que corria parallelamente em relação ás camadas mais baixas, que formavam os corpos de armas das bandeiras. Como sabemos, os indios administrados e os mamelucos constituiam as hostes das bandeiras. Eram elles recrutados dentre as populações das espheras sociaes mais baixas, que eram a grande massa adensadora dos nucleos de habitantes de serra acima. Ora, o bandeirismo, com as suas funestas consequencias, acima apontadas, produzia nelles o mesmo resultado do que entre os seus commandantes, isto é, eliminava da reproducção os contingentes mais providos de Eugenia, deixando para semente os refugos dos corpos expedicionarios.

Eis como o bandeirismo não deixou de ser um poderoso factor depreciador da gente paulista (1).

Esse foi o preço, bem caro, pago, pelos nossos avós, para a acquisição dos territorios de além Tordezilhas.

*

* *

---

(1) A selecção do bandeirismo póde ser chamada selecção guerreira e, sobre esta, Lapouge, no seu "*Race et Milieu Social*", pg. 23, assim se pronuncia:

> "Un peuple peut subir par des causes diverses une perte considerable d'hommes, sans être privé d'une parcelle de son territoire. Ce desastre peut être le resultat de guerres, de maladies ou des famines.
>
> Tout le monde, sait quel role la guerre a joué dans la distruction des populations d'Athènes et de Sparte. Les Babyloniens et les Assyriens ont été presque anéantis par le mêmes causes, avant de disparaitre au point de vue politique. La guerre de Cent ans celle de Trente ans ont réduit dans une très forte proportion la population de la France et celle de l'Allemagne".

Estudei os factores beneficos das populações paulistas do planalto e os seus effeitos na raça, bem como iniciei o estudo dos effeitos perniciosos nella exercidos pela inexistencia da selecção sexual, e a grande influencia da selecção do bandeirismo; estudemos agora em rapidas palavras uma outra força que por longos seculos se effectivou tambem entre os moradores de serra acima, fazendo diminuir a sua potencialidade eugenica. Trata-se da selecção religiosa.

Com um espirito de observador arguto, Lapouge criticou o celibato clerical, da religião catholica, como sendo um dos maiores golpes dados no catholicismo pelo seu proprio orgão director. Explica o anthroposociologo gaulez que os clerigos são recrutados, naturalmente, entre os que para essa carreira mostram maior vocação, isto é, tendencia maior para a religiosidade, maior espirito de crença, maior mysticismo de temperamento, etc.; ora, subtrahindo á procriação os individuos dotados dessa natureza, é o mesmo que impedir que taes caracteres se reproduzam hereditariamente, fazendo com que só se perpetuem, pela reproducção, os individuos mais avessos ás vocações sacerdotaes e dotados de caracteres contrarios á religiosidade, de maneira a religião só poder perder com o celibato dos seus sustentaculos.

Isso, que constitue a selecção religiosa, teve lugar no planalto paulista, com uma intensidade formidavel em razão do espirito altamente dado ás coisas religiosas, trazido da Iberia pelos povoadores. Os resultados dessa selecção, porém, não foram apenas contrarios aos sentimentos de religiosidade do povo paulista em geral,

hoje infinitamente menos crente do que naquellas éras longinquas.

Esses resultados foram muito funestos para a raça, pois que se a livrou do mysticismo religioso, tambem afastou da reproducção os elementos de maior valor cerebral, diminuindo assim a força do intellecto da população, visto como era costume entre as familias paulistas dedicarem á carreira sacerdotal o filho que maiores pendores manifestasse pelas coisas intellectuaes. Seguindo esse destino, os melhores elementos das familias, sobre esse ponto de vista, deixavam de se reproduzir, só o fazendo os que não tinham mostrado tendencia ás coisas dependentes do intellecto.

Assim é que o numero de sacerdotes e frades em S. Paulo, recrutados dentre as familias paulistas, foi sempre elevadissimo, como faremos notar em estudo apartado. E talvez por isso os paulistas se revelaram no passado muito mediocres no concernente ás funcções cerebraes; pelo menos já foi essa a opinião do Morgado de Matheus, como tem sido já estafadamente citado.

*

* *

Desta rapida revista que passei nas selecções que presidiram á evolução da população planaltina, verifiquei que do embate de forças favoraveis e contrarias ao desenvolvimento da Eugenia nessas populações, resultou que, pugnando pelo maior indice de efficiencia, militaram todas as selecções naturaes, e muitas originadas do meio social, contra a selecção religiosa e a do bandeirismo. Desse resultado fixado e grandemente ampliado pela consanguinidade surtiu, evidentemente,

um notavel potencial eugenico, demonstrado não só pelas manifestações palpaveis do bandeirismo, mas ainda pelos que só se revelaram depois de acuradas analyses sobre a fecundidade, a longevidade, a varonilidade, etc..

A seguir passarei a vistoriar essas manifestações, para depois acompanhar a evolução da população planaltina, durante o periodo da decadencia setecentista, etc..

CAPITULO XI

O MORADOR

Fecundidade — Longevidade — Varonilidade — Selecção regressiva por emigração do seculo XVIII — Renascimento do planalto no seculo XIX.

"Dahi, para a população dos dominios vicentistas um coefficiente de natalidade assombroso. Nelles a producção humana se faz grande, como a lavra dos cannaviaes". Oliveira Vianna — (*"Popul. Meridionaes"*, 93).

*

* *

"... é cheia de velhos mais que centenarios porque em quatro juntos e vivos se acharam quinhentos annos". Padre Fernão Cardim — (*"Narrativa Epistolar"*).

*

* *

"O clima desta provincia é geralmente muito temperado de bons e delicados ares e mui sadios, onde os homens vivem muito, até 80, 90, e mais annos, e a terra está cheia de velhos". Padre José de Anchieta — (*"Informação do Brasil"*).

*

* *

"Os emigrantes empobreciam sua terra pelas despesas que faziam com os aprestos da viagem; por falta de braços ficavam as lavouras desamparadas e sem trato as criações, e as casas se iriam arruinando." — Saint-Hilaire.

Estudei rapidamente alguns factores causaes pró e contra o desenvolvimento da Eugenia, nas populações de serra acima da Capitania de S. Vicente.

Vejamos agora como pesaram na balança esses factores, nas consequencias manifestadas na raça, e a sua concretização na evolução historico-social da gente paulista. A mais soberba evidenciação dos resultados beneficos das selecções favoraveis foi manifestada pela magnifica fecundidade paulista, a qual, durante tres longos seculos, se perpetuou no planalto através dos varios phenomenos historicos, dos differentes acontecimentos sociaes e de todas as vicissitudes que a população teve de atravessar nesse enorme lapso de tempo.

De todas as manifestações da grandeza do povo paulista, sem duvida a mais persistente, de resultados os mais claramente observaveis, sem solução de continuidade, foi a fecundidade.

Emqüanto que os demais se moldavam ás influencias dos phenomenos de ordens diversas, soffrendo paralysação, ou se orientando por vias differentes, a fecundidade paulista foi sempre o expoente maximo denunciador da sua Eugenia. Por ella se poderá verificar o grau de efficiencia attingido pelas populações no planalto.

Sim, porque, sem receio de errar, se póde estabelecer que a fecundidade é o indice mais seguro para a determinação do estado de um povo.

Se o coefficiente da fecundidade é elevado e caminha em progressão crescente, póde-se ter a certeza de que esse povo sobe evolutivamente na escala de sua grandeza. Se, pelo contrario descamba esse povo para a oliganthropia, é o indicio infallivel da decadencia que se aproxima irremovivelmente. A lição da historia neste particular, é evidente, comprovando-se o que asseveramos em dezenas de exemplos, dos quaes a Grecia

classica, com Sparta, Athenas, etc., é uma manifestação typica. Ella, devorada pela oliganthropia, se despovoou com fulgurante rapidez. Roma, corroida pelo virus da depravação, da devassidão de costumes, occasionadores das nevropathias, e determinados pelo excesso de prosperidade, esterilizou as suas populações, dando lugar á introducção intersticial de raças exoticas (Rageot, "*La natalité*", 11; Jacoby, "*Etudes sur la selection*"). O exemplo contemporaneo da França confirma a regra que ora procuro applicar á analyse da anthroposociologia paulista dos primeiros seculos.

A fecundidade paulista, pois, observavel, de modo ascencional, á medida que a gente se ia identificando com o meio, e que os mestiços das raças euro-americanas se iam fixando eugenesicamente, não póde passar despercebida, como manifestação de uma população que, a largos passos, caminha para feitos memoraveis, nos capitulos de sua historia.

Sim, porque, como explicar a phenomenal fecundidade que adensou a população do planalto de modo a cavar nelle os alicerces da nossa grandeza? Só podemos explicar esse evento se lançarmos mão do concurso complexo e simultaneo de varias occorrencias. Foi um feliz cruzamento eugenesico de raças, americana e européas, sob o imperio de uma mesologia favoravel, facilitado por um propicio augmento de meios de subsistencia, em uma vastidão territorial, cuja amplidão é facil de se imaginar. Então o augmento da população, estimulado pela consanguinidade, e accionado em um meio social magnifico, afastava todos aquelles elementos perniciosos, como a riqueza excessiva, o luxo e a delapidação, inoculadores das toxinas as quaes de-

ram por terra com a grandeza da Grecia, de Roma, de Byzancio, de Toletum, etc.

Esse meio social do planalto, em toda a rudeza daquelle mundo selvagem e primitivo, isolado na verdura sem fim da agreste matta virgem, materializava bem aquelle celebre aphorisma spenceriano de que nesses aggregados humanos inferiores e rudimentares a fecundidade augmenta, e nos superiores diminue, porque naquellas o individuo absorve a raça e, nestas, a raça absorve o individuo. Realmente, nas sociedades rudimentares a natalidade depende unicamente das leis naturaes e dos instinctos genesicos. Sim, porquanto Arsène Dumont diz que o instincto traz a superpopulação, se não houver um freio na propria natureza. Estando elle, instincto, em razão inversa á intelligencia disciplinadora da vontade consciente, continua Dumont, agindo sobre o amor de modo a diminuir a natalidade.

Ora, os paulistas mamelucos, filhos e netos de selvagens, de emigrados dos reinos peninsulares, desherdados da sorte, miserrimos e rudes desbravadores de um continente virgem, só tinham por ideal viver pára procriar. Assim sendo, o amor para elles seria uma necessidade physiologica, e não um acto de natureza psychologica, só tendo por mola o instincto rude de quem vive a par da natureza e não da intelligencia (1).

---

(1) Na Hespanha, quinhentista e seiscentista, a fecundidade foi, entretanto, bem pequena. Eis o que a esse proposito escreve Arsène Dumont, no seu trabalho *"Depopulation et civilisation"*, 349:

> "Dans l'Espagne ultra catholique de Charles-Quint et de Philippe II, on sait que l'oliganthropie fut à son comble.
>
> Il s'y produisit une multitude incroyable de gentilshommens amis de la parade, occupés a paraitre, brillants et fringants

*
* *

A emmoldurar essa sociedade primitiva havia uma religiosidade que, sem se embrenhar profundamente pelas sendas do fanatismo, corria entretanto pela via de uma ingenuidade verdadeiramente infantil, muito propria de gente que não dá ao intellecto a importancia de uma vida intensa. Ao lado desta face da psychologia paulista havia uma profunda moralidade. Era o que imbuia esses velhos patriarchas de uma dose abundante de fatalismo proprio da época. Era isso tambem que dava ás matronas paulistas um sentimento muito desenvolvido de ternura maternal, virtude que é facil se conhecer, através da historia, entre as muitas que engrinaldam a austera mulher paulista.

Eis o que teria sido o elemento moral, agindo a favor do instincto natural, concorrendo com os factores acima apontados para a fecundidade da gente paulista, á medida que esta se ia fixando no decorrer dos seculos.

---

alors même qu'ils mourraient de faim, fuyant les oeuvres serviles comme la dernière des hontes, vivant dans le celibat...

Moine, gentilhomme ou soldat, mais en tout cas celibataire, tel fut l'Espagnol. On peut parler sans crainte que la nuptialité fut très faible dans l'Espagne de Charles Quint, et que c'est ainsi que se produisit cette efroyable depopulation qui nous est attesté par l'histoire".

*
* *

E' bem interessante de comparar esse quadro descripto pelo demographo Arsène Dumont, e bem verosimil, dada a pouca densidade de população na Hespanha, em relação ao resto da Europa, com o que se nos depara no planalto paulista, onde o elemento hespanhol acompanhou os demais nas elevadas médias de fecundidade.

Todos esses elementos, agindo em campo propicio, deveriam trazer, como consequencia, esse phenomeno da fecundidade.

Examinando neste terreno o paulista, como concretização do que acima ficou asseverado vemos, por exemplo, o alemtejano João do Prado e sua mulher Felippa Vicente, casal de povoadores quinhentistas portuguezes, tendo 11 filhos, uma das quaes Izabel do Prado, que se casou com o ilhéu Paschoal Leite Furtado, tendo 8. A filha deste, mulher que foi de Antonio Rodrigues de Miranda, portuguez tambem, teve 11.

Catharina do Prado, outra filha do casal de povoadores, mulher do paulista João Gago da Cunha, teve 12 (mais do que seus paes), e sua filha Maria da Cunha, mulher que foi do paulista Jeronymo da Veiga, teve 14 filhos (mais ainda do que sua mãe e do que seus avós). Eis a fecundidade que se accentuou na descendencia de Maria da Cunha e Jeronymo, sempre com numero muito elevado de filhos, até sua tataraneta Joaquina Angelica de Barros, casada com o paulista Francisco Mariano da Cunha, que deste deixou 25 filhos.

Melhor exemplo de fecundidade ascencional, apresenta a familia dos Cunhas da qual era descendente este mencionado Francisco Mariano da Cunha.

Henrique da Cunha, povoador quinhentista, teve de sua mulher Felippa Gago 5 filhos (conhecidos), um dos quaes foi Henrique da Cunha Gago, o velho, que se casou 3 vezes deixando 8 filhos, entre os quaes estava João Gago da Cunha. Este se casou com Catharina do Prado, supra referida, tendo 12 filhos, como vimos. Henrique da Cunha Gago, o moço, outro filho, dos oito deixados por Henrique da Cunha Gago, o velho, deixou 14

filhos (numero muito superior aos tidos por seu pae e por seus avós). Entre elles Manuel da Cunha Gago, que por sua vez elevou ainda mais a fecundidade, a ponto de ter deixado 15 filhos. Natalia da Cunha, um dos filhos de Manuel, fallecendo logo depois do seu casamento com Francisco Martins de Macedo, só teve tres filhos, um dos quaes, Pedro da Cunha Macedo, que por sua vez deixou tambem 15 filhos, entre os quaes Francisco Mariano da Cunha que, como vimos, deixou 25.

O casal de povoadores Garcia Rodrigues e Izabel Velho teve 11 filhos, dos quaes Izabel Velho foi um delles, casando-se com Jorge Moreira, deixou 12 filhos.

Paula Moreira, sua filha, do seu casamento com Balthazar de Godoy, castelhano, fez a fecundidade cahir com 6 filhos, apenas, para de novo subir com seus filhos Belchior de Godoy, que teve 10, Balthazar de Godoy que teve 13, Gaspar de Godoy Moreira com 10, João de Godoy Moreira com 12, e Sebastião Gil de Godoy com 12.

Dezenas de familias proporcionam outros tantos exemplos dessa admiravel fecundidade (os quaes, mencionados com detalhes, alongariam muito o presente trabalho, augmentando-lhe as proporções, de modo a fazel-o sahir dos moldes estrictos em que o emquadrei). No capitulo referente ao estudo do mameluco démos mais dados dessa fecundidade. Apesar disso podemos citar os exemplos de fecundidade individual, taes como Felippe de Campos, que de sua mulher Margarida Pires Bicudo teve 12 filhos. Antonio Raposo, o velho, tambem teve 12 de sua mulher Izabel de Góes.

Antonio Preto teve 10. Miguel Bicudo de Brito teve 11. Seu tio, Antonio Bicudo de Brito, teve 15. Igual numero teve Ignez Domingues de Brito. Paulo de Saavedra, de uma só mulher, tambem teve 15, quantos teve Antonio Cardoso Pimentel, tambem de uma só mulher. Henrique da Cunha Lobo teve de uma só mulher 12 filhos. João de Almeida Prado de 2 mulheres deixou 20. Francisco Leme de Alvarenga de uma só deixou 11. Vicente de Anhaya Pedroso teve 15. Maria de Oliveira Leme teve 11. Seu filho Raphael Leme de Oliveira teve 12, e Bento Leme de Oliveira, tambem seu filho, teve 11, ambos de uma só mulher. Luzia Leme deixou de seu parente, Mathias Mendonça, 10 filhos. Maria Leite de Miranda teve 13 filhos. Salvador Martins Bonilha, de uma só mulher, teve 14. Seu irmão Antonio Aguiar da Silva teve 17, tambem de uma só mulher. Joaquim Alves Rodrigues Natel teve de uma só mulher 11 filhos. Seu irmão Thomaz Alves Rodrigues, tambem de uma só esposa, deixou 14. Maria Ribeiro de Alvarenga teve 13 filhos. Sua irmã Izabel Ribeiro de Alvarenga deixou 16. Sua filha Anna Maria Ribeiro deixou 10. A sobrinha desta, Maria Rodrigues, teve 10. Seu sobrinho João Gago Ribeiro teve 11. João de Toledo Castelhanos teve 11 filhos. Seu tio Sebastião Pedroso Bayão deixou 18 de uma só mulher. O capitão Domingos Alves Ferreira teve 13 filhos, uma das quaes, Barbara Moreira, teve 10. Luzia Joaquina de Toledo teve 15. Engracia Maria de Toledo Ribas teve 16. Anna Ribeiro Rodovalho teve 14. José de Toledo Piza teve 12. Antonio de Freitas de Toledo teve 15. Antonio de Godoy Moreira de Mendonça teve 12. José de Godoy Moreira teve 16. Exemplos como esses se poderiam citar ás dezenas porque toda a

população paulista do planalto era extremamente fecunda, bastando, para se ter a convicção, uma simples inspecção na "*Genealogia*" de Silva Leme (2).

---

(2) Essa fecundidade paulista já em começos do seculo passado havia chamado a attenção do sabio Martius, que então a achou notavel, como se póde verificar da sua apreciação contida no seu trabalho, "*REISE IN BRASILIEN*", "*Revista do Inst. Hist. de S. Paulo*", vol. XV, 353:

> "A proporção da natalidade é digna de nota. Em geral conta-se um nascimento sobre 28 habitantes, sendo conhecida a proporção mais favoravel á natalidade em quinze aldeias na vizinhança de Paris com 1:22,7 e em trinta e nove aldeias hollandezas, com 1:23,5, *aqui, porém, conta-se um nascimento sobre cada* 12 *habitantes.*"

Essa proporção encontrada por Martiûs, no inicio do seculo XIX, está na mesma relação que a por nós verificada em periodos anteriores, conforme o estudo constante do capitulo acima.

Equivale ella a 8,33 nascimentos por 100 habitantes, emquanto que a média ordinaria dada por Martius (de 28 habitantes por um nascimento) equivale a 3,56 nascimentos por 100 habitantes.

Segundo dados colhidos no "*Dictionary of Statistics*" de Mulhall, eram no seculo passado na Europa os nascimentos em media assim distribuidos por 100 habitantes:

Prussia	4.08	(1816 — 1840)
Saxonia	4.27	(1871 — 1880)
Wurtemberg	4.27	(1876 — 1880)
Baviera	4.06	(1871 — 1880)
Hollanda	3.63	(1861 — 1880)
Allemanha em geral .	4.07	(1871 — 1880)
Suecia	3.52	(1751 — 1770)
Italia	3.80	(1881 — 1885)
Russia	5.07	(1861 — 1865)
Belgica	3.34	(1831 — 1840)
Australia	3.78	(New South Wales)
Suissa	3.22	(1876 — 1880)

Esses foram os casos de fecundidade tomados ao acaso para mostrar que a fecundidade se transmittia por estirpes; vejamos a fecundidade média, nos varios seculos, cuja analyse tento levar avante.

De accordo com pesquisas procedidas nos trabalhos genealogicos de Pedro Taques e de Silva Leme, que em epocas mais recuadas passaram em revista não só os archivos dos cartorios civeis de S. Paulo e de seus satellites, como tambem os papeis dos cartorios ecclesiasticos, de modo que enorme somma de material, com essas pesquisas, foi posto a meu dispor, sendo as conclusões inatacaveis pelo numero elevado de observações que lhes serviram de base.

Examinei no quinhentismo de 1540 a 1600, 63 casaes, com 385 filhos, revelando uma média por casal de 6,11.

Do seculo XVII, consegui revistar 1.170 casaes, com 6.615 filhos, o que dá uma média de 5,48 por casal.

Do seculo XVIII, foram analysados 5.086 casaes, com 25.488 filhos, que constitue uma média de 5,11 por casal.

Do seculo XIX, foram revistos 5.123 casaes, com 27.666 filhos, o que revela uma média de 5,39 por casal.

Eis eschematicamente os resultados da analyse:

SECULO XVI (Quinhentismo-bandeirismo no inicio) — 1540 a 1600:

Casaes estereis . . . . . . 2) . . . . 0,31 %

São os coefficientes de natalidade maiores em cada nação obtidos em mais de um seculo. Vê-se como ficam elles abaixo do que Martius encontrou em S. Paulo, para data um pouco anterior.

Casaes com 1 filho	2)	Pequenas familias — 10 casaes e 20 filhos .	15,87 % (3)
Casaes com 2 filhos . . .	6)		
Casaes com 3 filhos . . .	2)		
Casaes com 4 filhos . . .	8)	Familias medianas — 27 casaes e 138 filhos	42,85 %
Casaes com 5 filhos . . .	8)		
Casaes com 6 filhos . . .	11)		
Casaes com 7 filhos . . .	8)	Grandes familias — 11 casaes e 91 filhos . .	17,46 %) 34.48 %
Casaes com 8 filhos . . .	2)		
Casaes com 9 filhos . . .	1)		
Casaes com 10 filhos . . .	4)	Familias patriarchaes — 11 casaes e 122 filhos . .	17,4 %
Casaes com 11 filhos . . .	2)		
Casaes com 12 filhos . . .	5)		
Casaes com 13 filhos . . .	—)		
Casaes com 14 filhos . . .	—)		
Casaes com 15 filhos . . .	2)		

63 casaes e 285 filhos
MEDIA: 6,11

*
* *

SECULO XVII (Seiscentismo-bandeirismo de caça ao indio) — 1601 a 1699:

Casaes estereis	39	. . . .	0,33 %
Casaes com um filho . . .	138)	Pequenas familias - 288 casaes . .	27,35 %
Casaes com 2 filhos . . .	136)		
Casaes com 3 filhos . . .	109)		
Casaes com 4 filhos . . .	133)	Familias medianas - 340 casaes . .	27,35 %
Casaes com 5 filhos . . .	96)		
Casaes com 6 filhos . . .	121)		

(3) As divisões das familias em patriarchaes, grandes, medianas e pequenas, eu as fiz de accordo com trabalhos congeneres do notavel sociologo Oliveira Vianna.

Casaes com 7 filhos . . . 36) Grandes familias - 250
Casaes com 8 filhos . . . 92) casaes . . 21,3 %
Casaes com 9 filhos . . . 72)

Casaes com 10 filhos . . . 57))
Casaes com 11 filhos . . . 43))
Casaes com 12 filhos . . . 30)) 35.67 %
Casaes com 13 filhos . . . 19))
Casaes com 14 filhos . . . 6) Familias patriarchaes -)
Casaes com 15 filhos . . . 5) 168 casaes 14,37 %)
Casaes com 16 filhos . . . 3)
Casaes com 17 filhos . . . 1)
Casaes com 18 filhos . . . 4)

1.170 casaes e 6.615 filhos
MÉDIA: 5,48

*
* *

SECULO XVIII (Setecentismo-bandeirismo de exploração e mineração do ouro) — 1701 a 1790:

Casaes estereis . . . . . . 44 . . . . 0,086 %

Casaes com 1 filho . . . 736) Pequenas familias 1960 38,5 %
Casaes com 2 filhos . . . 644)

Casaes com 3 filhos . . . 580) Familias medianas 1587 31,1 %
Casaes com 4 filhos . . . 569)
Casaes com 5 filhos . . . 497)

Casaes com 6 filhos . . . 521) Grandes familias 1007 19,7 %
Casaes com 7 filhos . . . 402)
Casaes com 8 filhos . . . 367)
Casaes com 9 filhos . . . 241)
Casaes com 10 filhos . . . 187)
Casaes com 11 filhos . . . 152)
Casaes com 12 filhos . . . 80)
Casaes com 13 filhos . . . 39)) 29.84 %
Casaes com 14 filhos . . . 16)
Casaes com 15 filhos . . . 16)
Casaes com 16 filhos . . . 15) Familias patriarchaes - 516 . . . 10,14 %
Casaes com 17 filhos . . . 3)
Casaes com 18 filhos . . . 3)

Casaes com 19 filhos . . . 1)
Casaes com 20 filhos . . . 1)
Casaes com 21 filhos . . . 1)
Casaes com 22 filhos . . . 1)
Casaes com 23 filhos . . . —)
Casaes com 24 filhos . . . —)
Casaes com 25 filhos . . . 1)

5.086 casaes com 25.488 filhos
MÉDIA: 5,11.

Em synthese:

	Média de fecundidade	Numero de casaes	Numero de filhos	Média geral de todo o periodo do bandeirismo
Seculo XVI . . .	6,11	63	385	
Seculo XVII . . .	5,48	1.170	6.615	
Seculo XVIII . .	5,11	5.086	25.488	5.141
Seculo XIX . . .	5,39	5.123	27.660	

Apesar de magnifica fonte de material para essas deducções, os trabalhos de Taques e de Silva Leme não podiam ser eivados da mais absoluta verdade, quanto ao numero exacto de filhos por casal. A base de informações para esses traçadores de linhagens eram os inventarios, onde appareciam os herdeiros, filhos e netos, etc., de onde os genealogistas arrolavam os filhos dos casaes paulistas transplantando-os para as suas nobiliarchias; mas na occasião em que se procedia aos inventarios dos paulistas mortos, quantos filhos e netos já os haviam antecedido no tumulo? Quantos teriam

sido os seus filhos premortos, que por isso não eram mencionados nas listas de herdeiros e pela mesma razão passavam incolumes aos registos dos linhagistas? Quantos assim deixaram de figurar nos numeros que constituem os nossos quadros acima, mormente quando a mortalidade infantil e as causas pathologicas naquelle tempo de falta de recursos sanitarios eliminavam em massa os viventes de qualquer idade?

Por isso é certo que as pesquisas, nos trabalhos de Taques e de Silva Leme, bem como qualquer outro, baseado em inventarios, só podem dar resultados certos quanto ao minimo da fecundidade. Esta, em realidade, deveria ter sido bem mais elevada, pelas lacunas que acabo de apontar. Assim, para que tenha uma approximação mais segura da verdade, em materia de fecundidade, deve-se dar aos numeros colhidos e expostos acima um augmento que calculo no minimo em dez por cento, com o que se poderia estabelecer as médias de fecundidade da seguinte fórma, como as que mais representariam a verdade:

QUINHENTISMO	6.72
SEISCENTISMO	6.02
SETECENTISMO	5.62
OITOCENTISMO	5.92

Comparando essas médias apuradas com as que vigoraram na Europa, durante varias epocas do seculo transacto, (encontrei no *"Diccionary of Statistics"* de Mulhall, *ed. Routledge,* as seguintes médias), se poderá verificar a grandiosidade da fecundidade paulista nos tres primeiros seculos.

PRUSSIA

De 1818 a 1840	4,3
De 1861 a 1870	4,6
De 1871 a 1880	4,5
De 1881 a 1885	4,7
De 1890 a 1900	4,3

SAXONIA

De 1831 a 1840	4,2
De 1841 a 1850	4,1
De 1851 a 1860	4,1
De 1861 a 1870	4,0
De 1871 a 1880	4,5
De 1881 a 1885	4,7

SUECIA

De 1751 a 1770 (4)	4,0
De 1771 a 1790	4,0
De 1791 a 1810	3,8
De 1811 a 1830	4,0
De 1831 a 1850	4,3
De 1851 a 1870	4,6
De 1871 a 1880	4,5
De 1881 a 1885	4,6

ITALIA

De 1862 a 1870	5,0
De 1871 a 1880	4,9
De 1881 a 1885	4,7

HUNGRIA

De 1853 a 1860	4,4
De 1861 a 1870	4,6
De 1871 a 1880	4,0
De 1881 a 1885	4,0

---

(4) E' preciso notar que essas médias foram mais ou menos na mesma epoca.

BAVIERA

De 1830 a 1850	4,6
De 1851 a 1870	4,7
De 1871 a 1880	4,8
De 1881 a 1885	5,5

FRANÇA

De 1800 a 1830	3,82
De 1831 a 1860	3,20
De 1861 a 1870	3,09
De 1871 a 1880	2,98

HOLLANDA

De 1841 a 1860	4,6
De 1861 a 1880	4,5
De 1881 a 1885	4,8
De 1890 a 1900	4,8

AUSTRIA

De 1853 a 1860	4,9
De 1861 a 1870	4,4
De 1871 a 1880	4,6
De 1881 a 1885	4,8
De 1890 a 1900	4,1

BELGICA

De 1831 a 1840	4,57
De 1841 a 1850	4,50
De 1851 a 1860	4,08
De 1861 a 1870	4,26
De 1871 a 1880	4,42
De 1881 a 1887	4,43

NORUEGA

De 1801 a 1825	3,7
De 1826 a 1845	4,2
De 1846 a 1860	4,2

De 1861 a 1870	4,7
De 1871 a 1880	4,3
De 1881 a 1885	4,7

DINAMARCA

De 1840 a 1860	4,0
De 1861 a 1870	4,1
De 1871 a 1880	4,0
De 1881 a 1885	4,2

SUISSA

De 1876 a 1880	4,3
De 1881 a 1885	4,0
De 1890 a 1900	2,7

De accordo com os dados fornecidos por Arsène Dumont, no seu magistral estudo "*Dépopulation et civilisation*", 75, era, em fins do seculo passado, a fecundidade distribuida na Europa da seguinte maneira:

Irlanda	4,8
Russia	4,7
Hespanha	4,5
Italia	4,5
Suecia	4,3
Noruega	4,3
Hollanda	4,1
Prussia	4,1
Austria	4,0
Inglaterra	3,9
França	2,9 (5)

(5) Hoje são as seguintes as médias de accordo com dados do "*States man's Year book*" de 1930.

Venezuela	5,20
Portugal	4,92
Japão	4,23
Hespanha	4,12
Uruguay	4,10
Bulgaria	3,74
Italia	3,60
Rumania	3,52
Noruega	3,22
Hollanda	3,12
Finlandia	3,12
Hungria	2,70
Suissa	2,54
Austria	2,45
Dinamarca	2,37
Suecia	2,31
Inglaterra	2,26
Allemanha	2,22
França	2,19
Belgica	2,04

Dessa comparação resulta que a fecundidade paulista nos tres primeiros seculos foi formidavelmente superior á que caracteriza qualquer paiz do velho continente.

Mais ainda a fecundidade paulista tomará relevo se tivermos em mente a extraordinaria mortalidade causada pela falta natural de recursos no planalto, isolado do resto do mundo, pela falta de hygiene, propria da epoca, pelo meio rude e selvagem, pelas constantes epidemias de variola, e outras pestes que assolavam sempre a capitania vicentina, segundo nos relatam os documentos municipaes.

Essa mortalidade, ceifando os jovens, fazia com que estes terminassem a existencia sem que houvessem tido tempo para exercer a sua fecundidade, deixando

por isso um numero reduzido de filhos, factos esses que muito concorreram para a diminuição das médias.

O modo de vida do paulista, que se concretizava no bandeirismo, em ousadissimas empreitadas por terras distantes, onde não raro deixava a vida, foi ainda outro elemento para que o indice da fecundidade não se elevasse mais.

De facto, quantos paulistas ainda jovens, com um numero de filhos ainda minimo, pereceram no sertão, sem que tivessem tido tempo de firmar a sua fecundidade, igualando o vulto da sua prole aos demais patriarchas do planalto!

E, além disso, a vida agreste dessa gente, sempre em entradas pelo sertão, os afastava de suas mulheres, de forma a passarem elles pelo menos a metade do seu tempo de vida de casados, separados do seu lar, e por esse motivo não poderiam ter uma prole igual aos que não procediam assim.

Porisso os grandes conquistadores, navegadores e descobridores ibericos, dos seculos XV e XVI, não deixaram prole digna de nota.

Assim é que se vê, entre os maiores vultos do bandeirismo, um reduzido numero de filhos, parecendo que a actuação nessa epopéa estava em razão inversa á da fecundidade, sendo certo, porém, que os limites desta eram traçados por aquella.

Raposo Tavares, Manuel Preto, Luiz Pedroso de Barros, Valentim Pedroso de Barros, etc., poucos filhos deixaram.

Por essa razão, acredito que a fecundidade do quinhentismo cahiu no seiscentismo, para no seculo seguinte continuar na queda.

No quinhentismo, o paulista se estabeleceu no planalto, limitando-se a sua acção a uma defensiva activa. O tempo despendido nessas rapidas correrias e algáras pouco representava em relação ao que se passava junto ao lar, nas nascentes fazendolas agricolas das redondezas paulistanas.

Havia então mais tempo para a fecundidade.

No seiscentismo o bandeirismo tornou-se offensivo. As incursões de muito alargaram o seu raio, e os paulistas perdiam larga porcentagem do seu tempo para o exercicio da fecundidade que no seculo anterior fôr a tão manifesta. Por isso houve queda na média.

No seculo seguinte, o bandeirismo se transformou em exploração aurifera, e as bandeiras que sahiam em demanda ás regiões mineiras levavam annos fóra das villas do planalto, á procura dos mananciaes do fulvo metal.

Essas expedições menos vultosas, e menos guerreiras do que as de caça ao indio, levavam entretanto muito mais tempo no sertão, e por esse motivo os seus componentes, mordidos pelo microbio da ambição, ainda mais intensamente do que os seus antepassados do seiscentismo, viviam longe de suas mulheres.

O mesmo, ou talvez, em maior escala, teria acontecido aos mineradores setecentistas. Attrahido aos arraiaes, para ahi emigrou o elemento masculino do planalto paulista, no setecentismo, aguilhoado pela loucura do ouro. Longo periodo permanecia essa gente longe dos seus, até que, saciados emfim, para ahi tornavam, não mais a tempo, porém, de equilibrar o vulto das suas familias á de seus antepassados.

Eis como tanto tempo roubado ao exercicio da fecundidade fez com que as médias viessem em successivos declinios.

Cessada essa causa no seculo XIX, pela evolução soffrida no modo de vida do paulista, a fecundidade teve um sensivel augmento.

Apesar disso, porém, todas as médias estudadas são magnificas e só afiguram uma queda pelos motivos expostos, pois os elementos que eram manifestamente mais sedentarios tinham a mesma fecundidade do quinhentismo, e maior quiçá, porque os exemplos de maior numero de filhos são justamente dos dois seculos que succederam aos quinhentos. E tão grande foi essa fecundidade que teria deixado bem desapontado o nosso tão apreciado Vacher Lapouge se a soubesse inherente a uma gente mameluca, mestiça de indios e ibericos, que taes eram os nossos antepassados.

No seculo XIX, quando os mineradores volveram ao planalto, e este renasceu da decadencia setecentista, a fecundidade augmentou em razão da vida do paulista, que então não se apartava das suas familias, as quaes os acompanhavam nas suas entradas para a formação agricola paulista oitocentista. Apesar disso, vemos a porcentagem dos casaes estereis augmentar, revelando a selecção da consanguinidade, a qual esterilizava os tarados, depurando, em parte, a população.

Augmentou a porcentagem das grandes familias e das patriarchaes, confirmando o que irei dizer sobre a evolução social paulista no seculo XIX.

*
* *

Ao lado da portentosa fecundidade dos moradores do planalto, um estudo acurado da vida dessa gente conclue ter ella sido dotada de notavel longevidade e de uma varonilidade fóra do commum, virtudes essas certamente originadas nas mesmas causas que resultaram a fecundidade, já resaltada (6).

Não sendo o indio muito fecundo, não o era tambem longevo (Roquette Pinto, "*Rondonia*", 128), mas o seu producto, cruzado com o iberico, primou nessas

---

(6) Segundo Bertillon, a porcentagem em tres grandes cidades de casaes estereis é a seguinte:

Paris	13,3
Berlim	12,8
Rio de Janeiro	11,3

*
* *

Na França em 1886 era o seguinte o resultado de uma analyse em 10.425.341 familias:

Casaes estereis	2.073.205	19,9 %
Casaes com 1 filho	2.542.611	24,4 %
Casaes com 2 filhos	2.265.637	21,7 %
Casaes com 3 filhos	1.512.054	14,5 %
Casaes com 4 filhos	936.853	9,0 %
Casaes com 5 filhos	540.693	5,2 %
Casaes com 6 e mais filhos .	554.588	5,3 %

Desses numeros, conclue-se que a porcentagem de pequenas familias era em França, em 1886, de 46,1 % ; a porcentagem de familias medianas era de 28,7 %, ficando apenas 5,3 %, para as grandes familias. ("*The Diccionary of Statistics*", Mulhall).

Servem estes numeros de comparação com os que deduzimos para os paulistas.

particularidades. Excellencia de uma propicia mesologia, modo de vida agreste em um meio social puro, onde não eram comportados os excessos ennervantes, só permittidos nas regiões ricas, tudo isso facilitando a hereditariedade recebida de uma gente fortalecida pelas varias selecções depuradoras, muito deveriam ter concorrido para a effectivação dessas qualidades.

O iberico povoador foi extraordinariamente longevo. Já não falando do classico João Ramalho, que Frei Gaspar fez centenario, os casos de longevidade no planalto enchem as paginas da "*Genealogia*" de Silva Leme, e dos documentos de publicação official. João do Prado, nascido provavelmente nas proximidades de 1515, porque em 1532, affirma Taques, veio com Martim Affonso de Souza, só foi morrer em 1597, com cerca de 82 annos, quando no sertão bandeirava com João Pereira de Souza Botafogo. Sua filha Izabel do Prado, nascida antes de 1585, porque se casou em 1599, só morreu em 1688, com 83 annos. Potencia Leite, filha desta, nascida em 1600, porque em 1610 se casou com Antonio Rodrigues de Miranda, foi morrer em 1689, com quasi 90 annos, depois de ter tido 13 filhos. Catharina do Prado, filha de João do Prado, falleceu com mais de 70 annos, em 1649, e seu filho João do Prado da Cunha falleceu com cerca de 90 annos, em 1695. Izabel Furtado, neta de João do Prado, morreu com 80 annos, e seu filho Mathias Cardoso de Almeida, o notavel sertanista, viveu 75 annos.

Manuel Preto, o grande bandeirante, que Taques diz ter vindo em 1562 de Portugal com seu pae, teria então 12 annos, tendo fallecido em 1630 no sertão do Guayrá vivendo 80 annos, no fim dos quaes ainda teve

forças para emprehender a conquista das reducções dessa provincia jesuitica. Nessa grande bandeira do Guayrá, tomou parte Antonio Bicudo Carneiro que nasceu antes de 1560 (pois em 1580 foi ouvidor), tendo então pelo menos 70 annos. Balthazar de Godoy, castelhano, falleceu quasi centenario em 1679. O mesmo se deu com Manuel João Branco que falleceu em 1641. Domingues de Arias de Aguirre viveu mais de 90. Sebastião de Freitas, vindo do Algarves em 1591, como soldado, nascido pelo menos em 1570, teria 60 quando, em 1630, tomou parte na bandeira do Guayrá, e 74 quando em 1644 foi assignalado pela ultima vez nos documentos. Pedro de Moraes de Antas falleceu em 1644 com mais de 75; Henrique da Cunha Gago, o velho, nascido em 1560, falleceu em 1620 no sertão do Guayrá, quando já tinha 64 annos. Seu irmão João da Cunha Gago, o velho, nascido em 1565, falleceu com 83 em 1648. Francisco de Proença, tendo nascido em 1566, falleceu em 1638 com 72 annos, tendo aos 62 se casado pela 2.ª vez, deixando alguns filhos deste casamento. Clemente Alvares falleceu em 1641, com mais de 82 annos. Diogo de Lara, vindo de Zamora, em principios do seculo XVII, falleceu em 1665 com cerca de 85 annos. Sua filha, Izabel de Lara, falleceu em 1715, com mais de 90. Sebastião da Fonseca Pinto falleceu em 1719 com 95. Antonio Rodrigues de Alvarenga, alemtejano, vindo em 1532 com Martim Affonso, conforme noticiam os genealogistas, falleceu com mais de 100 annos em 1614. Seu filho Francisco de Alvarenga falleceu em 1675 com 90 annos. Manuel Corrêa Penteado falleceu em 1745 com cerca de 90 annos. Pedro Vaz de Barros, o velho algarviano, nascido provavelmente em

1570 (pois veio em 1598 como capitão-mór), falleceu com 74 annos em 1644, sendo que com 60 tomou parte na grande bandeira destruidora do Guayrá. Seu filho Fernão de Paes de Barros, tendo nascido em 1626, morreu em 1709, com 83 annos. Salvador Jorge Velho morreu com 82 e Fernão Dias Paes morreu septuagenario (73), depois da formidavel peregrinação das pedras verdes. O notavel sertanista Manuel Rodrigues de Arzão falleceu em 1700, com 85. Balthazar Fernandes de Abreu, mameluco, ao morrer tinha 90, e seu filho, de igual nome, tinha 80, no fim da vida.

Eis pois alguns exemplos de longevidade e varonilidade permanente até avançadas idades, os quaes não são casos excepcionaes, pois que tal é o seu numero, colhido de uma bem ligeira inspecção no trabalho genealogico de Silva Leme e nos documentos, que faz estabelecer a regra de que os homens daquelle tempo viviam muito.

São estes alguns dos testemunhos que temos para affirmar a Eugenia paulista no planalto. Os prodigios realizados por essa gente, sabidos por todos, só por si seriam muito sufficientes para identifical-a como saturada de alta dose de efficiencia; analysada, porém, mais profundamente em seus detalhes, mais se resaltam os contornos giganteos da raça, que fez recuar o meridiano divisorio (7).

---

(7) Nessas idéas communga o brilhante escriptor patricio Paulo Prado, notavel investigador de coisas historicas que dizem respeito ao nosso passado paulista, tendo publicado os seguintes periodos no seu magnifico livro "*PAULISTICA*":

"Do cruzamento do forte sangue portuguez quinhentista, dos francezes, castelhanos e flamengos; com as cunhãs, o ma-

*

* *

Estudei apressadamente os diversos elementos da anthroposociologia paulista, e vi como a raça européa, que da Iberia, nos primeiros seculos, procurou o nosso territorio, viera seleccionada, de modo que os elementos que deixaram a Europa para emigrar para o novo continente foram sem duvida grande porção da Eugenia iberica. Chegada á nova patria, essa gente soffreu ainda os embates dolorosos de novas selecções, que a depurara ainda mais, adaptando-a ao meio americano, cuja benefica mesologia a aperfeiçoou. O cruzamento com o indio foi de grande felicidade, delle resultando

---

meluco surgiu perfeitamente apparelhado para o seu destino historico. A montanha isoladora dos contagios decadentes do litoral, a attitude sempre sobresaltada de quem vivia na orla das immensas mattas virgens, sombrias e espessas; a convivencia diaria e intima com o gentio da terra de quem falava correntemente a lingua; a feliz situação geographica e topographica que o locava á margem e nas proximidades de grandes rios, descendo para o interior das terras; a aspereza fortificante de um clima de bruscas variações, em que ás geadas das manhãs clarissimas succedem sóes abrasadores do meio-dia, todos esses factores conjugados criaram um admiravel exemplar humano, bello como um animal castiço, e que só puderam realizar nessa perfeição physica os homens da Renascença italiana, quando Cesar Borgia seduzia o genio de Machiavel."

"A longevidade, expressão da sobrevivencia dos mais aptos, foi notavel nessa rude gente".

e mais, á pagina 23:

"Da sobrevivencia dos mais fortes é prova a longevidade reconhecida do verdadeiro typo racial que desde os tempos afastados do periodo colonial ainda é de facil observação no Paulista de hoje."

uma sub raça fecunda, longeva, varonil, virtudes essas que se projectaram nos capitulos da nossa historia. Em contrario ás forças beneficas, hereditarias, selectivas e mesologicas, outras existiram, que agiram em sentido opposto, diminuindo o coefficiente eugenico das populações do planalto. Estas foram a inexistencia da selecção sexual, a selecção do bandeirismo e a selecção religiosa. No embate dessas forças, pró e contra a evolução da efficiencia na gente paulista, aquellas levaram de vencida, de fórma que as populações do planalto attingiram em fins do seiscentismo e inicio do seculo XVIII um potencial formidavel de efficiencia.

A sua população enormemente augmentada, graças á sua fecundidade, se havia estendido pelo valle do Tietê abaixo, iniciando o povoamento de novas zonas, como Itú, Sorocaba, etc., bem como ampliando-se densamente pelas redondezas de S. Paulo, Jundiahy, Parnahyba, Juquery, Atibaia, Mogy, etc., e, principalmente, transbordando-se pelo curso do Parahyba abaixo, salpicado, então, pelos nucleos compactos de Taubaté, Guaratinguetá, etc.

Parallelamente ao augmento rapido da população e expansão geographica, o planalto vira augmentar grandemente as suas riquezas, coisa que se reflecte na comparação dos inventarios dessa época de fim de seculo com os do inicio do seiscentismo.

Essa crescente progressão e desenvolvimento evolutivo desta parte da colonia, determinados pela maior pujança das forças agindo favoravelmente sobre as que lhe eram de effeito pernicioso, deveriam ter no correr do seculo seguinte uma forte solução de continuidade,

em virtude de um subito desequilibrio entre aquellas circumstancias que lhe determinava o "modus vivendi."

Um acontecimento que trouxe para a colonia portugueza da America não pequenas consequencias, reflectindo poderosamente na propria metropole, deveria causar no planalto esse desequilibrio apontado. Esse acontecimento foi a descoberta do ouro e das esmeraldas em terras mineiras, de modo a attrahir, para ahi, formidaveis contingentes emigratorios do planalto, que se depauperou muitissimo quanto á sua população extraordinariamente diminuida, após as descobertas e a mineração.

Não só essa emigração do inicio do seculo XVIII operou no sentido de despovoar as terras paulistas, diminuindo-lhes a população, como agiu tambem de um modo verdadeiramente selectivo, recrutando entre os paulistas os seus melhores elementos, em virtude de que as emigrações sangram sempre as populações de seus mais audazes, energicos e aventurosos elementos deixando os menos ambiciosos, os timoratos e pacificos. Assim, o seculo XVIII privou o planalto paulista não só de grande numero de seus moradores, que com suas familias se transportaram para os arraiaes das Geraes, como tambem lhe arrancou os seus mais eugenicos representantes.

O resultado não se podia fazer esperar, tendo sido a decadencia do planalto, occorrida no setecentismo, verdadeira albuminuria determinada pela ambição do ouro.

O phenomeno social por ella responsavel foi uma selecção regressiva que sugou de S. Paulo e de seus satellites os mais pujantes sustentaculos e estes, tirados

do seu habitat, ameno e propicio, e subitamente transplantados, para as serranias mineiras de Itaberaba, Villa Rica, Ouro Preto, Ribeirão do Carmo, Sabará, Caethé, Roça Grande, Rio das Velhas, Meia Ponte, Cuyabá, etc., com os seus sequitos de carijós e mamelucos, tinham que se submetter a um processo evolutivo que os adaptasse a mesologias ingratas, onde grassavam as maleitas, as carneiradas e outras molestias endemicas, corroedoras da gente que S. Paulo muito generosamente para ali enviara. A mestiçagem com o negro africano, cujo trafico para as minas no correr do setecentismo se intensificou com a decadencia das lavouras assucareiras do nordéste, e a onda invasora de toda casta de gente sem selecção, vinda do reino nesse seculo, e originaria de outras partes das colonias, onde o negro já era um dos elementos ethnicos em mistura, completaram o abastardamento do elemento eugenico. Este foi supplantado pela mesologia, a ponto de transformal-o e degeneral-o em Minas, e extinguil-o em Goyaz e em Matto-Grosso, para onde se havia repetido o phenomeno migratorio paulista, attrahido sempre pelas descobertas auriferas.

Com essas correntes emigratorias, demandando os terrenos mineiros, goyanos e matto-grossenses, ficaram da velha gente bandeirante os restos que não haviam querido abandonar o habitat do planalto, algo melhorados, com a volta dos paulistas muito enriquecidos das minas e desilludidos com as perseguições dos governantes sempre a favor dos reinóes (8).

---

(8) Entre esses paulistas, enriquecidos nas minas, estavam José de Góes e Moraes que ao Marquez de Cascaes quiz comprar a capitania de Sto. Amaro; Manuel Corrêa Penteado e muitos outros mais.

Durante esse seculo XVIII a gente do planalto, anemizada, repousou do colossal esforço feito. S. Paulo, Parnahyba, Itú, Sorocaba, Ararytaguaba, Jundiahy, Atibaia, Mogy das Cruzes, Guarulhos, etc., dormiram, mais de um seculo, o somno lethargico dos catalepticos (9).

A hereditariedade, no planalto paulista, persistiu, de modo a não se apagar a grande fecundidade cujos exemplos evidenciadores são occorridos nesse seculo dos setecentos. Então a adaptação ao meio e a fixação dos mamelucos se haviam accentuado e, graças a isto, ao que concorria a volta de muitos dos emigrados saciados na sua ambição, a população muito lentamente se

---

Sob a impressão dessas riquezas recem-vindas das minas teriam escripto Frei Gaspar e Pedro Taques, de modo que dão a crer que a riqueza e a grandeza de trato já eram apanagios do planalto em epoca muito mais remota no seiscentismo.

Os documentos, porém, corrigem esse erro, coisa que já Alcantara Machado fez notar, no seu magnifico "*Vida e Morte do Bandeirante*".

(9) "*E' uma das mais bellas provincias do Brasil foi decahindo cada dia mais.*"

Saint-Hilaire.

*

* *

"*Emquanto, porém, esses homens corajosos lançavam, longe da patria, os fundamentos de uma multidão de povoados, e para galardoal-os os soberanos de Portugal lhes concediam honrosos privilegios, seus campos deixavam de ser cultivados, seus rebanhos se dispersavam, suas habitações se arruinavam, a discordia se introduzia em suas familias, sua cidade natal cahia em decadencia, e muito tempo era necessario para que ella readquirisse o antigo esplendor.*

Saint-Hilaire, citando Diogo de Lara Ordonez. "*Adnotationes*", in Not. ultram. II, 167.

foi reconstituindo, de modo que no seculo XIX, em seus principios, a terra paulista contava com novos nucleos. Então de novo a Eugenia racial adquiria uma tal força de expansão que um phenomeno social de grandes consequencias era de fatal superveniencia.

Cedo ou tarde essa immensa força accumulada nos focos do planalto deveria expandir-se só dependendo do movimento inicial.

A historia se repetia. No inicio do seculo XVIII o paulista se derramava do planalto em uma força de expansão formidavel. Um seculo depois, novamente a energia do paulista, represada por tanto tempo, ameaçava de novo transbordar-se pelo hinterland sul-americano. No seculo dos setecentos o mobil impulsionador da expansão tinha sido o ouro e as pedrarias; cem annos depois, o motivo se transfigurava na plantação do café, effectuada com a mesma energia, a mesma coragem, o mesmo heroismo que haviam presidido á epopéa anterior.

O eixo da gente paulista, no seculo XIX, se havia deslocado, das varzeas de Piratininga para as collinas alcantiladas ituanas, e descampadas da villa de S. Carlos, projectando por sobre a immensa area do hinterland paulista a irradiação dos tentaculos de um grande povo em evolução. O povoamento do interior paulista e a plantação da lavoura de café, no seculo XIX, são phenomenos que bem merecem ser emparelhados com o bandeirismo seiscentista e mineração setecentista.

De Campinas, de Itú e das redondezas paulistanas, sahiam immensas caravanas dos novos bandeirantes, com suas familias e escravos negros, então substituindo os indios administrados, ao lado de copioso sequito de

caboclos mamelucos, em demanda dos sertões agrestes da matta-virgem e da terra roxa (10).

E nesse deserto luxuriante de vegetação inigualavel, onde só o rugido da féra e o pio agourento da ave nocturna tangiam o socego impressionante das solidões immensas, estabelecia-se o paulista com o seu sequito, firmando o primeiro marco do latifundio.

A derrubada da matta virgem, onde o reboar tamborilante do machado do caboclo mameluco troava crepitante, ecoando pelas profundezas daquelle mundo vegetal, e reboando pelas barrocas dos espigões e quebradas dos morros bordejantes do Mogy, do Tietê, do Pardo e do Paranapanema, que por esse sertão virgem serpenteavam as suas aguas pejadas de humus, foi a epopéa, sem igual, de uma gente formidavel. A energia do paulista e os musculos do caboclo, supplantando o dorso bojudo do jequitibá, da jangada, do pau dalho, das peroberas entrelaçadas no emmaranhado inextricavel dos

---

(10) O papel do caboclo na abertura da lavoura do café, foi dos mais preeminentes, sendo de notar principalmente os celebres santamaristas, caboclos de Santo Amaro, das redondezas paulistas, que demonstraram durante a expansão do seculo passado um coefficiente espantoso de efficiencia, não obstante o seu physico resequido e depauperado, consequencia de alimentação sobria e pouco calcarea, em vista da pobreza extrema das terras dessa região planaltina. Eram os caboclos de olhos azues, e resultado da mestiçagem do paulista de Sto. Amaro com os colonos allemães, ali localizados nos primordios do seculo.

Os santamaristas foram infatigaveis andarilhos dos sertões, dotados de uma prodigiosa resistencia physica e, não obstante a sua apparencia de atrophiados, se impuzeram por essas virtudes e pela sua bellicosidade, lembrando os seus vetustos antepassados (Informações da tradição que nos ministraram os nossos maiores, que viveram nesse seculo XIX, palco da epopéa da plantação da lavoura de café).

cipós e das embiras, fizeram brotar do solo roxo uma matta interminavel de cafezaes ondulando pelos chapadões que docemente descambam para o valle do vetusto Jeticahy.

Cinco longos annos o fazendeiro latifundiario paulista cultivava, lado a lado com o tapete verdejante de seus cafezaes nascentes, um immenso cabedal de paciencia, tenacidade e infatigavel capacidade de trabalho, com um irreductivel espirito de estoico sacrificio. A tudo venceu a tempera de aço desses paulistas sertanejos.

Nem mesmo a geada, que em noite fria extinguia por longos annos o esforço despendido, nem o granizo demolidor, a secca apavorante ou o vento frio em dia de florada, conseguiram gastar essa energia, sempre mais temperada no cadinho da adversidade e do infortunio, enrijecendo-se ao contacto frigido da geada negra, como se impermeabilizasse a candente irradiação da canicula abrasadora.

E a raça não se alterou nos seus moldes descriptos. A mesma figura do bandeirante, talvez mais europeanizado pela suppressão do concurso indigena, que o seculo XVIII roubara ao planalto paulista, e pelo filtrar paulatino do filete imperceptivel de uma diminuta corrente immigratoria provinda sempre da Iberia immortal.

O seu porte de dolicocephalo moreno, agora de alta estatura, de cabellos negros, ainda seria aquelle mesmo, talvez, de seus antepassados recuadores do meridiano. Ainda a mesma fecundidade, que fôra o apanagio de seus avós, agora ainda mais facilitada pelo meio mais amplo do latifundio agricola que substituia a pequena propriedade ao redor da villa de Anchieta.

Profundamente sedentario agora, o paulista, que perdera o sulco nomade do bandeirante e do minerador, era ainda o mesmo patriarcha de outras éras, munido de autoridade despotica sobre a familia e membros desse latifundio, autoridade essa elevada a uma potencia mais evidenciadora das raias da tyrannia, não só devido ao habito do mando exercido sobre o escravo negro, o que não se daria quanto aos paulistas dos seiscentos, que só tinham a lidar com administrados e forros indios indomaveis, como por haver o typo social do paulista communitario que foi a base do bandeirismo e nascido da pequena propriedade ao redor da villa, evoluido para o typo particularista, isolado na sua grande propriedade cafeeira, longe de todo contacto com as organizações sociaes. Eis que se hereditariamente o paulista trazia do berço o germen do typo patriarchal autoritario e tyrannico, então elle não conheceu limites para a sua vontade despotica.

Quando os exercitos bandeirantes sahiram das villas do planalto, em demanda das terras castelhanas, onde abundavam o indio e o jesuita, ou em busca das minas e das pedrarias, era o chefe um eleito a capitanear homens livres como elle, buscando communitariamente o mesmo ideal, atravessando com elle os mesmos perigos, passando pelos mesmos transes de gloria e de fortuna. Apenas a sua autoridade se fazia sentir com maior peso, ainda que indirectamente, sobre o corpo de indios forros e administrados, que constituia o valor militar das bandeiras.

As caravanas que de Campinas, Itú, etc., procuravam os recantos solitarios da matta virgem, naquella carreira para a prosperidade que foi o inicio da nossa

grandeza, não mais se tratava de uma agremiação communitaria de homens livres e senhores, capitaneando um sequito de bravos indios e intrepidos mamelucos administrados, mas sim de um conjunto humano composto de escravos negros, aos quaes se aggregavam uns tantos caboclos, ultimos vestigios da antiga massa de mamelucos e indios forros. Não mais se tratava de um caso de communitarismo de interesse, de igualdade de ideaes, mas sim de um nitido particularismo, constituidor de um typo social novo. Era um grupo de individuos que, seguindo o seu senhor, como sua propriedade, se fixava no seu latifundio.

Este foi o typo social creado pela expansão da gente paulista e povoamento do nosso territorio.

*

* *

Eis a phase attingida pelo paulista no auge do seu potencial eugenico, quando a superpopulação das nações mediterraneas, na segunda metade do seculo XIX, iniciou as correntes emigratorias para o nosso planalto, movimento esse intensificado pelas consequencias decorrentes da libertação dos escravos em 88, o que occasionou a substituição do braço negro pelo do colono italiano e hespanhol.

Cerca de 50 annos de intensa immigração saturou o Estado de estrangeiros de origem principalmente italiana que, munidos das suas qualidades particulares, mantêm uma intensa lucta com a velha gente paulista,

que reage com uma inaudita galhardia, fazendo tudo crer que dentro em breve esses elementos exoticos, encorporados á nossa communhão, sejam absorvidos na lucta ethnica, de modo a sempre predominar a velha estirpe ibero-americana, que é o nosso orgulho e a base da nossa grandeza ("*Populações Paulistas*" - Ellis).

CAPITULO XII

PSYCHOLOGIA DO PAULISTA

"A constituição mental de uma raça representa não sómente a synthese dos seres vivos que a compõem, mas sobretudo a dos numerosos antepassados que contribuiram para a sua formação.

Não são os vivos, mas os mortos que representam papel principal na existencia de um povo.

Elles são os creadores de sua moral e os orientadores inconscientes de sua conducta".

Le Bon, "*L'Evolution des peuples*", 188.

*

* *

"Os terrenos auriferos tinham sido repartidos e a caça aos indios prohibida; elles foram obrigados a renunciar a seus habitos de dois seculos.

Tornou-se a agricultura sua fonte de riqueza, constituiram numerosos engenhos de assucar, e onde havia pastagens naturaes criavam cavallos e gado vaccum. As occupações sedentarias a que por necessidade se entregaram os afeiçoaram á vida de familia, extinguiram-se as antigas rivalidades e pouco a pouco se abrandavam os costumes.

Garbosos sempre da gloria de seus antepassados, não pensaram todavia em imital-os. Tiveram de perder os defeitos dos antigos devastadores dos sertões e nada os impediu de conservar as bôas e extraordinarias qualidades que distinguiam esses homens extraordinarios."

Saint-Hilaire.

Quando nos dois primeiros seculos, Portugal e Hespanha fizeram correr para estas plagas a onda emigratoria, já estudamos que o motivo foi terem os desperdicios, os luxos e os excessos do seculo manuelino levado á ruina a economia lusitana, quando justamente o commercio das Indias já não chegava para supprir o deficit ouro que Portugal accumulava com a vida desregrada das suas altas camadas sociaes.

Assim, já nesses tempos aureos do "*fumo das Indias*", a massa popular vivia na mendicancia, ás migalhas dos festins dos nobres e enriquecidos. Quando, porém, tudo se precipitou na decadencia, a miseria se exacerbou a tal ponto que o povo portuguez se viu constrangido a lembrar-se de que, em um dia do anno 1500, o almirante Cabral havia algures descoberto um grande continente, onde, se não brilhavam as riquezas promissoras como as que os heróes do rei Venturoso encontraram no paiz do Samorim, havia ao menos uma terra fertil e vastissima, capaz de recebel-o, alliviando-o das privações soffridas no reino (1).

---

(1) Portugal não desfructou por muito tempo as riquezas que o monopolio do commercio com a India lhe proporcionava. O norte da peninsula italica, onde se engastavam, rutilantes, as republicas de Genova, de Veneza e tantas outras cuja opulencia material e intellectual se originava no activo commercio com o Oriente, do qual tinham o monopolio no Mediterraneo, antes do poderio rapace dos turcos lhes ter impossibilitado, havia mantido durante muito mais tempo a riqueza que produzira consequencias de immenso vulto.

Portugal não soube manter e tirar proveito da grande fortuna que lhe bafejava. Não durou sequer um seculo o periodo aureo do commercio com a India. Logo Portugal vira afundar-se exgottada a mina que não soubera explorar convenientemente.

Esses colonizadores que traziam por ideal encontrar aqui uma tabua de salvação que lhes permittisse viver e multiplicar-se á vontade, só podiam provir das espheras mais pobres do reino, das camadas menos dotadas de recursos. Dahi o recorrerem elles á ultima necessidade, que é o expatriamento para uma região longinqua, no convivio estreito com o incola, entre os perigos insondaveis de uma natureza estupenda, sem que uma esperança tenue permittisse alimentar a illusão de uma volta á terra que abandonavam.

De facto, os elementos que por felicidade haviam conseguido salvar alguns despojos das munificencias de outrora, restos que engrinaldavam a dolorosa decadencia lusitana no funebre acompanhamento do paulatino sossobrar da independencia politica do reino dos Aviz, perdido na immensidão do imperio da aguia bicephala dos Habsburgos hespanhoes, esses não emigravam. Preferiam ficar no reino a ver o enferrujar continuo das côres esmaecidas dos seus brasões carcomidos, a correr os azares de uma travessia atlantica, de exito problematico, para um viver de mediocre conforto, onde só não se espelhariam as agruras da fome e as torturantes miserias, fructos da superpopulação adensada, como em Portugal. Sem o animo forte dos que se retemperam na agruras do infortunio elles fica-

---

Não foram sómente os esbanjamentos de uma côrte facil que, com dissipações descabidas, haviam impedido que as consequencias do novo caminho para a India se fizessem sentir em Portugal.

A expulsão dos judeus, que levaram para os Paizes Baixos enormes capitaes, foi o factor mais importante. Por isso ahi deveriam realizar-se as consequencias. Eis a independencia desses Paizes Baixos. Eis a prosperidade e o immenso poderio da Hollanda no seculo de 1580 a 1680.

vam no Reino a aproveitar os ultimos bruxoleios da éra manuelina.

Com tudo isso, mais se evidencia que os immigrantes dos primeiros seculos, em sua quasi totalidade absoluta, foram recrutados nas espheras sociaes mais baixas, onde o cultivo espiritual não era dos misteres mais procurados (2).

A grande massa de colonizadores era, pois, inculta, ignorante e sem instrucção, como muito bem affirmou o Morgado de Matheus, no seculo XVIII, quando disse serem os paulistas de muito fino metal, mas mal limado.

Eis a natureza da primeira argamassa depositada no fundo dos alicerces da nossa nacionalidade.

Se esses europeus, que vieram nos primordios do povoamento, tinham essa intellectualidade, o meio em que se viram lançados, em plenas selvas, mais os enrudecia. Entretanto, ahi tiveram que organizar sociedade, constituir nucleos de população, exercendo todos os misteres, desde os officios mecanicos, até os da governança. Isolados do mundo pela immensidão do Atlantico e insulados na rudeza formidavel da matta virgem, elles tinham por força que, ao se adaptar a esse meio brutal, se tornar mais rudes ainda, com o que recrudescia a fraqueza do seu intellecto, o qual, á medida que os descendentes dos povoadores se identificavam com o meio agreste, mais se ia embotando e tornando rudimentar.

---

(2) Costa Lobo, "*Historia da Sociedade em Portugal, no seculo XV*".

Assim é que os nossos antepassados povoadores foram quasi analphabetos e sem cultura, como meridianamente transparece dos documentos de publicação official por onde se vê que a orthographia pessima e desigual ia na mesma graduação dos horriveis garranchos, que constituiam a sua escripta, feita, indubitavelmente, por gente mais afeita ao manejo da escopeta, do arcabuz e da espada, da adaga, ou da enxada, do machado e da foice, do que da penna, da leitura ou da palavra.

Os misteres, que demandavam mais esforço intellectual, como os da governança, da organização judicial, etc., eram pessimamente exercidos pelo numero resumido de alguns membros da elite intellectual dessa sociedade, mais inclinada ás labutas materiaes do que aos tratos espirituaes.

Assim foram os povoadores, assim continuaram a ser os demais moradores do planalto, entre os quaes os bandeirantes.

A unica coisa que dessa gente nos ficou foi a documentação municipal e o archivo de transmissão de propriedade "causa mortis".

Nem um só trabalho literario, nem um só vestigio artistico, que de leve denuncie uma elevação mental, nem uma transparencia tenue que mostre qualquer coisa que sobresaia dessa invalidez completa do intellecto (3).

---

(3) O já tão citado Paulo Prado, no seu livro "*Paulistica*", 94, diz a esse respeito:

> "Intellectualmente a indigencia ainda era maior. Alem de ensinar, como diz um testamento do seculo XVII, "os machos a ler, escrever e contar, e as femeas a coser, e lavar" — pouco

De facto, não temos noticia de um só desenho, pintura, esculptura ou producção literaria de autoria desses nossos rijos antepassados, que só se exercitavam na architetura, aliás modestissima, das casas de taipa de pilão, em que viviam, mobiladas de um modo muito tosco e parco, coisas que denunciam a completa ausencia do espirito artistico do povoador e do paulista do planalto.

Esses povoadores provinham de uma epoca em que a Renascença fazia brilhar em toda a Europa occidental o genio estupendo dos povos filiados á raça atlantico-mediterranea que tambem abrangia os ibericos. Na Italia, a superioridade do "*meridionalis*" era um facto

---

mais se aprendia. Os que se salientavam por alguma instrucção difficilmente iam além das regras da grammatica, dos preceitos do catecismo e do latinorio de obrigação. Em 1798, Martim Francisco requer ao governo que seja creada na capital uma cadeira de arithmetica, geometria e principios de algebra, "sciencias desconhecidas em S. Paulo, onde até se ignora a sua existencia. O requerimento foi indeferido."

*

* *

Sobre a pobreza do intellecto no planalto, assim se exprime o erudito mestre Affonso Taunay, no seu excellente "*S. Paulo nos primeiros Annos*", 2:

"Na primitiva e minuscula aldeiola quinhentista, semi-ilhada da civilização, cellula-mater da grande capital hodierna, não podia florescer uma cultura que nas actas da edilidade se traduzisse por meio de prolixas narrativas ou complicadas dissertações, arroubada estylistica ou minuciosa reportagem de factos.

Outros lhe fossem os asperos habitantes, empolgados pelas necessidades immediatas e imperiosas do *primo vivere*, alheios pela força das circumstancias ao mundo exterior.

sensivel com Dante, Leonardo da Vinci, Miguel-Angelo, etc., todos pertencentes a esse typo que fazia, na Peninsula, o intellecto humano fulgir com manifestações em todos os campos da actividade, scientifica e artistica, com creações monumentaes na literatura, na pintura, na estatuaria, na architectura, etc.

De nenhuma dessas transparencias do genio humano, trouxeram os povoadores o reflexo, pallido ao menos. Nem mesmo a architectura, essa arte sublime, que acompanha a evolução dos povos através da historia, souberam os povoadores e os seus descendentes importar da peninsula, onde ainda lapidavam a pedra do rendilhado gothico, e do gracioso manuelino, bem como se iniciava, luxuriante, o barroco.

No planalto paulista, não se acha o menor vestigio de um espirito elevado, graças ao qual, outrora, se ergueram os castellos ameiados, as cathedraes monumentaes. Só em meados do seculo XVIII, em Minas Geraes, a architectura tomou vulto.

E tal não se désse não poderia S. Paulo ter subsistido.

A dureza da existencia não comportava letrados nessa atalaia da civilização, alcandorada sobre o planalto, unico ponto do Brasil, onde os brancos até fins do seculo XVI haviam deixado de ser os caranguejos arranhadores da costa, segundo a phrase expressiva do velho e suave Frei Vicente do Salvador."

*

* *

"*As artes porém não florescem entre elles, sendo o gosto e a elegancia, em mobilias e equipagens, coisas completamente desconhecidas.*" — "*Cartas sobre a Bahia*" por Mrs. Kindersley — Trad. do Dr. Vicente de Sousa Queiroz.

Essa falta absoluta de sentimentos artisticos, ao lado de uma completa indifferença em transmittir á posteridade os relatos dos seus feitos de monta, os quaes só hoje sabemos dar valor, são coisas só explicaveis pela vida extra-intellectual, levada pelos paulistas, engolfados nas suas lavouras e nas suas batidas pelos sertões, exacerbada pelo isolamento, segregados no novo meio por elles formado, o qual constituia, com a sua parentela, os seus haveres, o unico interesse que tinham a lhes prender a vida. A comprovar isso, ha o notorio desinteresse dos paulistas por tudo quanto se passava no mundo, só exceptuando uma referencia ao sebastianismo em Portugal (acta municipal de 16 de Abril de 1639, "Actas", vol. II). Além disso, havia o mais completo desinteresse pelo que se passava nas outras colonias portuguezas na America sulina. Não se importavam os paulistas com o que se passava em Pernambuco ou na Bahia e só se mexiam em coisas que lhes diziam respeito.

O unico vestigio da intellectualidade paulista seiscentista foi um trabalho genealogico de Pedro Moraes de Madureira, paulista de certa illustração que, havendo estudado em Coimbra, constituia uma excepção notabilissima. Nem ao menos os moradores do planalto tiveram a elevação mental sufficiente para conservar esse trabalho, o qual certamente traria, através dos seculos, muitos conhecimentos de enorme interesse acerca do nosso passado.

E' certo tambem que, em um inventario datando dos primeiros annos do seculo XVII, procedido no sertão de Parahupava em Goyaz, apparecem uns versos de Camões, o que originaria a convicção de que ao

menos uma vez os sertanistas de S. Paulo, nas horas mortas de descanso nocturno, talvez quando esfalfados das suas gigantescas caminhadas pelos invios sertões das regiões do centro sul-americano, se amenizavam com o doce cultivo das estrophes que Camões incrustara nas letras lusas.

Duvido, porém, que esse trecho de Camões haja sido escripto no sertão e na mesma occasião do inventario. A mentalidade paulista, tão impermeavel aos prazeres do intellecto, não costumava exercitar-se nisso, nem mesmo quando aconchegados ao socego do planalto. Os documentos não nos dão, além dessa, nem uma só mostra qualquer. Tudo pois leva a suspeitar terem sido as fulgentes palavras camoneanas escriptas no inventario mencionado em data muito posterior á em que elle fôra procedido.

Ainda nesse seculo XVII, a mentalidade teve um subito clarão de brilho indiscutivel com o celebre padre Manuel de Moraes, o qual, segundo todos os chronistas que a elle se referem, constituia na verdade uma excepção, facto que é tanto mais de ser enaltecido porquanto esses mesmos chronistas fazem força em denegrir o caracter desse paulista, em virtude da sua conversão á religião reformada.

Além dessas manifestações, só um seculo mais tarde encontra-se o padre Dr. Guilherme Pompeu de Almeida, aureolado de um certo prestigio intellectual, e, depois deste, o illustre Frei Gaspar da Madre de Deus e o nosso tão veneravel linhagista Pedro Taques de Almeida Paes Leme.

Não falando desses casos verdadeiramente excepcionaes, a população do planalto não passava de um

nivel intellectual muito baixo, do qual apenas emergiam os religiosos dos conventos e mosteiros, os quaes abundavam em S. Paulo.

Aliás a religiosidade do paulista era uma das causas do atrazo mental da gente do planalto. E' sabido que a religião, elevada ao grau em que era tida nessa epoca inquisitorial, além de monopolizar o desenvolvimento mental humano com a sua intolerancia, tolhia os surtos do raciocinio, que por sua conveniencia tudo fazia para conservar atrophiado.

Exercia, ainda, a religião, grande força selectiva regressiva no intellecto da população, recrutando nas familias paulistas os melhores elementos, os de menor atrazo mental, para o seio de seus mosteiros e conventos, eliminando-os assim da reproducção, para cuja funcção ficavam apenas os que menos pendores manifestavam para os esforços cerebraes. E' muito sabido que entre as velhas familias paulistas, o patriarcha dedicava previamente um dos filhos á carreira sacerdotal. Esse filho era escolhido como o menos desintelligente pelos seus preceptores jesuitas, benedictinos, etc., que naturalmente tinham o especial cuidado em inculcar-lhes o amor ás coisas divinas.

Consegui encontrar, só dentre os mencionados por Silva Leme na sua Genealogia, pertencentes ás familias paulistas, cerca de 50 padres e monges seiscentistas, e 75 do seculo XVIII. Hoje em uma população tres mil vezes maior, esses numeros não seriam talvez attingidos senão com muita difficuldade (4).

---

(4) Quando, nos seculos XVI e XVII, aportaram no planalto os colonizadores ibericos, traziam elles da peninsula o germen virulento do

As organizações religiosas, ao lado desses desserviços ao desenvolvimento intellectual do planalto, tinham, porém, no seu credito o grande merito de haverem sido os mosteiros benedictinos, carmelitas, franciscanos e os collegios jesuitas os unicos focos de cultura,

---

fanatismo religioso que então endemicamente proliferava em toda a Europa.

Nessa epoca, apenas emergida da Edade Média, em França os huguenotes eram premeditada e vandalicamente trucidados sob a soturna inspiração de Catharina de Medicis. Na Allemanha a guerra dos Trinta Annos fazia as mais formidaveis devastações; na Inglaterra a Hyena do Norte e depois a rainha virgem escreviam a pagina sanguinea da historia britannica apenas esboçada por Henrique VIII, e epilogada com Cromwell; na Iberia as inquisições de Dom João III e de Felippe II encharcavam a terra de sangue e saturavam o ar do fumo negro das fogueiras.

Os povoadores sahidos desse meio, onde o prestigio da batina e principalmente da roupeta era incommensuravel, forçosamente haviam de trazer impregnado todo esse mysticismo peninsular tão decantado por Oliveira Martins, e ainda mais exaltado por Lapouge, citando Galton que estudou os retratos dos protagonistas inglezes dessa epoca tenebrosa, chegando á conclusão de que todos elles eram do typo *meridionalis*, que era e é o predominante na Iberia (Lapouge, "*Selections*", 93).

Era pois um facto natural o fanatismo religioso dos povoadores.

A religião catholica era porém moldada ás intelligencias rudissimas e sem trato, quasi analphabetas, desses nossos antepassados, cuja ignorancia e boa fé eram exploradas pelos ministros da religião, principalmente jesuitas, que no inicio do quinhentismo galgavam o primeiro degrau do pedestal que sob a egide de Loyola iam elevar por dois seculos e meio.

Quem percorre os documentos publicados pelo dr. Washington Luis ("*Inventarios e testamentos*"), póde fazer uma idéa dessa religião observada pelos povoadores, e consequentemente pelos paulistas, seus filhos e netos.

Bebida naturalmente nos ensinamentos do catecismo dos padres e monges, que enxameavam pelas villas do planalto, essa religião catholica mais se assemelhava a um polytheismo pagão, com suas multiplas divindades representadas por centenas de santos, anjos, etc., além das muitas milhares de virgens, etc., a quem eram dirigidas fervorosas e eloquentes

tenues aliás, existentes no planalto. Ahi se ensinavam os rudimentos alphabeticos e noções de catecismo aos jovens paulistas de outras éras, coisas que constituiam todo o patrimonio intellectual dos nossos avós.

A par desse meio de instrucção, rarissimas vezes um patriarcha mais abonado enviava o primogenito a

---

preces e adorações em testamento, peças soberbas, identificadoras do estado de alma desses moribundos, e promettidas um sem numero de missas solennes, velas, etc.

Nesses testamentos toda a côrte celestial era invocada com uma ingenuidade admiravel, no sentido de lhes serem perdoados os peccados e concedida a almejada salvação eterna.

Phenomeno prenhe de interesse se passava entre os moradores do planalto: essa extrema religiosidade não impedia que os paulistas, desde João Ramalho e seus filhos mamelucos, movessem uma desapiedada e encarniçada guerra aos jesuitas, ministros sagrados, sacerdotes dessa mesma religião da qual se mostravam tão escravizados.

A explicação, por alguns tentada, de haver sido João Ramalho judeu, e seus filhos christãos novos, não passa de um delirio de phantasia imaginosa, porquanto se o signal que Ramalho fazia preceder a sua assignatura poderia parecer com o *kaff* hebraico é certo que outras vezes o signal por esse patriarcha usado era a propria cruz, como se póde verificar do livro das actas municipaes de Santo André da Borda do Campo.

A guerra contra os jesuitas, porém, não foi limitada pelo genro de Tibiriçá e seus filhos, mais foi continuada, por quasi um seculo mais, pelos bandeirantes que tambem não se contentavam de, ao longe, nos territorios missioneiros, perseguir os loyolanos e seus apaniguados selvicolas, mas levavam o seu desrespeito a ponto de atacar os proprios jesuitas do planalto, enxotando-os para fóra da região.

Não foram tambem sómente os jesuitas as unicas victimas dessas perseguições, pois as que foram movidas ao vigario Albernáz, aliás de familia paulista, expulso da villa e atropelado pela multidão, são tambem de se fazer notar.

Isso evidencia que o espirito de religiosidade extrema, manifestado nos documentos, não passava de um estado superficial, primado de muito pelo interesse commercial. Talvez fosse essa religiosidade gerada pela

Coimbra, ou á Bahia, de onde voltava com um acervo que o habilitava a se sustentar em um plano muito superior ao em que se achavam os demais moradores do planalto. Assim foi o caso de Pedro de Moraes Madureira, do padre Manuel de Moraes e do dr. Guilherme Pompeu. Outro indicio vehemente desse estado intellectual da gente paulista está na completa ausencia de livros, entre os moradores do planalto. Isso se evidencia pelo exame dos inventarios seiscentistas e setecentistas, constantes das publicações officiaes, nos quais, apesar do seu numero elevado a varias centenas, não se acham se não alguns raros livros de religião, como o "Livro das horas", "O confissionario", etc., e como literatura profana a "Chronica do Gran Capitan", as "Novellas de Miguel Cervantes", etc. (5).

---

falta de passatempo e pelo terror que as penas do Inferno infundiam a essas almas rudes e ingenuas.

Diogo de Lara, homem de certos haveres, e já de edade, passava os dias inteiros a rezar nas igrejas, divertindo-se em enfeitar de flores os altares do templo carmelita, segundo nos relata seu descendente Pedro Taques, o linhagista.

Assim, vê-se que nem todos os preceitos da moral christã eram rigorosamente observados no planalto, pois que o apresamento de indios, o desrespeito ás vestes sacerdotaes e a desobediencia ás bullas pontificias não podiam deixar de ser premeditados peccados contra a piedade, para os quaes na hora da morte vagamente pediam absolvição nos testamentos, e se prodigalizavam nos offerecimentos a uma multidão de santos, de uma enorme porção de missas, velas, etc., que testemunhavam um evidente culto ás imagens.

(5) E' o sabio Martius, no principio do oitocentismo, uma preciosa testemunha desse atrazo intellectual do planalto. Diz elle, referindo-se a S. Paulo:

> "A unica bibliotheca da cidade, além da dos Carmelitas, é a do veneravel bispo, o qual, apesar da sua idade, soube conservar um vivo interesse pelos assumptos scienti-

As mulheres eram ainda mais incultas, não sendo costume ellas aprenderem a ler. A primeira e unica mulher sabendo assignar o nome, em S. Paulo, foi a bahiana Leonor de Siqueira, mulher de Luiz Pedroso de Barros, chegada a S. Paulo em meados do seiscentismo.

Todas as demais evidenciações do estado de cultura no planalto, transparecidas desses documentos de publicação official, são accordes em admittir essa conclusão (6).

---

ficos, mostrando-nos a bibliotheca com manifestações de sincero enthusiasmo. Contem ella bom numero de obras historicas, canonicas, de classicos antigos,..." (*Reise in Brasilien*" "*Rev. do Inst. Hist. S. Paulo*", vol. XV. 353).

*

* *

A maior quantidade de livros que achei pelos documentos de inventarios, foi no acervo deixado por Mathias Rodrigues da Silva, fallecido em 1710, no que appareceram 18 livros, todos de caracter religioso.

Foi este Mathias, aliás, o homem que maior fortuna (11:754$000 réis, ou sejam, cerca de 29.380 cruzados) deixou dentre os inventarios cujos documentos foram publicados.

*

* *

"Justifica-se de algum modo a importancia que se dão os padres, pois a pouca instrucção e saber existentes no paiz só podem ser encontrados entre elles". — "*Cartas sobre a Bahia*" por Mrs. Kindersley, 1764 — Trad. do Dr. Vicente de Souza Queiroz, 20.

(6) E' notavel o afastamento da lusitanidade em que se viram os paulistas, nesse 1641. Dom João IV, o Bragança, acclamado em Portugal e em todas as colonias lusas na America, não encontrou unanimidade em S. Paulo. Isso accentua a existencia no planalto de um espirito regional que fazia falta alhures. O facto de ser escolhido um paulista como Amador Bueno, descendente de chefes indigenas, ligado ás estirpes regias de Tibiriçá e de Pequeroby, bem o evidencia. Entre tantos hespa-

Ora, as consequencias desse atrazo intellectual fizeram naturalmente augmentar o isolamento do planalto em relação á metropole, fazendo com que os paulistas mais se desinteressassem do reino, ao qual eram ligados apenas pelo paulatino e diminuto affluxo do filete ininterrupto de novos immigrantes lusos.

Esses phenomenos foram gerando um estado de alma que não podia evoluir parallelamente ao existente em Portugal, fazendo com que um ideal differente illuminasse o ambiente do planalto, onde teria forçosamente que nascer mais rapidamente do que nas outras regiões da colonia a idéa de patria, se acontecimentos de varias naturezas não viessem perturbar essa evolução.

A lembrança do reino, á medida que se afastava, com o isolamento, a noção de uma patria nova, aflorava á mentalidade paulista, noção esta que, combatida pelos portuguezes recem-vindos da terra, não podia entretanto deixar de tomar rapido incremento.

Ahi estão as acclamações de Amador Bueno, em 1641, e a de Amador Bueno da Veiga em 1709, a testemunhar a nossa conclusão.

A primeira que visava nitidamente a independencia de S. Paulo só abortou em razão do temor re-

---

nhoes existentes na terra, um delles poderia ter sido o acclamado, so se tratasse de um movimento de reacção contra Portugal recém-libertado. Sem embargo disso os hespanhoes foram desprezados e um paulista descendente dos Pires portuguezes foi escolhido.

Isso quer significar que os paulistas haviam perdido o espirito de lusitanidade e haviam formado uma mentalidade propria. Se então não se desgarraram, é que não julgavam necessaria uma separação mais marcada pois que já gosavam de independencia de facto.

verencial e excessivo respeito dos paulistas pelos poderes constituidos, sentimento esse que foi elevado a extrema potencia na pessoa de Amador Bueno, recusando-se a ser o monarcha (os paulistas acclamando a Amador Bueno ignoravam que Dom João IV já estivesse solidificado no throno; talvez por esse motivo, julgando Portugal sem governo constituido, tentaram uma só vez a independencia) (7). Além disso é notorio que os

---

(7) Os paulistas, acclamando Amador Bueno, rei de S. Paulo, parece que ignoravam estar Dom João IV solidificado no throno, julgando Portugal sem governo constituido, e a Hespanha a braços com os flamengos, e francezes na guerra dos 30 annos e assim tentaram a independencia, para a qual o povo não se achava psychologicamente preparado, e por isso não vingou a tentativa.

Amador Bueno, ao recusar, não parece haver sido impulsionado apenas, como á primeira vista se afigura, pela lealdade ao novo rei Dom João IV, cuja estabilidade, elle, Amador Bueno, já sabia.

Os paulistas jamais manifestaram pendores pelos portuguezes, apesar do descenderem destes. Tanto lhes fazia um rei portuguez, como um hespanhol. E' preciso notar que os paulistas descendiam tambem de hespanhoes, de flamengos, de inglezes, de francezes, etc.

Todos eram Sua Majestade "El Rey Nosso Senhor". Nunca os paulistas haviam ido a Portugal, que conheciam apenas por tradição de seus maiores; os laços que os prendiam á patria lusa seriam por isso muito frageis; com o que não era de se fazer sentir grande lealdade ao Bragança recém-acclamado, por parte de Amador Bueno, se não existisse esse temor reverencial e o excessivo respeito aos poderes constituidos alheios ao planalto.

Um estado de alma do povo prompto a receber a emancipação politica teria banido esse temor reverencial de que Amador foi certamente o indice mais elevado. Esse estado de alma existiria no paulista mais do que em qualquer outra agglomeração humana nas colonias portuguezas, em razão de possuir elle as virtudes psychologicas, para isso muito desenvolvidas, se por ventura tivesse elle necessidade dessa liberdade; coisa que não se dava, porque o paulista, de facto, não obedecia a governante algum, e era absolutamente livre e independente, limitando-se a nominalmente prestar vassallagem a "El Rey Nosso Senhor".

paulistas não tinham a opinião publica preparada. Talvez essa razão fosse a mais importante.

A segunda acclamação, a de 1709, espelha perfeitamente o estado de alma, orientando o povo para o separatismo, o que não foi tentado seriamente porque, então, os paulistas se espalhavam pelas minas geraes, despovoando o planalto e creando assim uma phase nova que, constituida de multiplos factores, faceis de serem vislumbrados, impedia o separatismo (8).

Este estado intellectual do paulista perdurou durante todo o seculo dos setecentos, e quando no seculo

(8) A segunda ameaça de separatismo em 1709, por occasião do principio da guerra dos emboabas, ainda que não haja assumido as proporções de tentativa de rebellião contra a metropole, vê-se pelos documentos que o povo estava já muito mais preparado para levar avante a idéa. As circumstancias apontadas como differenciadoras do estado de alma entre o planalto paulista e Portugal haviam recrudescido de maneira que, se em 1641 o planalto já não se considerava mais portuguez, sessenta annos depois o espirito regional da patria nova havia evoluido de uma fórma assustadora.

Nessa occasião, porém, o planalto já não contava, para um serio movimento separatista, com a totalidade de seus moradores que, ao primeiro grito de "ouro nas geraes", já no fim do seculo anterior haviam iniciado um vasto movimento emigratorio, dispersivo, que em 1709 deveria estar bem adeantado já, com grande quantidade de paulistas espalhados pelas minas.

Além disto o numero de homens de armas, indios de arco e flecha, no dizer pittoresco de Pedro Taques, havia diminuido sensivelmente, não só por constituirem elles o braço trabalhador nas minas, levados pelos paulistas, como porque o preamento pelas bandeiras caçadoras havia cessado quasi por completo. Assim, para uma tentativa de rebellião, os paulistas não podiam mais contar com aquella antiga força, com a qual formavam antes os seus formidaveis exercitos.

O planalto europeizava-se, despopulava-se e enriquecia, com o ouro, sua mentalidade regional se solidificáva e estava então bem mais preparada, mas empobrecera rural e militarmente.

XIX, no seu inicio, a Faculdade de Direito de S. Paulo foi inaugurada na capital paulista, ainda a população conservava a mesma ignorancia amparada pela intelligencia pouco aproveitada e sempre refreada dos moradores do planalto.

Só nesse seculo o paulista galgou o immenso degrau da sua evolução intellectual. Os abridores da lavoura de café conservavam o atrazo de cultura, de seus antepassados, se bem que um bom senso e um espirito pratico notaveis fossem aparados por uma intelligencia algo mais limada por um contacto mais assiduo com o progresso vindo de além-mar.

*

* *

Os paulistas não poderiam ir além desse atrazo intellectual com os seus recursos economicos, que não lhes proporcionavam elementos de melhoria, bem como os seus ideaes, que não iam longe do acanhado ambito em que viviam. Vieram os povoadores para o planalto apenas para se livrar das apertadas condições da lucta pela vida no reino, cuja dureza extrema não lhes permittia a reproducção de accordo com o seu coefficiente de fecundidade.

Ideal esse que logo viram concretizado nos estabelecimentos ruraes do litoral e do planalto, os quaes na sua polycultura produziam tudo que necessitasse uma vida farta, sobrando mesmo aos povoadores uns poucos elementos de exportação, com o que podiam importar as bugigangas do reino, que salpicam as listas dos arrolamentos dos inventarios. A segunda geração,

no planalto, fez evoluir esse ideal, de limites tão estreitos, trazido pelos povoadores. Os filhos dessa gente rude, pobre, curtida pelos soffrimentos e miserias, com o desenvolvimento da sua cultura agricola ao redor das villas paulistas, por este motivo forçados, tiveram que lançar os olhos para o sertão, avidos, não de descobrimentos, mas do braço abundante que alimentasse essas lavouras.

Esse braço deveria ter sido nos fins do quinhentismo e no inicio do seiscentismo cotado muito alto entre os lavradores paulistas. Elle já se tornaria bem escasso, porque os moradores do planalto, sem ter os recursos que sobravam aos bahianos e pernambucanos: a importação dos "*negros da Guiné*", tinham que obrigatoriamente se cingir ao braço indigena, applicando então o rifão que diz que: "*quem não tem cão, caça com gato*". Ora, o indio já então se fazia raro ao redor da villa, não só pela desmedida protecção que os jesuitas davam aos guayanazes, como tambem pelo grande desenvolvimento que tomavam as lavouras paulistas, que já se estendiam até Parnahyba, phenomeno resultante da fecundidade paulista que, adensando a população, a obrigava a se expandir ruralmente ampliando os meios de producção. Isso causava o augmento da procura de braços que se ia tornando de uma necessidade premente. Dahi ao nascimento do bandeirismo de prea, ou a creação da industria dos apresamentos e descimentos. Ella se alimentava pelo ideal de a custa della formarem um peculio que chegasse para o pagamento dos dotes ajustados das suas filhas casadoiras, e para a constituição de um monte que outorgasse, em caso de morte, á sua familia, além do necessario

para viver, o que fosse determinado para que dentro da religião catholica os seus testamenteiros fizessem bem á sua alma.

Eis o mobil economico do bandeirismo, impulsionado por um ideal limitado, mas gerado por gente iberica que nelle concentram todas as forças formidaveis da sua alma ardorosa.

E por ter sido ella um importante factor na genese do sertanismo, nunca a industria dos apresamentos formou uma classe á parte, como seria de se pensar, e sim foi constituida pelos proprios agricultores que iam ao sertão buscar gente para as suas fazendolas. Ás vezes a colheita humana sertaneja excedia as necessidades das plantações, então as peças restantes eram vendidas e o dinheiro vinha augmentar os cabedaes de cada um, quando de todo não era absorvido no pagamento dos "*conhecimentos*", de dividas contrahidas com o aviamento e aprestamento para o sertão.

Eis pois em que consistiu o ideal estreitamente limitado dessa gente que nunca se enganou sobre as possibilidades de uma sorte melhor, sem as agruras de uma vida isolada na rudimentar e agreste colonia do planalto.

Nunca se illudiriam os povoadores em que a travessia do Atlantico não seria para elles e para as suas familias o exilio perpetuo. Naquellas fragas pardacentas de Paranapiacaba ao longe, do oceano vislumbradas, até os menos scepticos veriam gravadas as mesmas classicas palavras de côr escura que Dante horripilado achou escriptas no cimo das portas do Inferno. Cada um sabia que, uma vez com sua familia estabelecido arriba serra, nunca mais veriam o Reino.

De facto é esta a impressão que resalta do exame da obra de Taques e da analyse dos documentos. Uma viagem a Portugal seria, então, coisa só realizavel pelos muito ricos, como Manuel João Branco, Luiz Dias Leme, e outras excepções, que não abundaram em S. Paulo. As primeiras minerações ao redor de S. Paulo teriam sido tão limitadas e aproveitando sómente aos Sardinhas, a Antonio Bicudo e a Clemente Alvares, que não poderiam influir no ideal dessa gente, como não importavam na economia da região. Poderiam ellas, quando muito, deixar admissivel a possibilidade da existencia, nesse formidoloso sertão, de riquezas, as quaes só interessavam, então, á gente bahiana.

Eis o primeiro degrau da evolução do ideal paulista.

E' certo, porém, que, logo no inicio do seiscentismo, se começa a falar em S. Paulo da "*prata de Sabarabuçú*", á cata da qual Dom Francisco de Souza fizera partir André de Leão, mas a morte desse fidalgo de Beringel adormecera de novo esse vislumbre. Elle não chegou a accender as ambições de um ideal mais elevado, ao qual a alma paulista se conservava impermeavel, apesar de espicaçada de quando em quando pelos rumores que se reflectiram até nos documentos a respeito das pedrarias ou mesmo pela propria prata de Sabarabuçú. Esta em 1654 serviu de alvo ao filho do velho Clemente Alvares, o capitão Alvaro Rodrigues do Prado. O ouro de Paranaguá foi o objectivo de Gabriel de Lara e Heliodoro Eobanos, que após isso demandaram a teimosa serra resplandecente de Sabarabuçú, que dom Rodrigo procurou em 1681, em seu lugar achando a tetrica figura da morte no Sumidouro.

Nada disso desorientou os modestos limites, até onde chegavam as humildes esperanças dos moradores, sempre com afã empenhados na caça ao indio para as suas lavouras, que lhes chegavam para a subsistencia, e para manter a prolificidade da raça, que fazia a população crescer sempre.

A razão talvez esteja em que os paulistas dessas éras, sem ter uma cultura limada que aprimorasse o fino metal da sua intelligencia, como já dissemos logo acima, nunca desampararam o bom senso e o raciocinio calmo e frio. Essa conformação mental não lhes permittiu que se embalassem nos sonhos dourados de uma exaggerada ambição. Só depois, já no fim do seculo XVII, quando alguns exploradores felizes descobriram ricos alluviões, ousaram os paulistas dar mais curso á imaginação, a qual porém, para felicidade delles, foi uma faculdade que parece ter-se conservado sempre em embryão. De facto, pelos documentos é sensivel a modestia da imaginação entre os paulistas, nunca concebendo planos que facilmente poderiam ser levados a effeito por essa gente de virtudes excepcionaes.

As entradas que "*commettiam*", os perigos que affrontavam, os prodigios que realizavam, na caça ao indio, do que resultou o recuo do meridiano, e a conquista do territorio, nunca foram coisas premeditadas e previamente imaginadas com objectivos certos e determinados, com linhas traçadas de antemão, etc. Nada disso é de se deprehender da linguagem dos documentos que, laconicos em extremo, entretanto falam bem claro neste particular.

Partiam as expedições á cata do indio e, sem sentir a grandiosidade dos seus feitos, embrenhavam-se no

longinquo sertão, fazendo-o com uma naturalidade de espantar a quem não esteja familiarizado com os documentos.

A imaginação foi pois uma faculdade pouco desenvolvida entre os paulistas.

Talvez porisso nada conseguiu crear essa população do planalto, que nem ao menos de si e das passagens da sua historia soube deixar vestigios sequer. Esse traço psychologico do paulista parece ter sido herdado de seus maiores portuguezes, tão laconicos quanto elles em materia de chronicas e pouco mais ricos que elles em monumentos architectonicos, ou em obras de pintura ou esculptura.

O seculo dos setecentos trouxe, entretanto, com a rapida successão de acontecimentos transmutadores dos scenarios da historia paulista uma repentina mudança na mentalidade. Isso acompanhou a transfiguração soffrida no planalto com a descoberta do ouro nas geraes, trazendo como natural consequencia a genese de um novo ideal, o qual de muito ultrapassava o que havia acalentado o povoamento e presidido ao bandeirismo de prea, porque a ambição era o seu elemento primordial e se ampliava á medida que a imaginação galgava os degraus do seu processo evolutivo.

Quem, então, em S. Paulo não sonharia com o rebrilhar do ouro dos socavões mineiros, situados a tão curta distancia, se, dos altos topes da Mantiqueira, com a vista se poderia abarcar todas aquellas nascentes douradas do Doce, do Parahopeba, do Pará, do S. Francisco, do Verde, dos rios das Velhas, do das Mortes, etc., de onde tantos paulistas voltavam com as ves-

tes ainda polvilhadas, resplandecendo a poeira metallica do ouro?

A ambição cresceu, o rastilho do desejo de enriquecer se propagou com rapidez e o ideal do ouro attingiu o meridiano, substituindo o humilde e mediocre ideal rural, que subsistira até então, acalentando o utilitarismo paulista. Com isso as expedições se succederam até reduzir á anemia o planalto, exsangue pela emigração em massa para as terras dos "el-dorados".

Não muitos dahi voltavam, pois que os estabelecimentos extractivo-industriaes paulistas se succediam nas minas das geraes, de Goyaz e de Cuyabá. Quando saciados, ou quando os seus mananciaes exgottados, os mineradores já estavam fixados ao solo, com plantações de cereaes e creações de gado. Assim não mais lhes interessava volver ao planalto, onde já não havia mais laço de propriedade territorial que os attrahisse, uma vez que haviam ahi tudo vendido para emigrar para as minas á cata dos descobrimentos e mineração.

Os que voltavam, entretanto, e que não haviam cortado ainda o cordão umbilical que os filiava á região paulistana, achavam no planalto paulista a decadencia e a despopulação.

O planalto havia cessado de ser um nucleo rural por excellencia, onde se concentravam todas as energias de uma gente pujante, para se manter apenas como entreposto com as minas que lhes haviam sugado a seiva.

Assim, as villas paulistas só se mantiveram á custa do bafejo das minas, servindo-lhes de mercados de importação para as suas necessidades que não podiam ser satisfeitas *in loco*, com os artigos produzidos, taes

como armamentos, vestuarios, instrumentos de lavoura, e mesmo alguns generos alimenticios, como o trigo, o sal, etc.; ou de exportação, onde eram fundidas as arrobas de metal extrahido, e cobrados os quintos, etc.

Eis em que consistiu o motivo da vida das agremiações do altiplano paulista.

Os moradores ruraes que não se haviam abalançado ás minas, correndo em busca da fortuna, foram os que se haviam impermeabilizado ao ideal collectivo, a ambição descommunal da epoca. Esses e os que voltaram das minas enriquecidos, bem como os que do planalto mantinham empresa de mineração, nas minas, ou por sua conta propria, ou emprestando dinheiro a juros aos mineradores, como capitalistas (tal foi o caso do dr. Guilherme Pompeu), formaram as populações setecentistas do planalto. Naturalmente aquelles, os que não se haviam deixado tentar pela mineração, conservando-se fieis ás suas pequenas lavouras, desinteressando-se pelas explorações matalliferas, e limitando-se á rotina rural que seguiam pelos moldes herdados dos seus paes, avós, bisavós, etc., foram aos poucos se empobrecendo, com o paulatino enfraquecimento das suas fazendolas, cuja decadencia o setecentismo foi a testemunha. Isso teve proseguimento até se nivelarem elles com as baixas camadas sociaes, a ellas se encorporando, e olvidando por completo por suas origens gloriosas.

Os enriquecidos nas minas, dellas havendo retornado ao planalto, bem como os que desta região capitalizavam empresas lucrativas de mineração, foram os poucos que conseguiram manter-se no mesmo nivel de seus antepassados. Elles formaram um nucleo que gra-

ças á fecundidade e aos cabedaes que haviam reunido, com o correr de um seculo, pôde retomar o movimento expansionista paulista, fazendo-se sentir no seculo XIX com a plantação da lavoura de café, no nosso uberrimo Oéste.

Durante o setecentismo, entretanto, a população do planalto consistiu apenas nesse nucleo citado, a principio bem minguado.

A conjuração mineira não produziu a menor impressão no marasmo da indifferença no planalto. Os moradores impassivelmente tudo acceitavam dessa metropole egoista e incapaz de bem os governar. Perseguições, abusos, extorsões, latrocinios, taxações exaggeradas, etc., nada arrancava um gesto de revolta dessa população opprimida, que se submettia sem alimentar esse ideal de liberdade que das alterosas desabrochou nos fins do seculo XVIII e reflectiu em Pernambuco em 1817 (9). Por fim veio o movimento dos Andradas, dos Ledos, etc.; o planalto dormia ainda, sem sonhar ao menos com esse estado de alma que agitava o Brasil. Nem um só vulto desse periodo se filiava ás estirpes do planalto, e muito menos a esta região. S. Paulo foi o palco da independencia, mas os autores e os actores desse episodio não pertenciam á terra (10).

A razão de tudo isso, é claro, está em que o planalto pela maior parte era povoado de gente sem cultura, sem ideal, sem imaginação, só escapando desse empobrecimento moral intellectual um pequeno nucleo

---

(9) Washington Luis — "*Capitania de S. Paulo*" — 5.

(10) Acclamação de Amador Bueno da Veiga; expedição ao Rio das Mortes e Guerra dos Emboabas.

dos pertencentes á estirpe dos enriquecidos nas minas, os quaes se espalhavam pelas muitas villas paulistas e não podiam pelo seu numero diminuto fazer pesar o seu concurso que só mais tarde, com a evolução, e principalmente com a fecundidade propria do paulista, tinha não só que apparecer como tambem de dominar.

Assim, em synthese, vemos que no planalto sómente em fins do seculo XVII, e inicio do seguinte, vibrou intensamente a alma paulista, sob o vigoroso impulso de um ideal que a attrahia para a exploração dos ricos Pactolos.

E tão forte teria sido essa emoção psychologica que o paulista, até então sempre orientado pelos limitados fins economico-commerciaes que lhe permittiam apenas viver livre da miseria, ultrapassou de muito essa fronteira do utilitarismo, para chegar a vislumbrar, com a fulgurancia meteorica e passageira, é verdade, a idéa de uma patria nova (11), phenomeno que produziu os seus primeiros movimentos nativistas con-

---

(11) A idéa de patria, o amor á patria, está sempre em razão inversa ao tamanho das mesmas. Quanto maior for um paiz, menor será o laço sentimental a prender a elle os seus habitantes. E' isso que nos ensina a psychologia collectiva, quer no passado em se analysando as organizações que se foram, quer no presente em se passando em revista ás que encontram na superficie do planeta.

E é natural que isso assim seja. Os grupos humanos isolados pelas distancias e pelos accidentes physicos que difficultam as communicações formam mentalidades proprias. Concentrados em regiões separadas umas das outras, elles vão aos poucos girando em torno das suas condições particulares constituindo-se segundo os contornos dessas regiões que só elles vão influenciando com o maior desprezo pelos demais. Só os laços de parentesco prendem e irmanam o grupo humano em uma maior solidariedade. Só os laços de uma vida commum, formada por um pas-

tra Portugal, e semente plantada em terreno fertil, porquanto o facto de o planalto se achar muito mais isolado da terra lusa do que as outras regiões coloniaes, ahi foi creada uma mentalidade toda diversa da que as outras partes originaram. Essas partes em mais estreito contacto com a metropole, como viviam, ainda tinham alta dose de lusitanidade a lhes saturar a mentalidade.

A causa de ordem psychologica apontada teria servido de excitamento ao estado de alma do planalto, em relação á metropole, de modo a se succederem no inicio do seculo XVIII esses movimentos nacionalistas, que se originaram na acclamação de Amador Bueno da Veiga, na expedição do rio das Mortes e guerra dos Emboadas.

Como disse, esses phenomenos tiveram a rapidez meteorica, em virtude de haver o Reino adoptado em

---

sado commum, em que todos participaram dos mesmos transes, das mesmas agonias e dos mesmos jubilos, constituem o grupo humano ligado por um solido laço que irmana os seus componentes.

Por isso a acclamação de 1641 de um rei paulista estrugiu em S. Paulo. Seria a independencia apenas do nosso planalto. Não se tratava de uma reacção hespanhola contra Portugal. Longe disso. Foi um movimento unicamente paulista que o elemento hespanhol apoiou. Por isso o rei paulista escolhido foi um authentico planaltino descendente dos homens amerindianos e dos primeiros povoadores.

Se esse movimento não teve successo foi porque os paulistas estavam na maioria bandeirando no sertão sulino. Não fôra isso, é certo, nada poderia deter a onda que regionalistamente assim se agitava.

Por isso a acclamação de 1709 na pessoa de Amador Bueno da Veiga, quando os paulistas organizaram a expedição vingadora ao ignominioso massacre do Capão da Traição, na guerra dos Emboadas. E' assim que a palavra patria mencionada por duas vezes nos documentos officiaes só se referia ao planalto na zona habitada pelos paulistas, a qual tinha o litoral vicentino.

relação aos paulistas medidas de varias ordens, as quaes adeante estudaremos, de modo a tornal-os mais submissos á governança metropolitana, diminuindo-lhes o isolamento e tirando-lhes as prerogativas de governo de relativa autonomia, coisa que gozavam em virtude da insignificancia dessa região em relação aos dominios coloniaes portuguezes. Logo, o paulista teve o seu espirito de ideal evoluido, na senda do utilitarismo pratico, desinteressando-se das coisas da governança, a cuja gente tributava o mais solenne respeito, o que lhes restringia o campo de actividade ás occupações das quaes poderiam auferir resultado pecuniario.

Disso, necessariamente, se gerou o espirito do paulista. Elle se fez saturado de iniciativas praticas, facilmente observaveis na Historia, o qual, ainda que desprovido de grande poder de imaginação, lhe permittiu elevar-se muito acima do nivel do brasileiro no concernente ás realizações praticas e progresso material. Elle se revela porém em situação evidentemente inferior, no que diz respeito aos surtos poetico-literarios e outros lavores dependentes de força de imaginação.

*
* *

Assim, antes da descoberta das minas o paulista modestamente só tinha por ideal as suas pequenas lavouras e diminutas creações.

Com a exploração do ouro, o ideal paulista se elevou de tal maneira que transbordou do terreno utilitario para o politico, resultando innumeras manifestações que sem a rapida intervenção da metropole tra-

riam como consequencia um separatismo antes de o setecentismo chegar ao fim do primeiro quartel.

Essa mesma exploração dos terrenos auriferos em Minas, em Goyaz e em Matto Grosso, debilitando o planalto, espalhando os componentes da gente paulista por um territorio immenso, mergulhou a região em uma indifferença, sem ideal politico. Os moradores curtiam na subserviencia á patria lusa a decadencia da região, até que varias circumstancias, entre as quaes a magnifica fecundidade propria da raça, trouxeram a prosperidade e a expansão do seculo XIX. Essa sem solução de continuidade até hoje perdura em um movimento ascencional, inigualado jamais por qualquer outro povo.

*

* *

Não ha a menor duvida de que o excessivo respeito á governança haja sido um traço do caracter paulista manifestado alternativamente no decurso da historia.

Os povoadores, gente modesta e sem instrucção, sempre opprimidos no Reino pelas classes que monopolizavam o poder, nessa epoca de primado absoluto da aristocracia, ao emigrar tinham que trazer, ainda quente, esse temor reverencial tributado em Portugal, por gente das suas classes aos membros do governo. Assim, é natural que, chegados esses povoadores ao planalto e alli isolados, se mantivesse esse sentimento imbuido na massa collectiva dos primeiros moradores. E' palpavel o modo, por demais respeitoso e todo saturado de reverencias e de submissão, com que os nos-

sos antepassados primevos nesta terra tratavam não só os representantes do poder real, como os fidalgos do quilate de Martim Affonso de Souza, de Lopo de Souza, de D. Francisco de Souza, etc.

A sociedade, por elles constituida, necessitava porém de uma orientação governativa que deveria ser propria em razão da insignificancia da colonia e do muito afastamento em que se achava dos centros de civilização e da governança. Então os poderes creados para preencher essa funcção necessariamente tinham que ser formados por gente escolhida, por qualquer fórma, dentre os moradores (os juizes, os capitães-móres eram nomeados por mercês, aquelles vitalicios e estes periodicos; os cargos da governança municipal, porém, eram suppridos por eleição dentre os principaes). E' preciso exceptuar naturalmente a gente que a metropole enviava para exercer cargos dependentes do Governo de Lisboa, coisa aliás que pelos motivos expostos foi muito raramente levada a effeito.

Nestas condições está claro que essa sociedade do planalto, dirigida por gente escolhida, vitalicia ou periodicamente, da massa de povoadores, tinha que ser calcada em bases as mais democraticas. Isso se faz certo porque os dirigentes eram sempre da mesma extracção que os dirigidos, com estes relacionados por estreitos laços de intenso parentesco, e de amizade certa e comprovada, possuindo identicos meios de vida e de haveres, soffrendo as mesmas consequencias da adversidade, ou gozando das mesmas regalias da felicidade. Além disso alternavam-se com elles no poder para exercicio do qual annualmente eram escolhidos em eleições para os diversos cargos da governança, de modo

que o governado de hoje seria o governante de amanhã, e vice-versa (com excepção dos juizes das varas de orphãos, que eram vitalicios, porém sempre escolhidos da massa dos moradores).

Esse regimen, pois, era de verdadeiro *self government*, saturado da democracia, na mais ampla accepção da palavra. Isso é o que resalta clara e positivamente da leitura da documentação de publicação official. A governação assim constituida era muito raramente perturbada pela intervenção da metropole, ou pelos poderes mais centralizados da colonia. Por isso ella tinha necessariamente que fazer evoluir a alma popular deante dos poderes constituidos, modificando-a nos seus aspectos de reverencia e submissão dos primitivos colonos quinhentistas, para imbuil-a de altivez, de espirito avido de liberdades e de independencia, ciosa de suas prerogativas, etc. Foi o que os paulistas do planalto evidenciaram nas suas continuas revoltas contra a governança portugueza central em virtude de actos emanados della, que eram considerados lesivos aos interesses publicos, nas quaes, á força e á mão armada, o povo amotinado obrigava os governantes a pensarem mais acuradamente nos seus deveres de zelar acima de tudo pelos interesses populares.

Desses acontecimentos violentos, destacam-se os occorridos no seiscentismo por occasião de serem enviados ouvidores e corregedores novos ("*Actas*", vol. VII, 205), bem como a proposito da alteração do padrão monetario ("*Actas*", vol. VII, 388 e 454), e das constituições de *trusts* de tecidos de fazenda, os quaes ex-

ploravam os consumidores paulistas. ("*Actas*", loc. cit. 420), e outras revoltas populares (12).

Esse caracteristico tão bem accentuado no paulista do seiscentismo e do inicio do setecentismo (acclamação de Amador Bueno da Veiga, o caso de Domingos Rodrigues do Prado, etc.), quando se relacionava com os governos regionaes e mesmo com os coloniaes do Rio de Janeiro (13), soffria inexplicavel contraste com o modo pelo qual no decurso do setecentismo se submettia á autoridade arbitraria, abusiva e aladroada dos interventores reinóes, na governança da terra.

---

(12) Os casos de rebellião dos paulistas foram sem numero. Elles estereotypam bem o espirito de liberdade e de altivez que não se curvava ante os poderes da governança. Alguns delles podem ser citados. Eis o caso rumoroso da expulsão dos jesuitas do planalto paulista, o caso da repressão ao monopolio do sal, levado a effeito pelo famoso paulista Bartholomeu Fernandes de Faria, o caso do vigario Albernaz, o caso do ouvidor Souto Maior, o de Thimoteo Corrêa, todos referidos por Pedro Taques bem como o de Salvador Correia de Sá. em 1661, a quem os paulistas não queriam receber mandando-lhe a rude resposta de que "se tinha algumas ordens de Sua Majestade a transmittir que as mandasse de Santos".

Os paulistas sempre foram assim intrataveis e arestados. Ainda os conhecemos assim, com ligeiras excepções de alguns que se accommodam bem com os algozes da sua terra.

Os paulistas sempre se mostraram na altura daquelles seus ancestraes que respondiam ao seu rei com as seguintes palavras "*nós que separados valemos tanto quanto vós, e que vencidos valemos mais do que vós...*".

(13) Vem muito a proposito repetir aqui a citação de Froger, já feita e magnificamente aproveitada por Oliveira Vianna ("*Populações Meridionaes*", 215) da sua "*Relação de uma viagem feita em* 1695, 1696 *e* 1697, *ás costas da Africa, Estreito de Magalhães, Brasil, Cayenna e ilhas Antilhas*":

Essa submissão parecia um retrocesso ao caracter primitivo com que o povoador quinhentista vinha saturado.

No setecentismo, os paulistas, outrora tão altivos, sobranceiros, independentes, arrogantes e rudes descendentes daquelle filho de Ramalho, que em um rasgo de ousadia dissera que acabaria com a Santa Inquisição a flechadas, filhos daquella "*gente desalmada y alevan-*

S. Paulo tira a sua origem "d'un assemblage de brigans de toutes les Nations, qui peu à peu y ont formé une grande Ville et une espéce de République, ou ils se font une loy de ne point reconnaitre le Gouverneur".

*
* *

Paulo Prado assim se exprime no "*Paulistica*", pg. 24, sobre este traço da psychologia paulista:

"Esta semente de independencia, de vida livre e de falar alto e forte, germinou e fructificou durante dois seculos na historia paulista".

*
* *

Oliveira Vianna muito bem divisou essa face da psychologia do paulista, ao se referir a elles na pag. 40, do seu "*Populações Meridionaes*", da seguinte fórma:

"O ardor aventureiro do luso, por exemplo, depois de transmudar-se na combatividade impetuosa do bandeirante, cae aos poucos e, no seculo IV, se extingue totalmente á medida que o sedentarismo agricola realiza a sua obra de paz e civilização. Por outro lado, o antigo lealismo peninsular, sob a influencia liberal do meio americano, reveste-se de dignidade e altivez desconhecidas ao cortezanismo de ultramar."

*
* *

tada - que no hace caso ni de las leys del Rey ni de Dios, ni tienen que ver ni con justicias mayores deste estado...". Elles não esboçavam o menor gesto contra as extorsões dos exactores reinóes, contra os abusos inqualificaveis do poder real, que como tentaculos avidissimos se estendiam através do Atlantico, até o planalto, para abarcar os dourados quintos (14).

A alma paulista de arrogante se transformara em submissa, e o bellicoso impulsivo intratavel, e insupportavel de outras éras, se transfigurara no humilde cortejador do poder, não ousando clamar contra a ignominia dos gatunos, que lhe sugavam o fructo de tanto esforço e sacrificio.

Duas foram as causas concorrentes para este aviltamento:

A selecção regressiva e despopulação soffrida pelo planalto com a emigração para as minas, e a modificação do apparelho governamental do planalto, com a diminuição do isolamento da metropole.

"O governador Geral, Camara Coutinho", diz Taunay, "*S. Paulo nos primeiros annos*", 76, "a declarar escandalizando e naturalmente exaggerando a d. Pedro II: "a villa de S. Paulo ha muitos annos que é republica de per si, sem observancia da lei nem uma, assim divina, como humana."

(14) Não foi assim depois de 1930, pois os paulistas se mostraram bem dignos de seus ancestraes rompendo os grilhões da escravidão no ensolarado 23 de Maio de 1932 e escrevendo a maravilhosa epopeia de 9 de Julho até Outubro desse mesmo 1932 que tanta gloria deu a S. Paulo.

Em materia de dinheiro porém, desde a proclamação da Republica os paulistas vêm com admiravel passividade supportando as exacções e tributações da União Brasileira, as quaes tanto se assemelham ás que Portugal arrancava do planalto piratiningano.

Aquella já estudamos de sobejo, e já de sobra verificamos os seus effeitos na evolução da nossa população. Vejamos a segunda:

O planalto paulista representava para o reino luso, e mais accentuadamente para a monarchia dos Felippes, uma particula insignificante, perdida na vastidão immensa dos mesmos, sem a menor importancia sob qualquer ponto de vista que fosse ella encarada, já não representando a menor fonte de renda para a Corôa, coisa que não acontecia ás ricas regiões do Nordéste brasileiro, ou ás opulentas colonias da India, do Perú ou do Mexico, cujos proventos reflectiam brilhantemente na vida peninsular.

Sem densidade de população apreciavel, e desconhecendo-se então a magna importancia do movimento expansionista bandeirante, o qual era encarado sob o unico aspecto de perseguição ao misero incola ou ao infatigavel jesuita, o planalto paulista representaria para as metropoles de Lisboa ou de Madrid apenas um infimo nucleo de pobres e semi-barbaros moradores de raça semi-iberica que viviam ás tropelias com os indios, jesuitas e maloqueiros hespanhóes, sem a menor influencia na marcha regular não só da metropole, mas até da colonia, a qual só se resumia nas capitanias uberrimas do Nordéste (Os proprios hollandezes não se dignaram lançar os olhos para essa região, que mais parecia um covil de bandidos, como dizia Schmidel, do que um foco de civilização européa).

Sua parca população e sua pobreza de recursos de qualquer especie faziam dessa parte elevada da capi-

tania vicentina um lugar esquecido e entregue exclusivamente quasi a si mesmo, ou ao donatario, que tambem só cogitava de auferir os lucros, aliás bem magros, que o seu feudo com os seus frageis elementos lhe poderia proporcionar, em comparação com os produzidos pelas capitanias de Pernambuco, Bahia, etc. (15).

---

(15) A pouca importancia do planalto sob o ponto de vista economico em relação ás demais partes da colonia se resalta deante da estatistica, de accordo com dados colhidos em Gandavo, em fins do quinhentismo, pela qual se vê que a inferioridade em população é notavel, mas que formidavel e fóra dessas proporções é a superioridade em fontes de riquezas das demais regiões.

Capitanias	População	Engenhos de canna	Proporção de engenhos por 100 habitantes
Itamaracá	100	3	3.0
Pernambuco	1.000	22	2.3
Bahia	1.100	18	1.63
Ilhéus	200	8	4.0
Espirito Santo	180	1	1.80
R. de Janeiro	140	—	
S. Vicente	500 (*)	4	0.80

(*) Southey, vol. II, 688, diz que S. Paulo em fins do quinhentismo tinha 700 habitantes. Isso é referente aos europeus naturalmente.

*
* *

Estatistica essa que confirma a que se encontra em Falcão "*Livro de toda a fazenda*, etc." acerca do orçamento da despesa, do Brasil

Pernambuco	12:528$417	
Itamaracá	398$660	
Parahyba	2:255$070	
Sergipe	296$000	
Rio Grande	3:255$180	
Bahia	19:732$600	
Espirito Santo	353$120	
Ilhéus	40$000	
Porto Seguro	40$000	(O planalto não absorveria nem a metade desse numero referente a 2 capitanias.)
Rio de Janeiro	2:015$000	
S. Vicente e Sto. Amaro	1:467$820	
	42:351$867	

Sobre isso, diz Oliv. Vianna no seu *"Evolução do Povo Brasileiro"*, 57: "E' assim que na capitania de Ilhéus ha, no seculo I, para cerca de 500 moradores apenas dois engenhos. Na capitania da Bahia, para uma população de quasi 3.000 familias ha, na mesma epoca, apenas 76 engenhos e na de Pernambuco, numa população de 2.000 moradores, apenas 60 engenhos."

*

* *

Gabriel Soares, o velho chronista, diz que na Bahia, em 1587, havia "mais de cem moradores que tem cada anno de mil cruzados até cinco mil de renda" (de 400$000 a 2:000$000 reis), "e outros que têm mais; cujas fazendas valem até cincoenta e sessenta mil cruzados e davantagem" (10:000$000 reis até 20:000$000 reis e 25:000$000 reis e mais).

Fernão Cardim diz que havia, em Pernambuco em 1590, "homens muito grossos de 58 e 80 mil cruzados de seu" (de 25 contos a 40 contos mais ou menos).

Emquanto isso, nesse mesmo quinhentismo, no planalto, encontramos, ao morrer:

Pero Leme, o velho, deixando só 36$900 reis (100 cruzados); João do Prado, o velho, 144$660 reis (400 cruzados); Clemente Alvares, 329$880 reis (800 cruzados); Fernão Dias, o velho, 313$000 reis (750 cruzados); e estes foram os mais ricos.

Ora, isso resultaria para o planalto um governo proprio, com muita independencia de acção, exercido por elementos democraticamente tirados do proprio povo. Muito raras vezes ahi se immiscuiam os poderes centraes, de modo que esse governo autonomo paulista creou uma mentalidade popular altiva, independente, liberal, que, dirigindo-se aos governantes da terra de igual para igual, só muito de longe tributava um culto, mais apparente e vistoso do que real, a "S. Magestade el rey Nosso Senhor", fosse elle portuguez ou hespanhol, Aviz, Habsburgo ou Bragança.

Isso acontecia no seiscentismo, quando a pobreza e a modestia em recursos faziam do planalto uma terra desmerecedora da attenção metropolitana. Quando, porém, o ouro das minas fez de S. Paulo e de seus satellites focos de irradiação expansionista que se estendiam com densa população, bem como excellente entreposto

---

No seiscentismo pouca diminuição na pobreza:

Antonio Raposo Tavares, o grande bandeirante, com 170$547 reis (500 cruzados); Antonio Bicudo, outro grande sertanista, com 68$750 reis (150 cruzados); Manuel Pires, sogro de Raposo Tavares, com 660$000 reis (1.500 cruzados); Diogo de Mello Coutinho, outro emerito bandeirante, com 880$000 (2.200 cruzados).

Os mais ricos foram:

Pedro Vaz de Barros com 1:329$000 (3.000 cruzados); Antonio Pedroso de Barros, filho do precedente, com 1:000$000 (2.400 cruzados).

No setecentismo, com o ouro a riqueza augmentou de fórma a vermos:

Pedro Vaz de Barros, o neto, deixar 3:000$000 reis (7 mil cruzados); João Leite da Silva Ortiz, genro e socio do Anhanguéra, 3:000$000 reis (7 mil cruzados); Mathias Rodrigues da Silva, 11:754$000 reis (28 mil cruzados).

Comparem-se esses algarismos com os que Gabriel Soares e Fernão Cardim assignalam para o quinhentismo bahiano e pernambucano.

de importação e exportação, Portugal de Dom João V achou de bom aviso dedicar mais attenção á região e modificar o systema de governo, de modo a diminuir o isolamento da gente paulista. Se esse isolamento continuasse na mesma senda até então trilhada com o avolumar da sua população, e outras circumstancias, teriamos rapidamente o separatismo, de cujos primordios, aliás, a guerra dos emboabas e outras manifestações haviam já feito ouvir os primeiros accordes, que tiveram éco através do Atlantico.

Organizou, pois, um apparelho governativo que trouxesse o planalto para mais perto da communidade portugueza, mais na dependencia reinol, procurando por todos os meios desnacionalizar os seus arrogantes e audaciosos moradores que tão pouco amigos dos portuguezes se haviam mostrado em continuas e cada vez mais ameaçadoras manifestações, que transparecem fulgurantes na nossa historia paulista (16).

Com o novo apparelho governativo, novos governantes eram enviados de Portugal para a séde da nova Capitania de S. Paulo. Esses governadores, estranhos á terra, vinham munidos de poderes discricionarios. Eram

---

(16) Pelo alvará de 2 de Dezembro de 1720, a Capitania de S. Paulo era reorganizada.

Com a creação da nova capitania de Minas Geraes, á custa exclusiva do territorio paulista das minas, e com a encorporação á Capitania de S. Paulo de territorios, até então pertencentes a Santo Amaro, do Marquez de Cascaes, o planalto entrava no regimen commum, com iguaes prerogativas ás das outras capitanias, dependentes do Estado do Brazil, diz Washington Luis (*"Capitania de S. Paulo"*, 5). Para a sua administração foi enviado um Governador, capitão general *ad honorem*, com auxiliares mestres de campo, tenentes, etc.

individuos astuciosos, hypocritas, sorrateiros e prepotentes, taes como o foram Dom Rodrigo Cesar de Menezes, Caldeira Pimentel, David Marques Pereira, Antonio Cardoso dos Santos, Godinho Manso, dos quaes tivemos amostras com os interventores desses ultimos annos (Washington Luis, *"Capitania de S. Paulo"*). Assim puderam elles com facilidade dominar os moradores da região, já de muito enfraquecida pelas selecções emigratorias para as Geraes, para Cuyabá, já não falando das que demandaram os curraes do S. Francisco e os sertões do Paraná, bem como pelas novas correntes que de Portugal procuravam as regiões mineiras, passando obrigatoriamente por S. Paulo, ahi deixando a sua influencia depressiva.

Por essas razões o morador não póde reagir, tendo de dobrar o cerviz.

Por isso o paulista setecentista foi entibiando o seu animo, no que era mais rapidamente impellido pela perda parallela da velha bellicosidade da gente planaltina, até se annullar por completo deante dos poderes constituidos, ignorando sempre o seu valor e a sua força. *"Só nessa epoca os paulistas reconheceram o dominio da corôa portugueza"*, diz muito sabiamente Washington Luis (*"Capitania de S. Paulo"*, 19) (17).

---

(17) Paulo Prado, no seu *"Paulistica"*, 99, cita a respeito, em corroboração ás suas idéas expendidas, as palavras do governador Martim Lopes em 1777 ao Marquez de Lavradio:

> "... os paulistas de hoje já não têm o mesmo valor e resolução que tinham os seus antepassados; gostam de viver mais regaladamente e já se não expõem a passar pelos trabalhos e descommodos que tiveram seus avós."

Os dois irmãos Lemes, admiraveis rebentos do famoso *"El tuerto"*, foram os dois ultimos paulistas nos quaes ainda sobrevivia o espirito da liberdade, que os tinha animado no seiscentismo. A prepotencia de Dom Rodrigo Cesar os entumulou com a altivez paulista, da mesma fórma que a ignominia do governo aladroado de Dom João V levara a morte desgraçada o vulto memoral do Anhanguera, ultimo bandeirante paulista, daquella pleiade de homens dotados de um physico de aço e de uma alma de bronze, embaseados por um caracter granitico.

Felizmente essas virtudes brotam de novo no nosso abençoado planalto.

*
* *

Ao atirar ao exilio perpetuo a sua pessoa, a sua familia e a sua prólc, na ansia de se ver libertado da miseria reinol, preferindo passar nas selvas do planalto vicentino toda a sorte de provações, o povoador não podia, ao tomar essa resolução de emigrar, deixar de se temperar da mais profunda resignação.

Qual a idéa que porventura poderiam fazer do novo mundo, deserto de civilização, mas prenhe de perigos de toda sorte, e ennevoado dos mais sombrios mysterios? Que dura necessidade, senão a determinada pela crueza da lucta pela vida, poderia obrigar essa gente á resolução de procurar arrostar com todas essas tenebrosas circumstancias?

Só mesmo os mais resignados poderiam resistir aos embates tumultuarios das desgraças ameaçadoras

nesse mundo desconhecido. Só os que revestissem a sua psychologia dessa rutilante armadura do fatalismo, que os tornava invictos na lucta com a féra, com o indio e com a bruta natureza. Só esses que, acceitando em toda a sua frieza o destino implacavel, com todas as suas dolorosas consequencias, que os impellia, através das vagas do revolto Atlantico, embarcados no bojo fragilissimo de miseras caravelas, e por sobre a muralhada cinzento-azulada de Paranapiacaba, poderiam resistir a essas ininterruptas escaramuças com a desdita, ou a esses prelios sanguinolentos com a morte.

"Seria o que Deus quizesse", eis o supremo lemma de que o fanatismo religioso imbuia a alma fatalista do immigrante quinhentista. Tinham elles a convicção de que os soffreres terrestres seriam recompensados paradisiacamente, na vida futura. Magnifico sonho, desses nossos rudes e ingenuos antepassados, summo expoente até onde chegavam os surtos da sua embotada imaginação (18).

---

(18) Era a alma iberica seleccionada, esse genio hespanhol apurado, o qual Henri Mazel (*"La Synergie Sociale"*) nos descreve em pinceladas de forte colorido.

"Justo no momento em que empallidece a estrella da Italia, um outro povo se levanta para preencher um destino a elle reservado por toda a eternidade: é o hespanhol, isto é, o castelhano, o portuguez e o catalão. Elle ia dar ao mundo o exemplo inexcedivel da energia politica e artistica.

Christovam Colombo é apenas um accidente glorioso; outros antes delle: scandinavos ou dieppenses haviam tocado o Novo Mundo; a verdadeira causa das descobertas é a alma hespanhola.

Que se imagine esta frente ameaçadora de pequenos reinos que descem das montanhas, e depois de 8 seculos repellem pé a pé, sem desanimo, sem treguas, seus conquistadores infieis. De um mar a outro sem outro pensamento, sem outra acção, senão essa lucta santa da qual a

Foi esse mais um traço da psychologia da gente que iniciou o povoamento do planalto. Graças a elle, puderam vencer todos os obstaculos que se lhes antepunham. Seria, pois, natural que todo esse espirito de resignação ás mais cruas consequencias da sorte fosse saturando a alma da gente paulista, que o havia herdado dos povoadores. E essa resignação selectivamente se accumulava, de geração em geração, porque os que se mostrassem a ella refractarios eram por qualquer maneira eliminados, desde que não se submettessem ás leis implacaveis do destino inexoravel.

O desanimo equivalia a morte certa nessa corrida vertiginosa pela raia quinhentista e seiscentista, repleta de formidaveis obstaculos e semeada de agruras.

Assim, o paulista, filho de tal gente, creado sob o imperio das mesmas idéas, atravessando os mesmos transes dolorosos, decorrentes do local, e principalmente da absoluta falta de recursos, que os fazia um modo de vida apenas ligeiramente superior ao dos selvagens co-habitantes, era desde o berço mergulhado nessa resignação, que foi indubitavelmente um dos motivos

---

exasperação crescente de dois desejos, o desejo de conquista acceso pela retomada tenaz do solo, e o desejo de conversão excitado pelas medidas renascentes que é preciso tomar contra os judeus e mouros.

Que alimento não exigira essa chamma, no dia em que Boabdil abandonou chorando a Granada? Porque o enthusiasmo desse povo é virgem, elle não conheceu as decepções das cruzadas; a miragem do Occidente o vae levar como a miragem do Oriente levou a França; ajuntae o fervor mystico, a ambição dos reis, a sêde do ouro, o amor aventuroso de uma cavallaria pobre e desoccupada. E' a epopéa dos navegadores e conquistadores que se abre. A energia dos maiores italianos é verdadeiramente pouca coisa ao lado dos Vasco da Gama, dos Albuquerques, dos Cortez e dos Pizarro..."

psychologicos da sua grandeza, porque foi ella o maior obstaculo a que o desanimo e o desespero entrassem no planalto.

O paulista desses seculos longinquos a tudo se resignava, mas jamais o desalento ousou bater-lhes ás portas.

E' a resignação das virtudes maximas que, através dos seculos, vem aureolando a fronte energica dos filhos do planalto, quer elle, embrenhado nas selvas distantes do sertão gigante, sobraçasse a escopeta fumegante ou o pesado grilhão de apresador, quer elle, tostado pelo sol candente do centro-continental, empunhasse a batéia ou o alvião de minerador, quer a cavallo corresse pelas caatingas do Piauhy ou pelos cercados bordejantes do S. Francisco volteando o laço de campeador, em busca do gado disperso de seus curraes abundantes. E' a suprema virtude que imbue, ainda, o paulista do seculo XIX quando, entranhado nos sertões agrestes da terra roxa, derruba a matta-virgem e forma a lavoura de café, cuja producção aguarda, resignadamente, por cinco annos interminaveis, para depois de vicejante, ondulando qual um mar revolto, por sobre os chapadões do nosso hinterland, vel-a exposta, em dia de borrasca, ao exterminio pelo granizo crepitante, ou em noite frigida pela geada alvinitente, ou prejudicada pela secca maldita ou pelas chuvas em excesso. E esse mesmo lavrador do seculo XIX, explorado aladroadamente pelos intermediarios, victima constante das contas de venda, preços baixos, café desvalorizado, salarios altos, abolição da escravatura, etc., a tudo tem sabido resistir com resignação monumental, persistindo sempre na lucta pela prosperidade que finalmente tão merece-

doramente lhe tem coroado os esforços em tão flagrante contraste com o Brasil, impotente na lucta contra as circumstancias mesologicas.

Eis o traço que as erosões não puderam desvirtuar na alma paulista. Ella o mantem nitido, essa alma paulista insulada, perdida nos rincões do Mogy Guassú, do Pardo, do Tietê e do Paranapanema, e mergulhada nos latifundios de café e de gado. Essa faculdade extraordinaria e admiravel, chegando ás raias do estoicismo, é a unica causa que lhe varre da alma o desanimo e o desalento e lhe permitte supportar as agruras martyrizantes a que tem estado sujeita aos pés de um supplicio que não tem fim.

Mas a resignação, sem a fortaleza de um animo tenaz e inquebrantavel, seria apenas um facil meio de accommodação ao desengano e uma faculdade apenas capaz de eliminar os maus effeitos das desillusões, mas nunca uma alavanca de trabalho proficuo, de emprehendimentos arrojados e, principalmente, de iniciativas difficeis e de exito demorado.

Sem esse animo formidavel, ao lado da fatalista resignação que os caracterizava, seria impossivel aos ibericos de selecção povoar o planalto. Se haviam, tambem, arrostado os perigos de uma embryonaria navegação, em um oceano infindavel e ignoto, os ibericos colonizadores das capitanias do norte não passaram de estreitissima faixa maritima. Emquanto isso, os invasores do planalto não se deixaram atemorizar pela féra catadura da nossa natureza e pelas alturas agrestes e alcantiladas de Paranapiacaba. Deixaram elles o litoral, onde lhes sobravam terras para a lavoura do assucar; poderiam ahi ter ficado se tivessem preferido uma si-

tuação mais accommodada, no convivio com o europeu e mais em contacto com o reino.

Se os seus descendentes bandeirantes não herdassem esse animo forte e essa homerica tenacidade, não poderiam ter levado a bom termo os capitulos do bandeirismo. Foi essa herança que falou pela bocca do Anhanguera, ultimo vulto formidavel do bandeirismo no occaso: *descobrir o que buscava ou morrer na empresa*". (Washington Luis, "*Capitania de S. Paulo*").

Desse animo varonil completado pelo referido espirito de resignação, nasceu a tempera do bandeirante do seculo XIX que plantou e cultivou a lavoura de café. Da liga desses dois traços profundos da psychologia do paulista, se formou o cimento mais rigido que concretiza perennemente os alicerces da grandeza piratiningana.

Da coincidencia de os mesmos individuos symbioticamente participarem desse espirito se originaram todos os capitulos fulgurantes dos nossos fastos.

Sim, porque a resignação fatalista, eliminando os resultados funestos das desillusões, de muito diminuia as agruras que a tenacidade tinha a vencer, de muito amenizava a via sacra dolorosa que se tinham proposto trilhar. Se as difficuldades se antolhavam, não importava! Haviam de vencel-as, pois que por maiores que pudessem ser com ellas se conformavam, e as reduziam, nas suas proporções, quando projectadas no espirito do bandeirante, do descobridor ou do plantador de café. Assim se tornava mais doce e mais amena a vereda do sacrificio, e menos aspera a senda bravia que a fortuna lhes traçara na vida.

Com essa psychologia era impossivel deixar de vencer.

*

* *

O povoador que trouxe para o planalto a semente da civilização não era um individuo guerreiro e amante de refregas. Muito longe disso, elle vinha, com mulheres e crianças, para estabelecer no extremo sul alicerces de uma vida nova onde pudesse em paz cultivar as suas pequenas lavouras e apascentar os seus minguados rebanhos.

Nessas disposições teriam vindo os Garcia Velho, os Bayão Parente, os Preto, os Cunha, os Prado, os Bueno, os Pires, etc., procurando nas labutas do solo piratiningano o que lhes faltava no amanho sedentario das suas quintas do Douro, charnecas da Galliza, pomares da Extremadura e da Andaluzia, ou nas aldeias do Alémtejo.

Trazida para um meio agreste, a que não estava habituada, essa gente, aventurosa certamente, mas não bellicosa, teve que se adaptar a elle, com o que o seu caracter soffreu a evolução por vias bem differentes das que sonhavam ver trilhadas, quando das aguas lamacentas do Téjo, ou da placida embocadura do Guadalquivir, singraram nas caravelas, demandando o Atlantico sem fim, tenebroso e immenso.

Mal pisavam os areaes das praias vicentinas, e já a lucta com o indigena feroz e indomavel os obrigava a largar a arca de immigrante pobre para correr ao desensarilhar dos arcabuzes, e manejar com presteza a espada. E se, apenas no litoral, a situação era de guerras e de bellicosas expectativas, mais se exacerbou ella, ao galgar o povoador a fragosa cordilheira que marca de negro pardacento no azulino firmamento as frontei-

ras do planalto. Eis a terra de promissão a conquistar em luctas mil, já contra os inimigos humanos ahi preestabelecidos, como contra a formidolosa natureza.

Com a chegada no planalto, onde se fixaram, os primeiros colonos tinham que afrontar a enorme e interminavel serie de sobresaltos e correrias de toda sorte, para não serem esmagados antes de ahi ficar cimentado o alicerce da civilização.

Os perigos de um isolamento, cercados de anthropophagos, sem poder de fóra receber o menor auxilio em caso de precisão, entregavam a priméva massa de colonizadores a si propria, obrigando-a a gerar os seus meios de defesa.

Ora, esse modo de vida, cercado pelas circumstancias a que me referi, foi de molde a trazer as mais profundas mudanças psychologicas áquella gente pacata, laboriosa e avida de trabalho pacifico, que lhes permittisse um viver sem as agruras da miseria que haviam deixado nas terras hispanicas.

Rudes, aventurosos, dispostos a tudo, e principalmente valentes, como membros de uma gente que o fragor das pelejas e o estrondo das lides jamais haviam diminuido o animo esforçado e varonil; além do mais seleccionados pela emigração, esses povoadores de physico soberbo e moral magnifico não podiam deixar de ser moldados pelo meio, que impunha, como suprema necessidade de subsistencia no planalto, o bem manejar da escopeta e da pistola, o esgrimir perfeito da espada rutilante, o firme empunhar da adaga afiada e ponteaguda, e o presto e rapido desprender da flecha carniceira.

Se os povoadores não haviam trazido na sua esteira a mesma psychologia dos conquistadores do Samorim, dos vencedores de Manco Kapac, de Montezuma e de Atahualpa, tiveram de creal-a, premidos pela necessidade de viver em terra estranha e adversa, isolados, minguados e sem recursos que os habilitassem a uma defensiva vantajosa.

Dessa extrema circumstancia, dessa lucta homerica pela vida, na qual entraram desprovidos de todas as condições para vencer, a não ser o animo forte, originou-se a bellicosidade paulista, amparada pelo habito constante da refrega e por um continuo batalhar. Os filhos desses povoadores de caracter assim evoluido, nunca se tendo separado desse meio gerador da combatividade, fizeram recrudescer esse traço psychologico, já não falando nos effeitos do cruzamento com o indio que deveria ter trazido forçosamente a essa bellicosidade um certo sabor de selvageria da qual o paulista haveria de se resentir no decurso do bandeirismo.

Esse contorno psychologico foi bem o causador dessas lamurias plangentes das chronicas jesuiticas castelhanas a respeito das algáras paulistas que tantas devastações haviam produzido na luzida christandade do Guayrá, do Tape e do Uruguay. Muito apaixonadas seriam essas chronicas porém, porquanto esses padres, sabedores dos horrores crudelissimos da Inquisição e das perseguições religiosas em todos os paizes da Europa, bem como das conquistas hespanholas no Novo Mundo, não deveriam impressionar-se tanto com o que praticavam os bandeirantes, se elles não se tivessem erigido em juizes em causa propria.

O espirito bellicoso no planalto foi evoluindo progressivamente com a idade. A defensiva timorata do quinhentismo, transfigurando-se na arrojada offensiva bandeirante, que lhe succedeu no seiscentismo, foi o meio de os moradores submetterem a rude prova as suas virtudes de temeridade e intrepidez, complementos indispensaveis ao desenvolvimento da bellicosidade.

As bandeiras do quinhentismo não passavam de agglomerados pouco numerosos, heterogeneos e desordenados de paulistas, portuguezes e seus escravos, sem a menor organização militar. Assim, não iam ellas além de méras batidas de reconhecimento a distancia muito pequena do nucleo central, que era o villarejo piratiningano.

O inicio do seiscentismo trouxe um augmento do vulto das empreitadas desse genero, passando as bandeiras a percorrer, em correrias, um raio bem maior na circumferencia da sua prodigiosa actividade, delle varrendo as nações indigenas que então não mais ousavam perturbar a tranquillidade dos centros civilizados do planalto. Não eram ainda, as bandeiras, expedições guerreiras, de cujo germen apenas levavam no bojo as mais essenciaes virtudes latentes. Não tinham ainda plano preconcebido, não as orientava uma directriz segura, não seguiam senão o que a aventura lhes traçava caprichosamente no seu objectivo economico, sem a menor visão de previdencia, e completamente despidas dos ensinamentos da tactica militar. Eram bandos que se atiravam repetidamente para o sertão, como méras caravanas ao sabor da sorte. Um simples aviamento era o sufficiente para o bandeirante penetrar ao longe.

Com o correr do seiscentismo, porém, os nucleos do planalto foram naturalmente se aperfeiçoando, a tal ponto que em 1628 organizaram uma expedição, que deveria pôr termo ás reducções jesuiticas do Guayrá. Então começou para a bandeira uma phase nova de organização militar que deveria proporcionar aos paulistas os resultados mais fecundos. O numero de componentes da expedição foi augmentado em muito, elevando-se os seus homens de armas a alguns milhares, como se fôra um pequeno exercito. O commando era distribuido pela gente de mais prestigio no bandeirismo, a tropa, dividida em corpos e em companhias, organizado o serviço de segurança, com vanguarda, retaguarda, flanqueadores, etc. Taunay, "*Historia Geral das bandeiras paulistas*", vol. II, pg. 79.

Eis o marco da evolução progressista na penetração conquistadora do nosso territorio. A razão estava em que o espirito militar se ia assentando, com individuos como Raposo Tavares e Manuel Preto, que procuravam militarizar a força expansionista dos moradores do planalto.

As luctas contra os jesuitas no sul, as expedições de soccorro contra os hollandezes no Nordéste, ou contra os indios da Bahia, ou negros de Palmares, etc., foram phases assignaladoras desse desenvolvimento da bellicosidade. Assim, quando o seiscentismo cahia no occaso o animo paulista era positivamente amante das luctas. Os documentos dão essa impressão nitida, em soberanas manifestações.

O setecentismo, porém, encaminhou o paulista para novas sendas, de fórma que a guerra dos emboabas

foi o ultimo clarão da bellicosidade paulista já decadente (19).

---

(19) Nessa lucta memoravel em que os paulistas se houveram com um heroismo e uma valentia innegaveis, ainda perdurava a velha bellicosidade ancestral, se bem que já com tendencias evidentes a esmorecer.

Luctaram de um modo homerico, como se vê das palavras de relato de Diogo de Vasconcellos ("*Historia Antiga de Minas Gerães*", 227), enfrentando uma superioridade numerica formidavel, de um contra dez. Só foram elles vencidos, no Sabará, pela superior orientação tactica de commando de Manuel Nunes Vianna que, dispondo de grande numero de indios e mamelucos (?), occupou as alturas circumdantes do arraial paulista. Foram vencidos ainda na Cachoeira, pela manobra satanica do machiavelico Frei Francisco de Menezes, depois de haverem os paulistas posto fóra de combate ao formidavel Nunes Vianna. Não venceram tambem no Arraial da Ponta do Morro, no rio das Mortes, pela traição innominavel de Bento do Amaral Coutinho, a qual deu lugar ao chamado Capão da Traição. Finalmente não ganharam em Ponta do Morro, quando vencedores já, por causa do auxilio aos emboabas, por parte dos governantes da metropole.

Nessa lucta ainda appareceram vultos como Jeronymo Pedroso, Valentim Pedroso, Luiz Pedroso e outros que, em bellicosidade e valentia, nada cederam aos seus antepassados seiscentistas.

Os paulistas só foram vencidos nessa lucta pela inferioridade numerica e pela inferioridade intellectual, reflectindo no commando que davam á tropa. Os emboabas, alem disso, usavam de todos os artificios da má fé e da traição.

* * *

Oliveira Vianna com muita felicidade assim se exprime:

> "Faz-se apenas, neste novo aspecto da bellicosidade vicentista, uma modificação necessaria: não ha mais a horda puramente guerreira: ao lado do mameluco figura agora o escravo: o bacamarte do sertanista caminha ao par do alvião do trabalhador." ("*Popul. Merid.*", 80).

A causa era que o bandeirante trocara o arcabuz do preador pelo alvião do minerador, e despira o "*gibão de armas*", para mais facilmente supportar as agruras da labuta nos socavões mineiros. A mineração atrophiou esta phase do caracter paulista, como lhe matou o caudilhismo, uma das instituições mais em evidencia na gente do planalto.

Sem mais o habito do manejo das armas, o paulista ia progressivamente esmorecendo o seu animo ardoroso e devotado ás soluções violentas. O habito morigerado de uma vida pacifica foi modificando o antigo paulista lidador, no pacato mineiro lavrador das minas e cultivador do solo das "alterosas", ou no pachorrento criador dos curraes do S. Francisco, nos campos goyanos ou piauhyenses (20).

Os paulistas que ficaram no planalto, não se transmudando para as geraes, ao que preferiam a vida cal-

---

(20) As bandeiras setecentistas já não são mais aquelles verdadeiros exercitos dos seculos anteriores. São apenas uma ou duas centenas de homens, quando muito, que se embrenhâm nos mattagaes dos sertões brasilicos, não com o fim aggressivo de prear indios e combater jesuitas e castelhanos, mas sim de explorar riquezas, tendo como unico desideratum bellico defender-se dos ataques que porventura fossem victimas no decorrer das suas immensas caminhadas por invias regiões.

Emquanto que as menores bandeiras seiscentistas, que marcharam contra o Guayrá, Tape e Uruguay, contavam com milhares de componentes (dizem os jesuitas chronistas), os paulistas setecentistas reduziram de muito o poder bellico de suas bandeiras.

Assim é que Bartholomeu Bueno, o Anhanguera, quando em 1722 1725 se poz á frente de uma das mais memoraveis expedições que o bandeirismo de exploração jamais teve no seu activo, só contava com 300 homens, segundo nos relata o erudito historiador Washington Luis, na sua magnifica memoria sobre o governo de D. Rodrigo Cesar de Menezes ("*Capitania de S. Paulo*").

ma das redondezas piratininganas, ainda mais accentuaram a mudança evolutiva, tendo-se metamorphoseado em méros agricultores, sem a prosapia militar que ensoberbecia os seus proximos avós. E' que não tinham mais necessidade de ir ao sertão buscar o braço indigena para as suas lavouras, pois que o negro importado o suppria, uma vez que a despopulação do planalto, causada pela emigração para as minas, havia feito minguar as necessidades dessas lavouras diminuidas, embora as fazendas tivessem augmentado em área.

E então as fazendolas paulistas de Guarulhos, de Indaiatuba, de Itú, de Ararytaguaba ou das redondezas da villa de S. Carlos, na sua simplicidade rural se desassemelhavam das que outrora, no seculo anterior, se espalhavam pelas proximidades paulistanas de Carapicuhyba, de Parnahyba, de Caucaya, de Apotribú, de Quitauna, de Araçaryguama ou de Orubuapira. Estas, ainda que pequenas como estabelecimentos agro-pastoris, reuniam a feição de arsenal bellico e de quartel com o seu grande numero de homens de armas (indios e mamelucos), depositos de polvora, chumbo, ferro, pelouros, correntes, grilhões, etc., além das tendas e forjas de ferreiro, carpintarias, etc.

As fazendas setecentistas, bem maiores porque a emigração para as minas, diminuindo a população, permittiu que as terras agricolas fossem repartidas por menor numero de proprietarios, *deveriam* ter sido menos habitadas. Ellas só tinham a familia do fazendeiro, alguns aggregados de sangue mameluco em fusão e uns poucos escravos negros cuja introducção começava a tomar vulto, á medida que os agricultores do planalto iam augmentando a sua riqueza, com o producto do ouro

das minas (em S. Paulo havia muitos empresarios de mineração, os quaes sem sahir dos seus sitiecos gozavam dos proventos da exploração. O dr. Guilherme Pompeu foi um delles, além de uma infinidade de outros, segundo Taques nos relata). Isso lhes outorgava a faculdade de possuir essa cara mercadoria humana.

Eis o reflexo do espirito paulista setecentista, na epoca da decadencia.

A lavoura de café do seculo XIX, exacerbando o utilitarismo paulista pelos immensos lucros que a terra dadivosa lhe proporcionava, nada mais fez do que calcar, no horizonte longinquo do passado remoto, a bellicosidade do bandeirante.

O lavrador de café só pensava em trabalhar para a conquista da fortuna economica, esquecendo-se então, por completo, dos misteres das armas, legando aos presentes o horror pela farda, e mais coisas que tenham aspectos marciaes. A revolta liberal de 1842 é a prova indeclinavel do que affirmo.

O exercito e a marinha jamais foram procurados com enthusiasmo pelos paulistas, que abandonaram essas carreiras aos filhos do Nordéste, do Rio Grande e do Districto Federal, e a propria força estadual sempre conteve elevada proporção de gente nortista. E' que o paulista prefere ganhar a vida em outros campos de actividade, que lhes póde proporcionar lucros maiores do que a inercia dos quarteis, vivendo á custa do soldo que não póde ser muito elevado. Se o utilitarismo colloca S. Paulo á frente, muito distanciado de todos os Estados da Federação, deixa-o em posição inferior em bellicosidade. Felizmente essa bellicosidade não mor-

rera. Apenas dormia. O anno de 1932 provou á saciedade.

*

* *

Eis syntheticamente a evolução do paulista, quanto a essa phase da sua psychologia.

A principio elle era de indole pacifica, como os povoadores, embora sempre rudes, intemeratos e aventurosos. Depois se tornaram muito bellicosos, utilizando-se das virtudes incomparaveis que lhes eram inherentes, taes como a audacia, o arrojo, a valentia, a crueldade, a rudeza selvagem, etc. Depois, quando o planalto deixou de ser o posto avançado, ficando os paulistas com systema de vida orientado por vias oppostas ás que até então haviam trilhado, o espirito bellico deu lugar ao utilitarismo, que até hoje tem guiado S. Paulo no caminho suave da prosperidade incontestavel (21).

*

* *

A honradez foi onde se sublimou o caracter paulista.

---

(21) A mais manifesta e evidente prova da dormencia dessa bellicosidade paulista está no quadro historico do cerco de Sorocaba por Caxias, que Eugenio Egas pinta com mão de mestre:

> "Quando o Barão de Caxias cerca Sorocaba e lança sua ordem do dia decretando a deposição das armas e a capitulação sem condições, o povo em massa, os chefes sem excepção, os guarda nacionaes em peso, correm, escondem-se, fogem espavoridos, em absoluta desordem por todas as ruas, de todas as casas, para todas as estradas livres, num medo irresisti-

Proveniente daquella gente portugueza de principios ainda mais rigidos do que os seus musculos de aço, descendentes daquelles que, como Egas Moniz da Riba Douro, mais prezavam a honra empenhada do que a propria vida, a qual de bom grado offereciam em resgate daquella, os povoadores do planalto souberam perpetuar no paulista dos seculos XVII, XVIII e XIX esse caracter de solidissima tempera.

A analyse dos documentos e a leitura dos testamentos dos nossos avós bandeirantes são a prova mais absoluta dessas asserções.

Quantas vezes, naquelle longinquo seiscentismo, emprestimos de vulto eram feitos sem o respectivo "*conhecimento de divida*" (nome que davam ao documento comprobatorio da divida), e sem testemunhas, confiados apenas no caracter do paulista!

Quantas vezes, succedendo morrer, o bandeirante, no sertão, a milhares de leguas do villarejo paulistano, ao ditar o testamento, lembrando as listas de seus credores, manda que sejam pagas as dividas embora não

---

vel... E' o salve-se quem puder! Feijó, calmo, sereno, firme em seu posto voluntario, debruçado na janella da rua das Flores, residencia do alferes João Nepomuceno de Souza Freire, como uma sentinella perdida no meio daquelle deserto em que Sorocaba se convertera, gritava aos que fugiam numa ancia indescriptivel:

"Correi, correi, cambada de sem vergonhas! Eu aqui fico para vos defender!..."

"Rev. Inst. Hist. S. Paulo", XIII, 117.

Foi o ultimo lampejo do passado tangendo no bronze de que era a tempera do grande paulista.

Felizmente não foi esse quadro reproduzido em 1932.

tenha deixado dellas documentos comprobatorios! E nesses testamentos, o bandeirante julgando o proximo por si, profundo conhecedor do meio social em que convivia, manda aos seus testamenteiros que paguem a quantia que pelo credor for pedida, por não poder precisal-a naquelle momento angustioso de moribundo que sente a figura da morte aproximar-se (22).

Esses testamentos só por si seriam a gloria do caracter dos nossos avós, para os quaes, como nos tempos da fundação da monarchia portugueza, mais valia um fio de barba de penhor do que centenas de documentos. Era a tradição dos velhos tempos seculares, conservada no escrinio precioso da alma iberica, que os povoadores, ciosos della, transmittiam aos bandeirantes, que por sua vez tão bem a preservaram, como nos dão conta os documentos de publicação official, fazendo-a chegar até o seculo XIX, com as arestas de uma intolerancia que mais a enrijeciam.

*

* *

Eis alguns traços da alma paulista que consegui fixar pelo conhecimento da evolução historica do povo do planalto.

A lenta transformação do caracter, da mentalidade e dos sentimentos do povo paulista, desde o quinhentis-

---

(22) O testamento de João Leite da Silva Ortiz, genro do Anhanguera e seu companheiro na formidolosa empresa, é, entre muitos, bem typico, para ser citado:

"... declaro que tenho contas com meu irmão Bartholomeu (Paes de Abreu), e me não lembra as quantias que me deve, a vista do que se estará pelo que elle disser me deve."

mo, foi acompanhando a evolução historica do planalto, transmutando-se com o desenrolar das phases differentes que formam os capitulos da nossa historia. Os mesmos acontecimentos que serviram de bussola na vida do planalto, orientando a vida dos nucleos de povoadores, foram os que moldaram os contornos da psychologia da qual dei alguns ligeiros traços no esboço que incolor e muito incompletamente ficou synthetizada acima.

"*Uma raça,* affirma Gustave Le Bon, ("*L'évolution des peuples*", 188), "*possue caracteres psychologicos quasi tão fixos como os seus caracteres physicos. Como uma especie anatomica, a especie psychologica não se transforma se não muito lentamente.*"

Foi, como vimos, o que succedeu em relação ao paulista. Apenas alguns traços da sua psychologia, obedecendo aos moldes que os varios acontecimentos dos capitulos da historia lhes traçava, se faziam evoluir. Os seus contornos basicos, porém, sempre permaneceram os mesmos, levando o paulista a trilhar as sendas dos grandes emprehendimentos coroados pelo successo em todas as phases da sua rutilante historia e em todos os surtos de seu admiravel progresso.

Capitulo XIII

GENESE E EVOLUÇÃO DO REGIMEN SOCIAL PAULISTA — PEQUENA PROPRIEDADE.

"Na villa piratiningana, verdadeira aldeiola de pequenos agricultores e pequenos criadores, era natural que nas decisões da sua edilidade surgissem numerosas medidas relativas á lavoura e gados, acanhado como era o ambito dos negocios municipaes e capital como se apresentava essa questão de campos lavradios e rebanhos em formação". — Taunay; "*S. Paulo nos primeiros Annos*", 164.

A documentação mandada publicar pelo dr. Washington Luis nos tem revelado não só informes magnificos para a reconstituição da epopéa das bandeiras, como tambem nos dá optimos elementos para o pleno conhecimento do estado social dos antigos moradores de São Paulo. Além de, com grande facilidade, se poder por estes documentos conhecer o typo social do homem paulista de antanho, tambem por elles se consegue determinar o regimen da propriedade, a psychologia e o caracter dessa gente monumental.

Quanto ao regimen da divisão da propriedade, interessantissima questão já abordada por Oliveira Vianna, nos seus estudos sobre as populações paulistas dos seculos primeiros, esses documentos vêm revelar coisas

completamente novas, destruindo velhas ficções dos nossos chronistas antigos.

Pela publicação dos documentos dos "*Inventarios e testamentos*", bem como das "*Sesmarias*", verifica-se que São Paulo no seculo XVII foi o centro de um enxame de fazendolas de pequena cultura e de pastoreio de diminutos rebanhos. De facto, o perimetro circumdante da pequena área territorial que englobava as redondezas paulistanas, onde se estendiam essas fazendas, passava por Parnahyba, Araçariguama, Apotribú, Caucaia, Quitauna, Virapueiras, Cotia, Itapecerica, Jurubatuba, Itaquaquecetuba, S. Miguel, Conceição dos Guarulhos, Tremembé, Orubuapira (Guapira), Juquery e Atibaia (1).

---

(1) A zona agro-pecuaria paulistana comprehendia uma area de 2.448 kilometros quadrados, ou aproximadamente de 100.000 alqueires, dos quaes apenas uma infima porcentagem era aproveitada para a agricultura.

De accordo com os documentos de publicação official, consegui localizar em meados do seiscentismo, durante o periodo de dez annos, nessa area apontada, cerca de 136 fazendas de varias proporções do tamanho, desde uma legua em quadra, até de 200 braças quadradas, mais ou menos, isto é, desde a fazenda media de 1.500 alqueires de terras (aliás, eram raras e, quando existiam, logo eram fraccionadas pela successão hereditaria), até os infimos sitiecos (que são os mais abundantes), de dimensões pouco maiores do que as quintas portuguezas.

E' certo que, em um periodo de dez annos, muitas das propriedades que assignalo poderiam ter passado pelo meu registro varias vezes, por haverem cambiado de proprietarios pela compra e venda. Isso aliás não é de se prever haja acontecido com certa intensidade, porque os paulistas não tinham necessidade de vender terras que eram distribuidas a simples requerimento, como se verifica dos documentos ("*Sesmarias*"), mas que entretanto poderia ter concorrido para que o meu computo não fosse mathematicamente exacto. Tambem é preciso que se tenha

Esse perimetro foi, no seiscentismo, a linha delimitadora da expansão rural paulista, não se falando dos pontos excepcionaes mais longinquos, attingidos por um ou outro sertanista, que ahi se fixava com sua gente, como procederam Balthazar Fernandes, fundador de Sorocaba; seu irmão Domingos Fernandes, fundador de Itú; os Vaz Guedes e Cardoso, que fundaram Mogy das Cruzes; Jaques Felix, que plantou os alicerces de Taubaté, e os Oliveira Cordeiro que iniciaram Jundiahy, etc. Estes foram casos que, escapando á regra geral, se isolavam no sertão formando nucleos novos de população.

Os grandes batedores do sertão, os bandeirantes, que tanto se distinguiram nas algáras seiscentistas, moravam dentro do perimetro mencionado, onde tinham seus sitiecos.

---

bem em mente que os documentos que tive em mãos para a localização dessas 136 propriedades foram de tal maneira escassos, e o material de que dispuz de tal modo resumido, que talvez o resultado do censo não attinja nem 10 o|o das propriedades que na verdade tenham existido nesse periodo de dez annos, do médio seiscentismo.

Assim, o meu calculo não tem valor de exactidão absoluta mas elle valerá tão sómente para que se possa fazer uma idéa do quanto era fraccionada a propriedade agricola paulista, e onde mais se adensava a população rural nas cercanias da villa bandeirante.

Dividi o meu croquis em quadrados de duas leguas por duas e de area de 6.000 alqueires aproximadamente, de modo a evidenciar em alguns delles, nos quaes os documentos examinados foram mais prodigos, em dados a respeito de fazendas nas suas areas localizadas, qual a densidade agricola e a intensidade da pequena propriedade.

Em Parnahyba, outro centro de expansão rural paulista, achei na mesma epoca cincoenta e poucas fazendinhas, identicas ás paulistanas. Em Mogy das Cruzes que os Vaz Guedes e Braz Cardoso em 1610 deram inicio, foi possivel localizar quarenta; em Jundiahy, achei mais de 20, numero igual ao que achei em Atibaia. Em Sorocaba, foi facil

A reduzidissima área comprehendida por esse perimetro continha centenas de minusculos estabelecimentos ruraes. Em algumas regiões, como no Jaraguá, em Quitauna, no Ipiranga, em Virapueiras, Parnahyba, Atibaia e Juquery, mais se adensava a população agraria, o contrario do que se dava em outras, como nos cursos do Jurubatuba e do Itaquaquecetuba, em Apotribú e em São Miguel, onde mais rareados eram os moradores.

A divisão territorial seria pois baseada na pequena propriedade. Esse era o unico regimen permittido

---

localizar 10 propriedades que se estendiam em direcção ao centro mineiro de Viraçoyaba e a região de Patuahy.

Muito longe, como se verifica, estamos do latifundio, que só era possivel no norte da colonia, onde cada fazenda tinha varias dezenas de leguas em quadra; só surgiu elle em S. Paulo no seculo XIX, na epoca do café. E' o que Gilberto Freyre estabeleceu no seu *"Casa Grande e Senzala"*.

*

* *

Sobre as fazendas em Minas e no Rio de Janeiro, Oliveira Vianna diz no seu *"Populações Meridionaes"*, 128:

"Nas fazendas agricolas de Minas em que a agricultura e o pastoreio em regra se misturam, o tamanho médio de cada uma, segundo Eschwege, é de duas leguas de largura *por tres de* comprimento, *ou sejam* seis leguas quadradas *para cada dominio* (10.000 alqueires). *Nas fazendas de creação a medida corrente segundo o mesmo informante é de "nove leguas em quadra". No Rio, no tempo de Pizarro, os engenhos de ribamar são de pequena extensão, mas ainda assim abarcam mais de uma legua de terra."*

Por ahi se vê o flagrante contraste entre as fazendolas paulistas, que se mediam ás braças, sendo as maiores de "uma legua em quadra", com as fazendas mineiras e fluminenses que são os verdadeiros latifundios de 10 mil alqueires ou mais.

pelas circumstancias que cercavam a colonia com o numero reduzido de moradores desprovidos de recursos e obrigados a viverem reunidos para juntos opporem mais resistencias ás agruras da vida agreste.

Assim, seriam muito pouco importantes essas fazendas, como eu disse acima. Ellas geralmente se compunham de uma casa de morada da familia do proprietario, construida de taipa de pilão, a principio coberta de sapé e, mais tarde, de telhas, quando os paulistas souberam, na transição do quinhentismo para o seculo seguinte, aproveitar o excellente barro de seus rios. Tinham em ordinario tres lanços, com o seu quintal, e eram pessimamente mobiladas. Todo o seu conforto se resumia em toscos catres de dormir, varios tamboretes, raras cadeiras de estrado, algumas cadeiras rasas e mal ajambrados bufetes, onde eram guardados uns poucos pratos de estanho, as peroleiras de vinho da terra, as tamboladeiras de barro, as palanganas de louça do reino, galhetas de pau, frasqueiras de flandre, que tanto abundam nos inventarios. Alem disso, essas moradias continham algumas arcas e caixas de vinhatico chapeadas, onde guardavam a parca roupa de vestir. E nada mais se encontrava nessas lugubres e vazias habitações seiscentistas.

E' muito possivel tambem que essa casa servisse de séde para as industrias agricolas, como da fiação e de tecido de algodão e de lã, bem como do fabrico do assucar nos muitos tachos que constituem o arsenal rural paulista, segundo se vê dos arrolamentos, pois nestes não se encontram outras edificações, onde se pudesse collocar a feitura desses misteres.

Nessas moradas, que acredito terem sido de vastas proporções e assobradadas, forçosamente teriam de se alojar todos os membros da familia desses prolificos paulistas (2). Além dessa construcção, geralmente as

---

(2) Do seculo XVIII, conheço a casa da fazenda de Francisco Mariano da Cunha, situada na Cantareira, a qual, já ruinas bem adeantadas, chegou aos nossos dias. Tratava-se de uma casa assobradada, de vastissimas proporções, de construcção tosca e sem arte alguma, com salas enormes e amplissimas accommodações, sufficientes para conter a grande familia desse paulista, na qual avultavam seus 25 filhos, sómente de um dos seus tres matrimonios. A immensa sala de refeições com 13 x 5,40, 16 quartos de grandes dimensões, a cozinha dessa mesma proporção, bem demonstram a feição patriarchal da familia paulista de então.

Essa casa setecentista seria naturalmente uma evolução para muito melhor, da moradia rural seiscentista. O mesmo formato, presidindo ás mesmas idéas basicas, as mesmas regras de architectura rudimentar, etc., teriam vigorado nesses dois seculos. Apenas o material de construcção é possivel que se tenha aperfeiçoado, vindo as telhas substituir o sapé, a pedra bruta, o barro de pilão, e um madeiramento mais cuidado e mais completo, em lugar do mal apparelhado serviço de carpintaria.

Bem pequena seria, entretanto, a differença, em suas linhas geraes, entre as casas ruraes dos seculos XVII e XVIII, pois que as deste ultimo seculo são identicas ás do seculo XIX, ainda observaveis em muitas fazendas do interior paulista, datando dos primordios da lavoura de café no oéste.

As casas das fazendas que foram abertas pelo Visconde da Cunha Bueno, um dos pioneiros do café na zona da Paulista, filho do citado Francisco Mariano da Cunha, taes como a fazenda do Morro Pelado, datando de 1850, e da fazenda Sta. Eudoxia, datando de 1870, são absolutamente derivadas da casa da fazendinha da Cantareira, com a qual apresentam muitas analogias.

Não se teria alterado nas suas linhas basicas a moradia rural paulista desde o seiscentismo até o seculo passado, conservando sempre o mesmo feitio de velho casarão colonial, representado por um blóco, crivado nos dois dos seus flancos longitudinaes de grande numero de

fazendas tinham ainda uma outra que talvez servisse de senzala para os escravos, ou moradia para os *forros*, pois que era designada nos documentos como "casa dos negros", "quadrados", com seus dois lanços, etc. Não achei nos documentos casas para feitores, ajudantes, administradores, etc., os quaes deveriam compôr o pessoal superior de uma propriedade agricola, por menor que fosse ella, a menos que esses encarregados não existissem na organização rural paulistana, ficando todas essas attribuições a cargo exclusivo do fazendei-

---

janellas, com seu indefectivel terraço, de onde com a vista o fazendeiro abarcava todo o organismo da pequena industria rural.

Essas casas eram sempre construidas em terreno ingreme, de forte plano inclinado, protegido do vento sul, de modo que do lado de baixo o predio tinha um andar terreo, o que lhe dava desse lado apparencia de sobrado. Nos quartos desse andar terreo eram localizadas as accommodações dos empregados, os almoxarifados, as despensas, os depositos, a cafúa, etc.

O isolamento em que viviam os paulistas, durante esses tres seculos, segregados no planalto, onde se conservavam quasi immunes do contacto com o mundo civilizado, que a sua falta de cultura intellectual delle mais ainda impermeabilizava, foi a causa de haver a habitação paulista percorrido esse grande lapso de tempo sem soffrer a evolução modificadora das idéas novas e progressistas que regiam os differentes povos na Europa.

*
* *

Mais antiga do que essa casa setecentista, existe a que pertence aos benedictinos em Santanna, datada de 1702, a qual tambem pelas suas proporções demonstra bem o typo patriarchal paulista. Nisso corroboram duas casas seiscentistas existentes uma em M. Boy, e outra em Apotribú, as quaes infelizmente não conheço, mas sobre ellas nos ministra informações relevantes o meu sabio amigo e mestre Affonso Taunay.

ro. Isso confirmaria a idéa que faço sobre a simplicidade e pequenez das culturas agrarias seiscentistas no planalto piratiningano, tão em contradicção com a complexidade dos grandes latifundios de canna de Pernambuco e Bahia. Tinham esses os seus mestres de assucar, soto-mestres, banqueiros, ajuda-banqueiros, feitores-móres, feitores menores, purgadores de assucar, caixeiros do engenho, etc., como nos informa Antonil (*"Cultura e opulencia do Brasil"*, 81-90, reeditada por Affonso Taunay), gente indispensavel para as complicadas operações e manobras do fabrico do assucar, descripto por esse jesuita, no seu livro citado.

Nos restantes das terras das fazendinhas paulistanas, ao redor dessas casas mencionadas, vicejavam pequenas roças de milho, trigo, feijão, algodão, mandioca e marmelo, além da vinha e umas poucas bananeiras e "arvores de espinho", bem como tambem diminutos cannaviaes. A garapa oriunda desses cannaviaes era, *in loco*, transformada em assucar, nos tachos de cobre de varios tamanhos, que respingam as listas de inventarios. Nas terras desaproveitadas com culturas, pastavam parcos rebanhos de bovinos, que em numero de cabeças oscillavam entre 50 a 100 em média, entre bois, vaccas, novilhos e bezerros, além dos "bois de semente". Entre as maiores creações de gado bovino figurava a de Manuel João Branco, (o velho famoso que foi a Portugal offerecer o cacho de bananas de ouro ao rei), nos pastos de Tujucussú. Essa fazenda de Pinheiros levava a palma com 500 cabeças, numero certamente muito respeitavel para a epoca. Isso entretanto não foi senão mera excepção, como tambem o foi a criação bovina de Lourenço Castanho, o velho, na sua fazenda

de Parnahyba, com 200 cabeças; a de Francisco Barreto que teve 150 cabeças; a de Francisco de Proença, no Ypiranga, que teve 115; a de Christovam da Cunha, no seu sitio de Saboó (Apotribú), que teve 136; a de Manel Peres Calhamares, na sua fazenda de Imboassava, que teve 105, e a de Pero Nunes, no Ypiranga, que foi dono de 90. Eis os reis do gado paulistano.

O restante dos fazendeiros de criar tinha nas suas fazendas mixtas 20, 30, 50 e no maximo 10 bovinos.

Extremamente raros eram os equideos, só surgindo em numero limitadissimo nas fazendas mais importantes, com duas, tres, quatro ou cinco cabeças, entre cavallos, eguas e potros, sendo ainda mais raros os burros.

Manuel de Góes Raposo, que foi o maior creador de cavallos, teve 50, e Francisco Pedroso Xavier, o grande bandeirante que derrotou Andino, na serra de Maracajú, e invadiu o Paraguay, em 1675, teve 13, além de duas mulas e um burro.

A generalidade, entretanto, era a ausencia quasi completa do equideo, o que vem explicar as maravilhosas qualidades de andarilhos dos paulistas, como nos leva a deprehender não ter o cavallo figurado nas organizações bandeirantes do seiscentismo, senão em casos muito excepcionaes, e talvez só nos fins do seculo XVII.

Nos inventarios feitos no sertão não apparecem cavallos, e dos grandes vultos do bandeirismo muitos não tinham tambem esse animal. O grande Raposo Tavares, o maior dos nossos peregrinadores do sertão bruto, não tinha nenhum, pelo menos não o menciona o

inventario de sua mulher Beatriz Bicudo ("*Inv. e tests.*", XI, 90-95).

Ainda outros sertanistas, como João do Prado, Juzarte Lopes, Luiz Eanes Grou, Pedro Dias Paes Leme, Garcia Rodrigues Velho, Francisco Ribeiro de Moraes, Raphael de Oliveira, Pedro Sardinha, Antonio Rodrigues de Miranda, etc., tambem não tiveram cavallos, e André Fernandes, o "*mais cruel matador de indios*", só tinha um burro castiço (?)... (3)

Nas organizações agro-pecuarias de antanho em S. Paulo, tambem eram de ser observadas as creações de porcos, variando em escala de 20 a 40 cabeças em média. As gallinhas e ás vezes as ovelhas eram encontradas ás dezenas nas fazendolas paulistanas, o que completava o elenco animal da pecuaria vetusta de S. Paulo.

---

(3) Essa falta de equideos poderia vir confirmar a versão que corre entre os de cultura não muito aprimorada de que os paulistas se haviam aproveitado da direcção do Tietê para por elle encaminhar o movimento bandeirantista. Mas essa crença só se pode aninhar em quem não tenha muitos conhecimentos sobre a historia de S. Paulo.

O movimento bandeirante para o sul não podia contar com o Tietê que corre para o oéste. Todo o Paraná, todo o Rio Grande e o Paraguay foram trilhados por paulistas aos quaes o Tietê de nada valeria.

Depois, os paulistas devassaram as terras de além-Mantiqueira e se foram banhar nas aguas do S. Francisco e outros rios ao norte. O Tietê de nada lhes teria valido. O nosso velho Anhemby só serviu ao bandeirismo quando este demandou Matto Grosso. Depois, quando os paulistas, para attingir o Matto Grosso em Cuyabá, estabeleceram viagens periodicas certas, só então o Tietê serviu de estrada para elles. Mas então as bandeiras haviam cessado para que tivessem lugar as monções que eram muito differentes.

Toda essa engrenagem agricola era impulsionada por cerca de 50 a 100 peças de *indios forros*, entre homens, mulheres e creanças, além dos pouquissimos escravos, ultimos vestigios das entradas quinhentistas. Estes eram quasi sempre *tamoyos*, *tapinnaens*, *carijós*, *biobébas*, *pés-largos*, *guayanazes*, *marmemins* e *guaromemins*.

A escravatura do senhor de engenho do norte do Brasil ia além de 150 a 200 peças, sendo a maior parte, ou a totalidade, de negros africanos (Antonil, "*Cultura e opulencia do Brasil*", 69-91), (Gilberto Freyre, "*Casa grande e senzala*").

Se é certo ter havido em São Paulo potentados, como Manuel Preto, que Pedro Taques, talvez exaggerando muito, diz ter sido senhor de 999 indios, em N. S. da Expectação, e outros como Balthazar Fernandes, o fundador de Sorocaba, que Azevedo Marques diz ter tido 400, bem como Antonio Pedroso de Barros, que na verdade teve 500, e seu pae Pedro Vaz de Barros, que em "Itacoatiara" e no "Rio Pequeno" sommou 250, mesmo numero que teve Raphael de Oliveira, o moço, em Quitauna, a regra geral era que os magnatas paulistas em média não tinham mais de 100 indios de serviços. Antonio Raposo Tavares, em 1632, logo depois de ter á frente da sua formidavel bandeira destruido Guayrá, só tinha 120 peças ("*Inv. e tests.*", XI, 93), e Manuel Pires, seu sogro, outro esplendido typo de "condottiere" sertanista, e tambem conquistador do Guayrá, tinha apenas 100 nas suas fazendas de Cotia, Quitauna e Juquery-Guassú (*loc. cit.*, XVI-90-91). O mameluco André Fernandes, já citado, um dos maiores preadores de indios, na sua fazenda de Parnahyba só tinha 115.

Antonio Bicudo, o moço, outro bandeirante da famosa empreitada de conquista do Guayrá, só possuia nas suas fazendas Carapicuyba, N. S. da Conceição e lavras de Sta. Fé, 50 indios. Simão Borges de Cerqueira, em Quitauna, tinha 100. Diogo Coutinho de Mello tinha 105. Jeronymo da Veiga, outro intrepido devassador das selvas, tinha 70 em Caucaya, junto ao qual seu sogro, João Gago da Cunha, tambem da phalange heroica das bandeiras, só tinha 50, numero igual ao de que era senhor Antonio Rodrigues Velho, o Araá. Miguel Rodrigues Velho, em Macurubu, tinha 60. Domingos Cordeiro, que, em 1638, desapparecera no sertão, provavelmente do Tapé, tinha 54 na sua fazenda do Jaraguá. Valentim Pedroso, o capitão retirante de Barbalho, do Nordéste, tinha em Itacoatiara 130. Lourenço Castanho, o moço, na sua fazenda de Parnahyba, a mesma que fôra de seu pae, e que Pedro Taques, o imaginoso linhagista, diz ter mais parecido uma villa, pelo seu vulto e movimento, só tinha 100, pouco mais do que era dono Pedro Dias Paes Leme, pae do futuro "Caçador das Esmeraldas", em Itamburé, onde apenas achei 90. Antonio Rodrigues de Miranda, sertanista conhecido e genro de Paschoal Leite, tinha apenas 30. Felippe de Campos, em Itapecerica, tinha 26, e muitos outros, que tinham ainda menos, ou nenhum de todo, sendo obrigados a recorrer aos indios das aldeias de sua majestade para as suas lavouras.

De facto, os potentados paulistas não tinham necessidade de tanta gente, quer para a pequena lavoura a que se entregavam, quer ainda como corpo de armas para suas quadrilhas de assalto, pois que para tanto bastava o espirito de associação, que sempre foi o pa-

drão do paulista antigo, e o que tornava formidaveis as suas investidas.

Oliveira Vianna, tratando desse assumpto (*"Populações Meridionaes"*, pag. 68), não faz a distincção entre essas peças de indios forros e administrados com os escravos, que eram uma classe á parte, com um muito menor numero.

Não sabemos onde os fazendeiros alojavam essa porção de gente rubra ao seu serviço. Os documentos não dão o minimo ponto de partida, o que faz suppôr viver ella acampada á lei da natureza, junto á casa dos fazendeiros, ou em choças, por qualquer motivo excluidas das descripções das fazendas nos inventarios.

Não encontrei tambem nesses documentos signaes de existencia de aggregados, classe a que Oliveira Vianna empresta tanta importancia, na organização rural paulista (*"Populações Meridionaes"*, pgs. 65, 67, 118, 119). Isso faz suppor não terem elles jamais existido, tanto mais quanto os mamelucos paulistas eram sempre filhos legitimos ou naturaes dos proprios bandeirantes fazendeiros, e, portanto, pertenciam á familia destes, ou então, anonymamente, ficavam incorporados aos indios "administrados", até que um testamento revelador os viesse reconhecer e tirar dessa meia servidão.

Parece, porém, que alguma razão assiste a Oliveira Vianna quando fala dos foreiros e rendeiros, cuja existencia na organização rural paulista tem certa confirmação nos documentos, como se póde verificar dos inventarios de Martim Rodrigues Tenorio e de Henrique da Cunha Gago (*"Populações Meridionaes"*, pg. 69). Talvez esses rendeiros fossem povoadores ibericos

de extracção ainda mais modesta e mais pobre, ou retardatarios aos quaes não tinham sido concedidas terras para se estabelecerem. Infelizmente não temos dados para conhecer as relações entre elles e os donos das terras.

Como já ficou dito acima, as culturas eram em muito pequena escala e relativamente muito menor ainda do que a área das propriedades agricolas.

Os cereaes, como o trigo, o milho, o feijão e a mandioca, que com a vinha constituem o padrão, por excellencia, da pequena propriedade (Oliveira Vianna, "*Pop. Merid.*", 144) eram consumidos "*in loco*", na alimentação da propria população do planalto, bem como na engorda dos cevados e no sustento do gado, só havendo uma pequena exportação para o litoral de algumas sobras de trigo em alguns centenares de alqueires, bem como de alguma marmelada, no segundo quartel do seiscentismo. Antes dessa data, de longe em longe, ao aportar alguma esquadra da metropole aos portos vicentinos do litoral, a pecuaria paulistana era sangrada, sem compensação.

O algodão era fiado e tecido, bem como a lã, pelas mulheres da propria fazenda, do que se originou uma pequena industria caseira, que com a producção do assucar, em pequena escala, na falta dos engenhos, que mais tarde foram apparecendo para o uso collectivo e commum, e a manufactura de marmeladas, constituiu a industria paulistana das primeiras éras.

A pequena escala em que todos esses productos eram cultivados tem ainda a seu favor uma prova, que é a relação das ferramentas agricolas, achadas nos diversos arrolamentos, que em média accusam o seguin-

te: 18 foices de segar trigo, 12 enxadas, 10 foices communs, uma balança e seus pesos, 6 machados, 2 serras, 8 rolos de cobre para ralar mandioca, 2 prensas, 3 ou 4 tachos de cobre para assucar, tenda de ferreiro com seus canos e algaraviz de ferro, sua safra de quatro cantos, bigorna e dois malhos grandes e um pequeno, duas tenazes e uma craveira, um tufo, um torno de ferro, uns folles, instrumentos de carpintaria, como formões, cepilhos, rebolos, garlopas, enxós, goivas, escopros, verrumas, cantins, compassos, junteiras, etc.

Em alguns inventarios do médio seiscentismo figuram muitas batéas de lavar ouro, o que vem provar não ter nessa epoca morrido a mineração nos arredores da villa (invents. de Domingos Cordeiro, Henrique da Cunha Gago e Jeronymo da Veiga). Além desse material, raramente se encontram algumas moegas nas fazendas onde a canna era mais abundantemente cultivada como na de Francisco Pedroso Xavier, em Parnahyba. Tudo, porém, era muito rudimentar.

Eis pois syntheticamente relatada a divisão da propriedade seiscentista, com um ligeirissimo esboço do que teria consistido uma propriedade agricola no tempo dos nossos avós.

Não imperou, como se vê, o regimen do latifundio, como pensava Oliveira Vianna, reflectindo os dizeres dos chronistas antigos, e como poderia parecer das cartas de doações das sesmarias maiores. Essas mediam uma legua em quadra, eram immediatamente divididas e subdivididas nas centenares de fazendolas que os "*Inventarios e testamentos*" registam nas redondezas da villa de Anchieta. Convem não se esque-

cer e deixar de observar que, ao lado dessas doações maiores (4), tambem foram feitas, e em muito maior numero, doações de minusculas sesmarias como as que receberam Mathias de Oliveira, Simão Borges, Pero Dias, Fernão Dias, Gaspar Cubas, Manuel Preto, Manuel João Branco, Domingos de Góes, Pedro de Moraes Madureira, Antonio de Alvarenga, Pedro Domingues e Antonio Pedroso de Barros, etc., as quaes territorialmente eram muitissimo menores do que as terras cultivadas na Bahia pelos rendeiros de Garcia de Avilla, o senhor da Torre, ou ainda das que serviram de padrão para que Gilberto Freyre fizesse a reconstituição sociologica particulár ao Nordeste no seu "*Casa Grande e Senzala*".

---

(4) Essas sesmarias maiores eram logo retalhadas, senão por compra e venda, ao menos por successão hereditaria, de modo que se transformavam em fazendolas. Com isso, penso que a propriedade rural paulista no seiscentismo tenha sido de cerca de 100 alqueires em média; evoluindo no setecentismo para maiores proporções, em vista de haverem os paulistas emigrado para as minas e para o sertão mais distante, tornando menos densa a população rural. A fazenda do Sta. Maria da Cantareira que pertenceu ao mencionado Francisco Mariano da Cunha, no fim do setecentismo era aproximadamente de 200 alqueires de terras.

Capitulo XIV

TYPO SEMI-RURAL, COMMUNITARIO, PATRIARCHAL — GENESE DO PARTICULARISMO NOS SECULOS XVIII E XIX

"Vivia a villa com as casas fechadas, porque a "assistencia" dos habitantes "mujeres y hijos es en el campo" commentava". Taunay, sobre D. Luis de Céspedes — "*Na Era das Bandeiras*", 109.

Ficou bem certo que o regimen da divisão territorial paulista, na epoca das bandeiras, foi a pequena propriedade, e que se existiram sesmarias cujas dimensões eram um pouco mais avantajadas, como por exemplo a de Braz Cubas, a de Salvador Pires, á margem direita do Tietê, de Clemente Alvares, em Pirapitinguy, e muitas outras, não chegaram ellas a ser cultivadas ou sequer habitadas, devendo logo terem sido divididas e subdivididas, ou pela venda em retalho. Disso se conhecem muitas escripturas. Além da venda em retalho as grandes sesmarias foram fraccionadas pelas partilhas nas transmissões "causa mortis", pois na mesma região onde se estenderam essas maiores sesmarias, os documentos da epoca immediata nos revelam myriades de pequenas propriedades, que, medi-

das ás braças de testada, por outras tantas de sertão, muito se aproximavam do regimen portuguez das aldeias e povoas, não passando as suas culturas de uma simples jardinagem em escala ampliada, e principalmente em um meio mais vasto.

Viu-se tambem a differença entre o regimen vicentino do planalto e o adoptado na Bahia e em Pernambuco, com os grandes latifundios, sendo o maior o de Garcia de Avilla, cujos rendeirós, mais mesquinhos, tinham mais do dobro das terras que aos maiores sesmeiros paulistanos eram dadas a cultivar. Veja-se ainda a reconstituição sociologica particular do Nordéste feita por Gilberto Freyre no seu "Casa Grande e Senzala", a qual é toda calcada na grande propriedade territorial.

Vejamos agora quaes as consequencias sociaes decorrentes dessa divisão territorial paulistana, para melhor ser apreciado o typo do bandeirante em seus caracteres e em sua psychologia.

Em primeiro lugar a pequena propriedade, estabelecida a pequena distancia da villa central, faz que obrigatoriamente se conclua pela não existencia de um typo propriamente rural, como descreve, em seus coloridos e luminosos escriptos, Oliveira Vianna. Este illustre sociologo, ao falar do paulista, parece ter-se deixado influenciar pelo typo decididamente rural pernambucano-bahiano, nos seus grandes e isolados latifundios de assucar. Muito ao invés deste, o paulista apresentava um mixto de rural e de urbano, com suas casas na villa, onde naturalmente dividiam o tempo, ahi exercendo cargos da governança, bem como outras profissões varias, etc.

As distancias entre as suas fazendinhas e a villa eram tão curtas que, ao fallecer o fazendeiro ou alguem da sua familia, para a fazenda se transportava a pé (os documentos não citam uma só carruagem de qualquer especie em S. Paulo) tôda a organização judiciaria, como juiz, escrivão, tabelliães, avaliadores, etc.

Por isso é que se applicam bem as palavras testemunhaes de D. Luiz de Cespedes, as quaes mostram que por assistirem no campo os moradores da villa de S. Paulo, as suas casas ficavam fechadas, o que faz recordar a vida do lavrador romano das eras classicas (Taunay, "*Na Era das Bandeiras*", 109).

Assim, pois, concluimos ter sido semi-urbano o bandeirante, coisa que tanto mais evidente se torna tendo-se em vista o espirito de "clan" que o dominava, imbuindo-o do typo social communitario, que tanto lembra as organizações celtas, italianas ou do oriente europeu e asiaticas (1).

---

(1) Se o paulista antigo, com os seus attributos de temeridade, audacia, espirito avido de aventuras e cheio de arrojo, parece á primeira vista definir um individuo particularista, como o anglo-saxão, que sempre desprezou a communidade, agindo sempre só, ou com uma pequenissima porção de homens, dotados de igual sentimento individualista, á frente dos quaes empregava as maiores sommas de energias, um exame mais profundo, no caracter paulista e no seu modo de vida, deixa a evidencia de que, não obstante tudo isso, o paulista dos dois primeiros seculos pertencia ao typo communitario, dentro do qual foram praticadas todas as façanhas do bandeirismo, que hoje tanto nos enchem de justificado orgulho.

Nem era de se conceber por outra forma o caracter paulista, adaptado a um meio selvagem nesses tempos, como era o do planalto vicentino.

Attingindo o povoador iberico as terras de serra acima, na primeira metade do quinhentismo, ahi se estabelece, em communidade

O paulista, aliás, nesse ponto, não se havia modificado no meio americano, pois que esse caracter semi-urbano era apenas uma continuação da vida portugueza, como foi asseverado. Elle era agricultor, com-

---

estreita, não só porque pertencia hereditariamente a uma formação communitaria, como porque o meio a isso o forçava. Isolado, como guarda-avançada na borda de um sertão tenebroso e infinito, cercado de inimigos de todo genero, sem poder receber auxilios nem mesmo do litoral, o qual muitas vezes tinha de soccorrer contra os piratas, que o infestavam, o planaltino tinha que apertar os liames que o ligavam, vivendo cerrado em densos nucleos humanos para mais facilmente se oppor ás vicissitudes do grande isolamento a que o destino lhe havia condemnado em tão selvagem região.

Dessas circumstancias nasceram Sto. André, S. Paulo, Parnahyba, etc., villarejos e burgos, cercados de myriades de fazendolas, microscopicos nucleos de actividade rural que, adensadas em torno dos centros urbanos, se protegiam mutuamente, formando uma grande communidade que foi a paulista nos dois primeiros seculos.

O movimento das bandeiras mais accentuaria o communitarismo, penetrando no agreste e invio sertão, onde ninguem ousaria jamais se aprofundar escoteiro.

Não só os elementos naturaes tornavam impossivel o bandeirismo individual como, igualmente, os obstaculos humanos representados pelos indios anthropophagos fariam morrer qualquer tentativa que ousasse isolar-se no hinterland.

Só resistiria aos elementos naturaes e ao selvagem o homem reunido em numerosa communidade.

As bandeiras eram verdadeiras associações de homens para a lucta sertaneja.

Foi ella o apanagio do paulista, como o "*mir*" o foi dos slavos do norte, e a "*zadrouga*", dos slavos do sul. Considerada como phenomeno social, a bandeira foi uma vasta organização composta de um numero elevado de cellulas vivas, reunidas na mesma communhão, por fins identicos, interesses ligados e mesmo ideaes. Na bandeira não houve superioridade hierarchica, a não ser do chefe. Todos os lucros nos apresamentos eram conquistados em commum, e depois proporcionalmente divididos. O bandeirante não foi, como diria Tourville, o *guer-*

merciante e profissional, ao mesmo tempo tinha casa na villa, como na fazenda, alternando a sua morada.

Muita razão tinha Oliveira Vianna, mostrando que o paulista nunca andou só, vivendo sempre associado;

---

reiro odinico á frente da sua "truste communautaire". "Hist. de la Formation Particulariste".

A bandeira era pois o indice communitario da feição que dominou entre os planaltinos, completando os indicios que já obtivemos sobre esse typo social quando estudamos a moradia paulista.

A este regimen communitario, o paulista associava o do "clan", nem sempre, porem, evidente no "*modus vivendi*" paulista dos dois primeiros seculos. Já Oliveira Vianna muito perspicazmente observou essa feição do caracter social da gente do planalto, descrevendo-o no seu bello estudo "*Populações Meridionaes*".

Esse regimen do "*clan*" tinha a sua base na solidariedade parental paulista, sempre evidente nas listas de bandeirantes que partiam para o sertão, como nas luctas que ensanguentaram as ruas piratininganas, entre as familias Taques, Pires Camargo e seus alliados.

Essa solidariedade parental, provocada e exacerbada pelos apertatados laços de parentesco consanguineo, que entrelaçava quasi toda a população da região, a principio apenas composta de diminutos nucleos de povoadores, no quinhentismo ainda sem a organização de "*clan*", foi evoluindo pelo seculo seguinte para em seus meados attingir o auge do seu desenvolvimento.

Mesmo nessa epoca de apogeu da solidariedade parental, nunca o "*clan*" paulista attingiu o grau de desenvolvimento do "*clan*" europeu, na Gallia, outrora, com os seus "*gentiles*", "*devoti*", "*ambacti*", "*obeorati*", "*clientes*", etc., que constituiam a complexa organização gauleza, como nos relata Cesar nos seus commentarios.

Poucos foram tambem, em S. Paulo os "*principes factionum*", chefes de "*clans*", como Juseppe de Camargo, Fernão de Camargo, o tigre, João Pires Rodrigues, Garcia Rodrigues Velho, Fernão Dias Paes, Francisco de Siqueira, etc., os quaes se distinguiram na celebre lucta entre Pires e Camargos.

Muitissimo mais simples foi a organização do "*clan*" paulista, o qual comprehendia, além do seu chefe, com a sua parentela, os alliados, de ordinario os collateraes. Esta era a classe alta do "clan", a dos potentados, que deliberava e commandava o restante dos homens de arco e flecha, ou indios administrados de serviço, que formavam

pondo de parte os enganos de minucia historica, do seu bello trabalho, achamos muito boa a descripção, por esse sociologo, do espirito de "clan" paulista (*Populações Meridionaes*", 66, 153 e 154).

Ora, dotado desse espirito communitario reconhecido, o paulista não se adaptaria ao latifundio isolado das grandes propriedades, cuja immensidão territorial as distanciaria muito da communidade, junto á qual organizava as suas empreitadas sertanejas e dentro da qual fazia prosperar os seus "clans", notorios na historia de S. Paulo. Isso é visivel na celebre lucta entre Pires e Camargos, quer ainda nas dezenas de factos descriptos pelo linhagista, cuja fé neste particular é digna de credito (2).

Esta organização communitaria paulista mais se realça se se examinarem a familia e o "*home*" paulistanos dos primeiros seculos.

A familia era de constituição patriarchal, o que se perpetuou até aos nossos dias. Isso resalta da leitura

---

os sequitos de armas desses chefes e caudilhos. Não houve assim entre os "*clans*" paulistas a complexidade do europeu, não passando elle de simples embryão, e se chegou a tomar certo vulto não foi em razão de haverem os povoadores trazido da Iberia o seu espirito, mas porque foram forçados pelas condições de vida a adoptarem-no.

No Nordéste, supponho que o espirito de "*clan*" ainda foi menor do que no planalto paulista.

E' que as condições ahi eram muito differentes e por isso deveriam ter produzido consequencias tambem differentes.

(2) A esse respeito, convem lembrar as palavras do historiador Laboulaye ("*Histoire des Etats Unis*", vol. I, 223):

> "C'est ce qui explique et au delà comment la race germanique est faite pour coloniser dans la solitude et l'isolement, tandis que nos races meridionales ne se developpent et n'agissent que par agglomération come des armées; *la solitude leur est mortelle.*"

dos documentos. E' o que se vê das relações entre o chefe da familia e os filhos e netos, até mesmo os ramos bastardos, acolhidos com a maior isenção de animo pelas "donas" paulistas. Isso resalta ainda da legislação que regulava a transmissão dos bens pela morte dos ascendentes ou pelo casamento das filhas.

O "*home*" urbano paulista, que facilmente se poderá reconstituir pela simples leitura dos inventarios publicados, é de um interesse fascinante.

Naturalmente muito vasto, era assobradado como rezam os documentos, para poder abrigar o numero elevado de pessoas, que formavam a familia, quasi sempre constituida pelo casal de velhos, 10 ou 12 filhos do primeiro matrimonio (os muitos casamentos contrahidos por uma só pessoa em S. Paulo eram extremamente abundantes), outros tantos do segundo matrimonio, além de copioso acervo de indios e indias de serviços, estas quasi sempre carregadas de filhos bastardos do dono da casa ou de outrem. Assim sendo, a habitação paulista precisaria ter um grande numero de quartos, alcovas, etc., que dessem tecto a toda essa immensa "gens". O volume da familia paulista teria sido de 7 a 8 em média, emquanto que Salvioni ("*Algemeine Statistiches*", apud, Fèbvre), diz que na Europa occidental é de 3,5 a 4,5, na Irlanda de 5 e na Bulgaria de 6. (L. Fèbvre, "*La Terre et l'evolution humaine.*" 180). Tirada a pompa emprestada, talvez se ajuste bem a descripção dada do lar paulistano por Oliveira Vianna ("*Popul. Merid.*", 67), fazendo-se, porém, abstracção dos aggregados (3).

---

(3) "Dentro do solar fazendeiro o nucleo familiar deve ser grande, maior do que o do seculo IV. O typo conventual das antigas

Algumas dessas moradias eram isoladas das outras com suas tacaniças e corredores a guisa de chacaras, tendo arvores fructiferas nos fundos, etc.

Essas casas, muito grandes, eram completamente núas do menor conforto, e o mais simples exame do mobiliario das mesmas, resalta a rudeza primitiva e a falta do amor á commodidade. Esse traço é tão evidente nos povos de formação particularista, como o anglo-saxão por exemplo (4). E tão forte foi este espirito, que até hoje se póde observal-o nas velhas familias paulistas, que o teriam herdado dos seus maiores bandeirantes. As velhas fazendas do seculo XIX reflectem esse mesmo espirito inilludivel. A se crêr nos documentos, muito pouco convidativa seria a vida nesses interiores paulistanos, o que faz suppor o nenhum apego do paulista primitivo ao seu lar, devendo ter sido deveras lamentavel a vida das velhas matronas, nesses casarões onde faziam falta as mais singelas particulas do necessario para um bem viver.

Essa ausencia de conforto teve, porém, o seu lado benefico, pois que sem ella os bandeirantes não teriam a sua tempera endurecida e afeita ás privações, e difficilmente deixariam o aconchego dos amollecedores afagos de uma vida agradavel para perlustrar por lar-

---

fazendas coloniaes, com a sua serie interminavel de janellas, e as suas innumeras alcovas e os seus pomposos sobrados, denunciam o tamanho da familia senhorial desses tempos." *"Popul. Merid."*, 67, Oliv. Vianna.

(4) Ainda no seculo XIX, Martius, veio encontrar em S. Paulo esse modo de vida que os documentos nos ensinam ter sido o apanagio dos seculos anteriores. *"No tom da sociedade não se nota ainda grande influencia da Europa"*, diz Martius. *"REISE IN BRASILIEN"*, "Revista do Inst. Hist. de S. Paulo", 353.

gos annos as vias sacras martyrizantes de um sertão immenso.

Não se póde, entretanto, attribuir essa falta de conforto á desmedida pobreza em que se achavam esses paulistas, porquanto esses mesmos documentos nos dão conta de outros factores denunciadores da psychologia dessa gente. Não sendo pobres a ponto de serem obrigados a se privar de todo conforto, os paulistas trabalhavam nas suas rudes profissões, nas lavouras, nos descimentos de gentio e nas explorações metalliferas, com o intuito de formar dotes para suas filhas casadoiras, ou uma herança que amparasse a familia em caso de morte, com um bom monte partilhavel, entre os seus muitos herdeiros.

Revelam essa psychologia os testamentos desses nossos antepassados, a qual teria sido a mesma que a dos senhores de engenho no norte. Para isso se privavam de vida mais folgada, o que não era necessario fazerem os bahianos e pernambucanos, em razão de muito maiores disponibilidades. A prova dessa asserção ahi está, nesses documentos de inventarios, figurando ao lado de tanta miseria objectos de metal precioso, como tamboladeiras e colheres de prata, cabacinhas, arrecadas e gargantilhas de ouro, ramaes de coral, roletas e alfinetes de prata, aljofres, perolas, brincos, pendentes de orelha, aneis, etc., que, não sendo de extraordinario valor, não estão, porém, em parallelo com as privanças e sacrificios a que se submettiam os paulistas. Rarissimos eram os planaltinos que se tratavam com mais um pouco de conforto, ou antes, com menos desconforto, como Antonio Pedroso de Barros, que tinha abundante roupa branca, com renda

lavrada e seus abrolhos, de linho e algodão quarteado, tacifiras e alcatifas da India, tapetes, redes franjadas e cortinas de tafetá, trajando-se casquilhamente com seus vestidos, capa e roupeta de *barberisco*, mantéus de renda com punhos, calções de damasco negro, gibão de velludo negro ou de damasquilho branco, meias de sêda verde e preta, ligas de tafetá pardas, e sapatos de cordovão, muita catalufa e sêdas, retrozes e coifas, negalhos, etc., carapuça de sêda roxa e chapéu de fino feltro, adereço lavrado de cinzeladas adagas e espada, tendo a mesa bem servida com bandeja e pratinhos da India, tabuleiros da China, etc. (*"Inv. e tests."*, XX). (5)

De ordinario, os inventarios dos bandeirantes nos ensinam terem elles vestido muito modestamente o seu gibão de bombazina ou de algodão, chamado gibão de armas, calção de estamenha, bombaixas do mesmo panno, ou de portalegre, etc. Elles tinham por armamento a sua escopeta de quatro ou cinco palmos, algumas de mais luxo, com seus fechos portuguezes, etc.

---

(5) Sobre esse motivo, diz o erudito Taunay, no seu magnifico *"S. Paulo nos primeiros annos"*, 160:

"Reinava em S. Paulo no seculo XVI, como já o frizamos, grande desconforto nas casas e ausencia de objectos manufacturados, das coisas mais usuaes da vida civilizada.

Não se pense, porém, que no resto do Brasil houvesse muito maior conforto. Se na Bahia, e sobretudo em Pernambuco, os colossaes proventos do assucar permittiam grande importação e a vinda de objectos de luxo, como sêdas, velludos, joias, vinhos finos, ninguem imagine, porém, encontrar nos arrolamentos de bens de finados esses mil e um utensilios que a civilização poz ao alcance e tornou indispensaveis ao homem de hoje, nem mesmo essa profusão de roupa branca que ás bolsas mais modestas se offerece. Em principios do seculo XIX espantava-se Lindley da ausencia, nas casas ricas da Bahia — onde encontrava pe-

A psychologia dos paulistas dos primeiros annos estava muito longe de lembrar aquelles velhos barões normandos, nos seus grandes latifundios, centrados pelos ameiados castellos, vivendo do estrepito de suas armas medievaes. Ella mais se assemelhava ao typo celta, que Edmond Demolins descreve no seu magnifico "*A quoi tient la superiorité des anglo-saxons*", ao falar dos bretões, dos auvergnezes e dos celtas britannicos.

Talvez, por assim serem, esses rudes e primitivos paulistas não viam no sacrificio estoico e nas privações torturantes do bravio sertão, onde imperava uma gigantea natureza, empecilhos para a obra cyclopica que realizaram. E' que elles differiam do celta pelo nomadismo e espirito de aventura, que haviam herdado de seus antepassados.

O espirito de iniciativa, que os atirava aos agrestes sertões, mais confirmava essa differenciação do cara-

---

sada prataria — de pratos, facas e garfos, pentes e escovas, tesouras e copos! O proprio mobiliario se mostrava escasso e deficiente.

Que poderia existir nas casas paulistanas quinhentistas?

Toscos bancos e catres, mesas e escabelos como mobilia, rudes arcas mal ajustadas, onde se guardava a pouca roupa da familia, pois sobremodo escasseava o panno..."

"... Quão desconfortavel seria a vida no arraial sul-americano, guarda-avançada no limiar do deserto, se nas cortes européas possuir meia duzia de camisas brancas era privilegio de ricos; se lenços e meias havia pouco se inventaram?..."

*
* *

Veja-se ainda Mrs. Kindersley, que presta o seu depoimento sobre os interiores bahianos setecentistas, "*Um cimelio do Museu Paulista*"; — *Cartas sobre a Bahia*" — Traducção do Dr. Vicente de Souza Queiroz.

cter celta, aproximando-os neste ponto do que hoje podemos observar nos anglo-saxões, pois apenas attingiam os paulistas a idade de 15 a 16 annos (Washington Luis, "*Capitania de S. Paulo*", 39), e já os vemos rijos e valentes, sobraçando a escopeta e o arcabuz, empunhando a espada ou a pistola e, levando as correntes, grilhões e pelouros, penetrar, aventureiros e audazes, por terra ou por agua, nos sertões distantes, á cata da fortuna e da sorte. Isso se póde observar entre os contemporaneos anglo-saxões nos vastos dominios da Australia, Canadá, Estados Unidos e Nova Zelandia, e como seus antepassados lusitanos, navegadores dos mares ignotos.

Essa gente paulista, muito ao invés de se deixar no tranquillo e modorrento esperar pela herança paterna, ou avidamente andar á caça de dote da mulher mais promissora em cabedaes, ia a descer gentio, ia á cata do ouro ou á conquista das pedrarias.

E' que a legislação da transmissão de propriedade não havia exterminado o germen da ambição da aventura nesses espiritos de elite que tiveram os bandeirantes.

Eis, resumidamente, a psychologia dessa gente que realizou a união dos typos communitarios, patriarchal, semi-urbano, com o de nomade aventureiro e ambicioso, saturado de iniciativa. A esse typo social devemos a nossa grandeza.

*

* *

Já no seculo setecentista, quando o paulista, largando de vez as suas temerosas empreitadas de caça ao

indio, para se entregar com afã ás explorações dos terrenos auriferos, campeando ao longe, e depois minerando os ricos socavões encontrados, uma evolução bem sensivel se operou nesse espirito communitario paulista.

Outrora no seiscentismo, como vimos, associavam-se os bandeirantes em grande numero, para juntos penetrar nos sertões, em busca do indio. Ninguem se arriscava só nessas luctas formidaveis com a natureza, nesses prelios cruentos com os jesuitas, com o indio e com o castelhano. Só a união, só a associação dos bandeirantes, em vultosos grupos, poderia fazer-lhes a força, dando-lhes a victoria.

A distribuição agraria no seiscentismo, em torno das villas, como já vimos, fez o regimen da média e da pequena propriedade, e o typo semi-rural, mixto de urbano e rural que foi o unico existente, vivendo em sitiecos que ás centenas bordavam os arredores desses villarejos, formando um verdadeiro enxame de agglomerações na colmeia do planalto.

Todas essas fazendolas situadas a uma infima distancia uma das outras tornavam solidissimo o laço communitario que ligava essa gente paulista, completamente isolada do resto do mundo, e principalmente sem relações com os demais nucleos das colonias. Por outro lado o laço parental, cada vez mais solido no planalto, estreitava esse communitarismo, que o espirito de "*clan*" elevava a alto expoente.

No seculo seguinte, quando o paulista trocava o mobil das suas entradas, fazendo-as buscar ouro, prata e pedrarias, de muito foram diminuidas as necessidades militares das bandeiras. Com isso não era mais pre-

ciso que tão numerosos fossem esses corpos expedicionarios, bastando que dois ou tres paulistas se associassem, reunindo o pessoal dos seus sequitos, pouco numerosos aliás, seja dito de passagem, e penetrassem no hinterland em busca dos "eldorados".

As bandeiras não mais tinham o fim aggressivo do seiscentismo, mas tão sómente eram formadas de modo a com exito se defender, se por acaso fossem atacadas. Isso lhes modificou a organização, supprimindo-lhes, senão totalmente, ao menos em grande parte o seu cunho communitario, fazendo galgar o primeiro degrau do particularismo que o paulista, na sua evolução, tinha de attingir.

Muito longe das grandes organizações bandeirantes do seculo seiscentista, estavam já, no seculo dos setecentos, os exploradores paulistas.

No seculo XVII, as bandeiras eram formidaveis organizações guerreiras, levando ás vezes varias centenas de grandes potentados, associados nos lucros, chefiando as suas forças de indios e mamelucos, as quaes orçavam por 4.000 homens como nos asseguram os jesuitas hespanhoes das missões do Rio Grande do Sul.

A bandeira de 1628, que destruiu e conquistou o Guayrá, foi um verdadeiro exercito de cujos commandantes se conhecem cerca de 80 nomes dentre mais de 300 potentados. A bandeira de Nicolau Barreto, que em 1602-1604 foi até o Perú, não era menor. As bandeiras que foram ao Tape, em 1636-1641, tinham as mesmas proporções vultosas (Ellis, "*O Bandeirismo Paulista*").

No seculo XVIII a coisa muda completamente de figura. Os paulistas que, para a captura do braço para a lavoura, tinham de tomar uma ininterrupta offensiva

contra o sertão, o indio, o jesuita e o castelhano, limitavam-se á defensiva, se fossem atacados. Assim, as bandeiras de expedições bellicas transformam-se em emprezas commerciaes. Diminuem em volume, mas augmentam consideravelmente em numero. Se no seiscentismo o planalto apenas poderia manter uma bandeira de vulto no sertão, no seculo seguinte varias dezenas dellas concomitantemente navegavam o oceano verde sem fim da matta virgem. Dois ou tres chefes se reunem, juntam os seus administrados, e vão ao sertão em pequenos grupos isolados.

Assim foi o Anhanguera, assim foram as bandeiras de descobrimento das Geraes e de Cuyabá.

A evolução da bandeira obrigava tambem a evolução do caracter que de communitario se ia tornando particularista.

Parallelamente a esse phenomeno, ainda outro corroborava nesse sentido.

A distribuição agraria já não se fazia sómente ao redor das villas, mas sim tambem em volta dos arraiaes das minerações, os quaes, multiplicando-se por enormes extensões em Minas Geraes, Goyaz e Matto-Grosso, iam isolando os mineradores em nucleos muito diminutos, distanciando-os das communidades á medida que o ouro ia sendo encontrado em regiões mais afastadas.

O planalto, por outro lado, despovoando-se, já pela emigração para as minas, como tambem pela expansão para regiões novas que iam sendo colonizadas, ia tornando possivel o augmento do volume das propriedades agricolas e o abandono das que fossem menos productivas, de modo que a população diminuiu muito

em densidade, para se alargar o seu campo de acção, crescendo enormemente o perimetro de expansão agricola no proprio planalto. Este facto ia, como é natural, fazendo desapparecer aos poucos a pequena propriedade, dando origem ao pequeno latifundio, o que isolava o homem, fazendo-o perder o caracter semi-urbano, tornando-o mais individualista e afrouxando os laços da communhão, além de que o isolamento do planalto já não era tão sensivel, e os perigos, que do sertão lhe poderiam advir, não eram manifestos. Em enorme area os bandeirantes seiscentistas já não haviam varrido o gentio, trilhando todas as sendas, e desvendando todos os mysterios?

Não mais havia necessidade desse liame estreito entre os moradores, que os tornava fortes em relação ás trevas que os rodeavam no quinhentismo e no seculo seguinte.

Eis as razões que incentivaram a mutação do caracter social do paulista.

Com o correr do setecentismo, o minerador, fixando-se só ou com a sua familia, por demais se isolavam individualmente em seus alluviões ou nos latifundios que os circumdavam, de modo que, quando ricos tornavam ao planalto, já haviam tambem perdido a feição communitaria.

As monções, grandes agremiações setecentistas, que pelo Anhemby demandavam as minas cuyabanas, nunca passaram de viagens periodicas, de modo que não podem ser invocadas como typo de organização communitaria, ou testemunha ao menos de um resto que della poderia ter ficado. Eram comboios que demandavam as regiões auriferas e que, chegando ao seu

destino, se desmembravam, tomando cada qual escoteiramente o seu rumo para os alluviões, onde exerciam os seus lavores. Os lucros não mais eram em commum, como os resultantes das expedições seiscentistas. Cada qual trabalhava para si, colhendo o ouro para si, nada tendo a ver com os vizinhos.

Nessas condições, trilhando a senda, que levava ao particularismo, o paulista attingiu o occaso do setecentismo, embora não tenha completado nesse seculo a sua evolução, de modo que o seculo XVIII foi de transição.

Essa impressão resalta mesmo da simples analyse dos trabalhos genealogicos de Taques e de Silva Leme.

Vê-se maior liberdade de acção, mais mobilidade, mais independencia entre os membros dessas familias vetustas, que com mais facilidade se desaggregavam rompendo os laços da parentela, para se dispersar, internando-se isolados, com as suas familias, pelos sertões longinquos do Paraná, do Rio Grande, do S. Francisco, do Piauhy, etc., como o fizeram os Dias Velho, os Brito Peixoto e uma multidão de outros mais.

Só o seculo XIX seria a testemunha da definitiva transposição das fronteiras do communitarismo para o particularismo, por parte da gente do planalto paulista.

Como o seculo XVII para o XVIII transcorreu com a descoberta do ouro nas Geraes, etc., phenomeno tão prenhe de consequencias de toda a natureza, assim tambem o seculo XIX foi iniciado com um outro acontecimento que foi sem contestação o credor de toda a nossa vida dos oitocentos e da presente do seculo XX, e de futura, quiçá, até que geração! Trata-se da importação da cultura do café. Ella com grande incremen-

to se alastrou pelo valle do Parahyba acima, penetrando no planalto paulista (6).

Eis um facto dos de maior monta da nossa historia.

O café, defrontando-se com uma região uberrima, onde os espigões ondulantes, cobertos da luxuriante matta virgem impenetravel, se estendiam até as ribanceiras do Jeticahy, em uma area formidavel, tinha que produzir as mais profundas consequencias.

Foi o que aconteceu, após a derrubada da matta virgem e a invasão do hinterland pelos descendentes authenticos dos velhos sertanistas bandeirantes.

Mas a formação da lavoura cafeeira tinha que ser feita em condições especiaes. O paulista, a sua familia, o seu sequito de aggregados caboclos, e escravos negros em caravanas, partiam ás dezenas dos nucleos urbanos de Itú, Sorocaba, Campinas, etc., internando-se profundamente no sertão, onde se isolavam nos latifundios completamente segregados da communidade.

Dahi, o particularismo, era forçoso, tinha que tomar um grande impulso, com a absoluta eliminação das bases do communitarismo. Com este, haviam morrido no passado seiscentista todas as causas que o tornavam obrigatorio. Com elle haviam desapparecido no passado setecentista todas as circumstancias que o faziam possivel.

E, assim, o paulista se identificou definitivamente no individualismo, attingindo o pinaculo da sua evolução.

---

(6) O particularismo não tomou maior incremento porque não eram todos os mineradores que retornavam ao planalto, e sim uma pequena porcentagem ficando em parte estabelecidos ruralmente junto aos alluviões, uma vez esgotados os mananciaes auriferos.

*
* *

Phenomeno muito interessante se passou com a gente do planalto.

Vimos como ella evoluiu da formação communitaria para a particularista, depois de soffrer a influencia de elevado numero de causas.

O seu estado patriarchal, trazido da Iberia pelos povoadores, e o qual acabamos de analysar, não passou pela mesma evolução que originou o individualismo.

Se o patriarchado fôra no quinhentismo dos povoadores e no seiscentismo dos preadores de indio uma instituição arraigadissima ao povo do planalto, não conseguiu a mineração dos setecentos, com todas as suas consequencias no caracter da gente paulista, desenraizal-o, nem tão pouco a transformação soffrida pelo paulista com a lavoura de café foi de molde a alterar esse signal indelevel que marcou os nossos antepassados até o seculo XX. Mau grado a diversificação completa do systema de vida, em regiões as mais variadas, correndo parallelamente a mutação do regimen de divisão rural, ou a transformação do caracter semi-nomade do bandeirante para o de sedentario cultivador, ou ainda a transfiguração do typo accentuado do communitario, para o de evidente individualista, em muito pouco foi no seculo XIX alterado o feitio patriarchal do paulista. Esse traço na formação social paulista, sempre evidenciado de modo notavel, passou pelas idades para chegar empallidecido ao seculo XX, que está sendo testemunha da fallencia do regimen patriarchal.

Não é necessario fazer a analyse do caracter paulista do seculo XIX nesse particular, pois que na lembrança de todos deverá manter-se a figura do velho patriarcha dos oitocentos, imperando sobre uma immensa familia, com um numero elevado de filhos, netos, bisnetos, etc., todos reunidos sob o mesmo tecto do immenso casarão da fazenda de café, naquella moradia desnudada de conforto e dividida em grande numero de quartos de proporções phantasticas, como a descrevemos em nota ao capitulo que estuda o regimen social paulista.

Capitulo XV

NIVEL SOCIAL NA IBERIA DOS POVOADORES DO PLANALTO — IGUALDADE E DEMOCRACIA DOS POVOADORES NO PLANALTO DURANTE O SECULO QUINHENTISTA. — FORMAÇÃO E DIFFERENCIAÇÃO DAS CAMADAS SOCIAES NO PLANALTO DURANTE OS SECULOS SEISCENTISTA E SETECENTISTA.

Foi Candido Mendes quem deu origem ás idéas falsas de que os primeiros colonizadores da capitania vicentina haviam sido degradados do reino e criminosos deportados para estas plagas americanas. Pretendeu esse senador do Imperio, e com elle uma legião de imitadores, derrocar os escriptos de Frei Gaspar e de Pedro Taques, procurando não só provar o nenhum fundamento da aristocracia desses que primeiro colonizaram o nosso torrão planaltino como denegrindo a sua memoria, contra elles libellando crimes que nunca praticaram.

Essa tendencia a ennegrecer o nosso remoto passado desappareceu logo, porém, dando lugar de novo ao que esses dois "*portentos do retentivas*", que foram o linhagista e o monge historiador, haviam estabelecido.

Muitos têm sido os trabalhos historicos apparecidos recentemente comprovando os assertos genealogicos das duas luzes paulistas do seculo dos setecentos, e monumental é sem duvida o vulto da "*Genealogia paulistana*", em que Silva Leme deixou patente a muita veracidade da parte genealogica da "*Nobiliarchia*" de Taques.

A publicação recente dos documentos municipaes e dos inventarios e testamentos, ordenada pelo dr. Washington Luis, é sobre esse interessantissimo assumpto uma fonte preciosa e reveladora de conhecimentos, que o vem livrar de qualquer sombra de duvidas, orientando por novas vias o estudo das condições em que viviam os primeiros habitantes civilizados do planalto piratiningano.

De facto, essas inestimaveis collectaneas de publicações documentaes estabelecem com força indestructivel que, se é verdade terem aportado a São Paulo alguns povoadores que atraz de si tinham uma linhagem que, por um ou outro costado, ia entroncar-se nas grandes genealogias aristocratas da peninsula iberica, o certo é que a quasi totalidade dos povoadores pertenceram á boa burguezia e á plebe de Portugal e de Castella, tendo sido apenas titulo de nobreza para os modestos colonos a "*limpeza do sangue dos christãos velhos, livres de mesclas impuras com judeus mouros ou quaesquer outras infectas nações*" (Taunay, "*São Paulo no seculo XVI*", 220).

Assim, pois, a primeira camada de povoadores, sem justificar as horripilantes e ultra-apaixonadas idéas do maranhense Candido Mendes, não deveria ter sido tambem de calhar com as que, a seu respeito, recentissima-

mente, Oliveira Vianna manifestou á larga, tanto nos "*Populações Meridionaes*", paginas 13 e 18, como tambem no mais recente ainda, "*Evolução do povo brasileiro*", pag. 114.

Candido Mendes desvirtuou apaixonadamente a verdade historica, procurando rebaixar o nivel da nossa primeva colonização. Tambem se enganou Oliveira Vianna, elevando-o desmedidamente ("*Popul. Meridionaes*", 110).

Como dissemos, se é verdade que um ou outro povoador procedia por algum ramo de sua ascendencia complicada de uma genealogia fidalga do reino, não sem passar por muitas bastardias, e, através de muitos cruzamentos com elementos afro-asiaticos de arabo-berberes, ia chegar aos primitivos heroes peninsulares, esses se poderiam contar a dedos, tão resumido era o seu numero. E mesmo esses não se davam ao luxo de uma vida aristocrata, eivada de preconceitos orgulhosos de nobreza. Muito pelo contrario. A impressão de quem percorre muito summariamente as paginas das publicações officiaes dos documentos quinhentistas e seiscentistas, é de que uma verdadeira e inigualavel democracia imperou nesse longinquo e brumoso passado sobre os nossos rudes ascendentes (1).

Nem um só titulo de nobreza, nem uma só expressão distinctiva separava esses que teriam possuido al-

---

(1) No seculo XVIII, parece ter havido um inicio de prosapias de linhagens e de pretensões a origens aristocratas. Isso teria dado origem aos trabalhos de Taques e Frei Gaspar, bem como ás justificações de Pedro Taques de Almeida e alguns vestigios dessa natureza deixados pelo Dr. Guilherme Pompeu em mistura com suas contas de juros, etc.

gumas gottas de sangue azul perdidas entre a massa de globulos muito rubros de sangue burguez do restante da população plebéa do planalto vicentino. O regimen democratico que constituiu o "*modus vivendi*" dessa gente, muito simples e rustica, de outras eras, foi tão intenso que mesmo esses elementos procedentes de alguma fórma das casas mais nobres da peninsula não se pejavam de entrar para o *in breading* geral, que constituiu a formação da gente paulista e para a qual o sangue do aborigene caudalosamente concorreu. O meio rude e sertanejo paulista foi um agente democratizador tão pujante que, em S. Paulo primitivo, não houve, em absoluto, distincção de classes, nem mesmo para com os mamelucos, só exceptuando naturalmente os indios, escravos e forros, sendo que, rarissimamente, uma ou outra familia, talvez atavicamente, se lembrava de justificar sua ascendencia, procedendo mais a uma *puritate sanguinis* do que propriamente a uma *nobilitate probanda* (2).

Já nesse quinhentismo, quando as tradições de separação de castas, trazidas de além-mar, deveriam ainda estar quentes, viam-se pelos documentos varões

---

(2) O estado de nivelamento social no planalto, durante esses estagios primevos é bem aquelle que o historiador Laboulaye, no seu "*Histoire des Etats Unis*", vol. I, 138, ao descrever a colonia de New Plymouth, pinta com mão de mestre:

"*... tous fréres par la foi et la souffrance, egaux de conditions et de fortune, que pouvait-il être, sinon une pure democratie?*

Il n'y avait pas la un chef guerrier partageant la terre entre ses compagnons d'armes, suivant leur mérite et leurs exploits. Il n'y avait pas davantage un noble seigneur payant de ses deniers la terre qu'il distribue, a des conditions diverses, aux colons qu'il agrée. L'egalité était absolue entre les pèlerins."

illustres que se intitulavam fidalgos, patriarchas a quem hoje tributamos o nosso culto respeitoso e uma admiração toda cheia de orgulho e reverencia, exercendo officios mecanicos em completa igualdade de condições a qualquer labrego sahido das mais modestas camadas populares reinóes. Assim, sabemos que Pero Leme, aquelle vetusto povoador que, entre nós, iniciou essa "*gens*" formidavel, que no decurso da nossa historia foram os Lemes, foi um simplissimo carpinteiro, assim como tambem o foi seu genro Braz Esteves. Bartholomeu Bueno, que aqui iniciou a gente não menos evidente aos nossos faustos e não menos demonstradora de Eugenia que foram os Buenos, assim como Gonçalo Pires, talvez membro da familia tão celebrada dos Pires ("*Actas*", vol. 11, 107) tambem foram carpinteiros.

Pedreiro foi o patriarcha Domingos Luis, o Carvoeiro, sem outra nobreza além de professo do Habito de Christo. Foram ferreiros Clemente Alvares, o grande sertanista e minerador, Domingos Fernandes, o fundador de Itú, e seu parente, talvez, Bartholomeu Fernandes. Foi alfaiate e tecelão o fidalgo de Zamora, Diogo de Lara y Ordoñez, assim como tambem o foi João Rodrigues de Oliveira. Foi sapateiro o grande batedor das selvas, Balthazar Gonçalves, figura obrigatoria em todos os róes de bandeiras do primeiro quartel do quinhentismo. Foi fabricante de chapéus de feltro o acclamado Amador Bueno da Ribeira. Foi dentista, curandeiro, barbeiro, varredor de egrejas e ermitão, João da Costa Lima, o mirinhão. Foi vendeiro Manuel Pires, bandeirante, conquistador do Guayrá e sogro do grande Raposo Tavares. Affonso Sardinha foi prospero ne-

gociante, exportador de marmelada, bandeirante, minerador, traficante de escravos, importador de pelles, lavrador, etc. Antonio Pedroso (provavelmente de Alvarenga) foi açougueiro, assim como tambem o foi Manuel João Branco, o celebre heróe do cacho de bananas de ouro offerecido a D. João IV, reunindo a esse officio o de moleiro de trigo, coisa que, no Mandahy, tambem o fôra o mesmo Amador Bueno da Ribeira, o acclamado ("*Actas*", 11, 368, 375, 377).

A completa paridade de tratamento entre todos os moradores paulistanos, revelada pelo exame dos documentos, foi o apanagio dessa democracia que ficou evidenciada.

Foi ella, pois, observada entre os primitivos paulistas, em toda a sua plenitude, sendo menos certas as idéas de que os mesmos tivessem sido "*extremamente zelosos de suas linhagens aristocraticas*".

Encontra-se muito pouca coisa nos documentos, que denuncie ter havido excepcionalmente certa vaidade nas exhibições genealogicas, e se não fosse o grande talento de pesquisador de Pedro Taques com os seus preciosos legados, até hoje estariamos na ignorancia dos laços que nos prendem aos primitivos povoadores. Mesmo assim, esses trabalhos de Taques terminam no remoto passado, sem ousar atravessar o oceano para no velho continente proseguir nas suas estirpes.

Com isto, é certo que os paulistas de antanho descuravam por completo do conhecimento de suas genealogias européas.

E por isso não nos legaram esses paulistas, nos dois primeiros seculos, nada que demonstre senão esse descaso absoluto.

Muito á surdina, chegam-nos rumores de um trabalho genealogico, da autoria de Pedro Moraes Madureira, paulista dos menos ignorantes, que estudara em Coimbra, datando do segundo quartel do seiscentismo. Se existiu realmente esse trabalho, ter-se-ia elle perdido nas trevas de uma indifferença dos moradores do planalto por esses assumptos.

Os instrumentos de "*nobilitate probanda*", registados nos documentos municipaes, muito pouca luz lançam a esse respeito, sendo quasi todos elles do seculo XVIII (rarissima excepção do fim do seculo anterior), e não demonstram esse zelo apregoado pela phrase acima mencionada.

E' que a nossa aristocracia verdadeira foi aqui formada no bandeirismo e não importada da Iberia.

*

* *

Do exame attento que precede a um raciocinio acurado e imparcial, penso que os povoadores de S. Paulo e seus arredores, não só os que Silva Leme menciona na sua genealogia como os que se encontram nos documentos de publicação official, podem ser divididos, quanto á sua extracção, em quatro classes distinctas:

I — De povoadores descendentes por uma ou outra linhagem, por um ou outro costado, de casas aristocratas peninsulares.

II — De povoadores que foram intitulados fidalgos, sem se conhecer a ascendencia, se ligada á aristocracia dos reinos peninsulares ou se foram elles feitos fidalgos por qualquer merito pessoal

III — De povoadores sem titulo absolutamente algum e de ascendencia ignorada, tendo elles entretanto nomes que denotam uma certa nobreza, para a qual, porém, não se têm elementos para nem ao menos suspeitar.

IV — De povoadores reconhecidamente plebeus, massa enorme que Taunay chama de "vulgum pecus". Esses, constituindo a immensa maioria dos povoadores, eram de extracção ainda mais modesta do que a precedente.

A primeira dessas classes constituiu com a segunda o que se chamaria nobreza mediana, pois em São Paulo positivamente não tivemos elemento algum da grande nobreza. A ella pertenceram muito poucos elementos que teriam sido os Moraes, os Lemes, os Laras, os Alvarengas, os Borges de Cerqueira, os Leite Furtado, os Arruda Botelho, os Costa Cabral, os Arias de Aguirre, os Rendon de Quebedo Alarcon y Luna Contreras y Torales, Cabeça de Vacca, Lemos e Zunega.

Não deveriam ser todos esses componentes do elemento aristocrata em São Paulo perfeitamente conscios da sua linhagem, que para muitos delles teria sido quiçá desconhecida. E' o que se conclue da deficiencia de documentos registados, gyrando em torno dessa pretensa aristocracia.

Vejamos, porém, mais de perto esses elementos.

Os Moraes que, pela justificação "*nobilitate probanda*", procedida em Mogadouro em 1579, por Balthazar Moraes de Antas, e a qual se acha registada em São Paulo, como se vê do "*Registo Geral*", vol. III, pag. 95, provinham dos Moraes Navarro de Antas, fidalgos de primeira linhagem da côrte de Portugal. A genealo-

gia dessa gente, Pedro Taques reproduziu com o auxilio de numerosa bibliographia de *nobiliarios*, como o de José Freire Monte Arroyo Mascarenhas, titulo Braganções, "*Nobiliario*" do conde de d. Pedro de Barcellos, "*Genealogia da casa real portugueza*", de Antonio Caetano de Souza. Tinha ella a sua nobreza originada nas casas de Bragança, de dom Mendo Alam, dom Fernando Mendes de Bragança, que fôra casado com uma filha de Affonso VI, rei de Leão, de dom Mendo Fernandes de Bragança, casado com d. Sancha Viegas de Bayão, neta por dom Egas Gozendes do celebre dom Arnaldo de Bayão; de dom Fernando Mendes de Bragança, o Bravo, companheiro de Affonso Henriques, etc., etc.

Pelo que apurei, pois, essa familia dos Moraes cultivou a megalomania aristocratica, deixando por meio dessa justificação citada o seu tronco povoador ligado á familia muito nobre dos Navarro de Antas, cujas origens foram os Braganças. Pelos outros costados ignore as linhagens destes povoadores, a não ser a que diz respeito aos Moraes, de Traz-os-Montes, os quaes eram da nobreza mediana, cujas origens remontam a 1217, com Gonçalo Rodrigues de Moraes. O brasão de armas desta casa acha-se registado no livro da Torre do Tombo de Lisboa, fls. 32, segundo nos relata Sanchez de Baena — "*Indice heraldico*".

Igual zelo ao dos Moraes, tambem demonstraram os Alvarengas, com frei Luiz dos Anjos, frei João da Luz, e os capitães Antonio Pedroso de Alvarenga e Estevam Ribeiro de Alvarenga. Desse zelo deixaram vestigios, na documentação impressa ("*Registo Geral*", vol. III, 376), que é um "*Registo do brasão do reverendo*

padre frei Luiz dos Anjos, religioso de Nossa Senhora do Carmo".

Este documento é uma carta de brasão passada pelo principe regente, futuro rei d. Pedro II, e pela qual, depois da necessaria justificação por meio de testemunhas, deixou certa a limpeza do sangue desses Alvarengas. Alem disso, ficou provada tambem a ligação por descendencia de Antonio Rodrigues de Alvarenga, o povoador paulista, aos Alvarengas de muito illustre geração portugueza. Esses eram provenientes de Mem Paes Curvo e de seu filho Martim Pires de Alvarenga, fidalgos solarengos em Entre Douro e Minho. Esse documento mencionado e passado pelo principe regente a favor dos Alvarengas paulistas, nada diz, porém, desta ascendencia citada, que foi colhida no nobiliario do visconde de Sanchez de Baena, mencionado.

Tambem tiveram linhagem muito illustre, os Laras, descendentes do povoador alfaiate Diogo de Lara y Ordoñez, castelhano de Zamora. Foi feita uma justificação na cidade de Zamora, pela qual ficou certo provir essa familia da celebre "*gens*" feudal dos condes de Lara e de Castella, cujos remotos antepassados originadores dessa prosapia foram Gonçalo Fernandez, conde de Castella e de Burgos, grande guerreiro da época da reconquista peninsular, e seu filho Gustios Gonçalez. Este se casara com dona Ortiga Ramirez, filha do rei de Leão, dom Ramiro II, e de sua esposa a moura conversa Ortiga. Este Gustios Gonçalez morrera em batalha contra Almanzor, o hajib de Cordova, sendo seu filho Gonçalo Fernandes, que se casou com dona Nonia, filha de d. Fernando, conde de Lara, o pae de dom Fernando, conde de Lara y Allava

y de Castella, que, casando-se com dona Sancha, filha do rei dom Garcia III, o Tremedor de Navarra, foi o tronco primitivo de todos os Laras de Zamora, entre os quaes o ramo colonizador do planalto paulista. Isso se teria dado depois de passar por gente mui illustre, sempre em Castella, dentre a qual dom Pedro Gonçalez de Lara, genro que foi do celebre fidalgo gallego conde da Trava, o amante da infanta d. Tareja, de Portugal, filha de Affonso VI, de Leão.

Antepassado muito distincto da familia dos Laras, foi tambem d. Nonio Gonçalez de Lara, que, como um leão, morreu na batalha de Eciza, tendo sido uma das lanças mais valentes de toda a peninsula.

Eis a fidalguia do povoador vicentista. Não figura ella entretanto nos autos "*de genere*" processados em Zamora em 1707, por Pedro Taques de Almeida, habilitação essa que obteve sentença de "*puritate sanguinis*".

Se só em 1707 um descendente aristocratomaniaco de Diogo de Lara se lembrou de ligar o seu ascendente á familia illustre de Castella Vieja, resalta a evidencia que Diogo de Lara nunca tivera zelos de linhagem. Tivesse elle tido esses pruridos e teria poupado ao seu bisneto o trabalho de proceder a essa ligação. Se tivesse elle se preoccupado em traçar com mão firme a sua arvore genealogica, não seria preciso Pedro Taques de Almeida ir ao reino buscar provas de pureza de sangue, aliás toda hypothetica e illusoria, porque, na verdade, não havia casa na peninsula iberica que não tivesse mistura de sangue semita ou chamita, arabe, judeu ou berber. Isso certamente tambem foi extensivo aos Laras, como mostrei falando do casamento de Gustios Gonça-

lez com Ortiga Ramirez, filha de uma moura. Assim, pois, é de crer tivesse Diogo de Lara sido mais propenso aos seus lavores de alfaiate e de tecelão do que aos misteres de linhagista, tendo mais apego á roca, ao fuso e á tesoura do que aos nobiliarios e brasões. Os descendentes de Diogo de Lara no bandeirismo e nos demais fastos da historia do planalto se encarregaram de fazer o nome Lara muito mais nobre e lustroso.

*

* *

Paschoal Leite Furtado e os irmãos Arruda Botelho foram outros troncos fidalgos povoadores vicentistas, aquelle aportado nos fins do quinhentismo, ligando-se por matrimonio a uma das filhas de João do Prado, e estes vindos em fins do seculo seguinte.

A linhagem de Paschoal Leite foi provada pelo brasão de armas passado em 1707 pelo rei de armas aos padres Gaspar de Andrade Columbreiro e Francisco de Andrade. Isso constitue mais uma prova de que só no seculo XVIII os paulistas começaram a ligar importancia a assumptos heraldico-genealogicos, promovendo essas celebres justificações, ás quaes eram indifferentes os povoadores do quinhentismo e do seiscentismo.

Por esse documento, a linhagem de Paschoal Leite se entroncava com a dos Arruda Botelho, em seus ascendentes João Gonçalves Botelho e Isabel Dias da Costa, formando com ella um só todo, até aos seus mais remotos ascendentes.

Pedro Taques reproduz essa ascendencia dos Arruda Botelho no seu titulo inédito Arruda, e Gaspar Fructuoso faz o mesmo em "*Saudades da terra*".

Essa linhagem dos Botelho procede de valentes cavalleiros e ricos homens dos tempos heroicos da peninsula, taes como dom Payo de Mogudo, dom Egas Moniz, fidalgo dos Mendes da Maia, entre os quaes o famoso lidador, dos condes de Trastamára, dos condes de Cabrera, dos senhores de Albergaria, Azevedo, Sandim, Penegate, Ferreira, de Bayão. Ella attinge na sua remota ascendencia á dynastia real de Portugal com Affonso Henriques, naturalmente por varios ramos bastardos. Attinge tambem as de Leão, Galliza e Asturias, com todos aquelles monarchas néo-hispanicos, cuja série se inicia no nobre Pelayo da prosapia de Cantabria e naquelles primeiros fidalgos da terra lusa, entre os quaes d. Arnaldo de Bayão, antepassado obrigatorio de todas as genealogias peninsulares.

Toda esta linhagem, que constitue a nobreza de Paschoal L. Furtado e dos irmãos Arruda Botelho, e que Silva Leme reproduz, é baseada em dados fornecidos por muitos nobiliarios, citados no trabalho, entre os quaes "*Os Grandes de Portugal*".

*

* *

Igualmente illustre é a ascendencia de Simão Borges de Cerqueira, outro varão illustre da nobreza portugueza, transplantado para o planalto vicentino. No vol. 3.° da "*Genealogia Paulistana*", Silva Leme a reproduz dos "*Apontamentos Genealogicos*" do dr. Moretzsohn de Castro. Nella figuram vultos de grande destaque na historia peninsular, taes como os lendarios conde Dom Mendo, o Souzão, Egas Moniz, Dom Martim Moniz, conde Dom Osorio, o celebre mosárabe

conde Dom Sesnando, Gonçalo Mendes de Maia, alem de varias testas coroadas que, iniciando-se em Dom Fernando Magno, constituem uma vasta série ascendente. A ella pertence tambem o indefectivel Ramiro II e sua mulher a moura Ortiga. Alem disso, a linhagem dos Borges de Cerqueira provem de varias das mais illustres familias da peninsula, dentre as quaes a dos Telles de Menezes, mais celebrizada pela luxuria e ambição de Leonor Telles do que pelo brilho heraldico dos seus brasões.

Como esta teria sido tambem muito nobre a ascendencia de alguns ramos da genealogia de Antão Leme (3), que com seu filho Pero Leme aportou a S. Vicente no quinhentismo. Como é sabido, por varonia, esses Lemes procediam de Antonio Leme, filho natural do flamengo Martim Lems, tendo entre o povoador Antão Leme e este seu antepassado flamengo mediado quatro gerações, de maneira que teria elle apenas 1|16 de sangue hollandez, e Pero Leme, seu filho, tambem povoador primevo, sómente 1|32.

Antão Leme era filho de Catharina de Barros, da illustre linhagem dos Gonçalves de Camara, que procedia do celebre navegador e guerreiro João Gonçalves Zargo. Ella vinha ainda da familia dos Noronhas, ramo bastardo de Henrique de Trastamára, o rei bastardo de Castella, tão famoso pela sua lucta contra o

---

(3) Este Antão Leme, povoador, era filho do grande descobridor, o navegador Antonio Leme, da ilha da Madeira (1474-1484), companheiro de Vicente Dias, Diogo de Teive, Affonso Sanches, que cruzavam nessa epoca o oceano occidental em todas as direcções, como ensina Las Casas, e repetem Faustino da Fonseca e Sophus Rugo.
Rocha Pombo — "*Hist. do Brasil*", vol. I, pags. 49 e 65.

principe Negro, na guerra dos Cem annos. Eram os Gonçalves da Camara ainda ligados aos Sciarra Colonna, familia romana muito nobre, cujas origens remontavam ás epocas da antiguidade classica. Isto fica affirmado segundo dados que me forneceu o fidalgo Dr. Braz de Souza Arruda, amante de coisas genealogicas, que os colheu por sua vez com o dr. Moretzsohn de Castro (D. Tivisco de Nazão, Zarco e Colonna; Montarroyo Mascarenhas, etc.).

E nisso consistiu a fidalguia paulista de genealogias conhecidas e ligadas á aristocracia reinol.

E' preciso notar, porém, que de todas essas linhagens, apontadas, só a dos Moraes Dantas era sabida nos dois primeiros seculos, datando o conhecimento das outras do seculo XVIII em deante.

A segunda das nossas classificações sociaes, muito mais vultosa do que a primeira, correspondia, como esta, á mediana nobreza. A ella teriam pertencido os cavalleiros fidalgos da casa de dom João III, sem outros titulos nobiliarchicos, e sem que se saiba serem elles pertencentes a linhagens aristocraticas da peninsula.

Dentre esses, sabe-se dom Antonio de Oliveira, loco-tenente do donatario da capitania de S. Vicente, o qual deixou grande prole, que até hoje perpetua o nome de Oliveira.

Não se sabe se elle, no reino, teria pertencido á casa fidalga do brasão rubro com a oliveira verde, de fructos de ouro e raizes de prata. Não achei uma só peça documental, que a isso diga respeito. Esse silencio dos documentos faz crer ter sido Antonio de Oliveira um nobilitado pelos seus meritos pessoaes e não

um herdeiro desse mediocre e muito modesto titulo nobiliarchico de cavalleiro fidalgo da casa del-rei.

O mesmo se teria dado em relação ao seu congenere Antonio Rodrigues de Almedia, tambem cavalleiro fidalgo de dom João III, ou o genro deste, Antonio de Proença, o degradado, moço fidalgo da Camara do infante dom Luiz, ou ainda com Braz Cubas, ou os irmãos Pinto, e com Jorge Ferreira, o genro de Ramalho.

E' possivel terem elles sido nobres por herança, mas não vi nada ainda que autorize a isso pensar, e o mutismo dos documentos é bem significativo e demasiado eloquente para se concluir o contrario.

*

* *

A terceira das classificações é a da burguezia. Composta de gente possuidora de nomes de familia identicos aos da nobreza peninsular, mas não só sem os attributos de fidalgos, mas tambem sem ligações conhecidas com essas familias illustres na Europa, cujos nomes reproduziam na colonia.

Dessa gente não ha o menor indicio de nobreza por qualquer titulo nobiliarchico, por mais modesto que tivesse sido. O simples facto de seus nomes serem identicos aos da familias da nobreza reinol só por si não dá motivo para se concluir tivessem elles sido de alta extracção.

Achei que nessa classe ficariam bem collocados os seguintes povoadores:

Henrique da Cunha, João do Prado, Antonio Bicudo Carneiro, Manuel Preto, Garcia Rodrigues, Izabel

Velho, Dias Chaves, Vaz Guedes, Almeida Castanho, Saavedras, Raphael de Oliveira, João Marciel, Balthazar de Godoy, Góes Raposo, Sutil de Oliveira, Pedroso de Barros, Pero e Lopo Dias, João Ramalho, Bayão, Jorge Velho, Pires de Avila, Tenorio de Aguilar, Jorge Moreira, Rodrigues Miranda, Almeida Miranda, Quadros, etc.

E' gente que não se sabe se de extracção baixa ou elevada, mas que tudo leva a crer ter sido da burguezia peninsular, de onde deveria ter vindo grande corrente migratoria, tanto mais quanto, se ella tivesse sido da aristocracia, não teria deixado de proclamar bem alto as côres dos seus brasões, e nos documentos teriam ficado alguns vestigios dessa nobreza.

E' certo que, em relação a alguns delles, os genealogistas se têm externado querendo ver gente de fidalga ascendencia e membros de familias das aristocracias peninsulares, mas nada apresentam que demonstre essa affirmativa inverosimil.

Assim, Silva Leme diz que Henrique da Cunha descendia em linha recta masculina do rei Dom Fruella II de Leão, Asturias e Galliza. Não sei onde o genealogista colheu essa informação, que na sua primeira parte parece de todo destituida de fundamento, e sem nenhum valor nobiliarchico quanto á segunda parte, pois que dom Fruella II, tendo vivido em 927, deveria ter, seiscentos annos depois, cerca de 20.000.000 de descendentes, se calcularmos por progressão geometrica, tendo por base tres filhos cada descendente desse monarcha hispanico.

E' possivel tambem que Henrique da Cunha houvesse provindo da illustre linhagem dos Cunha em

Portugal, iniciada em dom Goterre, o cavalleiro gascão, companheiro do conde dom Henrique de Borgonha, seu filho dom Payo Goterre e seu neto Fernão Paes da Cunha, este casado com d. Ouroana Ramires Alboazar, filha de Alboazar Ramires, por este neta da moura Ortiga e do rei dom Rodrigo II, e, portanto, assim, descendente do rei dom Fruella II, supra-mencionado.

Assim se conciliariam as conjecturas sobre a nobreza dos Cunha paulistas, mas nada nos autoriza a entrar nesses obscurissimos recantos de umas tantas hypotheses genealogicas, que não têm o menor sustentaculo sério de uma prova documental, não tendo sido encontrado nos documentos coisa alguma referente aos Cunha, que nem ao menos procederam a uma "*nobilitate probanda*" qualquer.

Assim sendo, penso que o ramo iniciado com Henrique da Cunha procedesse não da nobreza portugueza, mas sim da burguezia bem nomeada, mas sem costados aristocratas.

Nestas condições, estaria João do Prado, possivelmente descendente da illustre familia dos Prado, (Martim Affonso de Souza com quem veio João do Prado, era o senhor do Prado, o que leva a suppor qualquer relação entre elles), que Piferrer e o marquez de Mondejar quizeram ver nascida do casamento de dom Nuno Fruella, filho do rei dom Fruella II, com dona Branca Gutierrez da Silva, senhora do Prado. Esta dona Branca era dessa linhagem dos Silva, que os nobiliarchicomaniacos mais exaltados, nos seus pruridos de aristocracia, querem ver procedente de Lain Calvo, este oriundo da familia Julia, cuja antepassada pri-

meva fôra Réa Silvia, a filha de Venus, "*unica senhora de procedimento meio duvidoso em toda essa multisecular genealogia...*"

E' tambem muito possivel que o povoador Antonio Bicudo Carneiro se tenha originado duma familia desse nome, estabelecida no Porto. Não contesto ainda que os Preto de São Paulo tivessem sido oriundos dos que tinham esse appellido na peninsula, onde usavam o escudo xadrezado de azul e ouro. Assim como os nossos Marcieis, provindo dos que com esse nome tinham seu solar em Barcellos, na freguezia de Santo Adrião de Faria, talvez tenham tido ligações de parentesco com aquelles que tinham suas armas de liz azul em campo de prata e aguia rubra. E' muito possivel que Estevam Bayão Parente fosse descendente do celebre dom Arnaldo de Bayão, antepassado de toda a aristocracia iberica, bem como dos senhores de Azevedo, com a sua aguia negra em campo de ouro do brasão.

Outrosim é possivel terem os Mirandas, povoadores do planalto, sido descendentes dessa familia, que proveio de Martim Affonso, arcebispo de Braga, e de Emilia Gonçalves de Miranda, de extracção muito fidalga, gente toda ella muito nobre da Beira. Não é impossivel que d. Genebra Leitão de Vasconcellos tenha sido membro dos Leitão, que foram originarios em d. Gueda, outro companheiro do conde dom Henrique de Borgonha, quando este, da França, passou á côrte de Affonso VI, seu sogro.

Apesar de possivel, tudo isso não tem, entretanto, o menor ponto de apoio, de maneira que não se pode enquadrar esses povoadores na nobreza. Para isso faltariam indicios documentaes, o que leva a crer terem

elles procedido de camadas sociaes mais baixas. Mas tambem por outro lado, póde-se ter certeza, por vias de outra natureza, de que não foram as altas espheras dos reinos ibericos as que mais concorreram para a colonização nos dois primeiros seculos. E' isso que já tive occasião de demonstrar.

*

* *

A plebe peninsular foi a que mais concorreu para a colonização do planalto piratiningano. Não houvesse já certeza disso por estudos que procedi na Historia de Portugal, das éras manuelinas e do dom João III, a simples leitura das documentações paulistas de publicação official levaria a essa conclusão.

O numero elevadissimo de nomes, constantes dos documentos paulistas, que em nada se assemelham aos que encimam pomposos titulos dos nobiliarios lusitanos e castelhanos, pullulando nas paginas dos "*Inventarios*", do "*Registo*", das "*Actas*" e das "*Sesmarias*", ferem pela dissonancia os nossos ouvidos habituados com aquelles que os nossos velhos chronistas e genealogistas assentaram por sobre os capitulos patriarchaes dos seus trabalhos.

Entre os muitos que constituiram a onda de povoadores plebeus, acho que estariam bem collocados os seguintes nomes extrahidos dos documentos mencionados:

João Rodrigues Bejarano, Diogo Ramirez, Gonçalo Chassim, João Bernal, Ribeiro Boito, Antonio Zouro, Lourenço Cabreira, Perez Calhamares, João Santanna,

Antonio Rodovalho, Domingos Grou, Gomes Ruxaque, Manoel Requeixo, Manoel do Soveral, Cornelio Arzam, Perestrello, Perdomo, Gonçalves Malio, João Mendes Geraldo, Collaço Villela, Farel, R. Freire, Luiz Delgado, Felippe de Véres, Lourenço Ravelo, Manuel Morato, Luiz Feyo, Baldaya, Faria de Figueiró, João Favacho, Aguiar Girão, Gonçalves Varejão, Matheus Serrão, Salvador de Edra, Domingos Pereda, João Martins de Heredia, Antonio Agostim, Ribeiro Roxo, Domingos de Amorez, Jaques Felix, Pedro Fernandes Aragonez, Manuel João Branco, Manuel Soeiro Ramires, etc.

Entre esses povoadores de extracção plebéa, tambem colloco Bartholomeu Bueno da Ribeira, Manuel Fernandes Ramos, Pero Domingues, Juseppe de Camargo, Salvador Pires e Sebastião de Freitas, troncos todos de importantes familias paulistas.

Bartholomeu era filho de Francisco Ramires de Porres, cujo nome não quiz adoptar (talvez por achal-o pouco reverente), para se chamar Bueno, appellido incognito nos nobiliarios peninsulares, e que só foi illustrado e ennobrecido pelos feitos dos Bueno paulistas.

Juseppe de Camargo tambem tem um nome exotico aos nobiliarchicomaniacos, delle só se sabendo um supposto parentesco com o navegador Affonso de Camargo. Salvador Pires tambem tudo denuncia uma extracção baixa, pois nada mais commum em Portugal do que o appellido de Pires, que com Fernandes, Gonçalves, Alvares, Joannes, etc. eram nomes derivados de Pero, Fernando, Gonçalo, Alvaro, João, etc., não significando nobreza alguma.

Eis pois a gente que teria constituido o "*pecus vulgum*" do planalto paulista, grande maioria da população colonizadora, principalmente de quem provieram os bandeirantes, os verdadeiros aristocratas que honram a posteridade.

*

* *

Assim concluo em relação ás origens dos povoadores do nosso torrão se a verdade de todo não me tiver traido. Isso não é provavel porquanto as nossas conclusões não só são tiradas do cadinho da mais estricta imparcialidade e isenção de animo, como bebidas nas provas documentaes e no que se sabe a respeito, em materia de genealogia.

Com isso, vê-se que se os primitivos povoadores do planalto vicentino não foram degradados por crimes infamantes, tambem não foram fidalgos da mais alta linhagem peninsular.

*

* *

Quando nos dois primeiros seculos de povoamento do territorio do planalto paulista, chegaram os nossos antepassados ibericos, como acabo de fazer sentir, vieram elles das espheras sociaes mais modestas da peninsula. Era ahi que repousavam, latentes e capitalizados, os potenciaes de Eugenia da raça iberica, pois que as camadas da aristocracia se haviam depauperado, sangradas a branco pelas selecções que lhes extinguiram a vida.

Assim a plebe e a burguezia peninsulares, como se acaba de ver, forneceram a maior parte das correntes povoadoras do planalto além de uns poucos sahidos das altas espheras. Vinham elles portanto no regimen democratico o mais perfeito, nivelados uns com os outros, pela lei da miseria e da necessidade, em que viviam na Europa. Aqui, na colonia, formaram um meio social "*sui generis*", absolutamente desprovido de castas e até de classes, vivendo todos, os ibericos e mamelucos, irmanados na mais absoluta igualdade, a qual é mostrada pela simples leitura dos documentos de publicação official.

Esse regimen democratico "*in extremis*" não podia, porém, perpetuar-se com a evolução historica do planalto e o augmento paulatino da riqueza, e da differença de indice do potencial de trabalho de cada um. Iam-se aos poucos cavando os degraus das classes sociaes nascentes no seiscentismo, e já desenvolvidas no seculo XVIII.

Se é certo que a desigual distribuição de riqueza, que a desproporção da capacidade de trabalho de cada um outorgava aos moradores, foi um elemento indiscutivel da formação dessas classes, foram ellas causadas, principalmente, pela selecção moral, que aos poucos ia separando os elementos que deveriam constituir as classes elevadas ou aristocracia, dos que teriam de formar baixas camadas encorporando-se á massa de indios administrados e escravizados.

Foi no cadinho dessas selecções moraes que sahiram as multidões de bastardos mamelucos, filhos de ibericos ou de paulistas com indias escravas e admi-

nistradas, tendo a lhes crestar a fronte a origem mysteriosa.

Os bastardos e mamelucos, passando a vida na ignorancia no nome paterno, quando este, ao morrer, não fazia uma restea de luz, pelo testamento, para illuminar as trevas de peccados commettidos nos tempos de mocidade fogosa, eram desherdados da fortuna e tinham de acompanhar a condição de desventura das suas mães indigenas. A bastardia foi a alavanca mestiçadora europeanizante das grandes massas de indios administrados, que a faina incansavel do bandeirante trouxe do sertão. Foi ella tambem que, injectando o sangue iberico nesse bloco, deu inicio á formação entre ellas das baixas camadas sociaes do planalto, differenciadas das que formaram os bandeirantes senhores de fazendas, descobridores e exploradores das minas, etc. Aquellas se entregaram aos officios mecanicos, a principio exercidos indistincta e niveladoramente pelos proprios povoadores, bem como todos os cargos subalternos, principalmente o braço rural, e estas formaram a nossa aristocracia rural, de onde sahiram mais tarde, no seculo XIX, os abridores de fazendas do nosso vasto hinterland paulista.

Eis, pois, como se deu a genese da separação social no planalto.

No primeiro seculo, nivelamento absoluto entre os povoadores e mamelucos, fructo de legitimos matrimonios entre iberico e india.

No segundo seculo, grandes massas de indios administrados e escravizados, servindo seus senhores ibericos, paulistas e mamelucos, que passaram a formar a aristocracia, e deram inicio em larga escala á procrea-

SYNTHESE DA EVOLUÇÃO TETRA SECULAR DO REGIMEN SOCIAL PAULISTA

Quinhentismo	*Seiscentismo*	*Setecentismo*	*Oitocentismo*
Patriarchal — Communitario — Semi-rural — Pequena propriedade agro-pecuaria — Democracia — Nivelamento social de classe	Semi-nomadismo — aventureiro — bellicoso — commercial — Patriarchal — Communitario — Semi-rural — Pequena propriedade agro-pecuaria — Democracia continuação da anterior. Classes em embryão — Espirito altivo e independente do bandeirismo	Semi-nomadismo — industrial e commercial — Tendencia no Planalto para o sedentarismo — Patriarchal Communitarismo em evolução para o Particularismo. — Rural — Média e pequena propriedade agro-pecuarias — Formação da Aristocracia do bandeirismo e do ouro — Sujeição á oppres-reinol — Utilitarismo	Sedentarismo — Patriarchal Particularismo Rural — Média propriedade e latifundio cafeeiro. — Aristocracia agricola derivada do anterior — Utilitarismo rural

ção de uma multidão de bastardos mamelucos, que se foram encorporando aos indios administrados, europeanizando-os.

No terceiro seculo, distincção perfeita entre os senhores paulistas, bandeirantes, fazendeiros, etc., que formavam então a aristocracia, e a massa de bastardos e filhos de mamelucos, ao lado dos restos dos administradores, que constituíam as infimas espheras da sociedade, exercendo então todos os officios grosseiros, que no primeiro seculo eram de attribuição dos povoadores indistinctamente.

Capitulo XVI

CLIMATOLOGIA — NUTRIÇÃO

"Se nós procurarmos quaes são os agentes physicos que exercem a influencia mais poderosa sobre a raça humana, acharemos que elles podem ser divididos em quatro classes:

o clima
a nutrição
o solo
e o apecto geral da natureza".

(Buckle, "*Historia da Civilização na Inglaterra*", vol. I, pg. 45.)

*
* *

"O clima da cidade de S. Paulo é dos mais salubres e agradaveis da terra".

(Martius, "*Reise in Brasilien*").

*
* *

"Talvez em nenhuma outra provincia do Brasil haja tão solidos e esperançosos fundamentos para a prosperidade dos futuros habitantes como aqui, onde as condições do solo e o clima abrem fontes perennes de bem estar".

Martius — (loc. cit.)

*
* *

> "São os ares frios e temperados, como os de Hespanha, e assim é a terra mui sadia, fresca e de boas aguas".
>
> *Frei Vicente do Salvador*

A causa do bandeirismo e da persistencia da Eugenia nas populações paulistas, por tantos seculos manifestada de fórma evidente, nos surtos homericos dessa epopéa que recuou o meridiano de Tordezilhas e no estado actual da nossa grandeza economica, não podia ter como explicação unicamente o factor "*raça*".

Embora esse factor tivesse sido filtrado pelas selecções que o depuraram e o fizeram um elemento de escol, só por si não teria elle sido sufficiente para se fazer credor dos acontecimentos do nosso passado.

A mesma raça, igualmente seleccionada, povoou tambem outras capitanias e colonizou o litoral vicentino, desde Cananéa até Angra, e se os filhos desta gente a principio manifestaram uma certa dose de Eugenia, como a historia nos ensina, logo os seus descendentes se atrophiaram, o que lhes impediu de proceder como a gente paulista de serra acima (1).

Assim, só o altiplano paulista produziu o bandeirismo e as suas populações nunca perderam as virtudes que as fizeram sempre superiores, emquanto as das outras capitanias se limitavam a arranhar o litoral,

---

(1) Em outras capitanias, "*O espirito de iniciativà cedo feneceu aos primeiros insuccessos*", diz Theodoro Sampaio, "*das expedições sertanejas; e com isso reinava a inercia e o desanimo, que um historiador contemporaneo* (*Gandavo*) *procurou explicar ou por não haver gente na terra para commetter esta empreza, ou tambem por negligencia dos moradores, que se não querem dispor a esse trabalho*". *O sertão antes da conquista*", "*REV. INST. HIST. S. PAULO*".

quaes caranguejos, na feliz e pittoresca expressão do "suave" frei Vicente.

O motivo que teria agido nesse sentido foi indubitavelmente a mesologia, influenciando o individuo progressiva ou regressivamente, de accôrdo com os seus elementos, pró e contra o desenvolvimento da raça. A essa mesologia devemos, em boa parte, os fastos da nossa historia brilhante; a ella devemos, em muito, a nossa situação de grande superioridade em relação ás regiões brasileiras.

*

* *

A força do meio physico sobre o individuo já era conhecida desde as épocas da civilização classica, tendo sido proclamada na Grecia por Hippocrates, Platão, Aristoteles no que foram imitados mais tarde por Galleno, Polybio, Ptolomeu, Lucrecio, Ibn Kaldoun, etc.

Modernamente Bodin, o abbade Dubos, Montesquieu, Malebranche, Buffon e outros della se fizeram apologistas, no que foram continuados por Michelet, Curtius, Duruy, Humboldt, Taine, Ritter, Buckle, Ratzel, Vidal de la Blanche, Le Play, Durckheim, Hannotaux, e principalmente por Knox, Agassiz e os da escola americana de Morton. São estes os que levam a theoria da autochtonia ao ultimo extremo, a ponto de não admittir a menor mudança de habitat, sem que as mais formidaveis consequencias tenham lugar (2).

---

(2) Quatrefages, contrariando as opiniões exaggeradas de Knox, e dos de sua escola, cita na sua *"L'Espèce Humaine"*, 159, uma longa série de casos de adaptação, como por exemplo a dos francezes na Corsega, a dos fugitivos da revogação do Edito de Nantes no valle do Danubio e na Colonia do Cabo, onde foram depois superpostos por

Hoje os anthropogeographos americanos, Varley, Courcy Ward ("*Weather Influences*"), Edwin Dexter, Ellsworth Huntington e o australiano Griffth Taylor muito se têm dedicado a esse problema da força do

---

camadas de hollandezes e inglezes, o rapido crescimento dos anglo-australianos e a adaptação dos inglezes e francezes no Canadá, etc..

Knox se extrema de tal maneira que affirma a esterilidade das populações americanas, de modo que explica o crescimento da população desse continente ao affluxo ininterrupto da corrente immigratoria. A se crer nesse sabio, os europeus perdem no fim de certo numero de gerações a faculdade de se reproduzir, quando levados para fóra da sua patria. Se parasse a onda humana que do velho mundo se dirige para a America, as populações decresceriam rapidamente e as raças locaes retomariam o ascendente, nos Estados Unidos os pelle-vermelhas, no Mexico os netos de Montezuma, etc.

A razão parece não estar nem com Quatrefages, nem com Knox. No meio termo, parece que é onde deve ser procurada a verdade. Não ha certamente raça ubiqua, isto é, que supporte uma desigualdade accentuada de mesologias. Entretanto uma mesologia diversa, tal seja a sua diversidade, produz uma maior ou menor selecção mesologica de adaptação. Os individuos poupados por essas selecções, sendo mais fortes, etc., são o ponto de partida da adaptação.

Assim é que Knox, proclamando a impossibilidade absoluta da colonização franceza na Argelia, errou; e Quatrefages acceitando o principio de facil acclimação no norte africano, tambem não andou certo, como diz a experiencia.

No inicio dessa colonização, a mortalidade foi formidavel, como proclamaram Boudin, o marechal Bugeaud, os generaes Duvivier e Cavaignac.

Era a acção inexoravel da selecção mesologica.

Em 1845 a mortalidade dos francezes no norte africano era muitissimo mais consideravel do que na França, assim como o numero dos mortos era muito superior ao dos nascimentos. As crianças accusavam uma mortalidade dupla sobre as estatisticas francezas. Em 1870, porém, os recenseamentos já accusavam um augmento de 25.000 almas, devido em parte ao excedente da natalidade sobre a mortalidade.

Era a adaptação que se iniciava. Era a acção da primeira geração seleccionada, que nascera na nova mesologia.

meio physico actuando no homem, principalmente no que concerne á climatologia.

E' tambem no meio physico, como se sabe, que os néo-lamarckianos, herdando os principios do velho sabio francez, se estribam para explicar a evolução transformista nos reinos animal e vegetal, em opposição aos exaggerados neo-darwinianos, que negam a transmissibilidade dos caracteres adquiridos, querendo attribuir tudo ás mais diversas selecções.

Não póde, porém, restar a menor duvida de que a causa inicial tenha de repousar na adaptação, porque não havendo modificação por adaptação não póde haver transformismo.

Com tudo isso, sendo innegavel a força do meio physico sobre o individuo, vou estudar a mesologia paulista e a actuação desta no homem do planalto. E' como eu penso completar o estudo anthropologico dessa gente que aqui plantou os alicerces da nossa estirpe.

Estudamos já o factor raça, trazido para o planalto com a Eugenia que lhe era inherente. Vejamos agora como essa Eugenia se adaptou ao habitat americano, ahi creando raizes, que até agora brotam em soberbas manifestações de vitalidade, por lhe ter sido o meio propicio, estimulante e incentivador.

Analysemos esse habitat, embora procurando sempre não nos deixarmos attrahir pelos exaggeros, para cuja trilha perigosa descambaram Buckle e Demolins, bem como os filiados ás escolas de Morton e de Ratzel.

Procuremos, de preferencia, collocar-nos com o ponto de vista do "*possibilismo mesologico*", de Vidal de la Blanche, e não exactamente com o da theoria do determinismo mesologico da gente ratzeliana. Isso se

me afigura facil porquanto nunca perco de vista que, se a mesologia é um poderoso agente modificador e conservador da Eugenia, não o é menos a raça hereditariamente, acompanhada das selecções, como ensinam os mestres da anthroposociologia.

A minha tarefa ainda se facilita sobremaneira por não me abalançar ao estudo de theorias mesologicas generalizadas, em que os obstaculos determinadores do fracasso se antolham. O meu objectivo é, porém, um caso concreto particular. Vou estudar a mesologia do planalto paulista e as suas consequencias no morador, e com isso as conclusões que podem ser tiradas com muito menos perigo de se errar.

Assim, analysemos o nosso meio do planalto e, para o fazer, estudemos os seus factores, clima, solo e aspectos da natureza, comprehendendo os factores geographicos e topographicos.

*

* *

A influencia climaterica, considerada sob o ponto de vista indirecto, isto é, através das selecções, já exerce surprehendentes effeitos sobre a raça, quando esta é transplantada de um clima para outro. Sobrevem, então, intensa mortalidade entre os mais fracos, etc. (Lapouge "*Selections*", 133).

Os immigrantes de maior debilidade e menor resistencia morrem, degeneram e não se reproduzem, só se perpetuando os mais resistentes, que se acclimaram no novo meio (3).

---

(3) O erudito sabio Professor Roquette Pinto, citando Bertillon, na sua "*Anthropologia*", 53, diz que os accidentes provocados pela acclimamento subito são classificados em 4 grupos:

A força selectiva do clima é, pois, formidavel, em vista de que não ha raça ubiqua, só podendo haver adaptação em climas aproximados aos do "habitat" primitivo, sendo que cada grupo humano tem uma área de habitabilidade limitada; transportado fóra della, as consequencias logo se fazem notar (Oliveira Vianna, "*Terra de Sol*", n. 5; L. Fèbvre, "*La terre et l'évolution humaine*", 120).

Talvez a acção mesologica de um clima completamente diverso tenha sido o factor extinctivo primordial dos dolico-louros, "*europaeus*", das invasões germanicas, no sul da Europa, principalmente na Iberia. Essa gente, oriunda de um clima septentrional, mudando-se para um clima quente e secco do meio-dia ("*clima portuguez*", de Martone) quasi tropical, "habitat" do "*meridionalis*", teria dentro de alguns seculos desapparecido pela acção selectiva do clima. E' um dos motivos pelos quaes não posso crer na existencia em numero avultado do dolico-louro na peninsula iberica, no momento da colonização. Esse raciocinio é particular ao sul da peninsula, de onde sahiram em maioria os nossos povoadores, bem como haviam sahido antes os autores das epopéas de navegação, descobrimento e conquista hispano-portugueza. Tantos seculos da acção climaterica selectiva teriam bastado para a definitiva eliminação dos dolico-louros, descen-

---

I — Doenças immediatas.
II — Enfraquecimento individual consecutivo, facilitando doenças accidentaes e senilidade precoce.
III — Doenças da primeira infancia dos descendentes.
IV — Degeneração physica e psychica das primeiras gerações.

dentes dos godos, suevos, normandos e burguinhões, emquanto o "*meridionalis*", já afeito a esse clima, teria sahido incolume dessas selecções.

Não é essa, entretanto, a unica influencia do clima, pois a que se exerce directamente sobre o individuo que é, progressivamente, modificado e adaptado nas successivas gerações pela transmissibilidade dos caracteres adquiridos pelo uso ou não uso, é mais immediata e moldadora. Por isso, deixando de analysar a acção indirecta do clima, pelas selecções, o que já fiz em capitulos anteriores, ao proceder á analyse da anthroposociologia paulista, só tratarei da influencia directa do clima sobre o habitante do planalto paulista (4).

---

(4) Quatrefages, sobre a acção directa do meio, como agente modificador, assim se exprime:

"Na segunda geração, os inglezes da America apresentam traços que os aproximam da raça local.

Mais tarde a pelle se desacca e perde seu colorido rosco; o systema glandular se reduz ao minimo, a cabelleira escurece e se alisa, o pescoço se afina e a cabeça diminue de volume; as fossas temporaes se salientam, e bem assim os malares, as cavidades orbitarias se cavam, e massiço se torna o maxillar inferior, etc..

Knox, obliterado pela sua idéa de autochtonia, vê nessa modificação innegavel um signal de degenerescencia, preludiando a extincção.

Reclus e Brasseur de Bourbourg affirmam que o negro na America do Sul tambem se aproxima das raças indigenas.

Quatrefages emitte a opinião de que a substituição dos caracteres do adventicio pelos do indigena é o resultado de ser aquelle submettido ao mesmo meio creador de caracteres, que assim têm de ser iguaes.

Todavia, diz elle, nem o branco, nem o negro, se transformarão definitivamente em verdadeiro pelle-vermelha, ou em guarani. ("*L'Etude des Races Humaines*", 170).

*

* *

O clima actua sobre o individuo primeiramente através dos seus factores combinados, nas mais variadas proporções entre si: temperatura e humidade, pressão barometrica, etc..

Esses factores, agindo directamente sobre o individuo, produzem nelle as mais extraordinarias modificações. Buckle fazia já, da conjuncção desses elementos, de calor e humidade, a causa de todas as civilizações de outrora. Hoje, entretanto, está averiguado que não são o calor e a humidade excessivos que produzem as civilizações, como queria Buckle, mas que cada povo tem necessidade, para o seu perfeito desenvolvimento e producção de energias, de uma determinada quantidade de humidade, combinada com certa elevação de temperatura. Esses dois factores, combinados na determinada proporção necessaria, fazem a evolução das populações que os demandam.

Se o calor é demasiado e a humidade é deficiente, os povos, que não estão adaptados ás condições de existencia determinadas por essas circumstancias, degeneram. Se o calor faz falta, embora a humidade seja superabundante, o mesmo phenomeno se dá. Assim,

---

Cornejo ("*Sociologie Génèrale*", 261) diz a esse respeito: Os americanos formam uma raça que se distingue dos inglezes e dos allemães, seus progenitores, pelos differentes caracteres, segundo Todds, pela fórma angular da physionomia a qual, particularmente na parte inferior do rosto quasi quadrado, differe do oval inglez; segundo Knox pelo tecido adiposo e os apparelhos glandulares menos desenvolvidos; emfim segundo Delsor pelo augmento do pescoço, a esphericidade da cabeça, a pallidez da pelle, a cor escura dos cabellos, todos os caracteres que desde a primeira geração transformam o dolicocephalo louro em um brachycephalo pallido.

cada grupo humano exige, para a sua evolução perfeita, uma determinada proporção de calor e humidade.

O colonizador portuguez, aportando ao Brasil, teria encontrado aqui as condições climatericas requeridas para o seu desenvolvimento?

> "E' verdade, já dizia Emile Beringer ("*Estudos sobre o clima e mortalidade na capital de Pernambuco*"), que a raça portugueza parece dotada de um temperamento que lhe permitte adaptar-se mais facilmente do que outras raças a climas differentes do da mãe patria" (Reclus é de opinião que a razão está na sobriedade do portuguez). Veja-se (Ripley, "*The Races of Europe*", 582.)

As condições climatericas da America lusa differiam extraordinariamente das que o povoador portuguez havia deixado na Iberia.

Em Portugal e na Hespanha o clima é sub-tropical, secco, ao passo que os climas nas regiões luso-americanas são genericamente tropicaes-humidos. Ora, isso, apesar da virtude apontada ao portuguez por Beringer, apesar da sobriedade que Reclus nelle quiz ver, não podia deixar de pesar fortemente na vida do povoador. Este, transplantado para regiões como as do norte brasileiro e do litoral, tinha de sentir o effeito depressivo de um clima formidavel. Sim, porque o portuguez, apesar de sobrio, não foi e não é ubiquo. Esse effeito depressivo do calor e da humidade exaggerados não podia deixar de, progressivamente, fazer a raça caminhar na trilha da degenerescencia. A causa era de origem physiologica e, portanto, fatal.

Belém do Pará accusa uma média de chuvas de 2.482 m.m. e uma humidade relativa de 88,0; Recife, 1.930 m.m; Bahia, 1.329; Ilhéus, 1.896 m.m; Santos, 2.243 m.m.; S. Paulo, 1.332 (Afranio Peixoto, "*Hygiene*", vol. I, 116).

Ora, o clima do planalto paulista, situado em uma elevação de 800 metros, era muitissimo mais ameno, quer quanto á temperatura, quer ainda quanto á humidade, do que o das regiões onde a colonização portugueza se exerceu. Dest'arte a conjuncção da temperatura e da humidade sensiveis foi muito propicia ao desenvolvimento humano. O grupo humano assim teria prosperado no planalto paulista, deixando de o fazer onde o clima lhe era adverso e causador de uma physiologia cohibidora da acção e de energia (5).

De facto, Griffith Taylor, analysando os climas do imperio britannico no seu trabalho "*The control of settlement by humidity and temperature with especial reference to Australia and the Empire*", pag. 10 (apud. dr. Morize, "*Diccionario Hist. e Geog. bras.*" I, 83), e tomando por criterio essa proporção entre a humidade e a temperatura sensiveis, escolheu doze cidades do mundo, situadas nos dois hemispherios, cujas condições climatericas, de temperatura e humidade, são propicias ao perfeito desenvolvimento das raças anglo-

---

(5) Martonne, no seu "*Traité de Geographie Physique*", colloca o nosso planalto no "*clima mexicano*" da sua classificação, clima esse que o notavel sabio define na sua pagina 217 como clima de altitude subtropical. Na quarta edição refundida, da sua magnifica obra, Martonne colloca o nosso planalto no "clima chinez", classificação dos climas mediterraneos e vizinho do "clima portuguez". O clima chinez particularizado pelas "coldwaves" é estudado a paginas 254 e seguintes, vol. I.

germanicas, que nellas poderiam prosperar physica e mentalmente.

São essas cidades: Londres, Berlim, Aberdeen, Toronto, Nova York, Seatle, Chicago, Sydney, Capetown, Joannesburgo, Perth, Hobart. De accôrdo com os climas (temperatura e humidade) dessas cidades, Taylor organizou um climogramma ideal para a adaptabilidade das raças citadas servindo de padrão ou termo de comparação a todos os climas mundiaes. O professor Morize, na sua obra constante do "*Diccionario Hist. e Geographico*" referido, tambem organizou um climogramma ideal para o Brasil, tendo em consideração os factores temperatura e humidade sensiveis, das diversas regiões brasileiras.

Ora, do climogramma, padrão ideal, do dr. Morize, como se póde observar, os climas de todas as regiões brasileiras se afastam aberrantemente. Ha entretanto notavel coincidencia das linhas climogrammicas do planalto paulista com as do climogramma ideal referido. As graphias de São Carlos, Apiahy, São José dos Campos e de São Paulo têm as suas linhas representativas de calor e humidade sensiveis, como as que o dr. Morize achou ideaes por excellencia.

Assim, pois, o planalto paulista, com o seu coefficiente moderado de calor e de humidade combinados, apresentava condições á prosperidade do povoador iberico, que ao Brasil teriam feito falta.

*

* *

Além desse factor, ainda o clima do planalto merece ser estudado sob outra feição, que tambem teria muito pesado na balança.

E' conclusão indiscutivel, tirada dos ensinamentos mais modernos de climatologia. Como diz Ellsworth Huntington (*"Civilization and Climate"*), para o desenvolvimento maximo da *"efficiencia"* humana, além de certas condições de temperatura e humidade, se faz necessario principalmente haver uma certa variação:

> *"Another highly important climate condition is the change of the temperature from one day to the next. People do not work well when temperature remains constant. The ideal conditions are moderate changes, especially a cooling of the air at frequent intervals* (como no planalto paulista).
>
> *Provided it does not impose an undue strain on the heart or arteries, anything that stimulates the circulation appears to be helpful.*
>
> *Changes of temperatures are powerful agent to this end."* (6)

---

(6) Ellsworth Huntington, no seu interessantissimo trabalho *"Civilization and Climate"*, (Yale University Press), outorga elementos novos, descortinando horizontes mais amplos, para o estudo da influencia da climatologia na civilização do planalto paulista.

Sem os exaggeros e as extremadas opiniões dos fundadores de doutrinas, Huntington sabe bem se collocar em um ponto de vista moderado que attrae para a sua theoria uma robusta confiança de todos os que nella se enfronham. Assim, Huntington não despreza o factor das suas comparações iniciaes entre os brancos e negros americanos do Norte e do Sul dos Estados Unidos.

Não desprezando esse factor *"raça"*, o sabio Huntington estuda o factor *"clima"* mas sob um aspecto, nas suas influencias sobre o homem, que até agora me era desconhecido.

Assim, sem desprezar o factor *"humidade"*, e o *"temperatura"*, a este attribuindo mais importancia do que áquelle, Huntington diz que

Uma particularidade entretanto de que é dotado o clima do planalto, e que certamente muito teria interessado Huntington como todos os adeptos das mutações, é a rapidez com que se observam as variações no planalto paulista, variações essas que são constantes durante todas as estações do anno. Ora, esta particularidade, extraordinariamente estimulante, com as suas quedas rapidissimas da temperatura, determinadas pela intermittencia com que sopram os ventos sul, frio e o noroeste quente, "*The changes from one day to another depend largely upon our ordinary cyclonic storms.*" (Huntington). (7)

---

as variações de temperatura, nas estações, e especialmente as variações que occorrem de dia para dia, e as que se fazem sentir dentro de 24 horas, são o factor mais importante do clima agindo sobre o homem, nelle produzindo o "*stimulus*", que gera a efficiencia.

Não foi gratuitamente que o sabio americano chegou a essa interessante conclusão que tão bem elucida o nosso problema da civilização no planalto paulista; mas sim, depois de estudos profundos e acurados nas estatisticas da efficiencia do trabalho agricola e industrial nos Estados Unidos, como nas estatisticas de climatologia mundial comparadas com o grau de civilização attingido por cada grupo de população, que vive em certas e determinadas regiões climaticas.

Fazendo resaltar a pobreza das regiões de climas constantes e de temperaturas que não mudam, onde vivem populações inferiores ou gente degenerada ("*poor whites*"), Huntington tambem com nitidez faz sobresahir a exuberancia dos que vivem em terras de oscilações violentas, causadas pelos "*cyclonics storms*".

(Esses "*cyclonics storms*", diz Huntington, são uma area de pressão barometrica baixa, a qual é sempre acompanhada de ventos e usual, mas não invariavelmente, de chuvas.).

(7) O regimen de ventos (cyclonics storms) no planalto paulista é de alternativa entre os ventos frios de S. E. e S. e os quentes de N. em razão da sua situação geographica. Vejam-se dados climato-

Emquanto isso se dava com o planalto paulista, que sempre teve temperatura em uma oscillação constante, as regiões brasileiras, principalmente as do norte, não teriam variação palpavel, com a uniformidade ininterrupta e monotona das suas temperaturas. Com suas temperaturas uniformes durante o anno todo, ellas nivelavam as estações, apenas distinguiveis pela maior ou menor porção de chuvas (Afranio Peixoto, "*Hygiene*", vol. 1). Assim, accusa o Rio de Janeiro uma média de maximas de 26° e uma média de minimas de 20° ("*Clima do Rio de Janeiro*", dr. L. Cruls). S. Salvador, média de maximas 27° e de minimas 23°. Aracajú, 23° e 20°, respectivamente. Natal, 29° e 22°. S. Luiz do Maranhão, 29° e 23°. Belém, 26° e 21°, etc. (Prof. Morize, loc. cit.). Essa uniformidade dos climas brasileiros, determinada pelas calmarias, isto é, pela falta dos "*cyclonics storms*", segundo as opiniões manifestadas por Huntington, causa uma depressão originadora da atrophia do individuo:

A uniformidade do clima parece ser mais mortal do que o seu calor. Essa uniformidade, ainda mais do que a alta temperatura e a alta humidade, é provavelmente a causa mais poderosa da debilidade que affecta os brancos nos tropicos"... (*Civilization and Climate*", 136). Tal é o caso dos "*poor whites*" das Bahamas (8)

---

logicos de Rio Claro, Apiahy, Campinas, Taubaté e S. Paulo ("*Diccionario Hist. Ethnographico e Geographico do Brasil*", vol. I, 170, 173, 174, 176, e 177).

(8) O regimen de ventos dessas regiões accusa os ventos quentes do norte equatorial e as calmarias que tanto ennervam e entibiam, coisas que produzem os mesmos effeitos que os que sopram da Africa (Sirocco) através do Mediterraneo, na Italia, ou o que Huntington menciona na Persia com o nome de "*Vento dos cento e vinte e cinco dias*".

Com esse exposto, pois, evidencia-se que o clima paulista se adapta particularmente ás condições ideaes estabelecidas por Taylor e pelo professor Morize, como tambem preenche de modo notavel as condições requeridas por Huntington para o maior desenvolvimento da "*efficiencia*". Emquanto isso, o Brasil e o seu litoral sensivelmente se afastam desses ideaes, com os seus climas extraordinariamente quentes e humidos, além de uma uniformidade de temperatura que impossibilita a distincção das estações.

Assim, pois, verifica-se que o planalto foi uma região de clima excepcional e magnifico, onde o povoador europeu teria fatalmente de prosperar, como aconteceu.

Estudei o clima privilegiado do planalto paulista e a sua influencia sobre o morador e vi como esse elemento mesologico concorreu para o desenvolvimento Eugenico da população, já de si muito seleccionada. Vou verificar agora outro factor mesologico, que tambem muito deveria ter influido nas populações, quer quanto ao desenvolvimento physico, quer ainda quanto á evolução intellectual e social, e que teria sido a nutrição que, segundo Malthus, é o factor primordial no augmento ou diminuição das populações.

Quero referir-me á alimentação. A nutrição exerce de facto poderosa influencia na população. Se ella é deficiente ou abundante, nada mais natural do que o homem se resentir e reagir regressivamente ou progressivamente a essas duas causas. Se é mal dosada, em seus elementos chimicos, faltando-lhe azotados, phosphatos, calcareos, hydrocarbonados ou materias graxas, o individuo tende a definhar, se lhe affecta uma ou ou-

tra funcção. A sua prole accentua naturalmente essa degenerescencia, que caminha a passos successivos na via do rebaixamento biologico. Os apparelhos respiratorio, digestivo e circulatorio, bem como o systema nervoso, muscular e osseo, além da morphologia externa, como estatura, dermochromia, etc., e as aptidões intellectuaes, moraes, psychologicas, etc., reflectem logo essa degenerescencia, causando uma longa série de consequencias sociaes. Os "superavits" de certos elementos tambem trazem más consequencias, como a obesidade, a diabetes, a gotta, o arthritismo, etc. Da nutrição, rica ou pobre, talvez se tenham originado os povos de alta estatura, de conformação athletica, como os germanicos, os patagões, os pelle-vermelhas, alguns africanos e algumas tribus de sulamerindianos, assim como talvez se tenham gerado os pigmeus, como os boschimanos, os australianos, fuegianos, etc., nos quaes se notam caracteres de gente mal nutrida.

Entre os primitivos paulistas, a nutrição não teria escapado como factor das condições sociaes em que viviam os povoadores do planalto. E' ella fartamente conhecida pelos documentos de publicação official (*"Inventarios e testamentos"*).

Muito equilibrada, além de abundante e variada, teria sido a nutrição nos primeiros seculos, quanto aos seus elementos chimicos. Esses elementos chimicos existiam em abundancia na proteina da carne dos rebanhos de bovinos, como tambem sobrava na carne de porco. Esta é rica tambem em materias gordurosas de grande valor. Essa alimentação fazia carnivoros os planaltinos. Além disso, havia copiosa variedade na alimentação cerealifera, como o trigo, a mandioca, o milho, o feijão,

etc., cujas plantações semeavam as redondezas paulistanas. Contêm ellas elevada porcentagem de hydrocarbonados.

Com isto resalta que os nossos maiores tinham uma farta e variada alimentação, muito bem combinada, em seus elementos chimicos necessarios para a perfeita manutenção da especie em uma constante "*efficiencia*" (Afranio Peixoto, "*Hygiene*", vol. I, 140). Isso não se daria com outros povos, como o escossez, que, vegetariano, com a sua aveia, só lhe addicionava o regimen lacteo do leite de cabras montanhezas; o irlandez, com a batata; o escandinavo, com o salmão e o arenque; os hyperboreos, com a carne de baleia; os egypcios, com a dhourra; o italiano, com o macarrão, ao sul e polenta de milho, ao norte; o inglez, com a carne; o hindu, com o raggi; o japonez, com o arroz; o africano do norte, com a tamara, o arabe com o leite e a carne, etc. O paulista reunia uma alimentação de alto teor de albuminoides, que lhe substituiam as materias gastas do seu corpo, restaurando-lhe o organismo, a uma bem rica em substancias gordurosas e hydrocarbonadas, que lhe permittiam viver em climas mais frios e altitudes mais elevadas.

O equilibrio dessa alimentação, á qual é de se notar o complemento da alimentação lactea, facilitado pela abundancia de rebanhos, teria sido um dos muitos motivos da persistencia da Eugenia paulista no planalto, durante tantos seculos, uma vez que tiveram elementos outros, de naturezas varias, a lhes corroborar nesse sentido. Pelo menos é o que se firma pelos modernissimos ensinamentos dos sabios americanos Atwater, Rubner, Bryant, Carpenter, etc., synthetizados por Afranio Peixoto, loc. cit., a respeito da alimentação.

E' de notar, entretanto, que a nutrição do paulista, quando sedentario, foi magnifica, dado o natural omnivoro do individuo, quando este, na phase nomade de sua vida no sertão, deveria ter soffrido profundos abalos, não só devido á carencia, mas ao desequilibrio na composição chimica dessa nutrição.

São de facil imaginação os soffrimentos passados no sertão pelos bandeirantes, que ás vezes, ás centenas (com os indios), se internavam em caravanas, a milhares de kilometros de seu centro, sem poder contar com o menor recurso sob o ponto de vista de alimentação. Isso persistiu até o seculo XVII, nos seus ultimos annos, quando começaram os paulistas o systema de plantações intermittentes pelos caminhos que levavam ás minas. Antes disso tinham elles de viver da caça, da pesca, dos fructos selvagens e até das raizes das arvores que encontravam no decurso de suas monumentaes caminhadas, quando se exgottavam as parcas provisões de farinha e de carne secca ou de marmelada, que da villa levavam. Tambem é muito facil de se deprehender que taes recursos, muito aleatorios, nem sempre chegavam para a alimentação de toda a gente componente das bandeiras, e que nem sempre as zonas por ellas atravessadas eram fartas nesse material nutritivo, de modo que um dos supplicios mais tormentosos do bandeirante foi sem duvida o da fome (a difficuldade de alimentação teria feito que as bandeiras fossem relativamente minguados corpos de homens). A fome e a difficuldade de nutrição teriam dosado o caracter do bandeirante de uma forte tempera de sobriedade, de estoicismo e de tenacidade, o que lhes permittiu serem os autores das paginas mais gloriosas da historia

paulista, concretizadas nas bandeiras e na plantação da lavoura de café.

Apesar disso, porém, e talvez por ser esse nomadismo sertanejo muito intermittente, com uma vida sedentaria mais prolongada nas fazendolas e nas villas do planalto onde a alimentação era abundante, parece que o physico do paulista não se teria resentido dessas privações. Estas só agiram como elemento seleccionador dos mais fracos, como já tive occasião de estudar mais detalhadamente, pois que em regra a longevidade imperava entre os paulistas, que deixavam prole muito abundante, coisas que tambem já foram objecto de estudos analyticos.

O regimen nutritivo do paulista não teria sido, pois, dos factores que menos concorreram para a prosperidade de gente do planalto (9).

---

(9) Martius, no seu *"Reise in Brasilien"*, tem uma preciosa observação, a qual, bem se vê, é o effeito da differença entre os elementos de nutrição usados pelos paulistas e pelos brasileiros, em combinação com as disparidades climatericas do planalto e das regiões brasileiras. (*"Rev. Inst. Hist. S. Paulo"*, vol. XV, 358):

> *"O caracter das doenças em S. Paulo differe consideravelmente das condições pathologicas observadas no Rio, devido talvez não tanto a differenças de constituição dos habitantes como á differença do clima. Verificam-se aqui, com mais frequencia, doenças rheumaticas e estados inflammatorios, principalmente dos olhos, do peito, do pescoço e subsequentes tisica pulmonar e tracheal, etc". (E' a manifestação mais patente das forças selectivas do clima do planalto, eliminando os individuos de apparelho respiratorio menos resistente).*
>
> *"Ao contrario, as doenças gastricas são mais raras, faltando aquella fraqueza geral do systema digestivo, assim como as cardialgias que são tão frequentes nos habitantes das regiões mais proximas do equador, parecendo augmentar na mesma proporção do calor." (E' a evidente manifestação da excellencia dos elementos nutritivos usados pelos paulistas).*

Capitulo XVII

SOLO — ASPECTO GERAL DA NATUREZA.

"*Paludismo* — No que diz respeito ao paludismo nada observamos de mais notavel ou menos conhecido; o que vimos já é por demais sabido: *Impaludados* e *anophelinas* por toda a parte..." — *Dr. Adolpho Lutz* —

*
* *

"Num meio ás vezes rico, vegeta o sertanejo na miseria, idiotizado pela molestia de Chagas ou cachetizado pela malaria ou pela ankylostomiase, inteiramente abandonado á sua tragica sorte". — *Dr. Belisario Penna.*

*
* *

"La forêt, comme la mer, est educatrice d'energie." Jean Brunhes et Camille Vallaux, "*La Geographie de l'Histoire*". 171.

O solo, com todas as suas propriedades chimicas e physicas, geographicas e topographicas, tambem muito merece ser pesado no estudo de uma população, pela influencia que indiscutivelmente exerce.

Da sua composição chimica resulta a producção agricola, abundante ou parca, rica ou pobre. Indirectamente, através da nutrição, o solo vae influir no individuo, moldando-o conforme as suas circumstancias.

O solo paulista, considerado sob esse aspecto, presentemente é pouco aproveitado para esse genero de actividade humana. Talvez só as hortaliças e as flores sejam os seus productos actuaes.

Nos primeiros seculos, entretanto, quando a area agro-pecuaria paulista se limitava a uma circumferencia de raio curto, cujo centro era a villa de Anchieta, parece — e os documentos de publicação official, taes como os inventarios, nos asseguram — que a nossa região paulistana foi abundante em producção agricola de cereaes, algodão, etc.. Até o trigo e a vinha, hoje fóra das intensas actividades dos plantadores paulistas do Estado, prosperavam na nossa agricultura primitiva.

Com isso se origina a hypothese de que, se hoje as terras paulistanas são fracas (região existe como na Cantareira, no Juquery, em Parnahyba, onde as terras são excellentes, vestidas com luxuriante mattaria), talvez, seculos passados, quando as mattas, ainda quasi intactas, protegiam a terra contra os descalabros das enxurradas, carregadores de humus, tivessem sido ellas mais ricas em productividade agricola, pois que plantações que demandam terras optimas aqui vicejavam magnificamente.

Tão fertil se me afigura ter sido o nosso planalto, que a producção dos climas frios, como o trigo, a vi-

nha, e o linho, foi fecunda. Ao lado desses productos de zona fria, o planalto fez evoluir as prosperas plantações de clima tropical, taes como o algodão, o feijão, o milho e a canna de assucar, que, não sendo rica em saccharose, como as que o litoral e o norte produziam, não deixavam, entretanto, de nos engenhos toscos daquella epoca produzir o magnifico assucar, o que constituiu os primordios da nossa industria nascente.

O paulista, muito adstricto á alimentação produzida *in loco*, estaria sujeito aos elementos chimicos desse solo, chegando ella perfeitamente ás necessidades alimentares dos seus moradores, que dispensavam qualquer genero de importação, a não ser talvez, o sal. Ignoro, infelizmente, a natureza chimica desse solo, tal como teria sido nessas éras longinquas, o que me priva de importante elemento para julgar da morphologia do bandeirante. Teria elle visto a sua alta estatura de povoador iberico, principalmente dos povoadores ilhéus, diminuir pela falta de calcareos na alimentação provinda do solo?

Ou teria elle, pelo contrario, elevado o seu esqueleto, pela rica proporção desses elementos chimicos ajuntados aos phosphatos abundantes?

Infelizmente ainda não consegui elementos para estudar essa parte do nosso programma. Pesquisas futuras poderão trazer esclarecimentos nesse sentido.

*

* *

Viu-se o solo como parte da mesologia com as suas propriedades chimicas influenciadoras do morador; vou estudar agora esse solo nas suas propriedades physicas, e qual a sua importancia como agente evoluidor da raça, bem como causador de phenomenos sociaes e historicos.

E' sabido que da estructura topographica do solo provem um dos mais importantes factores da degradação physica, moral e intellectual a que attingiram, não só os amerindios em geral, como tambem as populações sertanejas do interior brasileiro, o que permittiu a phrase do saudoso sabio Miguel Pereira, de que o Brasil é um vasto hospital.

O solo, ingrato na sua conformação physica, é em grande parte o responsavel por essa circumstancia, como o clima o é em relação á apathia que entorpece a mentalidade do morador do norte do paiz. Os formidaveis e sinuosissimos rios do Brasil, os quaes as chuvas diluvianas, attrahidas pelas colossaes florestas virgens, nas estações das aguas augmentam de volume, a ponto de transbordarem dos seus leitos, cavados em um solo de impermeabilidade pouco profunda, formam esses charcos e pantanos interminaveis, que são os immensos viveiros de larvas de todo genero. Foram elles assim a causa indirecta dessa circumstancia, que é o impaludismo, as molestias intestinaes, as febres malignas, etc., que como uma faixa negra lhes acompanham os seus mortiferos cursos, quasi despro-

vidos de declividades. Dahi o enfraquecimento das populações interiores do Brasil (1).

A situação privilegiada das villas paulistas, levantadas na crista de um planalto, que em declive descam-

(1) *"A malaria é talvez a mais geral das endemias reconhecidas desde os primeiros dias do povoamento. E' mais propria das regiões baixas da costa, e, no interior, das vizinhanças dos grandes rios.*

Não se vos fala, diz Ferdinand Denis, *em todo o Brasil, senão de febres intermittentes e muitas vezes perniciosas, que esperam o viajante que ousa atravessar essas perigosas e magnificas regiões. Os proprios colonos são a imagem viva dos soffrimentos que nos esperam: sua côr é amarellada, e como diz um viajante que passou algum tempo entre elles, têm um ar de languidez que não se observa entre os habitantes das outras partes da provincia* (refere-se aqui aos colonos das margens do S. Francisco)". (Rocha Pombo, vol. 1, 431, "*Historia do Brasil*").

*
* *

Já em 1787 Joseph Braga escrevia:

"E' constante que a atmosphera entre os tropicos é quente e humida e que estes paizes são regados de innumeraveis e caudalosos rios. Elles são cobertos de altissimos arvoredos, e pela maior parte tão espessos que quasi sempre não se deixam penetrar, tanto dos raios de sol, como da quantidade de ar, que é capaz de sacudir e ventilar os miasmas podres, de que a atmosphera se acha carregada. Quanto mais se remonta á sua origem, tanto menos espaçosos se vão elles fazendo, menos vadeaveis e adherentes a altas e rusticas montanhas, quando por outra parte, á proporção que elles se dilatam, inundam com as suas aguas vastas campinas, subindo a alturas consideraveis. Vêem todos que viajam que, pelas suas margens, lhes ficam terras mais baixas e fossos profundos, onde se conserva a agua todo o anno. Esta recebe annualmente durante a enchente innumeros cadaveres de quadrupedes, aves, peixes, amphibios, insectos e vermes, os quaes ali ficam misturados com as raizes, troncos, ramos e folhas das arvores que caem ou apodrecem, encarcerados até que o calor do sol lhes volatize as partes mais subtis, e as espalhe pela atmosphera. Emquanto não se volatilizam fica o

ba para oeste, fazia a totalidade das aguas escorrerem nessa direcção, escoando toda a superabundancia dellas na estação das chuvas, de modo a não permittir a formação de pantanos. Essa circumstancia constitue a salubridade dessa região feliz, onde a bicharia alada

---

ar demasiadamente denso privado de sua elasticidade, incapaz de entrar nos pulmões, o que vem causar diversas enfermidades.

As enxurradas dos rios que escorrem das serras, das cabeceiras dos rios arrastam comsigo as diversas substancias terreas cahidas que comsigo levam as correntezas, e os que as bebem por costume logo que as tiram dos rios, sem esperar que assentem nos potes, de um para outro dia depõem no ventriculo, de cada vez que as bebem, um sedimento viscoso, o qual obstruindo os orificios dos pequenos vasos, annuncia pela chlorosis a obstrucção que todo o mundo sabe, que é um como seminario de outras queixas em que degenera, como são as palpitações de coração, as cardialgias, a ictericia, a hydropsia, a cachexia, etc." (Rocha Pombo, loc. cit., 432).

*
* *

Cunha Mattos, "*Chorographia Historica de Goyaz*", affirma a mesma coisa:

"*Desde o anno de 1819 as chuvas têm diminuido consideravelmente e por isso os ribeirões, corregos e mesmo os rios arenosos ficam de todo seccos ou pelo menos cortados, e logo as aguas dos poços ou peiráus, corrompendo-se por motivo da putrefacção da folhagem das arvores e dos peixes que ali morrem, exhalam vapores ou miasmas tão pestilenciaes que de repente corrompem a atmosphera e produzem febres terçãs, malignas e outras enfermidades*".

*
* *

Rocha Pombo, loc. cit., 449, citando D'Alincourt ("*Annaes da Bibliotheca Nacional*"), Barão de Melgaço, Joaquim da Costa Siqueira e outros, diz:

inoculadora das maleitas não podia penetrar e proliferar.

O planalto, já o fazia notar Elisée Reclus ("*La Terre*"), é o accidente geographico de mais importancia na historia humana. Os planaltos da Ethiopia e de Madagascar na Africa, os platós andinos dos Incas, as

---

"quantos têm tratado da geographia physica de Matto-Grosso assignalam ali os mesmos phenomenos que se observam em grande numero de affluentes do Amazonas, e em outros rios do Brasil: os residuos das alluviões tornam-se a causa das insalubridades das paragens mais baixas.

... *"Quando as aguas crescem,* diz D'Alincourt, *a superficie daquelles terrenos (principalmente para oeste) existe como abrasada, as correntes arrastam grandes immundicies e podridões das espessas mattarias, juntando-se-lhes os de animaes de muitas especies; e estes males, assim preparados, fazem que as evaporações continuas alterem o equilibrio que deve existir necessariamente entre os gazes de que se compõe o ar vital e, sobrecarregando-o de azoto e carbono, vão desta forma infestar e alterar o organismo produzindo enfermidades..."*

*

* *

"Nas partes sujeitas a inundações, domina a malaria", affirma Rocha Pombo, loc. cit., *as affecções pneumaticas, a dysenteria; são communs ainda a syphilis, molestias da pelle, a chloro-anemia, o ptyalismo (salivação em excesso), e algumas outras".*

*

* *

"Ide ao immenso valle do S. Francisco, desde as cabeceiras até os extremos de sua parte baixa. Em contraste saliente com a majestade de uma natureza sempre nova, com a exuberancia de uma flora sempre verde, com a variedade de uma fauna das mais ricas, encontrareis uma população de definhados, de anemicos e de cacheticos, homens sem energia productiva em uma condição de quasi incapacidade, que fará appello aos vossos sentimentos de altruismo.

terras altas de Nova Granada, onde prosperaram os Muyscas, os "*altos*" de Guatemala, do Anauac, bem como a peninsula de Yucatan, sempre foram fócos de original civilização e "habitat" de raças distinctas das suas limitrophes (L. Fèbvre — "*La Terre et l'Evolution Humaine*", 231 e 232).

O planalto paulista não podia pois fugir á regra, como factor benefico das suas populações. Da mesma maneira se exprimia o saudoso sabio John Casper Branner, particularizando os nossos planaltos quando dizia:

"*Em certas partes do Brasil o clima é tão bom como em qualquer outra parte do mundo, taes são os planaltos de Minas Geraes, Goyaz e os Estados do sul, São Paulo, Paraná, Santa Catharina e Rio Grande*", ("*Mappa geologico do Brasil*" — pag. 851).

Se é certo que a villa paulistana tinha nas suas redondezas o curso do Tamanduatehy, que nas baixadas junto á villa formava varzea e brejos, nunca esses alagadiços cultivaram mosquitos. Creio eu que isso foi devido á permeabilidade dos terrenos, que não deixava a agua elevar-se acima do nivel de suas terras negras e turfosas, que della se embebiam, formando antes um barro preto de materia organica vegetal saturado de extrema humidade. Com isso não havia pantano. Essa terra preta vegetal como uma esponja se apoderaria das aguas transbordadas, impedindo assim a prolife-

---

De nada lhes valeu ainda o alcaloide salvador, nem a segurança do methodo prophylactico contra a malaria. Ahi permanecem, votados á morbidez, deixando inaproveitado um solo fertil e representando um coefficiente negativo ao engrandecimento economico do paiz."

Dr. Carlos Chagas. —

ração do mosquito. Esse phenomeno pode ainda ser observado nas varzeas do rio Pinheiros onde estão sendo construidas as Garden Cities, no bairro do Jardim America, etc.

Além disso a villa paulistana, edificada sobre collinas, á semelhança da velha capital do mundo antigo, collocava-se a cavalleiro de qualquer foco que porventura existisse nas suas varzeas. A prova disso está em que, emquanto S. Paulo apresenta 7 mortos anormaes de malaria, o Rio de Janeiro apresenta 530; S. Salvador, 215; Macció, 160; Recife, 103; Belém, 166 e Manaus, 393, segundo os dados da Inspectoria de Demographia Sanitaria do Rio, (dr. Sampaio Vianna). O beri-beri, a ankylostomiase, a elephantiasis, a molestia de Chagas, etc., que tanto prosperam alhures, não conseguiram implantar-se no planalto paulista.

Dessa maneira conseguiram os paulistas escapar ao flagello que até hoje constitue uma das maiores desgraças dos habitantes do Brasil. Se é certo que os bandeirantes, quando no sertão, poderiam contrahir o mal, travando com elle conhecimentos ás vezes funebres, elle entretanto não existia em S. Paulo com caracter endemico, de maneira que só em casos isolados se manifestaria, devendo mais ser um elemento de selecção do mais fraco e menos resistente do que um enfraquecedor generico das populações do planalto, como actuava nas regiões brasileiras.

*

* *

A conformação geographica do solo do planalto paulista muito teria influido, ainda na expansão dos bandeirantes, se o considerarmos sob outro prisma.

Como já tenho dito, as villas paulistas situadas na crista do planalto que se iniciava na serra do Mar, tinham os seus rios correndo não em direcção ao litoral, como acontecia aos estabelecimentos europeus das outras capitanias, mas em direcção opposta, demandando o sertão do rio Paraná, onde encontravam outros caudaes navegaveis a canoa; subindo a margem direita desses grandes cursos internavam-se no interior do continente sul-americano, até ás suas nascentes nos Andes, ou no "divortium aquarum" com a bacia amazonica. Esse empecilho era transposto com relativa facilidade, e assim os paulistas tinham accesso aos immensos caudaes affluentes do rio Mar.

Por outro lado o rio Parahyba, que banhava duas importantes villas paulistanas como Taubaté e Mogy das Cruzes, fundadas no seculo seiscentista e que, não longe de S. Paulo, muda repentinamente a direcção do seu curso de S. O. para N. E., tambem foi um optimo orientador das entradas, que pelo Embahu' demandaram os rios Verde, Sapucahy, das Mortes, Paraopeba e S. Francisco, nas Minas.

Se os paulistas não se utilizavam da navegação fluvial nas suas entradas, os cursos dos rios com os seus valles lhes eram uteis, não só para fugir ás agruras das cordilheiras ou do ondular sem fim do sertão semeado de collinas e espigões, como excellentes pontos de reparo geographico, para orientar os seus emprehendimentos. Assim deveriam elles ser procurados pelos conductores dessas caravanas de outras éras.

Teria sido, assim, a conformação geographica do solo paulista um elemento director das bandeiras, na sua expansão. Não tivessem os nossos rios essa direcção

apontada nos seus cursos, talvez o movimento bandeirista não se tivesse iniciado, ou pelo menos tivesse tomado outra fórma a força de expansão da gente paulista, e Tordezilhas, talvez, não tivesse sido recuado assim.

*

* *

O solo do planalto ainda teria determinado formidavel evolução do paulista se o considerarmos sob outros aspectos. Assim, como é sabido, todo o planalto é coberto por uma luxuriante vegetação de matta virgem, fructo de seu solo. Ao lado desse empecilho á penetração, era ainda o solo semeado de agruras naturaes que ainda mais difficultavam a vida humana nesse sertão agreste. Ora, esse feitio do nosso sertão, onde os bandeirantes não viam peias para as suas empresas temerarias, moldou a rudeza no espirito paulista e o adaptou á producção de sommas phantasticas de energias, para poder domar os obstaculos que se lhe antepunham.

Dessa adaptação á lucta constante contra os elementos naturaes resultou na psychologia paulista essa grandeza de iniciativa nas suas empreitadas, que parecem imbuidas de uma inconsciencia temeraria, que tem sido sempre uma das causas do successo.

Com essa inconsciencia da relatividade do esforço empregado, e com essa somma de energias desenvolvidas, os paulistas venceram todos os obstaculos, bateram os jesuitas, enxotaram os castelhanos, descobriram metaes e pedrarias e colonizaram o sertão gigante, etc. Esse potencial de efficiencia só poderia ser attingido

depois de uma adaptação ao solo com os seus accidentes e a sua vegetação intransponivel.

Desse solo formidavelmente vestido e phantasticamente accidentado que os paulistas logo se habituaram a vencer, teria nascido uma das causas da força do bandeirante, que persistia até a abertura das fazendas no seculo XIX.

Ainda a esse feitio da vegetação que cobria o solo paulista, deveu a bandeira a sua organização adaptada a esses accidentes geographicos.

Pelas agruras desse solo e devido á formidavel densidade das florestas, os paulistas tiveram que organizar as suas entradas com abstracção do cavallo, o inestimavel auxiliar nas longas caminhadas, quer como meio de transporte humano rapido, como de tiro ou de transporte de bagagens. Isso, sem duvida, teria alongado de muito o raio de penetração bandeirante no continente, trazendo aos paulistas um concurso que difficilmente a imaginação poderá acompanhar.

Não fossem esses elementos do solo, e se este assim moldado não prohibisse quasi absolutamente ao cavallo de ser utilizado, onde teriam podido os bandeirantes chegar com uma cavallaria numerosa e rapida em movimentos?

Não tendo os paulistas podido assim proceder, tiveram que andar a pé, do que resultou para elles serem andarilhos incansaveis e peões de infantaria innigualaveis. O exercicio constante dos musculos dos membros inferiores não teria tambem deixado de trazer a essa gente uma serie de adaptações physiologicas e modificações do seu organismo primitivo.

São factos que, embora só digam respeito á parte da população masculina, não deixariam de ter poderosa influencia sobre o todo.

*

* *

Grande importancia sobre a psychologia dos povos attribue Buckle aos aspectos da natureza. Segundo esse grande pensador britannico, a mentalidade de um povo se molda pelos aspectos naturaes que se lhe apresentam no seu "habitat".

Se esse aspecto é portentoso amesquinhador do homem que nelle vive, aterrorizando-o com os seus elementos, forma-se uma mentalidade mystica e superticiosa, de desenvolvida imaginação, creadora das religiões mais complicadas e transcendentaes. Nesse cadinho se formam os espiritos mais propensos ás artes do que ás sciencias, etc.

O aspecto da natureza paulista é o de isolamento em um sertão immenso, onde a villa de Anchieta era a guarda avançada da civilização longinqua.

O isolamento gera a iniciativa (não a imaginação) e estreita os liames do communitarismo, de modo que, por isso, o paulista talvez só tenha conseguido deixar de ser da formação communitaria, quando iniciou a expansão cafeeira no seculo XIX. Toda iniciativa de que, aliás, a nossa historia está prenhe, não era senão collectiva de um grupo avultado de gente. Nunca o homem assim poderia atrever-se a romper com a sua organização communitaria e penetrar no individualismo.

Desgraçado de quem se aventurasse sózinho nesse sertão gigante!

Não foi, porém, quanto ao seu typo social que o "aspecto de natureza" mais influiu no paulista. A situação da villa paulistana, na orla de uma matta virgem interminavel, na bocca de um sertão formidoloso, não teria influido no animo do paulista, levando-o ao sertanismo?

Não teria esse sertão immenso exercido uma attracção sobre o espirito do morador, como outrora o horizonte revolto do Mediterraneo chamou a si os emprehendedores phenicios, ou ainda o azulino Atlantico foi o iman dos navegantes de Sagres, ou, finalmente, o ennevoado mar do Norte foi o chamariz dos "vikings" normandos, como convictamente affirma Ratzel? (2)

Onde, porém, esse factor mesologico parece ter cavado fundo sulco na mentalidade paulista, foi no que diz respeito á grandiosidade, á imponencia, ao aspecto gigantesco dos accidentes geographicos, á largueza dos horizontes e panoramas de interminavel alcance visual. Os rios, que os bandeirantes tiveram de vencer, bordados pela matta virgem, de aspecto sombrio e tenebroso, e as cordilheiras que tiveram de transpor, quer pela altura, quer pelas agruras com que se apresentavam, deveriam ter evoluido a concepção do paulista nos mesmos grandiosos moldes onde foram forjados os emprehendimentos do bandeirismo.

Teria sido essa concepção uma das causas geradoras do arrojo da ambição e da temeridade com que bus-

---

(2) *"A floresta, como o mar, é educadora de energia"*, diz Jean Brunhes em collaboração com Camille Vallaux, no seu *"Geographie de l'Histoire"*, 171; — *"emquanto que, na esteppe, o homem se contenta do menor esforço em vida semi-contemplativa, o terreno ganho á floresta, á custa de duros esforços, recompensa o pioneiro"*.

cavam os nossos maiores, sem medir os obstaculos, os mythos de riquezas fabulosas.

O aspecto da nossa natureza, em vez de amesquinhar o paulista, como affirmaria *"a priori"* Buckle, teria feito essas virtudes proporcionaes aos elementos contra os quaes tinham de luctar, e que os apresentavam constantemente nos seus variados cambiantes aos olhos estaticos dos bandeirantes. E isso porque o paulista tinha outros elementos de valia para manter a sua efficiencia, a sua Eugenia altamente dosada.

O espectro esqualido de Adamastor, muito longe de atemorizar os paulistas, teria sido um incentivo ás suas empreitadas.

A grandiosidade da nossa natureza, por outro lado, não creou no morador do planalto um individuo contemplativo, mystico, imaginoso, dado ás artes e, por isso, despido de raciocinio. No lugar disso, creou-se, sim, um homem rude, sem cultura, sem intelligencia brilhante e viva, mas de largueza de vistas nas suas concepções, de um bom senso notavel ao lado de uma religiosidade extrema. Foram esses os contornos que, ao analysar a psychologia do paulista, já fiz resaltar.

*

* *

Eis, pois, como a mesologia teria provavelmente influido sobre a população do planalto paulista.

Este, povoado por gente identica á que em escala muitissimo maior se fixou nas capitanias brasileiras, produziu a epopéa das bandeiras, que teve a duração de dois seculos, emquanto essas outras regiões citadas, que deveriam produzir alguma coisa, só alimentavam

a sua prosperidade á custa de sangue novo que a esfalfada metropole enviava (3).

Se é verdade que o Nordéste teve a guerra hollandeza, phenomeno fulgurante demonstrador da Eugenia na sua historia, é preciso ter-se em conta que elle foi de rapidez meteorica. E' porque então a acção mesologica ainda não havia conseguido supplantar a efficiencia racial do europeu colonizador.

Se tambem é certo que o litoral paulista, nos primordios do bandeirismo, teve alguns surtos magnificos, não passaram elles da primeira geração, logo se amortecendo a vida dessas regiões na obscuridade do anonymato, a tal ponto que só as villas do planalto, como Parnahyba, Sorocaba, Itú, Mogy das Cruzes, Taubaté, Guaratinguetá, etc., se distinguiram no bandeirismo e na plantação da lavoura de café.

Não foram, porém, somente essas duas manifestações de efficiencia do povo paulista as unicas que os moradores do planalto manifestaram através da sua historia.

A extraordinaria fecundidade dos nossos antepassados é uma evidente prova da Eugenia planaltina além

---

(3) *"Taes são as effusões e a abundancia vilaes que distinguem o Brasil entre todas as regiões do mundo"*, dizia Buckle, *"mas no meio da pompa deste esplendor da natureza não ha lugar para o homem.*

Elle é reduzido a insignificancia pela majestade que o cerca

As forças que lhe são oppostas são tão formidaveis que elle nunca pôde resistir á sua immensa pressão.

O Brasil inteiro, sem embargo das vantagens que elle parece ter, sempre viveu sem a menor civilização.

Seus habitantes são selvagens errantes incapazes de combater os obstaculos que a riqueza da propria natureza atirou no seu caminho" (Buckle, *"Historia da civilização na Inglaterra"*, vol. I, 123).

Eis o juizo que o sabio inglez fez dos brasileiros e do Brasil.

das manifestações mencionadas. Esses nossos ancestraes que viviam em sociedade muito rudimentar e primitiva, estando por isso muito mais sujeitos ao sabor das leis naturaes da mesologia, do que aos complexos problemas sobre a natalidade, que fizeram quebrar a cabeça desde Malthus, Jacoby, Nicephoro, e Spencer, até Karl Marx, Arsène Dumont, e os anthroposociologos contemporaneos, evidenciam a prova bem estampada do quanto era propicia essa mesologia ao desenvolvimento do homem.

Pesquisas nos arcanos genealogicos paulistas, grandemente facilitadas pelo monumental trabalho de Silva Leme, dão a conclusão de que, se os povoadores ibericos aqui aportados nos primeiros annos, foram muito fecundos, por serem elementos seleccionados, anthroposociologicamente os filhos desses povoadores, já aqui nascidos, foram em regra ainda mais fecundos. Assim esses primeiros paulistas tinham mais filhos do que seus paes ibericos, embora fossem mamelucos. A' medida que as gerações se succediam no planalto paulista, a fecundidade caminhava em progressão crescente, fixada pela estreita consanguinidade.

Ora, não se póde deixar de ver nesse facto muito caracteristico a influencia mesologica do clima, agindo de modo favoravel sobre a gente planaltina.

E' a mesologia agindo no mesmo sentido da hereditariedade, das selecções da mestiçagem, e presidindo á consanguinidade estreita.

Essas forças concentradas no mesmo ponto teriam produzido a extraordinaria natalidade paulista, uma das mais evidentes manifestações da Eugenia a qual até hoje se perpetua. Essa natalidade verdadeiramente phe-

nomenal augmentaria a população, com uma rapidez nunca vista, se não fosse a mortalidade ter-se exercitado em elevado coefficiente, motivada pelas más condições sanitarias e atrazo dessa gente rustica. Mesmo assim, quem percorre os trabalhos de Taques e de Silva Leme tem a impressão de que a população teve no seiscentismo um augmento formidavel, favorecido ainda pela largueza e amplidão do territorio. Havia no planalto lugar para esse augmento, e nutrição abundante para os que viessem, porque o augmento da população era seguido da expansão rural, proporcional a elle.

A extraordinaria longevidade de que em regra eram dotados os paulistas, principalmente as mulheres, menos sujeitas do que os homens aos perigos do sertão, onde esses, em bandeirismo, achavam a morte e o depauperamento physico, foi uma não menor manifestação da excellencia da mesologia do planalto. O vigor physico e as energias moraes acompanhavam essa longevidade, sendo fartos os exemplos de sertanistas septuagenarios internando-se no sertão e praticando façanhas memoraveis.

Isso tudo só se poderia explicar, pelos factores que ficaram expostos acima.

Nem ao menos serve de argumento em contrario o facto de haver occorrido a decadencia paulista no seculo XVIII, seculo e meio depois do inicio da colonização. Esse phenomeno é muito explicavel pelas grandes correntes migratorias sahidas do planalto, para onde a região do ouro e das pedrarias as attrahia. Os elementos que não se deixaram chamar por essa miragem e que permaneceram aconchegados ao ninho paulista, embora sobre elles passasse a selecção regres-

siva de gente menos migradora e menos amante de aventura, se momentaneamente cahiram da antiga pujança, foi por haverem sido sangrados na maioria de seus elementos. Logo depois de refeita numericamente a sua população, tres quartos de seculos depois recuperaram a antiga pujança. Isso foi graças á fecundidade paulista nunca diminuida. Eis que é cabal demonstração o esforço phdntastico feito com a plantação da lavoura de café, no seculo XIX, em toda a zona Oeste do Estado, soberba evidencia da grandeza da gente paulista, ligada a condições mesologicas bem dignas das suas virtudes.

Emquanto os filhos dos paulistas que deixaram de correr as minas erguiam da terra roxa do planalto paulista *o maior monumento agricola do planeta, qual é a lavoura caféeira,* os que emigraram para os "eldorados" mineiros, goyanos, e "manôas" matto-grossenses. bem como para as outras regiões, como dos cafundós bahianos, nordestinos e piauhyenses, etc., isto é, para mesologias muito diversas, ahi se estiolaram na decadencia e as suas progenies se esterilizaram na infecundidade.

A estirpe do glorioso Anhanguera finou-se nos sertões goyanos (4) e as de João Amaro, Mathias Cardoso, etc., entraram na mestiçagem com o negro e tor-

---

(4) O mallogrado homem de letras goyano Moysés Santanna que a bestialidade humana roubou tragica e dolorosamente ao convivio intellectual dos contemporaneos, pelo "*O Estado de S. Paulo*", em um dos seus vehementes e luminosos appellos á alma do paulista em lembrança aos despojos mortaes do Anhanguera, pinta com mão de mestre, guiada por um cerebro de investigador emerito, a decadencia da Eugenia da gloriosa estirpe do bandeirante atirada ás circumstancias deleterias da mestiçagem e da mesologia ingrata.

naram-se indistinctas do restante das populações nortistas.

Não póde haver duvida, pois, que o paulista do planalto foi a melhor exemplificação do sabio adagió britannico *"The right man in the right place"*.

Antheu não podia descollar impunemente seus pés da terra mater.

O planalto paulista é uma região predeterminada ao successo e á prosperidade, como a sabia argucia de Martius previu com um seculo de antecedencia.

CONCLUSÃO

A raça, o meio physico e o meio social são os creadores da nossa grandeza. Esses factores do passado secular, agindo sobre a raça, no seu physico, no seu moral e na sua psychologia; esses factores, moldando os moradores e orientando-lhes na sua evolução historica e social, predeterminaram que seriamos um agrupamento humano superiormente dotado, capaz de attingir o grau de prosperidade em que nos encontramos.

Esta consequencia devemos exclusivamente a esses factores apontados, tendo, apenas, o elemento estrangeiro das correntes immigratorias avolumado o nosso progresso e nos auxiliado a conquistar a opulencia.

Se o elemento immigratorio só nesses moldes deve ser considerado, ao Governo Federal, apontado, leviamente, como creador, pela sua prodigalidade, da nossa situação, nada devemos. Pelo contrario. E isso já tem sido evidenciado pelos muitos que se têm occupado de estudos demographicos.

Assim, se o nosso desenvolvimento nos permittiu attingir uma phase que nos colloca em plano superior a muitos paizes estrangeiros, de vida autonoma, como, por exemplo, o Uruguay, que, sem contar a centesima parte dos nossos recursos economicos, goza, entretanto, de cambio ao par, o futuro certamente nos abrirá uma epoca de descommunal opulencia.